

DIAGNÓSTICO TÉCNICO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE VITÓRIA

Goianésia - Goiás
2018



Coleção DTP Projeto SanRural – Volume 114
Paulo Sérgio Scalize (Organizador)



Saneamento e Saúde
Ambiental em Comunidades
Rurais e Tradicionais de Goiás



Cegraf UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

Fundação Nacional da Saúde
Escola de Engenharia Civil e Ambiental (EECA)
Faculdade de Enfermagem (FEN)
Site: <https://sanrural.ufg.br/>

PROJETO: SANEAMENTO E SAÚDE AMBIENTAL EM COMUNIDADES RURAIS E TRADICIONAIS DE GOIÁS (SANRURAL)

Equipe Técnica

Coordenação

Prof. Dr. Paulo Sérgio Scalize (UFG)

Engenheiro Civil e Biomédico com Doutorado em Saneamento pela EESC USP

Subcoordenação

Profa. Dra. Bárbara Souza Rocha (UFG)

Enfermeira com Doutorado em Enfermagem pela FEN/UFG

Núcleo de Educação

Dr. Kleber do Espírito Santo Filho (UFG)

Biólogo com Doutorado em Ciências Ambientais pela UFG

Núcleo de Saneamento

Profa. Dra. Nolan Ribeiro Bezerra (IFG)

Engenheira Ambiental com Doutorado em Engenharia Civil, Saneamento e Meio Ambiente pela UFV

Núcleo de Saúde

Profa. Dra. Valéria Pagotto (UFG)

Enfermeira com Doutorado em Ciências da Saúde pela UFG

Núcleo de Estatística

Prof. Dr. Luis Rodrigo Fernandes Baumann (UFG)

Matemático com Doutorado em Estatística pela USP

Núcleo de Geoprocessamento

Prof. Dr. Nilson Clementino Ferreira

Engenheiro Cartográfico com Doutorado em Ciências Ambientais pela UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

Reitor

Prof. Dr. Edward Madureira Brasil

Vice-Reitora

Profa. Dra. Sandramara Matias Chaves

Pró-Reitoria de Graduação - Prograd

Profa. Dra. Jaqueline Araujo Civardi

Pró-Reitoria de Pós-Graduação - PRPG

Prof. Dr. Laerte Guimarães Ferreira Júnior

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - PRPI

Prof. Dr. Jesiel Freitas Carvalho

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - Proec

Profa. Dra. Lucilene Maria de Sousa

Pró-Reitoria de Administração e Finanças - Proad

Prof. Dr. Robson Maia Geraldine

Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos - Prodirh

TA Dr. Everton Wirbitzki da Silveira

Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária - Procom

Profa. Dra. Maísa Miralva da Silva

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (FUNASA)

Presidente

Coronel Giovane Gomes da Silva

SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DA FUNASA EM GOIÁS (SUEST – GO)

Superintendente Estadual da Funasa em Goiás

Lucas Pugliesi Tavares



Paulo Sérgio Scalize
(Organizador)

DIAGNÓSTICO TÉCNICO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE VITÓRIA: GOIANÉSIA – GOIÁS: 2018

Paulo Sérgio Scalize; Bárbara Souza Rocha; Cristina Camargo Pereira; Hítalo Tobias Lôbo Lopes; Humberto Carlos Ruggeri Júnior; Juliana de Oliveira Roque e Lima; Karla Emmanuela Ribeiro Hora; Kleber do Espírito Santo Filho; Leniany Patrícia Moreira; Liziana de Sousa Leite; Luis Rodrigo Fernandes Baumann; Mário Henrique Lobo Bergamini; Milara Barp; Nilson Clementino Ferreira; Nolan Ribeiro Bezerra; Rafael Alves Guimarães; Raviel Eurico Basso; Ricardo Prado Abreu Reis; Roberta Vieira Nunes Pinheiro; Tales Dias Aguiar; Thaynara Lorryne de Oliveira; Valéria Pagotto; Vanessa Araújo Jorge; Ysabella de Paula dos Reis.

Goiânia
Cegraf UFG
2021

@2021 Paulo Sérgio Scalize (org.)

@2021 Paulo Sérgio Scalize; Bárbara Souza Rocha; Cristina Camargo Pereira; Hítalo Tobias Lôbo Lopes; Humberto Carlos Ruggeri Júnior; Juliana de Oliveira Roque e Lima; Karla Emmanuela Ribeiro Hora; Kleber do Espírito Santo Filho; Leniany Patrícia Moreira; Liziana de Sousa Leite; Luis Rodrigo Fernandes Baumann; Mário Henrique Lobo Bergamini; Milara Barp; Nilson Clementino Ferreira; Nolan Ribeiro Bezerra; Rafael Alves Guimarães; Raviel Eurico Basso; Ricardo Prado Abreu Reis; Roberta Vieira Nunes Pinheiro; Tales Dias Aguiar; Thaynara Lorrayne de Oliveira; Valéria Pagotto; Vanessa Araújo Jorge; Ysabella de Paula dos Reis.

Todo o conteúdo deste e-book é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Organizador

Paulo Sérgio Scalize (EECA-UFG)

Ilustração e diagramação

Maykell Guimarães

Diagramação

Maykell Guimarães

Nayara Valéria Assis Marcelino

Paulo Sérgio Scalize

Poliana Nascimento Arruda

Revisão da Língua Portuguesa

Ana Paula Ribeiro de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) GPT/BC/UFG

D536 Diagnóstico técnico participativo da Comunidade Vitória : Goianésia - Goiás : 2018 [Ebook] / organizador, Paulo Sérgio Scalize. - Goiânia : Cegraf UFG, 2021.
218 p.: il. – (Coleção DTP Projeto SanRural ; 114)

Documento integra Projeto Saneamento e Saúde Ambiental em Comunidades Rurais e Tradicionais de Goiás (SanRural), executado pela Universidade Federal de Goiás em parceria com o Ministério da Saúde – Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), TED 05/2017.
ISBN: 978-85-495-0465-4

1. Comunidades agrícolas. 2. Saneamento básico. 3. Saúde. I. Scalize, Paulo Sérgio. II. Universidade Federal de Goiás. III. Fundação Nacional de Saúde (Brasil).

CDU: 628(817.3)

Bibliotecário responsável: Adriana Pereira de Aguiar / CRB1: 3172

PESQUISADORES DO PROJETO

Adivânia Cardoso da Silva
Adjane Damasceno de Oliveira
Adler da Silva Barros
Afonso Luis da Silva
Alana de Almeida Valadares Pereira
Alessandro de Carvalho Cruz
Alexandre Xavier Alves
Aline Souza Carvalho Lima
Amanda Pinheiro de M. Xavier
Amanda Xavier dos Santos
Amoné Inácia Alves
Ana Paula Almeida Marinho
Ana Paula Ribeiro de Carvalho
André Freitas Amaral
André Vinícius Freire Baleeiro
Andressa Caroline de Sousa
Andressa Kristiny Lemes Seabra
Anna Cláudia dos Santos
Anniely Carvalho Rebouças Oliveira
Arthur de Lima Tavares
Ávila Clícia Ribeiro Costa
Bárbara Souza Rocha
Beatriz Almeida Carlos Gomes
Bianca Elisa Martins Lisboa Peres
Brenda Rabelo Berça
Cecília Mariana da Silva e Mota Medeiros
Claci Fátima Weirich Rosso
Cláudia de Sousa Guedes
Cristina Camargo Pereira
Daniela Dalleggrave
Daniela Mendes Cesar
Danielle Silva Beltrão
Davi Carvalho Abreu
Débora de Lima Braga
Dirceu Scaratti
Douglas Pedrosa Lopes
Eduardo Queija de Siqueira
Ellen Flávia Moreira Gabriel
Elson Santos Silva Carvalho
Erika Vilela Valente
Fabiana Ribeiro de Sousa
Fabíola Souza Fiaccadori
Fernanda Craveiro Franco
Francisco Javier Cuba Teran
Gabriel de Lima Januário
Gabriel Peres de Oliveira
Gabriela Ribeiro de Sousa
Gabrielle Brito do Vale
Gessyca Gonçalves Costa
Giovana Carla Elias Fleury
Gislei Siqueira Knierim
Guilherme Matheus Coelho de Lemos
Gustavo Ferreira Bellato
Hitalo Tobias Lôbo Lopes
Hugo José Ribeiro
Humberto Carlos Ruggeri Junior
Iana Martins Moraes
Ingrid Fernanda Rodrigues de Oliveira

Isabela Moura Chagas
Izabela Batista Melo
Izabete da Silva Ataíde
Janaina de Gouvêa Ávila
Jefferson Henrique Moraes Castilho
Jéssica Gonçalves Barbosa
João Paulo Fernandes da Silva
José Antônio Lopes de Menezes
Joyce Souza Lemes
Judite Pereira Rocha
Juliana Beatriz Sousa Leite
Juliana Cristina Soares Dutra
Juliana de Oliveira Roque e Lima
Juliana Pires Ribeiro
Julianna Malagoni Cavalcante Oliveira
Jung Shin Arisa Mendonça
Jussanã Milograna Cortes
Kamila Cardoso dos Santos
Karla Alcione da Silva Cruvinel
Karla Emmanuela Ribeiro Hora
Karoliny Freitas Silva
Kathyane Santos Oliveira
Kátia Alcione Kopp
Katiane Martins Mendonça
Kelliane Martins de Araújo
Kleber do Espírito Santo Filho
Larissa Ariel Gomes Lima
Larissa Raymundo da Silva
Leandro Nascimento da Silva
Leniany Patrícia Moreira
Léo Fernandes Ávila
Leonara Rezende Pacheco
Lilian Aurelia Stival de Almeida
Lilian Carla Carneiro
Liliane Coelho de Carvalho
Lívia Marques de Almeida Parreira
Liziana de Sousa Leite
Luana Cássia Miranda Ribeiro
Luana Vieira Martins
Lucas Costa Souza
Lucas Figueiredo Machado
Lucas Thadeu da Silva Abrantes
Lucélia Barbosa de Queiroz Silva
Luis Rodrigo Fernandes Baumann
Luiz Roberto Santos Moraes
Lysa Sousa Carvalho
Madson Marillo dos Santos Pingarilho
Marcelo Augusto de Sousa Siqueira
Marcos André de Matos
Mario Ernesto Piscocoy Díaz
Mário Henrique Lobo Bergamini
Marlison Noronha Rosa
Matheus Dornelas e Machado
Matheus Paz Costa Ramos
Maykell Mendes Guimarães
Michele Dias da Silva Oliveira
Milena Araújo dos Santos
Nara Ballaminut

Nayana Cristina Souza Camargo
Nayara Pereira Rezende de Sousa
Nayara Valéria Assis Marcelino
Nilson Clementino Ferreira
Noely Vicente Ribeiro
Nolan Ribeiro Bezerra
Patrícia Layne Alves Traldi
Patrícia Paulla de Oliveira
Patrícia Pereira da Silva Santos
Paulo Henrique Brasil Ribeiro
Paulo Otávio Lourenço Silva
Paulo Sérgio Scalize
Pedro Henrique Bhering Silveira
Pedro Leonardo Longhin Silva
Pedro Parlandi Almeida
Pedro Victor Brasil Ribeiro
Poliana Nascimento Arruda
Quéren-Hapuque Freitas do Nascimento
Rafael Alves Guimarães
Raianny Ferreira Cardoso
Raviel Eurico Basso
Renan de Souza Soares
Renata Medici Frayne Cuba
Ricardo Prado Abreu Reis
Ricardo Valadão de Carvalho
Roberta Vieira Nunes Pinheiro
Roberto Araújo Bezerra
Rosana Gonçalves Barros
Samira Nascimento Mamed
Sara Duarte Sacho
Saulo Bruno Silveira e Souza
Selma Arruda de Oliveira (MC e AFS)
Simone Costa Pfeiffer
Steffeny Luzia Teodoro de Sousa
Sueli Meira da Silva Dias
Suiany Dias Rocha
Tales Dias Aguiar
Talita Cintra Braga
Thais Reis Oliveira
Thaís Cristina Afonso
Thaís Fernandes de Oliveira
Thatielly Camilla Dias de Souza
Thaynara Lorraine de Oliveira
Thays Millena Alves Pedroso
Theles Amorim Queiroz (AM)
Thiago Henrique Brandão de Souza
Tiago Miranda Dantas
Valéria Gonçalves Gomes
Valéria Pagotto
Vanessa Araújo Jorge
Vanessa Elias da Cunha
Vanessa Marques de Souza Rocha
Victor Hugo Souza Florentino Porto
Wanessa Fernandes Carvalho
Wellington Nunes de Oliveira
Yan Machado Sousa
Yane Xavier da Costa
Ysabella de Paula dos Reis

APRESENTAÇÃO

Este documento, intitulado Diagnóstico Técnico Participativo (DTP), foi elaborado individualmente para cada comunidade rural e/ou tradicional que integra o Projeto Saneamento e Saúde Ambiental em Comunidades Rurais e Tradicionais de Goiás (SanRural). O projeto SanRural é fruto de uma parceria entre a Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), firmada por meio do Termo de Execução Descentralizada (TED Nº 05/2017).

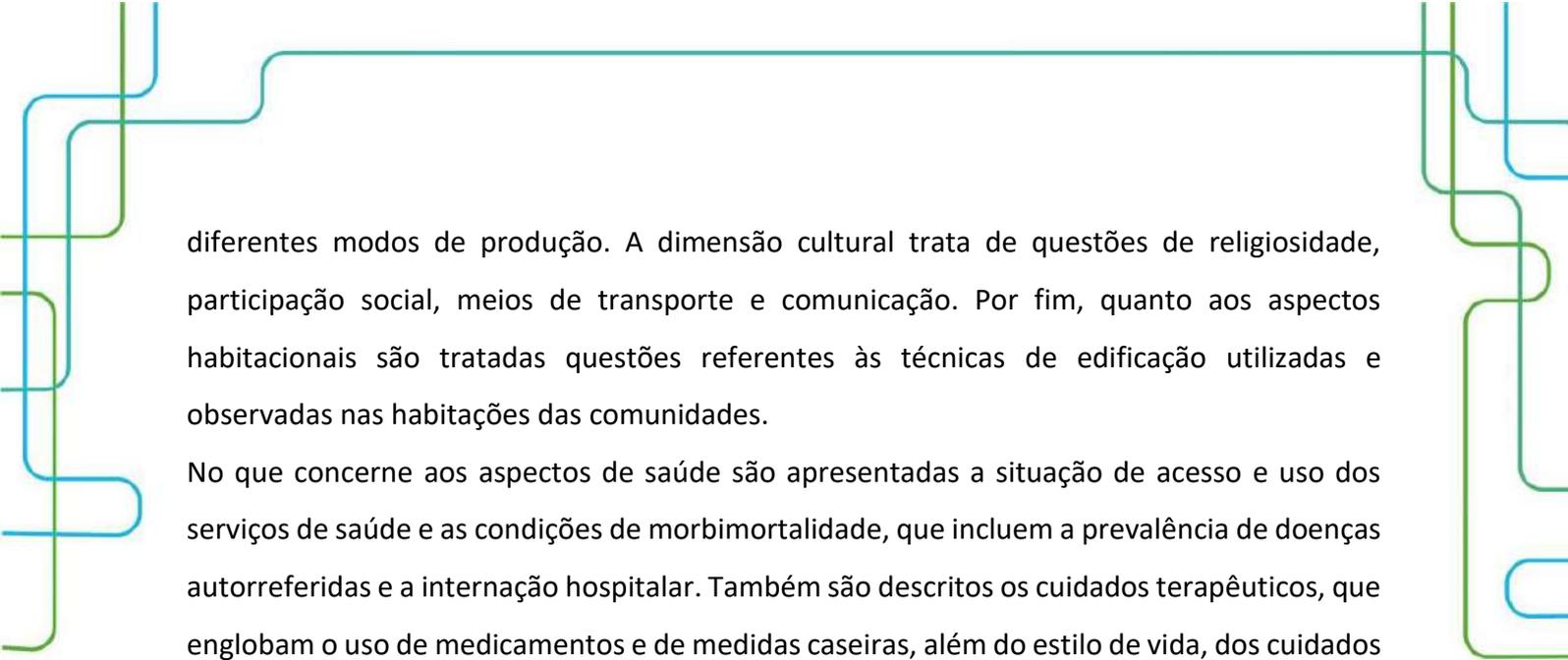
Entre os objetivos deste projeto está a promoção do conhecimento acerca das condições de saneamento e saúde ambiental em comunidades rurais e tradicionais no estado de Goiás.

Assim, neste DTP, estão descritos os aspectos metodológicos para a coleta dos dados e a produção de informações sobre cada comunidade. Apresenta-se o diagnóstico de cada comunidade, relacionado aos aspectos: de participação; geográficos e ambientais; históricos, culturais e socioeconômicos; saúde e os do saneamento.

Sobre os aspectos de participação da comunidade são elencadas informações de como ocorreu a participação dos moradores nos momentos propostos pelo projeto SanRural durante a oficina, bem como a satisfação deles com esse trabalho. É possível identificar informações sobre: o número de famílias existentes; o número de famílias participantes; a estimativa do número de pessoas por domicílio, além do número de pessoas que participaram dos momentos de esclarecimentos sobre os objetivos do projeto e do momento final de capacitação.

Os aspectos geográficos e ambientais descrevem: a localização das comunidades em relação ao município sede; os limites geográficos das comunidades; o uso da terra e as condições ambientais, considerando-se a distribuição espacial do meio físico, suas vulnerabilidades e a cobertura da vegetação nativa remanescente.

Em relação aos aspectos socioeconômicos e culturais, discorre-se sobre as condições demográficas, econômicas, culturais, históricas e habitacionais, além de enunciar indicadores socioeconômicos e ambientais. No tocante aos aspectos demográficos, apontam-se as frequências de moradores de acordo com: o estado e o município de nascimento; a zona de proveniência; o sexo; a cor; a escolaridade; a faixa etária, dentre outros. No que se refere aos aspectos econômicos são apresentadas a faixa de renda, a renda em valor absoluto e os



diferentes modos de produção. A dimensão cultural trata de questões de religiosidade, participação social, meios de transporte e comunicação. Por fim, quanto aos aspectos habitacionais são tratadas questões referentes às técnicas de edificação utilizadas e observadas nas habitações das comunidades.

No que concerne aos aspectos de saúde são apresentadas a situação de acesso e uso dos serviços de saúde e as condições de morbimortalidade, que incluem a prevalência de doenças autorreferidas e a internação hospitalar. Também são descritos os cuidados terapêuticos, que englobam o uso de medicamentos e de medidas caseiras, além do estilo de vida, dos cuidados de saúde relacionados ao saneamento básico e da situação vacinal na comunidade. Ao final são enunciados os indicadores de saúde.

Os aspectos de saneamento descrevem: a situação e as condições sanitárias do sistema de abastecimento de água coletivo e individual; o esgotamento sanitário; as condições intradomiciliares; o manejo dos resíduos, incluindo o uso do agrotóxico e a destinação de suas embalagens, e os aspectos gerais do manejo das águas pluviais e da drenagem na comunidade. Ao final, mostram-se os indicadores de saneamento.

Com esse diagnóstico espera-se que as comunidades, as lideranças e os governantes conheçam a situação em que vivem as comunidades, podendo, assim, propor e realizar ações que visem à melhoria dessas condições.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 – Detalhamento dos momentos: pré-oficina, Oficina 2 e pós-oficina.	26
Figura 1.2 – Organograma do fluxo de decisões/informações, envolvendo agentes internos e externos ao projeto SanRural para realização da Oficina 2.	27

LISTA DE FOTOS

Foto 2.1 – Apresentação das atividades durante o Momento 1 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	44
Foto 2.2 – Mapa socioambiental participativo sendo construído durante o Momento 1 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	44
Foto 2.3 – Mapa socioambiental participativo produzido durante o Momento 1 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	45
Foto 2.4 – Ficha de avaliação do Momento 1 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	46
Foto 2.5 – Aplicação do Formulário I por meio do <i>pocket</i> , com os moradores (a), e verificação da casa e do quintal (b), conforme Formulário II, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	47
Foto 2.6 – Atividade relacionada à lavagem das mãos no Momento 3 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	48
Foto 2.7 – Atividade interativa com a maquete durante o Momento 3 da Oficina 2, com orientação do pesquisador de campo (a) e (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	49
Foto 2.8 – Apresentação dos procedimentos de limpeza do filtro de cerâmico, vela porosa e lavagem da caixa d’água, técnicas construtivas de funcionamento da fossa biodigestora e da vermicomposteira, distanciamentos entre fontes de poluições, cursos hídricos, habitações e fontes de abastecimento, como forma de boas práticas em saneamento, durante o Momento 3 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	49
Foto 2.9 – Apresentação do teste da garrafa (a) e (b), diferença entre a concentração dos produtos que possuem hipoclorito de sódio e qual deve ser utilizado para a desinfecção da água (c) e degustação pelo moradores (d), como forma de boas práticas em saneamento, durante o Momento 3 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	50
Foto 2.10 – Ficha de avaliação do Momento 3 (a) e registro fotográfico dos participantes (b) da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	51
Foto 4.1 – Igreja católica, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	83
Foto 4.2 – Igreja evangélica, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	84
Foto 4.3 – Sede do assentamento, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	85
Foto 4.4 – Habitação construída de alvenaria com reboco, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	94
Foto 4.5 – Habitação construída de alvenaria com reboco e pintura, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	94
Foto 4.6 – Piso de cerâmica, identificado nas habitações da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	95
Foto 4.7 – Cobertura de telha de barro, identificada nas habitações da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	96
Foto 4.8 – Cobertura de telha fibrocimento, identificada nas habitações da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	96
Foto 5.1 – Vista externa da UBSF Sebastiana de Lourdes Camargo, referência para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.....	110
Foto 5.2 – Cultivo de plantas, hortaliças e/ou similares em hortas localizadas em dois domicílios (a, b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	119
Foto 5.3 – Cartão de vacina de um dos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018. ...	124

Foto 6.1 – Poço tubular raso (a) e poço raso escavado (b) utilizados em domicílios da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	138
Foto 6.2 – Conjunto motobomba submersível (a) e outro de eixo horizontal (b), utilizados para captação de água por moradores, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	140
Foto 6.3 – Abrigo contruído em alvenaria de tijos e telhas(a) e outro com madeira e telhas (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	141
Foto 6.4 – Poço raso escavado com tampa e mureta de proteção (a) e outro tampado com material improvisado (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	142
Foto 6.5 – Sistema de captação de água de chuva (a) e cisterna do projeto Verde Vida (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	142
Foto 6.6 – Domicílios com dois reservatórios domiciliares, um apoiado e outro elevado, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	144
Foto 6.7 – Reservatório domiciliar instalado sobre estrutura em madeira (a) e outro sobre estrutura em alvenaria de tijolos (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	145
Foto 6.8 – Vela utilizada em filtro cerâmica porosa, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018. .	146
Foto 6.9 – Situações construtivas de fossa séptica com tampa de concreto e tubulação de respiro sem proteção (a), fossa ecológica com tubulação de respiro sem proteção (b), fossa negra/rudimentar com tampa de concreto e tubulação de respiro sem proteção (c), tampa sob terra/areia, pedras e entulhos (d), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	147
Foto 6.10 – Lançamento e acúmulo de água cinza proveniente da pia da cozinha e/ou do tanque de lavar roupas, diretamente no solo do quintal próximo aos domicílios (a) e (b), na Comunidade Vitória, Niquelândia-GO, 2018.	151
Foto 6.11 – Exemplo da presença de chiqueiro (a) e curral (b) sem impermeabilização do solo, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	155
Foto 6.12 – Presença, nos quintais, de queima de resíduos (a) e de reuso de recipiente plástico para retirada de água de reservatório (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	157
Foto 6.13 – Pneus reutilizados para alimentação de suínos (a), na plantação de mudas (b) e deixados no quintal (c), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	160
Foto 6.14 – Presença, nos quintais, de materiais de construção, tipo: telhas cerâmica e azulejos (a), embalagem de veneno junto a outros resíduos (b), resíduos variados espalhados (c) na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	160
Foto 6.15 – Acúmulo de resíduos em buraco (a) e resíduos capazes de acumular água (b) na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	161
Foto 6.16 – Galão plástico cortado e reutilizado para dessedentação de aves (a) e caixa d’água, com água acumulada, para usos diversos (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	162
Foto 6.17 – Placa na via de acesso sinalizando a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	164
Foto 6.18 – Vala de infiltração (a), valeta (b), curva de nível (c) e processo erosivo (d) na via de acesso à Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	165
Foto 6.19 – Ponto de descarte de resíduos sólidos na margem da via de acesso à Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	165
Foto 6.20 – Ribeirão Santa Família (a), Córrego São José (b), córrego Xanxa (c) e córrego Chumbada (d), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	167
Foto 6.21 – Córrego não identificado (a), córrego Chumbada (b) e (c) e córrego não identificado (d) em lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	168

Foto 6.22 – Dispositivos de prevenção dos danos provocados pelas águas em residência (a) e lote (b) da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	169
Foto 6.23 – Processos erosivos em lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	170

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 – Quantitativo de participantes no Momento 1, na Oficina 2, realizada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	43
Gráfico 2.2 – Quantitativo de participantes no Momento 3, na Oficina 2, realizada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	48
Gráfico 4.1 – Porcentagem de moradores, em função do local de nascimento (Unidade Federativa), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	69
Gráfico 4.2 – Porcentagem de moradores, em função do local de nascimento (município), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	70
Gráfico 4.3 – Porcentagem de moradores, em função do local de origem, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	70
Gráfico 4.4 – Porcentagem de moradores, em função da zona de proveniência (imediatamente antes de se mudarem para a comunidade), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	71
Gráfico 4.5 – Porcentagem de moradores, em função do município de origem (imediatamente antes de se mudarem para a comunidade), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	72
Gráfico 4.6 – Porcentagem dos diferentes sexos, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	72
Gráfico 4.7 – Porcentagem de moradores de diferentes cores, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	73
Gráfico 4.8 – Porcentagem de moradores de diferentes cores autodeclaradas, em função dos sexos, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	74
Gráfico 4.9 – Porcentagem das diferentes condições civis, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	74
Gráfico 4.10 – Porcentagem das diferentes categorias de escolaridade registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	75
Gráfico 4.11 – Porcentagem das diferentes categorias de escolaridade, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	76
Gráfico 4.12 – Porcentagem das diferentes faixas etárias, em estratos de 10 anos, em função do sexo, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	77
Gráfico 4.13 – Porcentagem das faixas etárias, estratificada em crianças, jovens, adultos e idosos, adaptada de IBGE (2015), em função dos sexos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	78
Gráfico 4.14 – Porcentagem das famílias com diferente quantidade de modos de obtenção de renda, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	79
Gráfico 4.15 – Porcentagem dos diferentes modos de obtenção de renda, registrada para as famílias da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	80
Gráfico 4.16 – Porcentagem de famílias, em função da faixa de renda mensal declarada, em salários mínimos (SM), registrada para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	80
Gráfico 4.17 – Renda familiar mensal declarada em relação à renda familiar média observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	81
Gráfico 4.18 – Renda mensal calculada por indivíduos de cada família em relação à faixa de renda média geral e à faixa de renda considerada como de extrema pobreza, estipulada por diferentes instituições observadas para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	82

Gráfico 4.19 – Porcentagem de moradores com renda diária superior (Sup.) e inferior (Inf.) à estipulada por diferentes instituições como o limite da linha de pobreza, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	82
Gráfico 4.20 – Porcentagem de diferentes religiões observadas na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	83
Gráfico 4.21 – Porcentagem de diferentes modos de participação social declarada pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	84
Gráfico 4.22 – Porcentagem do número de diferentes modos de participação social declarada pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	85
Gráfico 4.23 – Porcentagem dos modos de acesso à informação declarada pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	86
Gráfico 4.24 – Porcentagem de meios de transporte recorrentemente utilizados pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	87
Gráfico 4.25 – Distribuição do número de moradores permanentes por domicílio em relação à média de moradores permanentes geral, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	88
Gráfico 4.26 – Distribuição de valores do número de familiares temporários em relação à média de familiares temporários geral observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	89
Gráfico 4.27 – Número de cômodos por habitação em relação ao número médio geral de cômodos observados nas residências da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	89
Gráfico 4.28 – Número médio de quartos por morador em cada domicílio em relação ao número médio geral de quartos por morador, observado nas residências da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	90
Gráfico 4.29 – Porcentagem de habitações com janelas em todos os cômodos, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	91
Gráfico 4.30 – Porcentagem de habitações com banheiros dentro de casa, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	91
Gráfico 4.31 – Porcentagem de moradores com acesso à internet, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	92
Gráfico 4.32 – Porcentagem de habitações nas quais foram relatados problemas com infiltração de água durante o período chuvoso, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	93
Gráfico 4.33 – Porcentagem de habitações com diferentes características estruturais observadas nas paredes residenciais, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	93
Gráfico 4.34 – Porcentagem de habitações com diferentes características estruturais observadas nos pisos residenciais, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	95
Gráfico 4.35 – Porcentagem de habitações com diferentes características estruturais observadas nas coberturas residenciais, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	96
Gráfico 5.1 – Procura por atendimento em caso de doenças, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	111
Gráfico 5.2 – Procura por serviços de saúde pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	112
Gráfico 5.3 – Prevalência de diarreia com ocorrência simultânea em duas ou mais pessoas nos domicílios e de forma geral, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	114
Gráfico 5.4 – Prevalência de doenças e agravos não transmissíveis na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	116
Gráfico 5.5 – Razões de afastamento das atividades habituais por motivo de saúde, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	116

Gráfico 5.6 – Prevalência de internações hospitalares na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	117
Gráfico 5.7 – Primeira medida adotada em caso de doença pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	118
Gráfico 5.8 – Frequência prática de atividade física na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	120
Gráfico 5.9 – Frequência do consumo de bebida alcoólica na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	121
Gráfico 5.10 – Frequência do consumo de tabaco na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	121
Gráfico 5.11 – Frequência de higienização das mãos antes das refeições, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	122
Gráfico 5.12 – Medidas adotadas para evitar picadas de mosquitos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	123
Gráfico 5.13 – Frequência do uso de medicamentos para diarreia e parasitoses pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	123
Gráfico 5.14 – Situação vacinal de crianças de 5 anos ou menos de idade na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	125
Gráfico 5.15 – Situação vacinal de pessoas com 6 anos ou mais de idade, adolescentes, adultos e idosos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	126
Gráfico 6.1 – Fontes de abastecimento de água em função dos diferentes usos nos domicílios da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	143
Gráfico 6.2 – Tratamento intradomiciliar realizado na água utilizada para ingestão, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	145
Gráfico 6.3 – Utilização de filtro de cerâmica porosa tipo vela e as formas declaradas de sua limpeza, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	146
Gráfico 6.4 – Situação quanto à existência de banheiro, sua localização e informação quanto à forma e frequência da higienização das mãos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	149
Gráfico 6.5 – Tipos de aparelhos hidrossanitários existentes nos banheiros das unidades familiares da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	149
Gráfico 6.6 – Localização dos aparelhos hidrossanitários e locais de geração e de lançamento da água cinza, proveniente da pia para lavagem das louças e do tanque para lavagem das roupas, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	150
Gráfico 6.7 – Ocorrência de criação e situação de confinamento de animais e aves nos lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	152
Gráfico 6.8 – Ocorrência e tipo de estrutura de confinamento dos animais criados na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	153
Gráfico 6.9 – Presença, origem e quantidade de excretas de animais próximas aos domicílios amostrados na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	153
Gráfico 6.10 – Ocorrência e situação de animais de estimação na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	154
Gráfico 6.11 – Separação e destinação final dos resíduos secos e orgânicos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	156
Gráfico 6.12 – Geração, separação e destinação final de resíduos de pilhas e baterias e resíduos infectantes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	158
Gráfico 6.13 – Geração e destinação de resíduos de pneus na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	159

Gráfico 6.14 – Situação dos resíduos observada nos quintais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	161
Gráfico 6.15 – Uso de agrotóxico, fonte e forma de orientação quanto ao uso, à forma de acondicionamento e ao destino das embalagens vazias na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	162
Gráfico 6.16 – Caracterização das vias em frente aos lotes dos moradores, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	166
Gráfico 6.17 – Dificuldade de acesso dos moradores na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	166
Gráfico 6.18 - Presença de curso d'água e sua preservação da mata ciliar nos lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	168
Gráfico 6.19 – Aspectos das casas relacionados à drenagem, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	169
Gráfico 6.20 – Aspectos dos lotes relacionados à drenagem, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	170

LISTA DE MAPAS

Mapa 3.1 – Localização geográfica da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	54
Mapa 3.2 – Assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	55
Mapa 3.3 – Cobertura e uso do solo na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	56
Mapa 3.4 – Litologia da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	57
Mapa 3.5 – Geomorfologia da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	58
Mapa 3.6 – Declividade da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	59
Mapa 3.7 – Tipo de solo da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	60
Mapa 3.8 – Comprimento de rampas de declividade do relevo na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	61
Mapa 3.9 – Cobertura de vegetação nativa no relevo da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	62
Mapa 3.10 – Índice de umidade topográfica na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	63
Mapa 3.11 – Índice de umidade topográfica e cobertura de vegetação nativa remanescente na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.	64
Mapa 6.1 – Distribuição espacial dos domicílios e das fontes de abastecimento de água utilizadas para ingestão pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	139

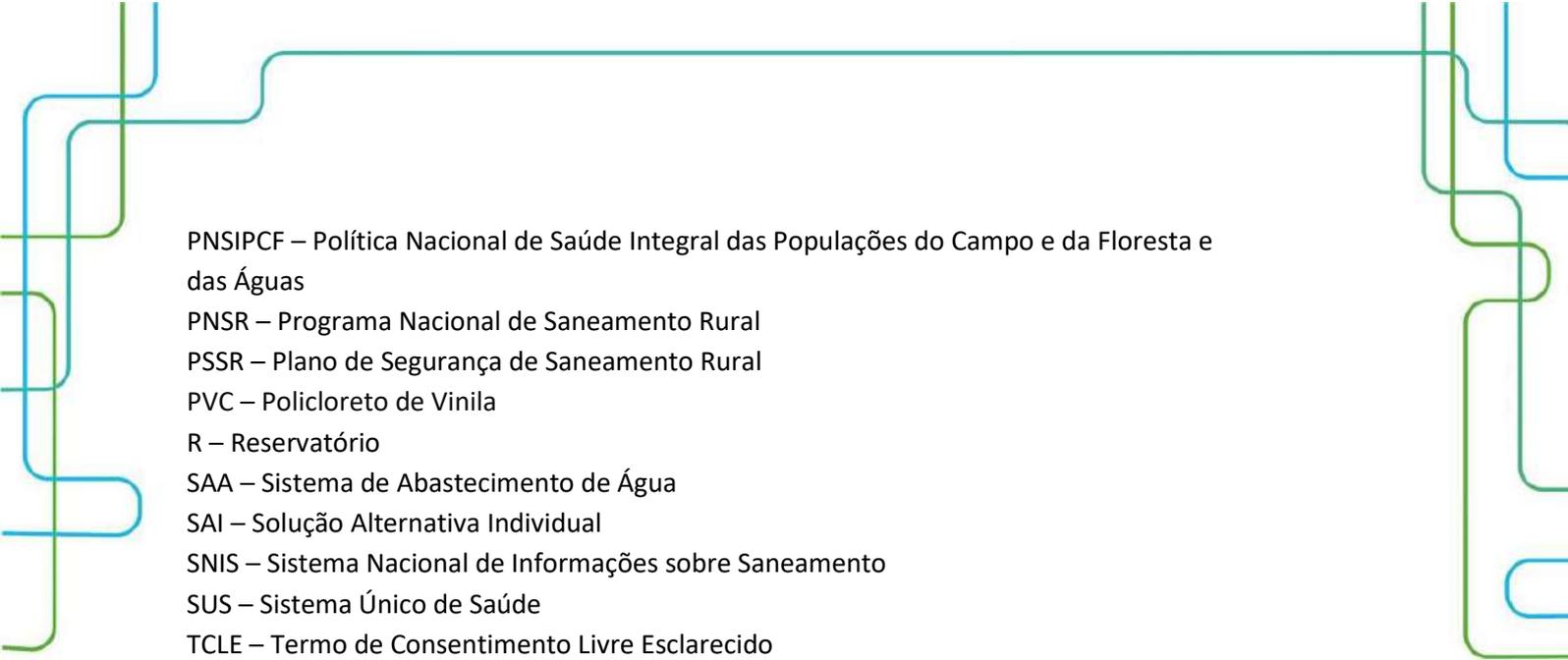
LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Detalhamento das etapas envolvidas no processo de mobilização para a Oficina 2.	27
Tabela 4.1 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos demográficos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	98
Tabela 4.2 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos econômicos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	102
Tabela 4.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos culturais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	103
Tabela 4.4 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos habitacionais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	105
Tabela 4.5 – Valores observados para os indicadores das componentes dos aspectos de renda, habitabilidade e escolaridade da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	107
Tabela 5.1 – Indicadores de acesso e uso da ABS na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	112
Tabela 5.2 – Prevalência de doenças transmissíveis autorreferidas na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	115
Tabela 5.3 – Uso de plantas e/ou similares pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	119
Tabela 5.4 – Incompletudes e atrasos vacinais de crianças com 5 anos ou menos de idade, da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	125
Tabela 5.5 – Incompletudes e ausências de vacinas de pessoas com 6 anos ou mais de idade, adolescentes e adultos residentes na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	126
Tabela 5.6 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis de acesso a serviços de saúde, morbidades, cuidados terapêuticos, estilo de vida, cuidados relacionados ao saneamento e à situação vacinal da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	128
Tabela 5.7 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de acesso e uso dos serviços de saúde da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	131
Tabela 5.8 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de morbidade e mortalidade da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	132
Tabela 5.9 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de cuidados terapêuticos e estilo de vida da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	133
Tabela 5.10 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de cuidados relacionados ao saneamento básico da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	134
Tabela 5.11 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de situação vacinal na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	135
Tabela 6.1 – Fontes de abastecimento de água utilizadas para ingestão pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	138
Tabela 6.2 – Combinação de fontes de abastecimento de água identificadas e empregadas para os diversos usos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	140
Tabela 6.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente abastecimento de água para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	172
Tabela 6.4 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente esgotamento sanitário da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	176
Tabela 6.5 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente manejo de resíduos sólidos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	179

Tabela 6.6 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente manejo das águas pluviais e drenagem da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	182
Tabela 6.7 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis relacionadas ao uso de agrotóxicos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	183
Tabela 6.8 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de abastecimento de água da Comunidade PA Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	184
Tabela 6.9 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de esgotamento sanitário para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	185
Tabela 6.10 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de manejo de resíduos sólidos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.....	185
Tabela 6.11 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de manejo de águas pluviais e drenagem da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.	185

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACS – Agentes Comunitários de Saúde
AFS – Agente de Formação em Saneamento
AM – Articulador Municipal
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
D – Domicílio
DSS – Determinantes Sociais de Saúde
DTP – Diagnóstico Técnico-Participativo
DTP – Vacina Contra Difteria, Tétano e Coqueluche
EPI – Equipamento de Proteção Individual
ESF – Estratégia Saúde da Família
ESF III – Estratégia Saúde da Família III
F – Fonte
FUNASA – Fundação Nacional da Saúde
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC – Intervalo de Confiança
IDB – Indicadores e Dados Básicos para a Saúde no Brasil
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INDAA – Indicador de Abastecimento de Água
INDAP – Indicador de Águas Pluviais
INDES – Indicador de Esgotamento Sanitário
INDRS – Indicador de Resíduos Sólidos
INDS – Indicador de Saúde
INDSE – Indicador Socioeconômico e Ambiental
INF – Informação
INFSau – Informação da Saúde
INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
ISEA – Indicadores Socioeconômicos e Ambientais
LI – Limite Inferior
LS – Limite Superior
MMII – Membros Inferiores
Munic – Pesquisa de Informações Básicas Municipais
MC – Mobilizador Comunitário
MS – Ministério da Saúde
M0 – Momento Zero
M1 – Momento 1
M2 – Momento 2
M3 – Momento 3
NA – Não Se Aplica
NR – Norma Regulamentadora
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONG – Organização Não Governamental
PNI – Programa Nacional de Imunização
PNS – Pesquisa Nacional de Saúde



PNSIPCF – Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta e das Águas

PNSR – Programa Nacional de Saneamento Rural

PSSR – Plano de Segurança de Saneamento Rural

PVC – Policloreto de Vinila

R – Reservatório

SAA – Sistema de Abastecimento de Água

SAI – Solução Alternativa Individual

SNIS – Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UBS III – Unidade Básica de Saúde III

UBSF – Unidade Básica de Saúde da Família

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

VORH – Vacina Oral Rotavírus Humano



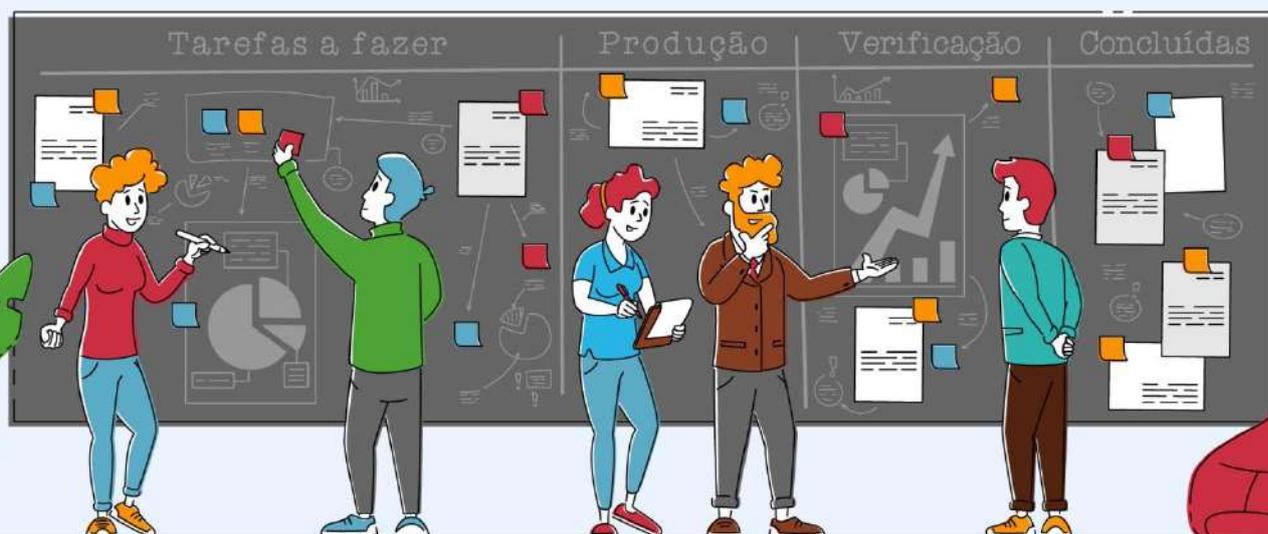
SUMÁRIO

1 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	22
1.1 Tipo de estudo.....	23
1.2 Planejamento amostral.....	23
1.2.1 População-alvo do estudo.....	23
1.2.2 Tamanho da amostra, precisão e estimação	24
1.3 Coleta de dados e capacitação	25
1.3.1 Mobilização da comunidade	26
1.3.2 Instrumentos de coleta de dados	28
1.3.3 Instrumentos para capacitação.....	30
1.4 Análise de dados.....	31
1.4.1 Aspectos geográficos e ambientais.....	32
1.4.2 Aspectos históricos, culturais, socioeconômicos e habitacionais.....	33
1.4.3 Aspectos da saúde	33
1.4.4 Aspectos do saneamento.....	34
1.4.5 Cálculo dos indicadores.....	35
1.4.6 Análise qualitativa dos dados.....	36
1.5 Aspectos éticos.....	37
REFERÊNCIAS.....	38
2 ASPECTOS DE PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE	42
2.1 Participação da comunidade no M0 e M1 da Oficina 2	43
2.2 Participação da comunidade no M2 da Oficina 2.....	46
2.3 Participação da comunidade no M3 da Oficina 2.....	47
REFERÊNCIAS.....	52
3 ASPECTOS GEOGRÁFICOS E AMBIENTAIS	53
3.1 Localização em relação ao município	54
3.2 Limite da comunidade.....	54
3.3 Uso da terra.....	55
3.4 Condições ambientais	56
REFERÊNCIAS.....	65
4 ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS, SOCIOECONÔMICOS E HABITACIONAIS.....	66
4.1 História	67
4.2 Demografia	69
4.3 Economia	79
4.4 Cultura	83

4.5 Habitação	88
4.6 Valores observados, intervalos de confiança e indicadores	97
REFERÊNCIAS	108
5 ASPECTOS DA SAÚDE.....	109
5.1 Acesso e uso dos serviços de saúde	110
5.2 Morbidade e mortalidade	114
5.2.1 Prevalência de doenças autorreferidas	114
5.2.2 Internação hospitalar	117
5.2.3 Mortalidade infantil	117
5.3 Cuidados terapêuticos e estilo de vida.....	118
5.3.1 Cuidados terapêuticos com a saúde	118
5.3.2 Estilo de vida	120
5.4 Cuidados com a saúde relacionados ao saneamento básico	122
5.5 Situação vacinal.....	124
5.6 Valores observados, intervalos de confiança e indicadores	127
REFERÊNCIAS	136
6 ASPECTOS DO SANEAMENTO.....	137
6.1 Abastecimento de água	138
6.1.1 Condição intradomiciliar	143
6.2 Esgotamento sanitário	147
6.2.1 Condição da habitação, higiene e destinação final dos efluentes	148
6.2.2 Condição geral do lote devido à presença de animais e suas estruturas	152
6.3 Manejo dos resíduos sólidos	156
6.3.1 Uso de agrotóxico e disposição dos resíduos	162
6.4 Manejo das águas pluviais e drenagem	164
6.4.1 Condição nos lotes dos domicílios	167
6.5 Valores observados, intervalos de confiança e indicadores	171
REFERÊNCIAS	186
APÊNDICES	188

1

ASPECTOS METODOLÓGICOS



Autores (as):

Paulo Sérgio Scalize
Bárbara Souza Rocha
Nolan Ribeiro Bezerra
Valéria Pagotto
Kleber do Espírito Santo Filho
Karla Emmanuela Ribeiro Hora
Luis Rodrigo Fernandes Baumann
Nilson Clementino Ferreira

1.1 Tipo de estudo

Para elaboração do DTP do Projeto Saneamento e Saúde Ambiental em Comunidades Rurais e Tradicionais de Goiás (Projeto SanRural), foram realizados estudos exploratórios, descritivos e inferenciais, com abordagem quantitativa, e estudos para compreender e interpretar o senso comum, com abordagem qualitativa, utilizando-se os dados obtidos em atividades realizadas *in loco*. A **pesquisa exploratória** estabelece métodos e técnicas para a elaboração de um estudo que visa a oferecer informações exploratórias e preliminares sobre o objeto estudado para orientar a formulação de hipóteses (BERVIAN; CERVO; SILVA, 2006). Já os estudos **descritivos** têm por objetivo determinar a distribuição e a descrição quantitativa dos eventos, segundo o tempo, o lugar e/ou as características dos indivíduos (ROTHMAN; GREENLAND; LASH, 2011). No estudo **inferencial**, sempre interessa a utilização de uma amostra para se chegar a conclusões sobre uma população-alvo do estudo (BUSSAB; MORETTIN, 2006).

A **pesquisa do senso comum** visa a interpretar as experiências e as vivências dos sujeitos que ocorrem na história coletiva e que são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que estão inseridos (MINAYO, 2012).

1.2 Planejamento amostral

1.2.1 População-alvo do estudo

A população pesquisada englobou as famílias residentes em comunidades de três tipologias do estado de Goiás, sendo: quilombolas, assentamentos e ribeirinhos.

O estudo abrangeu 127 comunidades distribuídas em 45 municípios do estado de Goiás, onde o critério de escolha se baseou na seleção dos municípios que possuíam uma ou mais comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares e/ou pelas comunidades ribeirinhas obtidas na “Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Munic” (IBGE, 2013a). Nesses 45 municípios foram selecionados os assentamentos de reforma agrária sob gestão do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária Superintendência Regional (INCRA SR-

04), em função da quantidade de assentamentos existentes no estado de Goiás, do recurso e do tempo para realização das atividades.

No delineamento foram consideradas as famílias cujos integrantes eram moradores com residência habitual (fixa) em uma parcela (lote ou área) da comunidade que, no período das atividades *in loco*, estavam presentes ou temporariamente ausentes. As famílias compõem as unidades primárias de amostragem (UPAs) e foram estratificadas em dois níveis, cidade e comunidade, com locação não proporcional. A seleção das UPAs foi realizada em um estágio pelo método de amostragem aleatória sistemática. Um integrante da família foi considerado responsável pelo domicílio, consensualmente com os demais integrantes da família. Se houvesse mais de um responsável, um seria escolhido para iniciar o questionário. Neste caso, as inferências estatísticas de características individuais se restringem ao grupo de pessoas responsáveis pelas famílias.

1.2.2 Tamanho da amostra, precisão e estimação

A amostra foi dimensionada de forma que as estimativas intervalares de proporções fossem obtidas com nível de confiança de 95%, e o erro máximo das estimativas variasse de acordo com os diferentes níveis de abrangência geográfica. Assim, o menor nível de abrangência com controle de precisão das estimativas considerado foi por comunidade, com margem de erro máxima de 10% e, para a totalidade de comunidades do mesmo tipo, com erro máximo de 2%. Para o cálculo das amostras foi empregada a Equação 1,

$$n = \frac{Nz_{\gamma}^2 p(1-p)}{(N-1)e^2 + z_{\gamma}^2 p(1-p)} \quad (1)$$

onde “N” é tamanho da população, “ z_{γ} ” é o *score* da distribuição normal padrão referente ao nível de confiança “ γ ”, “p” é a proporção populacional que se deseja estimar e “e” é o erro máximo da estimativa. Nos cálculos foi considerada a máxima variabilidade para a estimativa da proporção (p = 0,5).

As estimativas intervalares das proporções foram obtidas por meio do método de Wilson para populações finitas (LEE, 2009), que foram estabelecidas pela Equação 2,

$$\tilde{p}^* \pm z_{\alpha/2} \frac{\sqrt{1-f^*}}{\tilde{n}^*} \sqrt{n\hat{p}(1-\hat{p}) + \frac{(1-f^*)z_{\alpha/2}^2}{4}} \quad (2)$$

onde $f^* = \frac{n-1}{N-1}$, $\tilde{n}^* = n + (1-f^*)z_{\alpha/2}^2$, $\tilde{p}^* = \frac{n\hat{p} + (1-f^*)z_{\alpha/2}^2/2}{\tilde{n}^*}$ e \hat{p} é a proporção da característica de interesse na amostra. Os efeitos do delineamento nas estimativas para conglomerados de famílias são considerados no ajuste do "n" (FRANCO *et al.*, 2019).

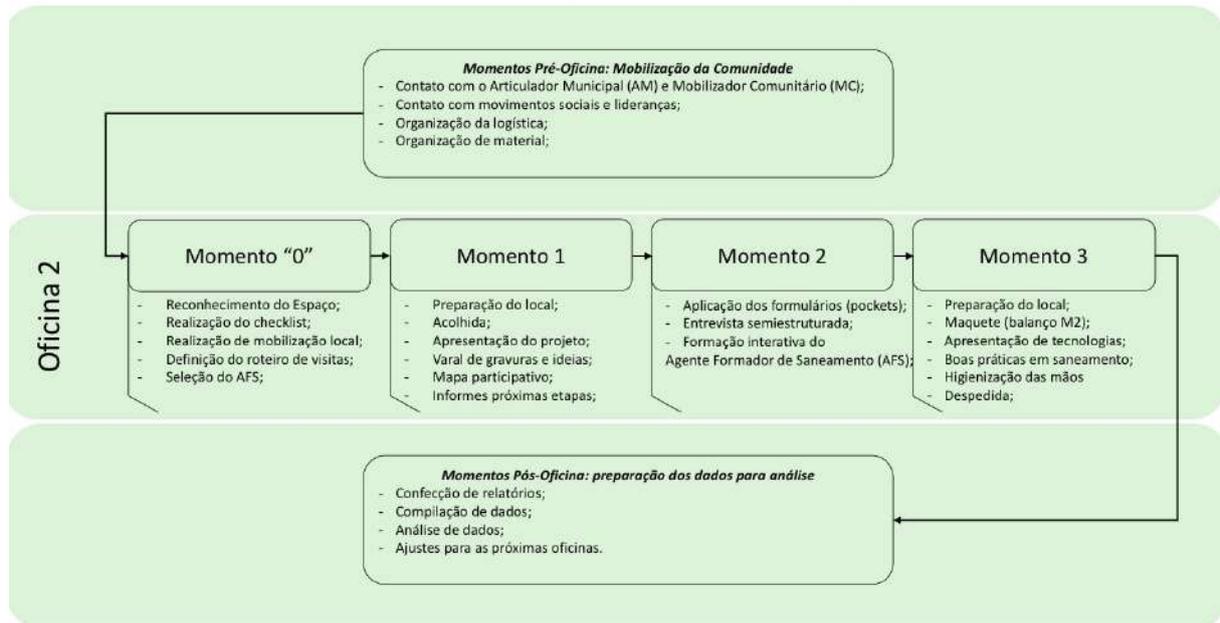
Na Comunidade Vitória, a população do estudo, depois de todas as verificações de consistência, foi de 61 domicílios. Após a aplicação do plano amostral e realizadas as visitas *in loco*, a amostra foi de 26 domicílios e 74 pessoas, representando uma média de 2,85 habitantes/domicílios.

1.3 Coleta de dados e capacitação

A coleta de dados para a elaboração do DTP foi realizada durante uma das etapas do Projeto SanRural, denominada Oficina 2. Essas oficinas ocorreram entre agosto de 2018 e agosto de 2019.

A Oficina 2 foi compreendida como uma atividade *in loco* para coleta de dados para elaboração dos DTPs das comunidades. A estratégia, implementada como forma de conquistar a máxima adesão ao projeto, foi dividida em: momento pré-oficina: mobilização da comunidade; Oficina 2 e momento pós-oficina: preparação dos dados para análise (Figura 1.1). A mobilização da comunidade acontecia no momento pré-oficina por meio do contato prévio para realização da atividade e da articulação com as lideranças, o articulador municipal (AM) e o mobilizador comunitário (MC) e a organização da logística de realização da oficina. A Oficina 2 acontecia em quatro momentos (M) distintos: M0, M1, M2 e M3, detalhados na Figura 1.1. Assim, a coleta de dados era finalizada no momento pós-oficina, etapa na qual aconteciam a confecção dos relatórios, a entrega dos materiais produzidos, a curadoria dos dados obtidos e os ajustes para as próximas oficinas.

Figura 1.1 – Detalhamento dos momentos: pré-oficina, Oficina 2 e pós-oficina.



Fonte: elaborada pelos autores.

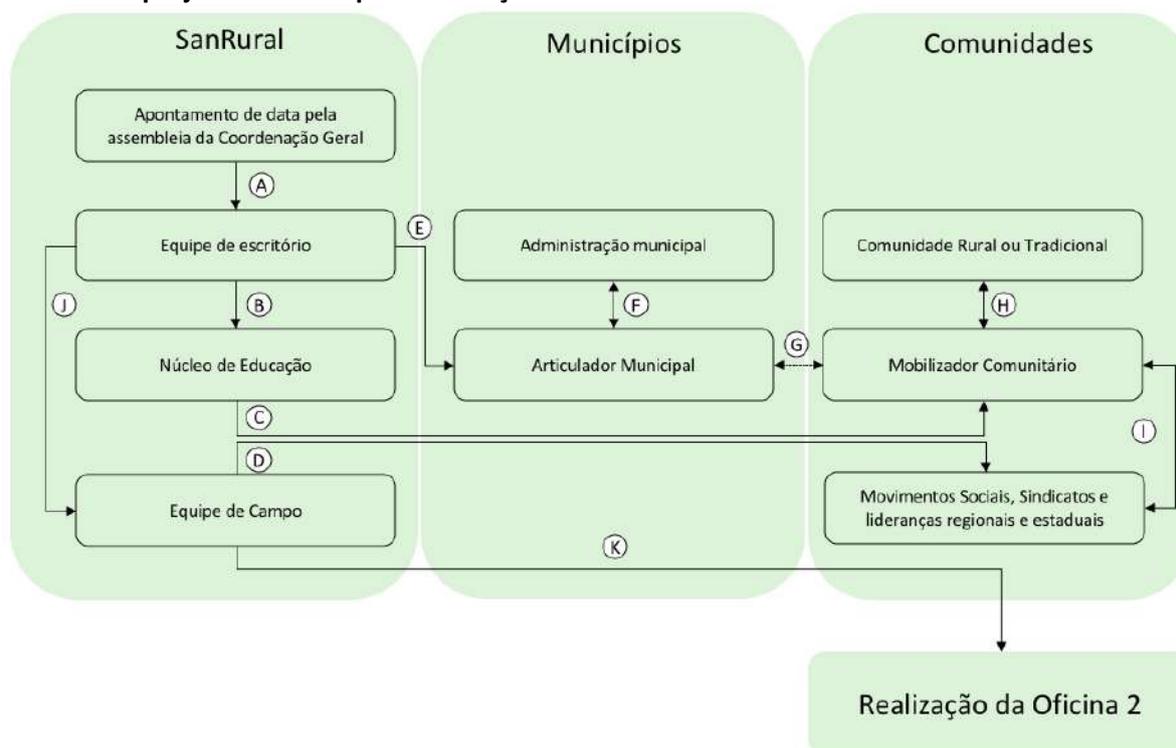
1.3.1 Mobilização da comunidade

A mobilização da comunidade antecedia o acontecimento da Oficina 2 e seguia um fluxo de contatos prévios a serem realizados para pactuação de datas, entre outros aspectos necessários para a realização da oficina, como o local de realização e o melhor horário para a comunidade. Os contatos prévios aconteciam internamente, no projeto entre os núcleos responsáveis, e externamente, com prefeituras, movimentos sociais, organizações sindicais e associações das comunidades.

O objetivo da mobilização foi proporcionar o amplo diálogo entre os envolvidos de modo a obter o máximo de adesão e participação de todas as esferas, especialmente da comunidade nas oficinas.

A estratégia de mobilização para a Oficina 2 partiu do princípio de que as comunidades rurais e tradicionais deveriam ter um canal aberto de informação com o projeto, por isso o processo de mobilização se consistiu em: diálogo com as comunidades por meio das lideranças locais e do MC; diálogo com os movimentos sociais, representados pelos sindicatos e pelas lideranças regionais e estaduais e, paralelamente a isso, mobilização da gestão municipal por intermédio do AM, com vistas à participação de representante desse órgão na Oficina 2. O detalhamento do processo de mobilização pode ser observado na Figura 1.2 e na Tabela 1.1, que descrevem o significado das letras.

Figura 1.2 – Organograma do fluxo de decisões/informações, envolvendo agentes internos e externos ao projeto SanRural para realização da Oficina 2.



Fonte: elaborada pelos autores.

Tabela 1.1 – Detalhamento das etapas envolvidas no processo de mobilização para a Oficina 2.

ETAPA	DESCRIÇÃO
A	Comunicação por parte da coordenação geral à equipe de escritório sobre a possível data para realização da Oficina 2;
B	Comunicação por parte da equipe de escritório ao núcleo de educação sobre a possível data para realização da Oficina 2;
C	Comunicação por parte do núcleo de educação aos MC sobre a possível data para realização da Oficina 2;
D	Comunicação por parte do núcleo de educação aos movimentos sociais, sindicatos e lideranças regionais e estaduais sobre a possível data para realização da Oficina 2;
E	Comunicação por parte da equipe de escritório ao AM sobre a possível data de realização da Oficina 2;
F	Troca de informações entre o AM e a administração municipal acerca da participação do município na Oficina 2;
G	Troca de informações entre o AM e o MC acerca das atividades a serem desenvolvidas durante a Oficina 2;
H	Comunicação por parte das lideranças locais à comunidade acerca da possível data para a realização da Oficina 2;
I	Troca de informação entre o MC e os movimentos sociais, sindicatos e lideranças regionais e estaduais acerca da realização da Oficina 2;
J	Em caso de anuência de todas as esferas de decisão acerca da data para realização da Oficina 2, comunicação por parte da equipe de escritório à equipe de campo sobre a data definitiva para realização da Oficina 2;
K	Realização da Oficina 2 por parte da equipe de campo.

Fonte: elaborada pelos autores.

1.3.2 Instrumentos de coleta de dados

Durante a execução da Oficina 2, diferentes instrumentos foram utilizados para coleta de dados.

No Momento 0 (M0) foi utilizado o seguinte instrumento:

- **Checklist:** utilizado para verificar elementos das paisagens e infraestruturas que abrangiam os componentes do saneamento básico (água, esgoto, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem), infraestrutura social (escola, posto de saúde, centros comunitários etc.) e elementos da paisagem natural (cursos d'água) na comunidade. O *checklist* foi aplicado pela equipe de campo por meio da observação, com registro fotográfico e obtenção de coordenadas geográficas.

No Momento 1 (M1) foram utilizados os seguintes instrumentos:

- **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):** elaborado de acordo com o disposto na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do CEP da Universidade Federal de Goiás (BRASIL, 2012a). Todos os participantes assinaram um TCLE antes de iniciarem as atividades;
- **Roteiro semiestruturado de entrevista:** é a descrição das diretrizes de uma entrevista com perguntas abertas e fechadas. Esse roteiro foi elaborado com perguntas visando a reconstruir a história e a cultura, entre outros dados relacionados à comunidade. As entrevistas foram gravadas e aplicadas a uma liderança da comunidade que, em muitos casos, era o próprio MC.
- **Mapeamento socioambiental:** é um recurso didático-pedagógico para o reconhecimento do ambiente/lugar (BRASIL, 2016). Esse recurso busca compreender o autoconhecimento por parte da comunidade de seu território e de elementos relacionados ao meio ambiente, à saúde, ao saneamento e à infraestrutura. O mapa elaborado buscou situar o que seria o núcleo de residências da comunidade em relação aos elementos de infraestrutura e

equipamentos públicos ou coletivos do entorno, com destaque para a escola, unidade de saúde e estrutura coletiva de abastecimento de água.

- **Avaliação pelos participantes:** documento disponibilizado para os participantes do M1, no qual podiam voluntariamente e anonimamente demonstrar sua satisfação em relação à oficina com um “x” em uma das opções: satisfeito, indiferente ou insatisfeito. Poderia, ainda, escrever o motivo, fazer comentários e ainda dar sugestões para o projeto.

No Momento 2 (M2) foram utilizados os seguintes instrumentos:

- **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):** elaborado de acordo com o disposto na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do CEP da Universidade Federal de Goiás (BRASIL, 2012a). Todos os participantes assinaram um TCLE antes de iniciarem as atividades;
- **Formulário:** documento elaborado para captação de dados e informações. Foram utilizados dois formulários: **Formulário I** – entrevista para as famílias, aplicado por meio digital: HP-Ipac *Pocket PC*, denominado de *pocket*. O formulário era subdividido em cinco blocos para caracterizar o perfil sociodemográfico e as condições de saúde e saneamento das famílias moradoras. O Formulário I foi aplicado de casa em casa, segundo o plano amostral, e direcionado para o respondente (pessoa maior de 18 anos), reconhecido como responsável pelas informações da família, e para os integrantes da família que tinham seus dados respondidos pelo responsável; **Formulário II** - casa e quintal, composto por um único bloco de perguntas sobre a casa e o quintal do domicílio, juntamente com os croquis esquemáticos do lote e da habitação, informando localizações de itens importantes relacionados aos objetos de pesquisa, preenchido por meio da observação do pesquisador de campo, com registro fotográfico e obtenção de coordenadas geográficas.

No Momento 3 (M3) foram utilizados os seguintes instrumentos:

- **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):** elaborado de acordo com o disposto na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, com

aprovação do CEP da Universidade Federal de Goiás (BRASIL, 2012a). Todos os participantes assinaram um TCLE antes de iniciarem as atividades;

- **Avaliação pelos participantes:** documento disponibilizado para os participantes do M3, no qual podiam voluntariamente e anonimamente demonstrar sua satisfação em relação à oficina com um “x” em uma das opções: satisfeito, indiferente ou insatisfeito. Poderia ainda escrever o motivo, fazer comentários e ainda dar sugestões para o projeto.

1.3.3 Instrumentos para capacitação

O processo de capacitação da comunidade ocorreu nos momentos M1, M2 e M3. Para a realização dessa atividade, foi empregada a metodologia da problematização por meio de rodas de conversa (FREIRE, 1996). O conceito de “empoderamento” (ROMANO, 2002) engloba os sujeitos compreendidos como as pessoas, as organizações e as comunidades, que assumem o controle de seus próprios assuntos e tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir.

O M1 foi dedicado também à troca de experiências e informações de maneira geral, assim como conceitos sobre saúde e saneamento. Durante o M2, no qual era realizada a coleta de dados da casa e do quintal dos domicílios, também foi realizada a capacitação itinerante do agente de formação em saneamento (AFS), escolhido pela própria comunidade durante a realização do M1. No M3 foram desenvolvidas atividades de educação sanitária e de saúde, de forma a empoderar as comunidades, almejando a assimilação das informações e sua ampla participação e divulgação.

Para realização da capacitação se usou a metodologia extensionista, que permite a troca de conhecimento e a construção coletiva de medidas preventivas para redução de riscos à saúde.

Usaram-se os seguintes recursos didático-pedagógicos:

- **Maquete sobre boas práticas em saneamento e saúde:** promover a formação dos participantes sobre boas práticas em saneamento e saúde, tais como a distância mínima recomendada entre a casa, a fossa e a fonte de abastecimento de água; alternativas adequadas de esgotamento sanitário;

possibilidades para o manejo dos resíduos sólidos, entre outras indicadas pelos núcleos de saneamento e saúde.

- **Material de capacitação:** álbum seriado contendo informações sobre o projeto SanRural, conceitos de saúde e saneamento; material educativo construído em formato de *banner* sobre boas práticas em saneamento (desinfecção domiciliar, limpeza da caixa d'água, limpeza de filtro cerâmica porosa, compostagem etc.), além da técnica de higienização das mãos por meio de dinâmica interativa com os participantes utilizando os materiais tinta guache, água, sabão e venda de tecido. Também foram empregados material lúdico sobre compostagem, filtro cerâmica porosa (vela), biodigestor, água sanitária, dosador de cloro, entre outras para orientação sobre medidas de controle.

1.4 Análise de dados

Inicialmente, os dados brutos passaram por um processo de organização e checagem em busca de erros não amostrais, inconsistências e avaliação de não respostas. Uma vez feita a checagem, os dados foram organizados em um banco de dados centralizado, com informações de todas as comunidades, tanto por famílias quanto por indivíduos. As análises dos dados foram feitas de maneira simultânea e coordenadas por cinco núcleos: estatística, geoprocessamento, educação, saúde e saneamento. Cada núcleo contribuiu com as análises dos dados de acordo com suas competências.

De forma geral, utilizou-se estatística inferencial para análise dos dados, cujos valores observados (%) referem-se à frequência relativa. Para cada variável e/ou indicador foi calculado o intervalo de confiança de 95% (IC 95%), representado neste DTP por seus limites inferiores (LI) e limites superiores (LS).

1.4.1 Aspectos geográficos e ambientais

Os aspectos geográficos e ambientais das comunidades foram analisados considerando-se a bacia hidrográfica e onde ela se localiza, as quais foram delimitadas a partir das coordenadas geográficas dos domicílios obtidas no M2 da Oficina 2.

Primeiramente foram descritos os aspectos geológicos, passando pela hidrogeologia, pelo relevo, pela ocorrência de tipo de solos e pelo uso do solo. A caracterização da geologia realizada, considerando-se a litologia, teve como objetivo verificar a distribuição espacial das rochas ígneas, metamórficas e sedimentares, pois estas indicam a presença de falhas e fraturas geológicas (LACERDA FILHO, 2000), além de determinarem a permeabilidade dos terrenos, os tipos de relevos e solos e os aspectos hidrogeológicos. Elaboraram-se análises do meio físico da área da comunidade e análises de meio físico da(s) bacia(s) hidrográfica(s), onde está localizada a comunidade.

Após a caracterização da geologia, foram avaliados os relevos onde se localiza a comunidade, por meio da declividade dos terrenos e do mapa geomorfológico (IBGE, 2009). As declividades foram mapeadas a partir de dados altimétricos elaborados pelo projeto Topodata/INPE (VALERIANO; ROSSETI, 2011). As declividades foram classificadas em seis categorias, sendo elas: relevo plano, com declividades menores de 3%; relevo suave ondulado, com declividades entre 3% a 8%; relevo ondulado, com declividades entre 8% a 20%; relevo forte ondulado, com declividades de 20% a 45%; relevo escarpado, com declividades entre 45% e 75%, e finalmente o relevo escarpado, com declividades acima de 75%. A declividade, juntamente com o mapa de geomorfologia, possibilita verificar o potencial para ocupação da área da comunidade pela agricultura, pecuária, urbanização, além de áreas ambientalmente vulneráveis, onde se indica a preservação da cobertura vegetal nativa.

A distribuição espacial dos tipos de solos está relacionada com o tipo de geologia e as formas de relevo, sendo determinante, na maioria das vezes, para a ocupação do espaço geográfico (SANTOS *et al.*, 2018).

A última etapa da avaliação dos aspectos físicos consistiu na avaliação do uso e ocupação do solo. O alvo era avaliar os locais de ocorrência de agricultura, pastagens, urbanização e cobertura de vegetação nativa, de acordo com a geologia, as formas de relevo e os tipos de solos.

Todas as etapas das avaliações dos aspectos físicos da área das comunidades foram realizadas por meio da utilização de programa computacional de Sistema de Informações Geográficas. Os dados geográficos utilizados nas análises foram obtidos a partir do Instituto Mauro Borges, por meio do Sistema de Informações Estatísticas e Geográficas de Goiás, a partir do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e do projeto MapBiomias (MAPBIOMAS, 2019).

1.4.2 Aspectos históricos, culturais, socioeconômicos e habitacionais

Os aspectos históricos foram levantados a partir de referências bibliográficas, documentos institucionais (INCRA, 2020; PALMARES, 2020) e do próprio relato dos moradores das comunidades. Para o diagnóstico dos aspectos demográficos, usaram-se métricas, tais como: local de nascimento, zona, município e estado de proveniência; condição civil; sexo; cor; escolaridade e distribuição de faixas etárias (IBGE, 2020). Sob a perspectiva do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020), foram avaliados aspectos relacionados à obtenção de renda, renda bruta e aos modos de produção. A questão habitacional levou em consideração o paradigma da habitação saudável, sendo utilizadas variáveis referentes aos aspectos correlatos ao conforto, à saúde e ao bem-estar (HERMETO, 2009), como: número de habitantes por domicílio; número de quartos por habitação; ventilação; presença de energia elétrica na habitação; características das paredes, piso e cobertura das habitações. Dentro dos aspectos culturais foram levantados dados acerca da religiosidade, participação social, meios de acesso à informação e meios de locomoção. Para a análise dos dados se utilizaram o software R (R CORE TEAM, 2017) e pacotes específicos para a construção de gráficos (WICKHAM, 2007; WICKHAM, 2017; WICKHAM *et al.*, 2019).

1.4.3 Aspectos da saúde

Os dados relacionados à saúde foram analisados conforme as diretrizes da Política Nacional de Atenção Básica (BRASIL, 2017a) e da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta e das Águas (PNSIPCF) (BRASIL, 2013), as quais consideram o conceito ampliado de saúde e as leis regulamentadoras do Sistema Único de Saúde (SUS) em suas descrições.

Os dados coletados sobre a situação de saúde incluem informações sobre os Determinantes Sociais de Saúde (DSS), com foco principal na determinação das condições de saúde de populações rurais. Sendo assim, os instrumentos de coleta de dados contemplaram informações sobre: acesso e uso de serviços de saúde pela comunidade; aspectos de morbidade e mortalidade relacionados à prevalência de doenças e à internação hospitalar; cuidados terapêuticos à saúde e ao estilo de vida; cuidados à saúde relacionados ao saneamento e à situação vacinal.

Destaca-se que, em relação às condições de acesso e ao uso de serviços de saúde, além de informações do instrumento, foram coletadas informações junto à Coordenação de Atenção Básica do município ao qual a comunidade pertencia. Essas informações foram: presença de unidade básica; número de famílias cadastradas; composição da equipe de saúde da família e ações desenvolvidas pela equipe junto à comunidade.

O *software* STATA, versão 13.1 (STATA CORP, 2013), foi utilizado para processar os dados gerados e executar todas as análises apresentadas neste diagnóstico a respeito dos indicadores de saúde.

1.4.4 Aspectos do saneamento

A coleta e a análise dos dados de saneamento levaram em consideração o conceito estabelecido pela Política Nacional de Saneamento Básico, estabelecido pela Lei nº 11.445 (BRASIL, 2007), que define saneamento básico como:

[...] conjunto de serviços, infraestruturas e instalações operacionais de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos e drenagem e manejo das águas pluviais, limpeza e fiscalização preventiva das respectivas redes urbanas [...] (BRASIL, 2007).

Os dados dos componentes dos serviços coletivos de saneamento básico, das condições intradomiciliares, da condição da habitação, higiene e destinação final dos efluentes em relação ao esgotamento sanitário, além das condições gerais do lote, devido à presença de animais e de suas estruturas frente aos aspectos ligados ao esgotamento sanitário, ao manejo das águas pluviais, à drenagem e utilização de agrotóxicos e à destinação dos resíduos, foram

construídos a partir da análise qualitativa e quantitativa dos dados coletados por meio dos instrumentos de coleta (Tópico 1.3.2).

Antes da análise da tabulação em gráficos e tabelas, os dados foram sistematizados e analisou-se sua consistência. No caso das respostas incongruentes, avaliaram-se as fotografias e, quando necessário, consultaram-se os pesquisadores de campo, modificando-se as respostas dos bancos de dados, além da categorização dos dados textuais existentes. Para tanto, os dados perdidos foram definidos por meio de uma triagem prévia, na qual os dados inconsistentes não foram contabilizados para o cálculo das informações.

A análise e a discussão dos dados também levaram em consideração: os conceitos estabelecidos na Política Nacional de Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010); os conceitos e as normas relativas à proteção da vegetação nativa estabelecida pela Lei Federal nº 12.651 (BRASIL, 2012b), que institui o código florestal, as normas e os regulamentos de segurança e saúde no trabalho na agricultura, pecuária silvicultura, exploração florestal e aquicultura (BRASIL, 2005), e ao controle e à vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade (BRASIL, 2017b), além de orientações técnicas de boas práticas em saneamento (BRASIL, 2014a; BRASIL, 2019b).

1.4.5 Cálculo dos indicadores

Para o cálculo dos indicadores socioeconômicos e ambientais (ISEA), foram escolhidas variáveis, tais como renda em salários mínimos, escolaridade e analfabetismo (IBGE, 2018), e criadas outras com base na realidade das comunidades rurais que fossem capazes de sintetizar, de maneira clara e objetiva, os modos de relação dessas comunidades com a terra, o ambiente e seus espaços sociais. Deste modo, calcularam-se os seguintes indicadores: diversidade de modos de obtenção de renda (diversidade de renda), diversidade de modos de participação social (participação social), indivíduos por habitação e cômodo por indivíduo. Para a escolha dessas variáveis, levou-se em consideração a realidade do meio rural.

Para o cálculo de cada indicador, o método proposto por Alves e Bastos (2001), que consiste em atribuir escores e pesos às variáveis escolhidas para o cálculo de sua representatividade dentro de um conjunto de dados, foi usado. Assim, o desempenho dos indicadores pode variar de 0, representando um baixo desempenho (desempenho nulo), a 1, no caso de alto

desempenho (desempenho máximo). A descrição e as informações adicionais dos indicadores encontram-se no **Apêndice 1**.

A seleção dos indicadores de saúde considerou sua importância para a determinação da carga total de doença e suas potenciais relações com o saneamento (BRASIL, 2014b). Propuseram-se os seguintes blocos de indicadores: indicadores de acesso e uso de serviços de saúde pela comunidade; indicadores de morbidade e mortalidade; cuidados terapêuticos e estilo de vida, e cuidados com a saúde relacionados ao saneamento básico e à situação vacinal. Os indicadores foram criados e propostos com base nas recomendações do Ministério da Saúde (MS), dos Indicadores e Dados Básicos para a Saúde no Brasil (IDB) (OPAS, 2008) e da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) (IBGE, 2013b). A descrição e as informações adicionais dos indicadores encontram-se no **Apêndice 2**.

Os indicadores selecionados para os componentes do saneamento abrangem a caracterização qualitativa e quantitativa da situação de abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem, sendo estes utilizados para subsidiar a elaboração do DTP e auxiliar o estabelecimento das metas de saneamento e saúde do Plano de Segurança de Saneamento Rural (PSSR). Possibilitam, ainda, a análise comparativa da situação do saneamento ambiental das comunidades rurais.

Os indicadores foram criados e propostos com base nos indicadores do Programa Nacional de Saneamento Rural (PNSR) (BRASIL, 2019a), no Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) (BRASIL, 2017c) e adaptado de Menezes (2018). O cálculo levou em consideração as informações coletadas em campo, tendo como referência o ano de 2019. A descrição e as informações adicionais dos indicadores encontram-se no **Apêndice 3**.

1.4.6 Análise qualitativa dos dados

A análise qualitativa levou em consideração os preceitos teóricos sobre a representação do fenômeno, partindo do significado das situações para os sujeitos envolvidos, com o intuito de compreender a participação, a história e a cultura da comunidade (DUARTE, 2002; TURATO, 2005; MINAYO, 2012).

Os dados qualitativos do diagnóstico foram extraídos das entrevistas realizadas, do registro de conversas não gravadas no campo, das mensagens trocadas pelos pesquisadores com o

AM e o MC, das notas de campo, das fotos e dos vídeos. Os dados foram transcritos, organizados e categorizados. Logo em seguida, houve um mergulho analítico para produzir interpretações referentes aos aspectos a serem analisados.

As falas dos sujeitos entrevistados, utilizadas ao longo do texto do documento, foram colocadas entre aspas, respeitando-se a originalidade da linguagem, e classificadas utilizando-se a referência “morador”, seguida do número do item onde foi colocada e da ordem de aparecimento no texto (ex.: morador 6.1). Elaborou-se uma tabela de referência para identificação das falas, controlada pelo projeto, com o intuito de garantir o anonimato prometido no TCLE.

1.5 Aspectos éticos

Para utilização desses instrumentos de pesquisa, o projeto SanRural foi cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, sob o protocolo nº 2.886.174/2018.

Antes da realização da pesquisa, os municípios assinaram termos de adesão ao projeto, aceitando colaborar com as etapas deste, bem como auxiliar a produção de informações necessárias.

Já nas comunidades, durante a execução da Oficina 2, os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) antes do início do M1. Os sujeitos entrevistados assinavam um TCLE antes das entrevistas, os responsáveis pelas famílias assinavam outro TCLE antes do M2, e os participantes do M3 assinavam outro TCLE antes de iniciarem as atividades.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. B.; BASTOS, R. P. Sustentabilidade em Silvânia (GO): o caso dos assentamentos rurais São Sebastião da Garganta e João de Deus. **Revista Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 49, n. 2, p. 419-448, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032011000200007>

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 5. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

BRASIL. Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura NR 31. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 142, n. 43, p. 105 -110, 04 mar. 2005. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=04/03/2005&jornal=1&pagina=105&totalArquivos=120>. Acesso em: 06 nov. 2019.

BRASIL. Lei Federal nº 11.445, de 05 de janeiro de 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico; altera as Leis nos 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.036, de 11 de maio de 1990, 8.666, de 21 de junho de 1993, 8.987, de 13 de fevereiro de 1995; revoga a Lei no 6.528, de 11 de maio de 1978; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 1º jan. 2017.

BRASIL. Lei Federal nº 12.305, de 02 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 147, p. 03-08, 03 ago. 2010. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=04/03/2005&jornal=1&pagina=105&totalArquivos=120>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012, 2012a. Publicada no DOU nº 12 – quinta-feira, 13 de junho de 2013 – Seção 1 – Página 59.

BRASIL. Lei Federal nº 12.651, de 24 de maio de 2012. Institui o Código Florestal; dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981; 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano CXLIX, n. 102, p. 01-08, 28 jun. 2012b. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=28/05/2012&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=168>. Acesso em: 14 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013, 48 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de orientações técnicas para elaboração de propostas para o programa de melhorias sanitárias domiciliares**.

Brasília: Funasa, 2014a. p. 1- 69. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_orientacoes_tecnicas_programa_melhorias_sanitarias_ambientais.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2013**: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza. Brasília: Ministério da Saúde, 2014b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Metodologias para o fortalecimento do controle social no saneamento básico**. Brasília: Funasa. p. 1-60, 2016. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/documents/20182/39040/METODOLOGIA+CONTROLE+SOCIAL.pdf/2cdef927-137a-4abc-9b97-a40558a9fd12>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BRASIL. Portaria Nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário**: Brasília, 2017a.

BRASIL. Portaria de Consolidação nº. 5, de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as ações e os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**: seção 1, suplementação, Brasília, DF, ano 154, n. 190, p. 360, 03 nov. 2018, 2017b. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=03/10/2017&jornal=1040&pagina=1&totalArquivos=716>. Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental - SNSA. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: **Diagnóstico do Manejo das Águas Pluviais Urbanas – 2017**. Brasília, 2017c. Disponível em: <http://www.snis.gov.br/diagnostico-anual-aguas-pluviais/diagnostico-ap-2017>. Acesso em: 05 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Programa Nacional de Saneamento Rural**. Brasília: Funasa, 2019a. 260 p. Disponível em: http://www.funasa.gov.br/documents/20182/38564/MNL_PNSR_2019.pdf/08d94216-fb09-468e-ac98-afb4ed0483eb. Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de saneamento**. 5. ed. Brasília: Funasa, 2019b. 545 p.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa**: Reflexões sobre o trabalho de campo. N. 115, março, 2002.

FRANCO, C.; LITTLE, R. J. A.; LOUIS, T. A.; SLUD, E. V. Comparative Study of Confidence Intervals for Proportions in Complex Sample Surveys. **Journal of Survey Statistics and Methodology**, v. 7, n. 3, p. 334–364, 2019. <http://dx.doi.org/10.1093/jssam/smy019>

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HERMETO, M. P. Habitação saudável: Ampliando a atenção à saúde. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 16, n. 18+19, p. 146-157, 2009.
<http://dx.doi.org/10.5752/P.2316-1752.2009v16n18/19p147>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico de geomorfologia /** Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2009, 182 p. (Manuais técnicos em geociências, ISSN 0103-9598; n. 5).

IBGE. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais** – Munic. Rio de Janeiro: IBGE, 2013a.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde**. Ministério da Saúde, 2013b.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: fev. 2020.

INCRÁ. **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**. Disponível em:
<http://www.incra.gov.br/pt/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

LACERDA FILHO, J. V.; REZENDE, A.; SILVA, A. da (orgs.). Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. **Geologia e Recursos Minerais do Estado de Goiás e do Distrito Federal**. Escala 1:500.000. 2. ed. Goiânia: CPRM/METAGO/UnB, 2000.

LEE, S. C. Confidence Intervals for a Proportion in Finite Population Sampling, **Communications of the Korean Statistical Society**, v. 16, n. 3, p. 501-509, 2009.
<http://dx.doi.org/10.5351/CKSS.2009.16.3.501>

MENEZES, J. A. L. **Procedimento de Avaliação das Ações de Saneamento Rural: o caso do Município de São Desidério-BA**. 2018. 169f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia Ambiental e Recursos Hídricos) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.3, n.17, p. 621-626, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Rede Interagencial de Informação para a Saúde (RIPSA). **Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações**. 2. ed. Brasília, 2008.

PALMARES: **FUNDAÇÃO CULTURAL**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

PROJETO MAPBIOMAS. **Coleção 3.0 da Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso de Solo do Brasil**. Disponível em: <http://www.mapbiomas.org>. Acesso em: 18 out. 2019.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. URL <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

ROMANO, J. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. *In*: ROMANO, J.; ANTUNES, M. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2002.

ROTHMAN, K. J.; GREENLAND, S.; LASH, T. **Epidemiologia Moderna**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SANTOS, H. G. dos; JACOMINE, P. K. T.; ANAJOS, L. H. C. dos; OLIVEIRA, V. A. de; LUMBRERAS, J. F.; COELHO, M. R.; ALMEIDA, J. A. de; ARAÚJO FILHO, J. C. de; OLIVEIRA, J. B. de; CUNHA, T. J. F. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 5. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Embrapa, 2018.

STATA CORP. **Stata Statistical Software**: Release 13. College Station, TX: StataCorp LP, 2013.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 3, n. 39, p. 507-14, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>

VALERIANO, M. M.; ROSSETTI, D. F. Topodata: Brazilian full coverage refinement of SRTM data. **Applied Geography** (Sevenoaks), v. 32, p. 300-309, 2011. <https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2011.05.004>

WICKHAM, H. Reshaping Data with there shape Package. **Journal of Statistical Software**, v. 21, n. 12, p. 1-20, 2007. URL <http://www.jstatsoft.org/v21/i12/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

WICKHAM, H. **ggplot 2: Elegant Graphics for Data Analysis**. Springer-Verlag, New York, 2017.

WICKHAM, H.; FRANÇOIS, R.; HENRY, L.; MÜLLER, K. **Dplyr: A Grammar of Data Manipulation**. R package version 0.8.0.1, 2019. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=dplyr>. Acesso em: 20 mar. 2019.

2

ASPECTOS DE PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE



Autores (as):

Paulo Sérgio Scalize
Nolan Ribeiro Bezerra
Kleber do Espírito Santo Filho
Ysabella de Paula dos Reis



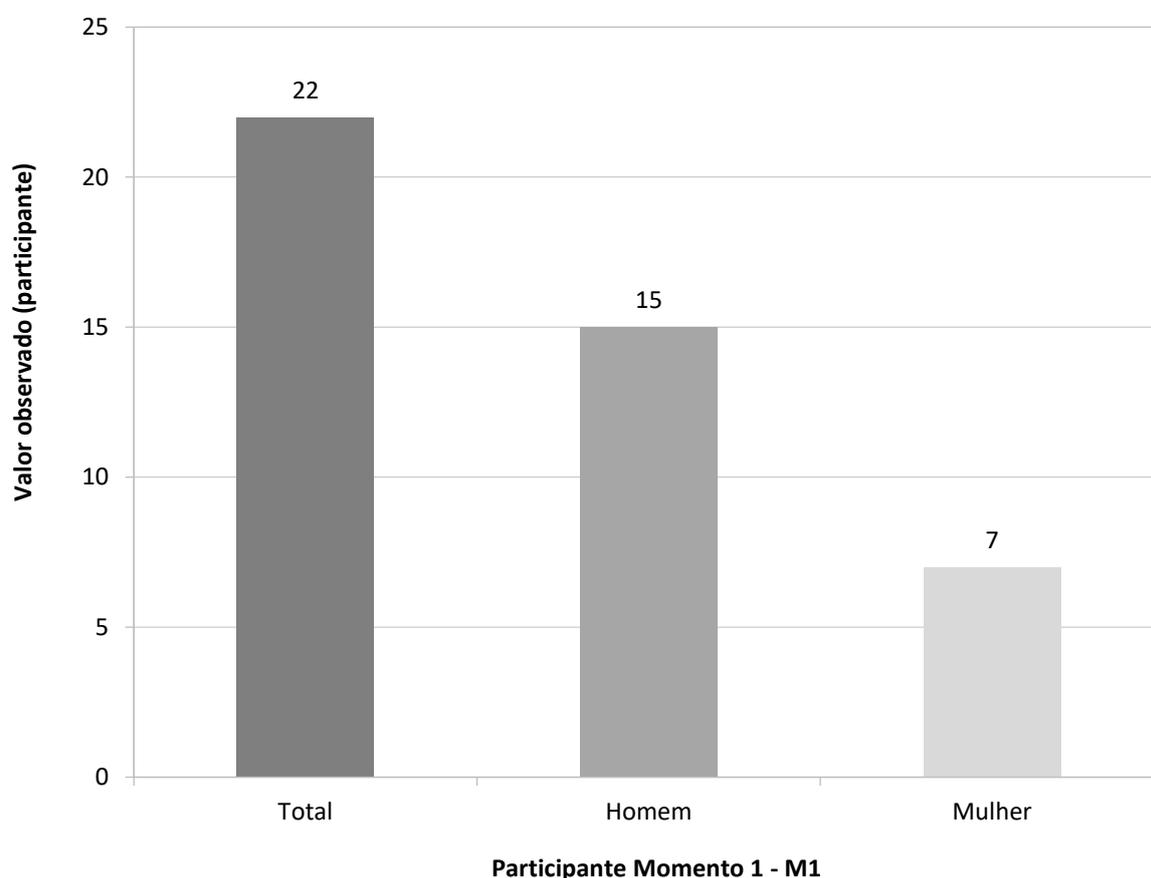
Saneamento e Saúde
Ambiental Rural

2.1 Participação da comunidade no M0 e M1 da Oficina 2

Durante o M0, constatou-se a existência de 61 domicílios onde residem as famílias da Comunidade Vitória. Todas as famílias foram convidadas a participar das atividades da Oficina 2.

O M1 ocorreu no dia 25/09/2018, quando foi registrada a presença de 22 participantes, sendo 15 homens, 68,2%, e sete mulheres, 31,8% (Gráfico 2.1). Assim, considerando-se que a comunidade apresentou um quantitativo de 2,85 habitantes/domicílio, a quantidade de pessoas que participou das atividades representou 12,7% da Comunidade Vitória.

Gráfico 2.1 – Quantitativo de participantes no Momento 1, na Oficina 2, realizada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Segundo o relatório de campo dos pesquisadores integrantes do projeto, a comunidade foi participativa e realizou frequentemente perguntas e questionamentos, demonstrando interesse pelos assuntos. A Foto 2.1 ilustra a presença dos moradores da comunidade durante as atividades realizadas no M1 da Oficina 2.

Foto 2.1 – Apresentação das atividades durante o Momento 1 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

No M1, a comunidade ainda foi convidada a construir o mapa socioambiental. As Fotos 2.2a e 2.2b retratam a elaboração do mapa, no qual pode ser observado o nível de concentração e interesse dos participantes na elaboração e no entendimento do mapa, além da interação com os pesquisadores do projeto.

Foto 2.2 – Mapa socioambiental participativo sendo construído durante o Momento 1 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

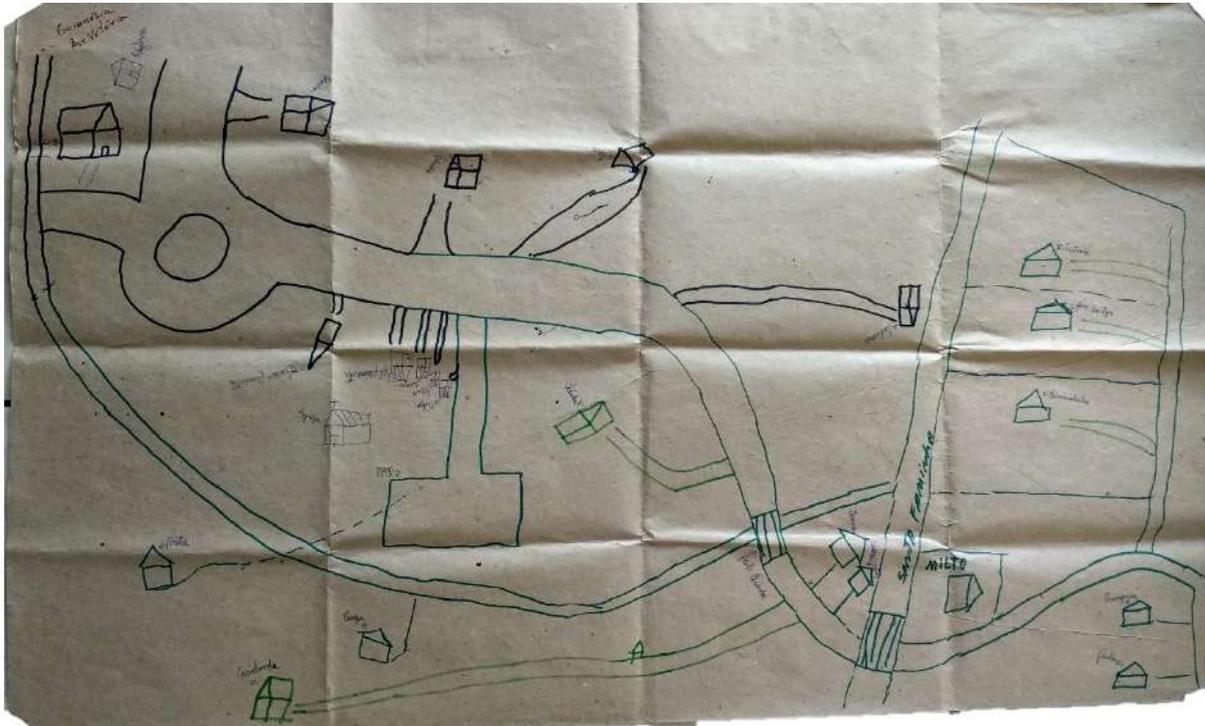


Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Analisando-se o mapa elaborado (Foto 2.3), a comunidade delimitou a área de influência do seu território, destacando a localização das vias da comunidade e dos principais domicílios.

Ainda nesse mapa são evidenciadas duas igrejas e uma sede. A comunidade não identificou as infraestruturas de saneamento básico e saúde no mapa.

Foto 2.3 – Mapa socioambiental participativo produzido durante o Momento 1 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Após o mapa ter sido desenhado foi possível compreender, na fala de um morador entrevistado no M1 da oficina, as principais mazelas existentes na comunidade. Seguem as falas transcritas *ipsi litteris*.

As principais necessidades da comunidade seria assim uma maior presença do pessoal da área da assistência social, pá tá visitano o pessoal, pá tá dano assim uma assistência mais específico, porque a grande maioria aqui são pessoa muitos simples, sem estudo, sem formação nenhuma e muitas vezes assim a qualidade de vida deles piora bastante em termo de saúde por não ter assim uma acompanhamento né!? (MORADOR 2.1).

A maioria nem saber ler, não sabe. Cê passa uma medicação e tem que tomar essa medicação, muitas vezes eles se atrapalham, tomam a medicação errada, então assim uma coisa que a gente tem sempre assim é pedido pro município assim, até a presença de um agente de saúde pá dá mais apoio pás famílias aqui no assentamento (MORADOR 2.1).

Concomitantemente à realização das visitas aos domicílios para a aplicação dos respectivos instrumentos de coleta de dados, o AFS recebia dos pesquisadores de campo as instruções e os esclarecimentos quanto às questões inerentes ao saneamento. A Foto 2.5a ilustra a aplicação do Formulário I por meio do *pocket*, com os moradores, e a verificação da casa e do quintal (Foto 2.5b), conforme Formulário II, na Comunidade Vitória.

Foto 2.5 – Aplicação do Formulário I por meio do *pocket*, com os moradores (a), e verificação da casa e do quintal (b), conforme Formulário II, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



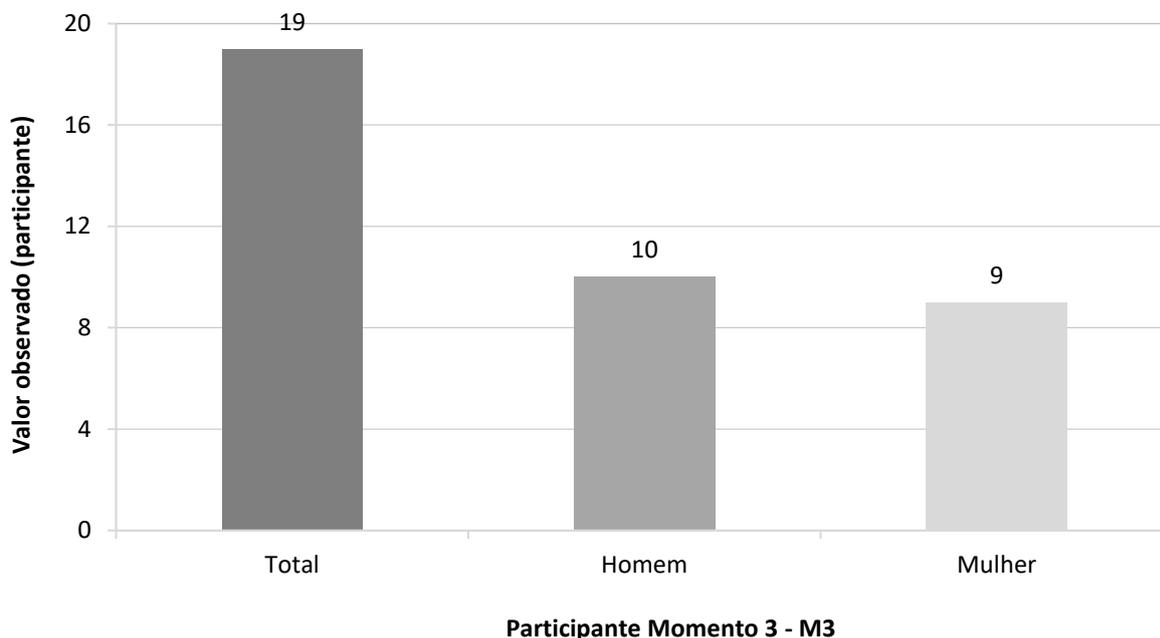
Fonte: acervo do Projeto SanRural.

2.3 Participação da comunidade no M3 da Oficina 2

No dia 29/09/2018 foi realizado o M3 na comunidade, onde foi registrada a presença de 19 participantes, sendo 10 homens, 52,6%, e nove mulheres, 47,4% (Gráfico 2.2). Assim, considerando-se o quantitativo de 2,85 habitantes/domicílio para essa comunidade, a quantidade de pessoas que participou das atividades representou 10,9% da Comunidade Vitória.

Durante o desenvolvimento das atividades no M3, os participantes se envolveram, demonstrando interesse e curiosidade. Logo, destaca-se a técnica de lavagem das mãos executada com a participação dos moradores. A Foto 2.6 retrata a surpresa e a interação dos participantes com o pesquisador, e a técnica se mostrou interessante pelos sorrisos observados durante o decorrer da atividade.

Gráfico 2.2 – Quantitativo de participantes no Momento 3, na Oficina 2, realizada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Foto 2.6 – Atividade relacionada à lavagem das mãos no Momento 3 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Na montagem da maquete (Fotos 2.7a e 2.7b) com a alocação das estruturas de saneamento e os cuidados com as questões de saúde, os participantes se mostraram envolvidos e com conhecimento daquilo que pode afetar o seu bem-estar e o da sua família.

A Foto 2.8 ilustra as apresentações sobre: i) procedimentos de limpeza do filtro de cerâmica, vela porosa e lavagem da caixa d'água; ii) técnicas construtivas de funcionamento da fossa biodigestora e da vermicomposteira; iii) distanciamentos entre fontes de poluições, cursos hídricos, habitações e fontes de abastecimento. Para isso, foram utilizados hipoclorito de

sódio, conta-gotas, colheres, filtro cerâmico e os *banners* para auxiliar na orientação das técnicas que podem ser aplicadas pelos moradores no domicílio.

Foto 2.7 – Atividade interativa com a maquete durante o Momento 3 da Oficina 2, com orientação do pesquisador de campo (a) e (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Foto 2.8 – Apresentação dos procedimentos de limpeza do filtro de cerâmico, vela porosa e lavagem da caixa d'água, técnicas construtivas de funcionamento da fossa biodigestora e da vermicomposteira, distanciamentos entre fontes de poluições, cursos hídricos, habitações e fontes de abastecimento, como forma de boas práticas em saneamento, durante o Momento 3 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

A Foto 2.9 ilustra a apresentação das diferentes técnicas do tratamento da água, considerando-se a quantidade de sólidos (Foto 2.9a) com o teste simples, por meio de uma garrafa cheia e um papel no fundo, marcado com o “X” (Fotos 2.9a e 2.9b). Após a identificação da turbidez da água, o pesquisador demonstrou a diferença dos produtos, no

mercado, que possuem hipoclorito de sódio, explicitando que o produto que deve ser utilizado é o que possui hipoclorito de sódio com concentração de 2,5% para desinfecção da água no domicílio (Foto 2.9c). Posteriormente, os moradores foram convidados a degustar a água tratada (Foto 2.9d).

Foto 2.9 – Apresentação do teste da garrafa (a) e (b), diferença entre a concentração dos produtos que possuem hipoclorito de sódio e qual deve ser utilizado para a desinfecção da água (c) e degustação pelo moradores (d), como forma de boas práticas em saneamento, durante o Momento 3 da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Ao final do M3, os participantes ficaram livres para que, voluntariamente, avaliassem as atividades realizadas. Das avaliações, 100,0% apontaram para “satisfeitos” (Foto 2.10a), sendo que 89,5% dos participantes fizeram a avaliação. A Foto 2.10b registra a participação dos moradores da comunidade no M3, quando se encerrou também essa etapa do projeto nesta comunidade.

Foto 2.10 – Ficha de avaliação do Momento 3 (a) e registro fotográfico dos participantes (b) da Oficina 2, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

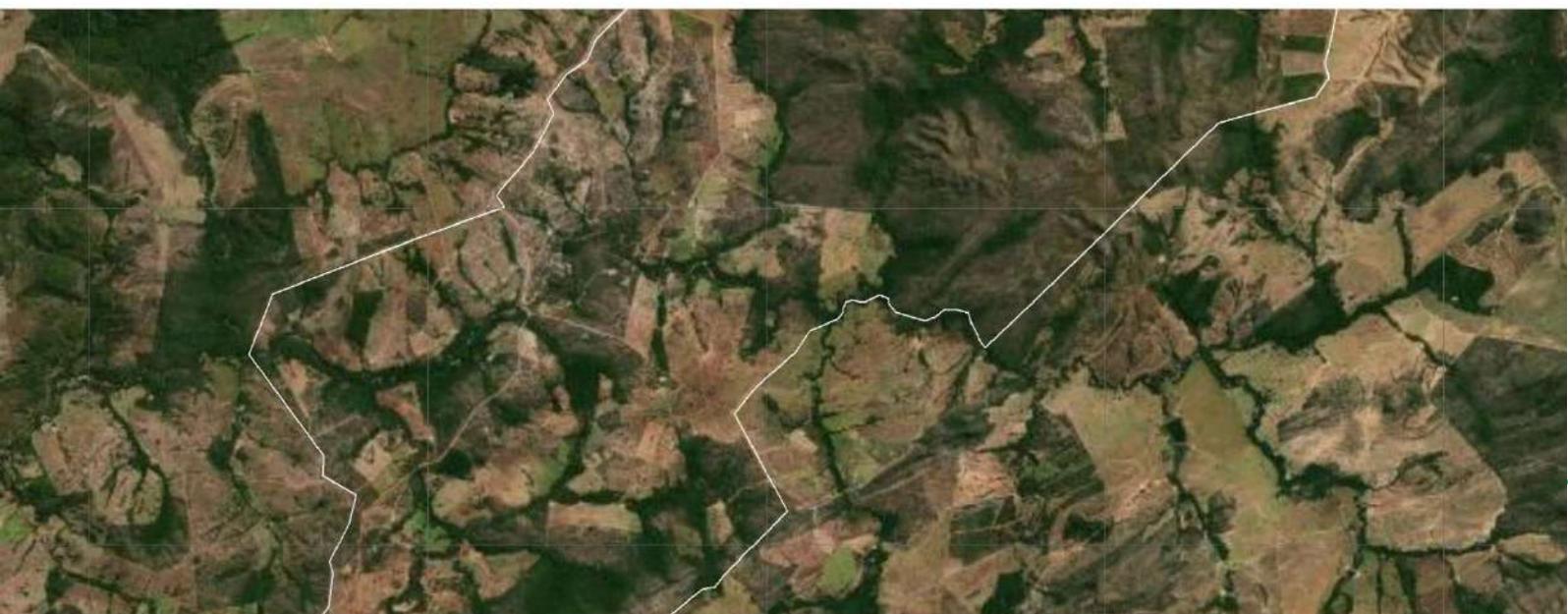
Durante o desenvolvimento das atividades de sensibilização e capacitação da comunidade em relação ao saneamento e à saúde, ficou claro o interesse dos participantes em construir novos conhecimentos e estudar a situação da comunidade. Por meio dos registros fotográficos e dos diários de campo feitos pelos pesquisadores, foi possível compreender tanto as condições de saúde quanto de saneamento da comunidade. Todos os momentos da oficina tiveram participação efetiva dos moradores, o que nos leva a pensar que, ao se submeterem à metodologia e às estratégias propostas pelo projeto SanRural, puderam identificar os problemas existentes e planejar e buscar alternativas de implantação de soluções para a comunidade e para os seus domicílios.

REFERÊNCIAS

SCALIZE, P. S. *et al.* Aspectos metodológicos. *In*: SCALIZE, P. S. *et al.* **Diagnóstico técnico participativo da Comunidade Vitória: Goianésia-Goiás: 2018**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 22-41.

3

ASPECTOS GEOGRÁFICOS E AMBIENTAIS



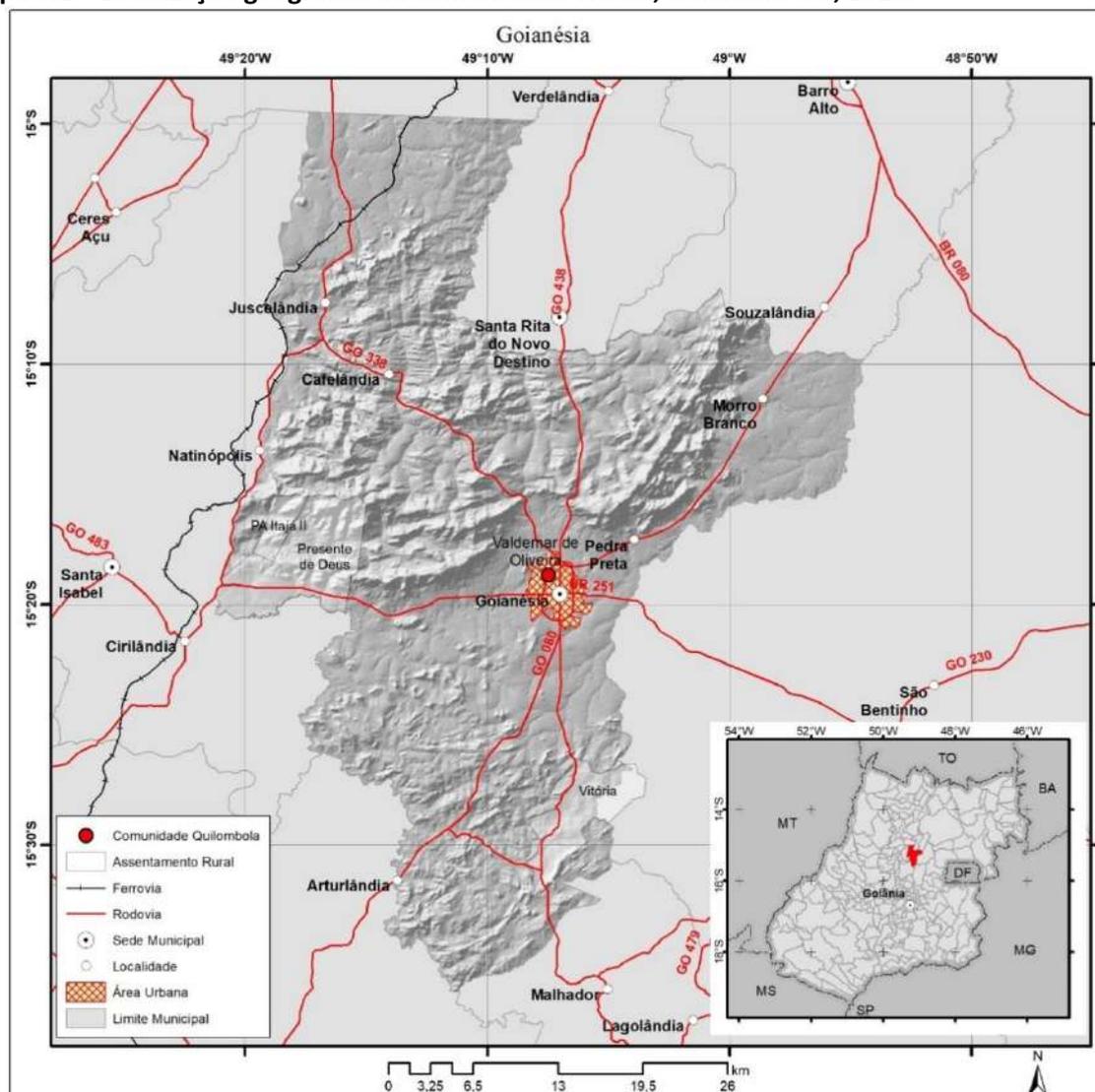
Autor:

Nilson Clementino Ferreira

3.1 Localização em relação ao município

O assentamento rural da Comunidade Vitória está localizado a 15 km e ao sul da área urbana do município de Goianésia (Mapa 3.1).

Mapa 3.1 – Localização geográfica da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.

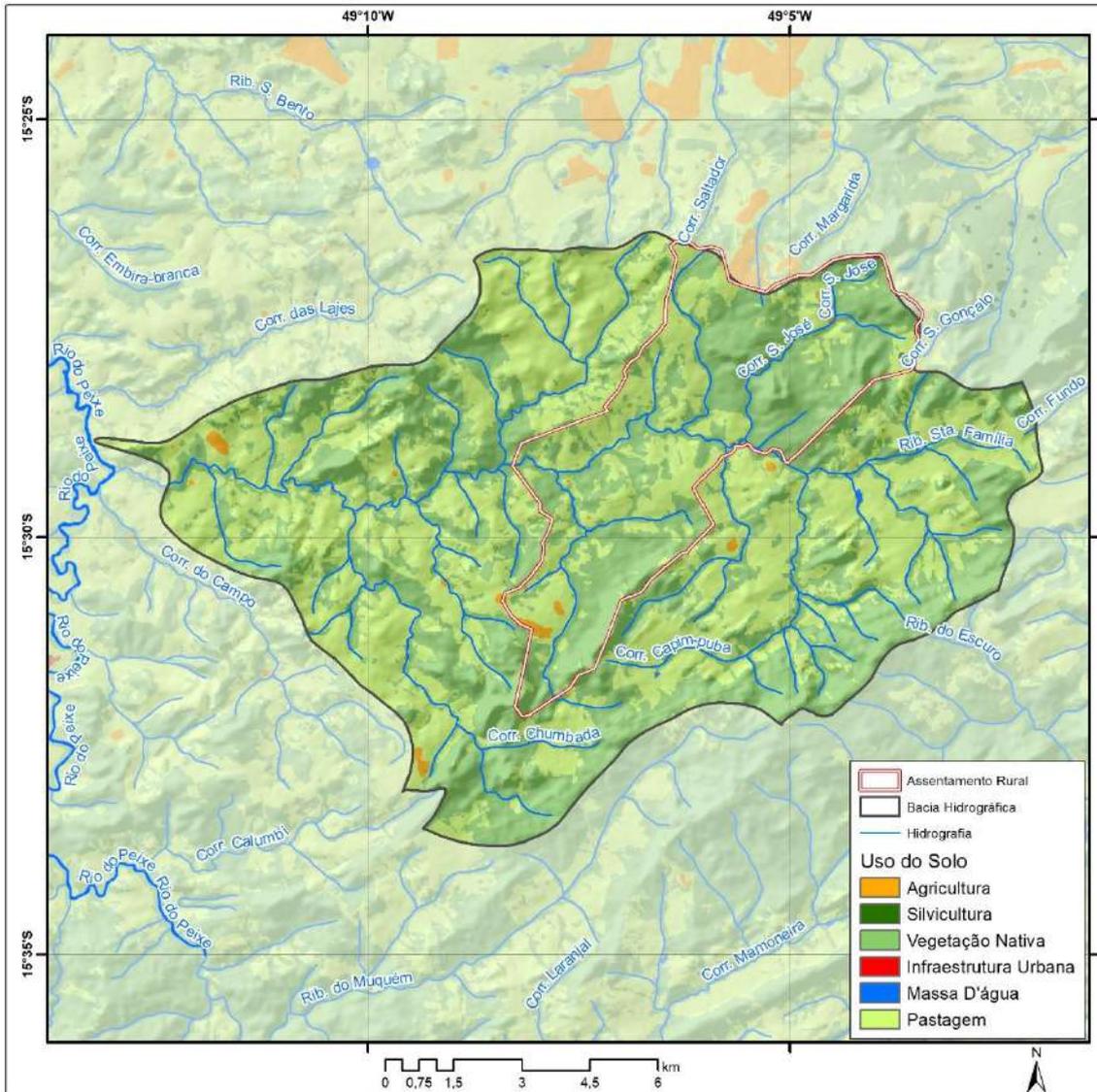


Fonte: elaborado pelo autor.

3.2 Limite da comunidade

O assentamento da Comunidade Vitória possui área de 36,73 km² e está localizado na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família, conforme se pode observar no Mapa 3.2.

Mapa 3.3 – Cobertura e uso do solo na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.

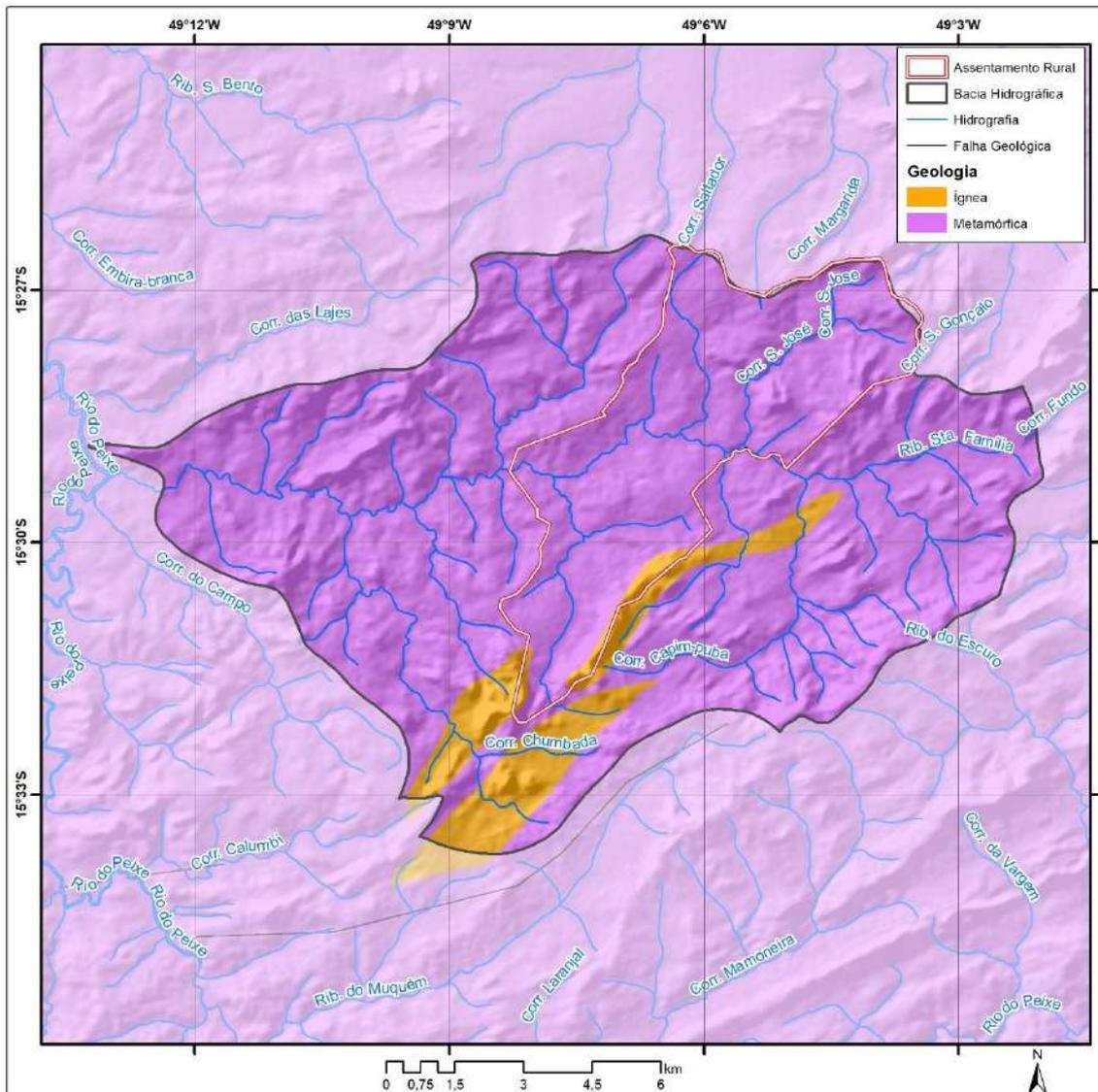


Fonte: elaborado pelo autor.

3.4 Condições ambientais

A bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e o assentamento da Comunidade Vitória estão localizados em litologia predominantemente metamórfica, com ocorrências de litologias ígneas (Mapa 3.4).

Mapa 3.4 – Litologia da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.

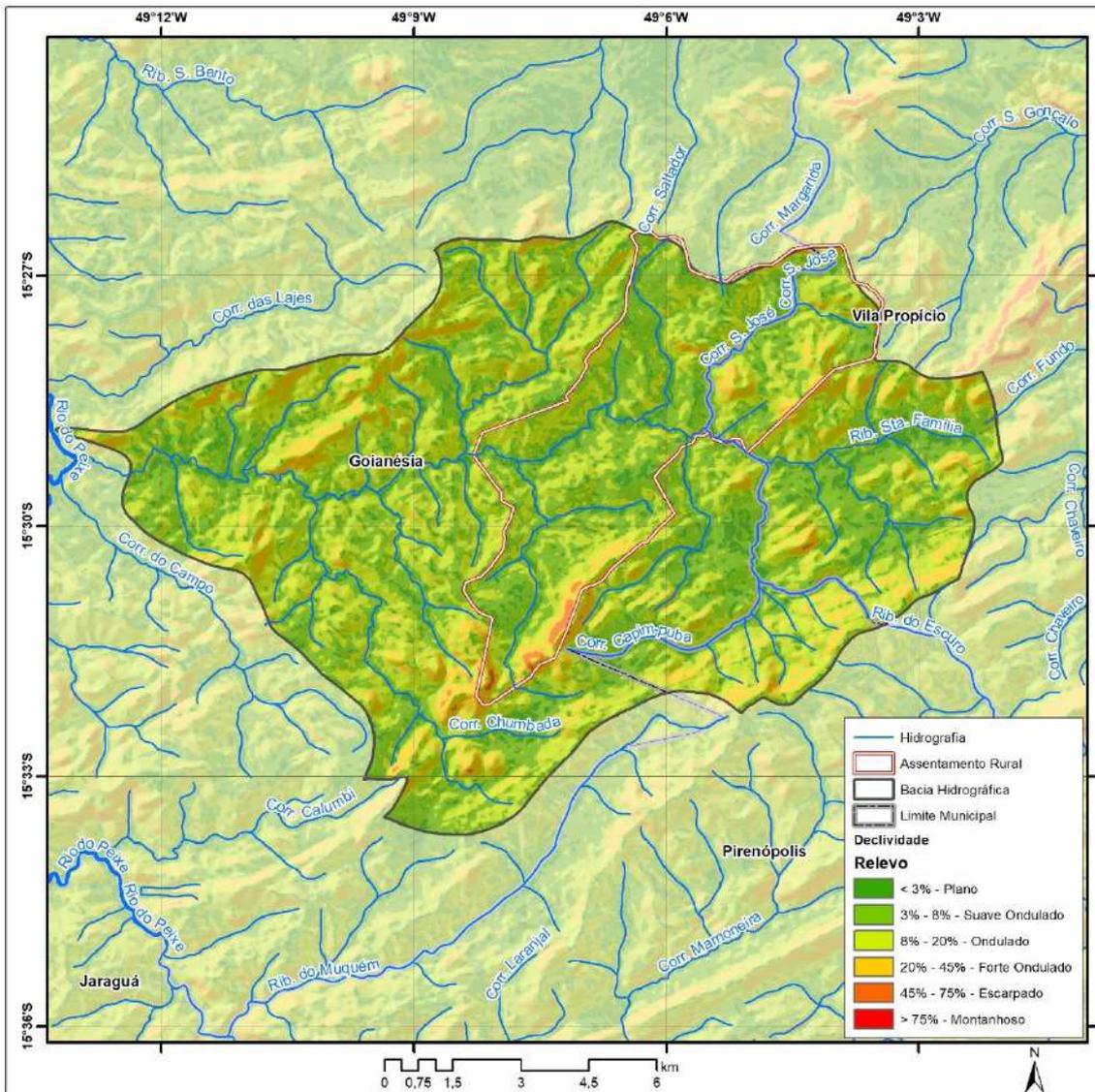


Fonte: elaborado pelo autor.

A variação altimétrica na bacia hidrográfica, onde está localizada a Comunidade Vitória, é de 341 metros. A menor altitude da bacia hidrográfica é de 590 metros, enquanto a maior altitude é de 931 metros. A altimetria no assentamento da Comunidade Vitória apresenta variação altimétrica de 253 metros, sendo que o local de menor altitude está a 622 metros acima do nível do mar. O ponto mais alto da comunidade está a 875 metros de altitude.

A geomorfologia na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família é predominantemente de pediplano retocado desnudado, sendo que, nos locais de relevos declivosos, a geomorfologia é de dissecação estrutural, como se pode ver no Mapa 3.5.

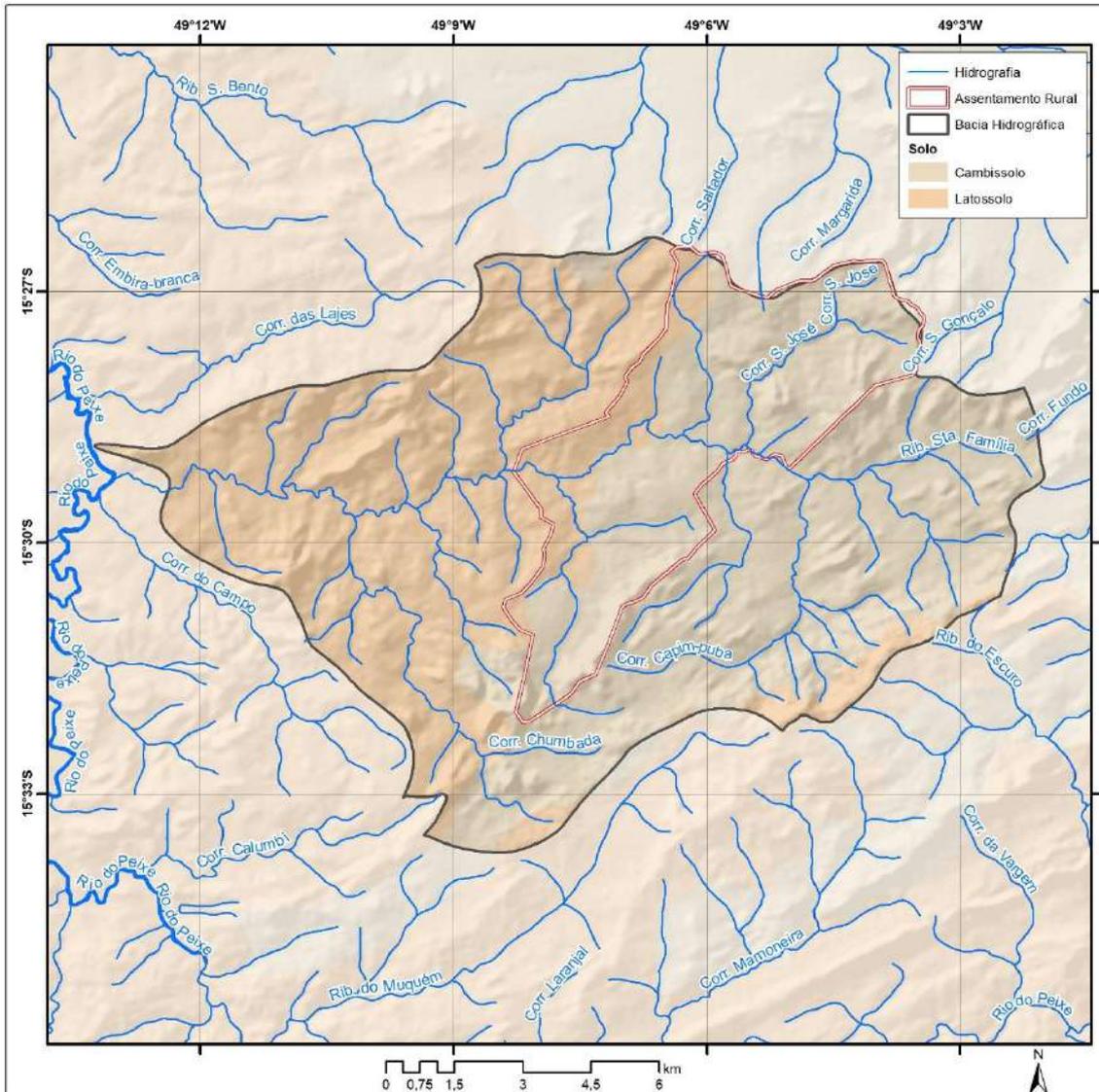
Mapa 3.6 – Declividade da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.



Fonte: elaborado pelo autor.

Os latossolos e cambissolos são predominantes na bacia hidrográfica e na área do assentamento rural (Mapa 3.7).

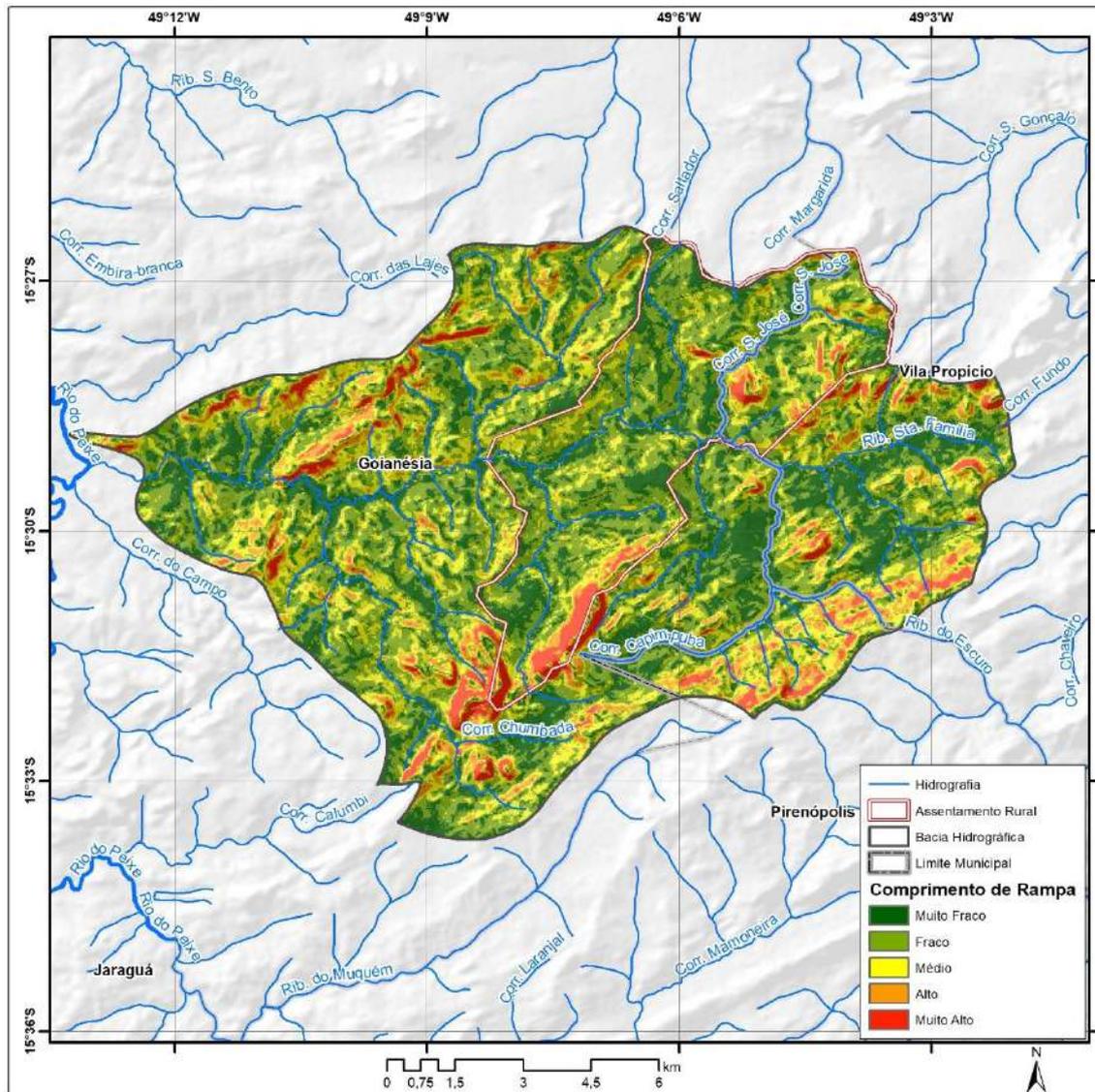
Mapa 3.7 – Tipo de solo da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.



Fonte: elaborado pelo autor.

Na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família, foi avaliado também o comprimento de rampa do terreno, que é a integração espacial entre a declividade e seu comprimento. O comprimento de rampa é um importante indicador de potencial de ocorrência de processos erosivos. No Mapa 3.8 é possível observar que, na bacia hidrográfica e também no assentamento da Comunidade Vitória, há locais de pequenos comprimentos de rampa, mas com ocorrências de locais com comprimentos de rampa variando de médio a muito alto.

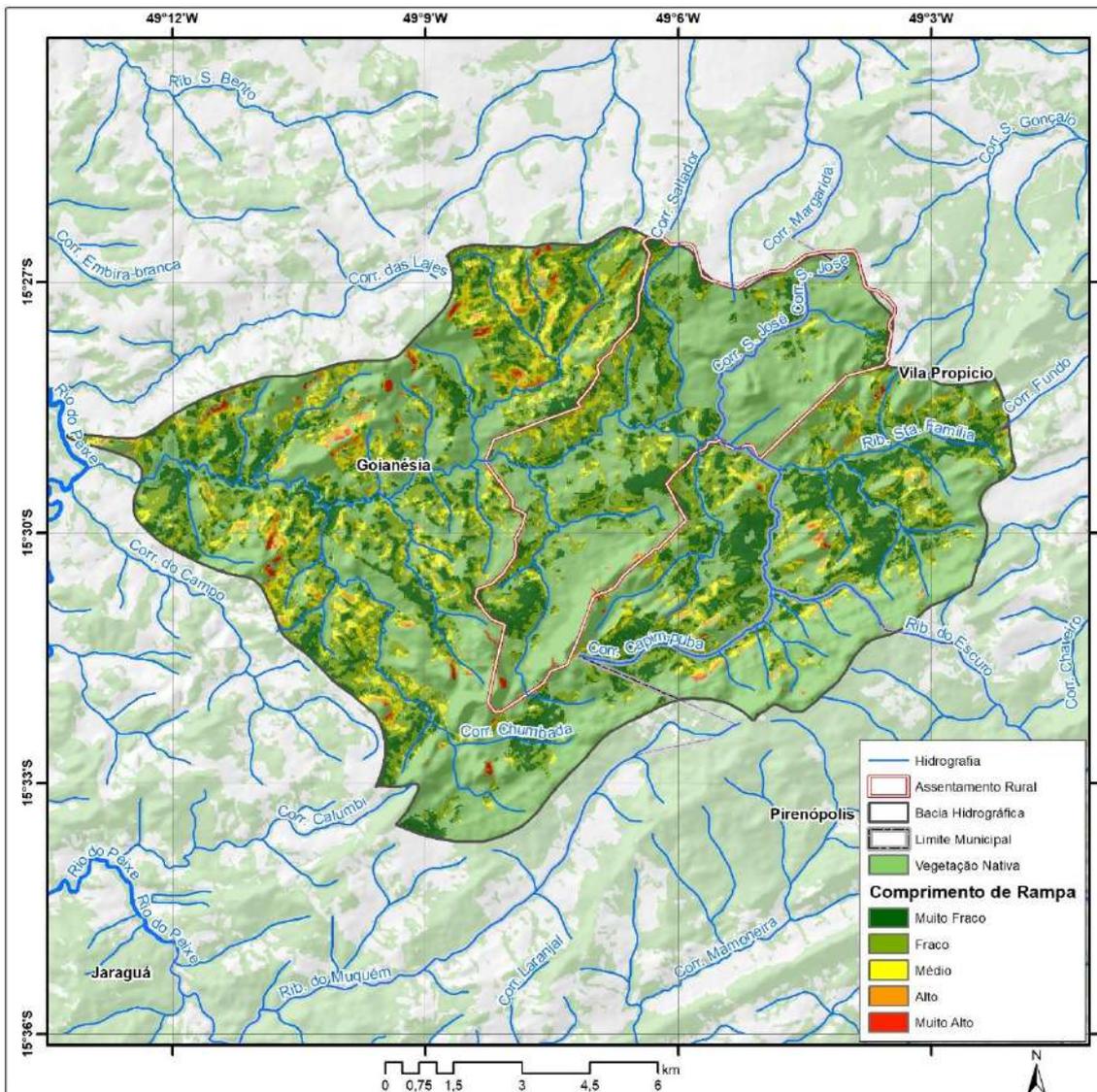
Mapa 3.8 – Comprimento de rampas de declividade do relevo na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.



Fonte: elaborado pelo autor.

Para os locais com elevados comprimentos de rampa, indica-se cobertura vegetal nativa, de tal forma que os terrenos estejam protegidos contra ações da precipitação, minimizando as erosões dos solos. Sendo assim, no Mapa 3.9 é possível observar, em comparação com o Mapa 3.8, que muitas áreas de comprimentos de rampas mais elevados estão cobertas por vegetação nativa.

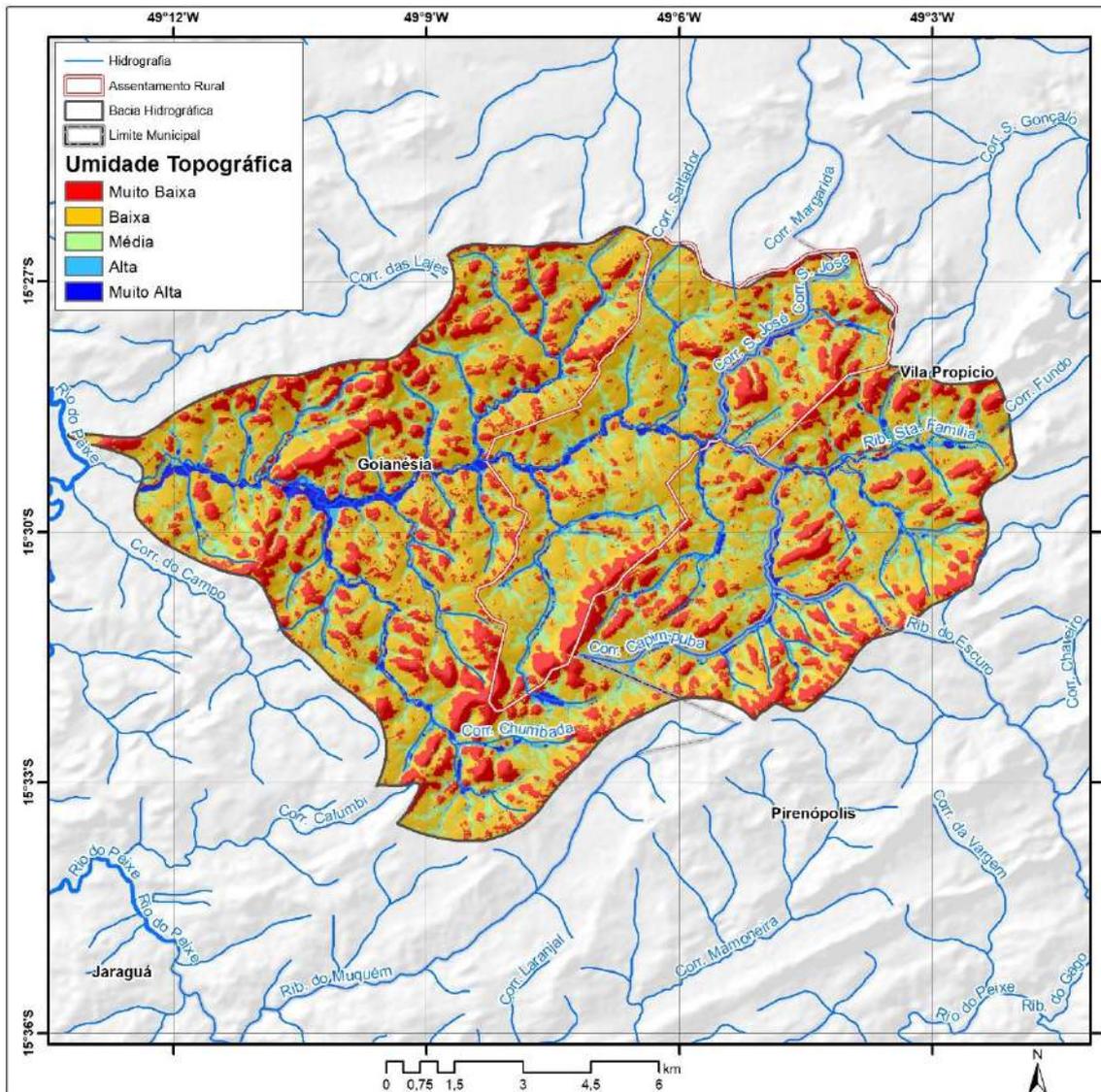
Mapa 3.9 – Cobertura de vegetação nativa no relevo da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.



Fonte: elaborado pelo autor.

Outra avaliação importante do relevo da bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família foi o mapeamento do índice de umidade topográfica (Mapa 3.10), que consiste na integração espacial entre a declividade e a acumulação de fluxo do terreno. O mapeamento do índice de umidade topográfica possibilita identificar os locais com maior potencial de acumular a água ou a umidade. Esses locais são importantes para a recarga hídrica dos aquíferos e também são mais susceptíveis a alagamentos e inundações.

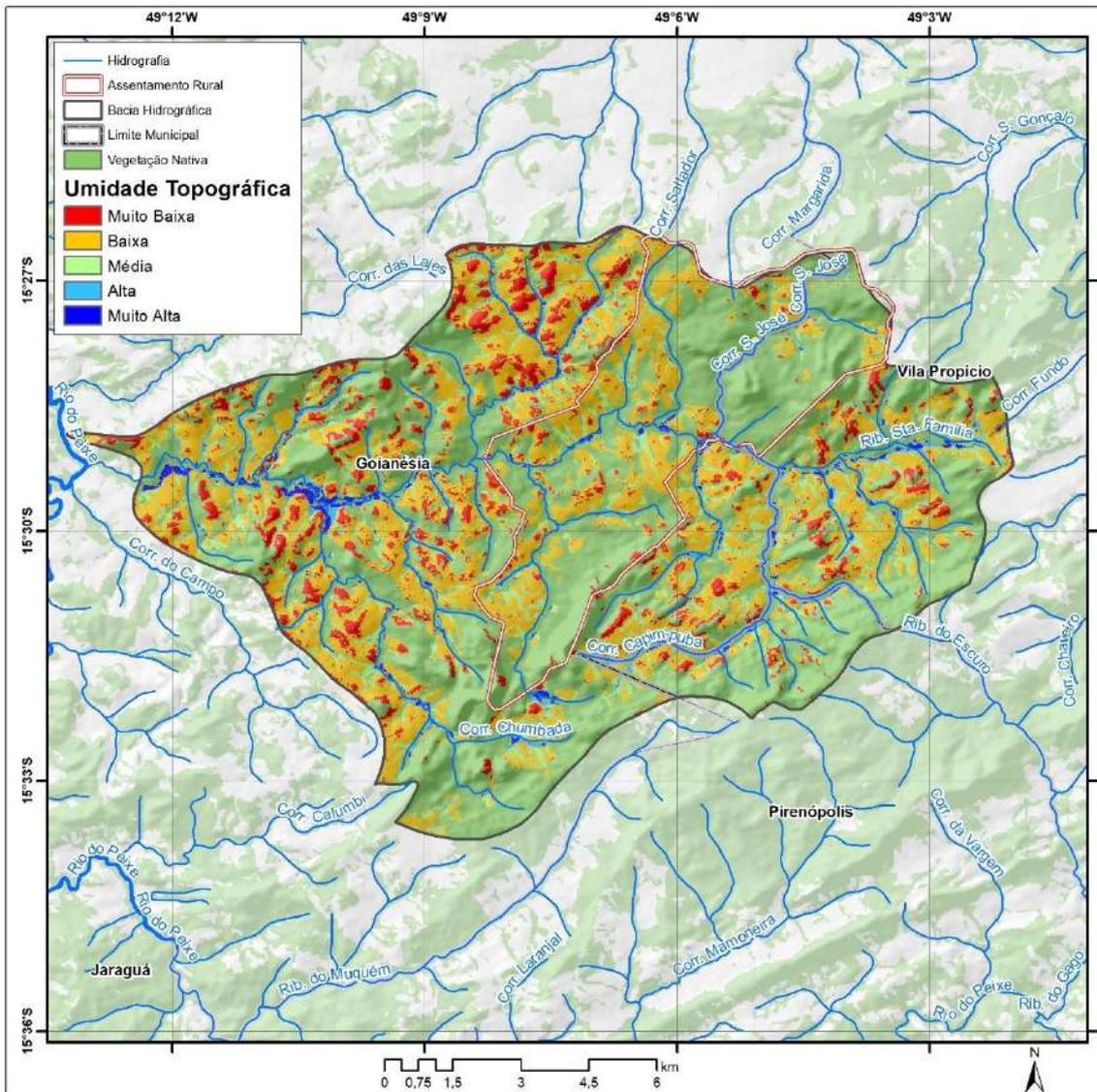
Mapa 3.10 – Índice de umidade topográfica na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.



Fonte: elaborado pelo autor.

Os locais com índices alto e muito alto estão localizados nas proximidades da rede de drenagem das bacias hidrográficas e também nas áreas planas. No assentamento da Comunidade Vitória não há áreas significativas de concentração de umidade devido ao relevo. No Mapa 3.11, por meio da comparação visual com o Mapa 3.10, é possível observar que a maioria das áreas de índice de umidade topográfica alto e próximas à rede de drenagem está protegida com cobertura vegetal nativa, tanto na bacia hidrográfica quanto no assentamento da Comunidade Vitória.

Mapa 3.11 – Índice de umidade topográfica e cobertura de vegetação nativa remanescente na bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família e do assentamento da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.



Fonte: elaborado pelo autor.

REFERÊNCIAS

SCALIZE, P. S. *et al.* Aspectos metodológicos. *In: SCALIZE, P. S. et al. Diagnóstico técnico participativo da Comunidade Vitória: Goianésia-Goiás: 2018.* Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 22-41.

4

ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS, SOCIOECONÔMICOS E HABITACIONAIS



Autores (as):

Kleber do Espírito Santo Filho
Karla Emmanuela Ribeiro Hora
Leniany Patrícia Moreira
Vanessa Araújo Jorge



Saneamento e Saúde
Ambiental Rural

4.1 História

O Projeto de Assentamento (PA) Vitória foi criado em 23 de março de 2005 e o número de famílias assentadas é de 61 (INCRA, 2005). Segundo o plano de desenvolvimento do assentamento (PDA), o assentamento Vitória se originou com a desapropriação dos imóveis rurais “Chumbado”, “Serra Negra” e “Mendanha”, com o objetivo de beneficiar diversas famílias que estavam acampadas às margens da GO-338. Esse processo aconteceu com a participação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Goianésia, em parceria com a coordenação do próprio acampamento. Esses atores foram responsáveis, em conjunto, pela solicitação da vistoria ao INCRA, além do cadastramento da maioria das famílias, advindas de Goianésia e do distrito de Miador (Pirenópolis). Com a imissão da posse, as famílias acampadas puderam finalmente ocupar e trabalhar nas parcelas então previstas para o projeto (INCRA, 2005).

Em entrevista concedida ao projeto SanRural (SANRURAL, 2018), a Mobilizadora Comunitária (MC) contou que a comunidade foi registrada formalmente no ano de 2005. Porém, o início da história do assentamento foi com o surgimento de um acampamento no ano de 2003.

A história do surgimento está ligada à mobilização realizada com os trabalhadores por intermédio do sindicato dos trabalhadores rurais. A entrevistada lembra que as famílias moravam em barracas de lona, e que tudo era muito precário no acampamento. Esse processo durou um ano e seis meses, sendo que, após esse período, as famílias foram para dentro da fazenda, no local onde hoje se encontra o assentamento (SANRURAL, 2018).

A MC disse ainda que, nos dias atuais, a comunidade é composta por pessoas de baixa renda, e que a principal fonte de sobrevivência vem da produção agropecuária comercializada na feira do produtor. A grande maioria das famílias faz três feiras durante a semana, comercializando principalmente frango e derivados do leite (SANRURAL, 2018).

A comunidade é composta por 61 parcelas, contudo, existem parcelas que têm até quatro famílias, aumentando, assim, o número de residentes na comunidade que hoje é de aproximadamente 180 pessoas. A liderança relata que hoje o que mais marca a comunidade são as festas religiosas das igrejas evangélica e católica (SANRURAL, 2018).

Já sobre a participação da comunidade no município acontece no que diz respeito às relações de trabalho. A maioria dos assentados é sindicalizada e existe no assentamento uma

associação criada desde a época de acampamento. Esta foi criada com o objetivo de buscar benefícios para os acampados, e hoje em dia é uma associação bem atuante que tem buscado benefícios para a comunidade (SANRURAL, 2018).

A respeito das infraestruturas públicas, existe apenas uma sala na sede do assentamento que foi cedida para a equipe médica realizar atendimentos básicos e orientações. As estradas locais, por serem de zona rural, estão em situação regular (SANRURAL, 2018).

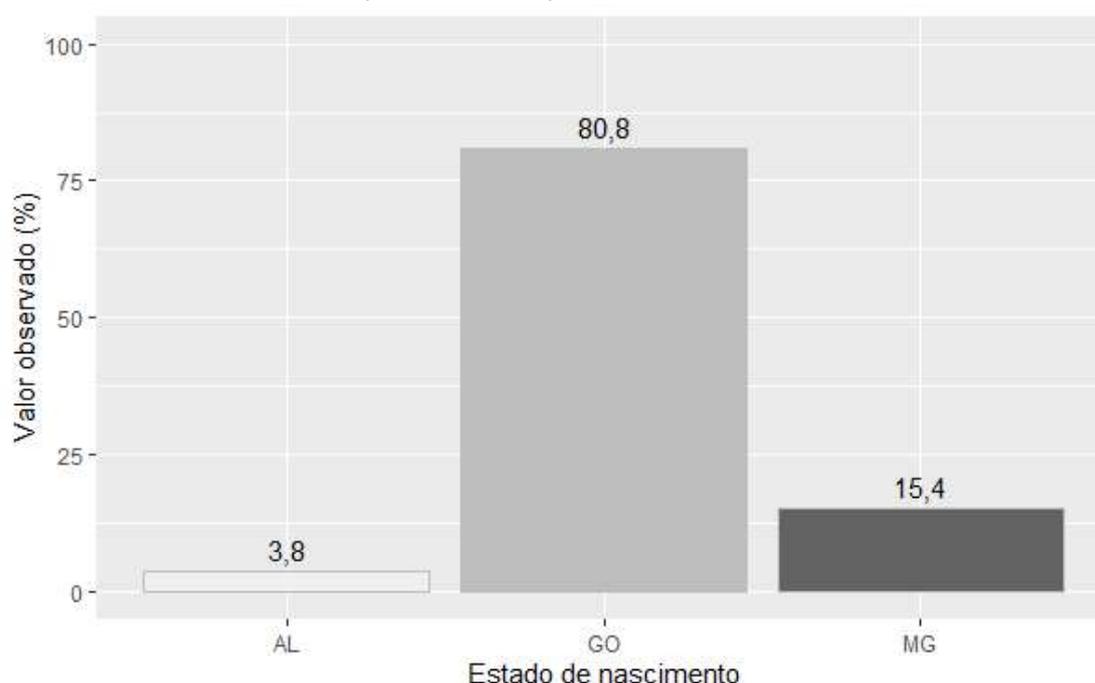
Quando foi perguntou à liderança sobre as principais demandas da comunidade, ela apontou a garantia da presença de profissionais da área de assistência social, com o objetivo de acompanhar mais de perto as pessoas mais humildes. Isso porque muitas vezes a qualidade de vida dos moradores da comunidade piora bastante por não terem um acompanhamento próximo. Segundo esses profissionais, a falta de letramento de parte dos moradores da comunidade pode dificultar e até impossibilitar a compreensão dos medicamentos que a eles são prescritos. Outra demanda mencionada foi a presença de um agente de saúde na comunidade.

Ao final da entrevista, a MC agradeceu a equipe do Projeto SanRural e disse acreditar que o projeto será de grande benefício para a comunidade, pois é um projeto que dialoga com a realidade do assentamento.

4.2 Demografia

No tocante aos aspectos gentílicos, todos os moradores da comunidade são brasileiros, e a maioria nasceu no estado de Goiás (80,8%). Também foram observados moradores nativos de outras unidades federativas, como, por exemplo, das Minas Gerais, local de nascimento de 15,4% da população local, e das Alagoas, local de nascimento de 3,8% (Gráfico 4.1).

Gráfico 4.1 – Porcentagem de moradores, em função do local de nascimento (Unidade Federativa), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

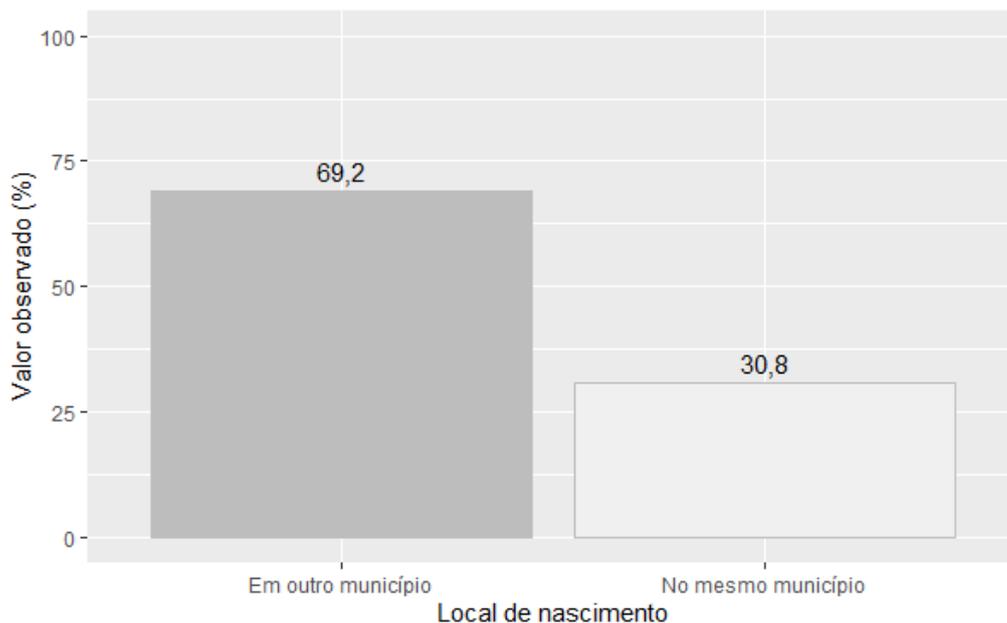


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Em termos regionais, a maioria dos residentes da comunidade nasceu em outro município em que se situa a comunidade, condição que agrupa em torno de 69,2% de seus moradores. A porcentagem de moradores que declarou ter nascido no mesmo município foi de 30,8% dos residentes (Gráfico 4.2). Dentre os municípios citados como local de nascimento, foi verificado de modo mais frequente o município de Pirenópolis, com 19,2%. Os municípios mencionados com menor frequência foram Anápolis, Barro Alto e Capela, com 3,8% cada. Independentemente do local de nascimento, também foi possível verificar o padrão de composição regional da comunidade e, para isso, avaliou-se, em termos de município, estado e zona (rural ou urbana), a proveniência de seus moradores. Esse padrão pode ser compreendido, em última análise, como reflexo de um processo migratório tanto local quanto

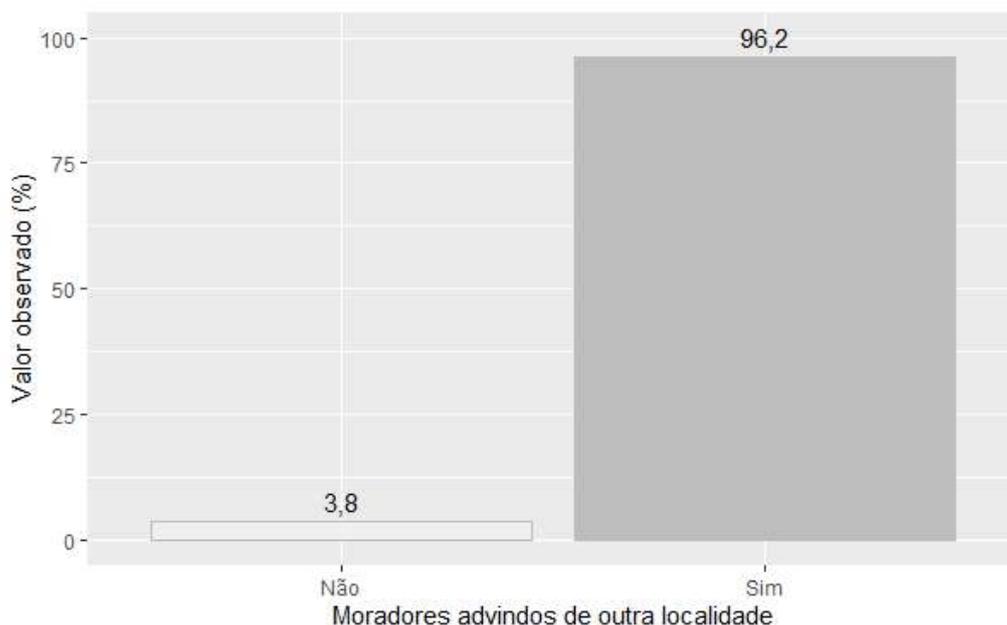
regional. Neste sentido, 96,2% dos moradores da Comunidade Vitória relataram ser advindos de outra localidade, ao passo que 3,8% declararam sempre ter residido na comunidade (Gráfico 4.3). De acordo com as declarações, o morador mais antigo reside ali há mais de 43 anos, em oposição ao mais recente, que declarou residir no local há um ano.

Gráfico 4.2 – Porcentagem de moradores, em função do local de nascimento (município), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

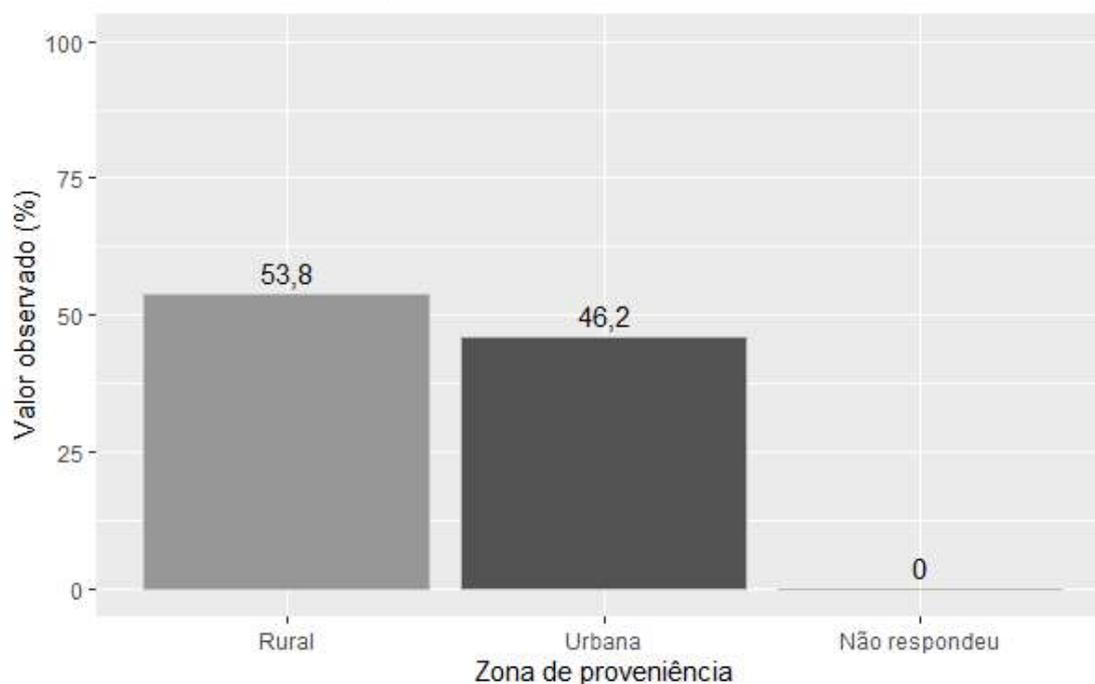
Gráfico 4.3 – Porcentagem de moradores, em função do local de origem, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Dentre os moradores que declararam ser oriundos de outra localidade, 53,8% são provenientes da zona rural, enquanto 46,2% declararam ter morado na zona urbana antes de fazerem parte da comunidade (Gráfico 4.4).

Gráfico 4.4 – Porcentagem de moradores, em função da zona de proveniência (imediatamente antes de se mudarem para a comunidade), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

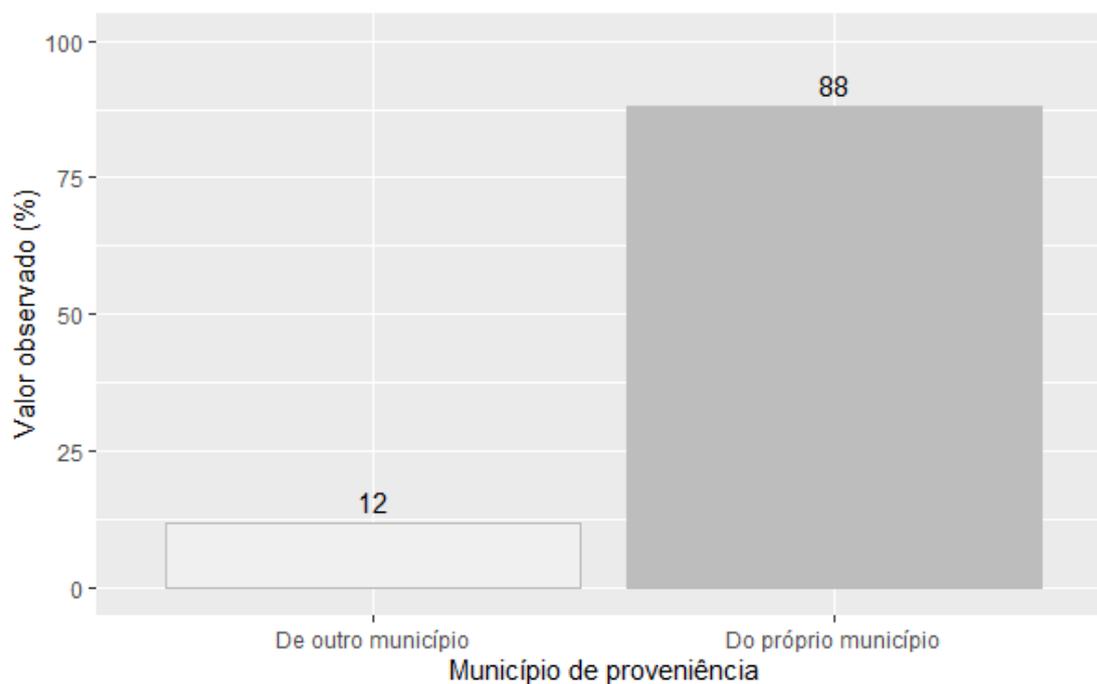


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Ainda sobre os moradores que declararam ser oriundos de outras localidades, notou-se que a totalidade é proveniente do estado de Goiás (100%).

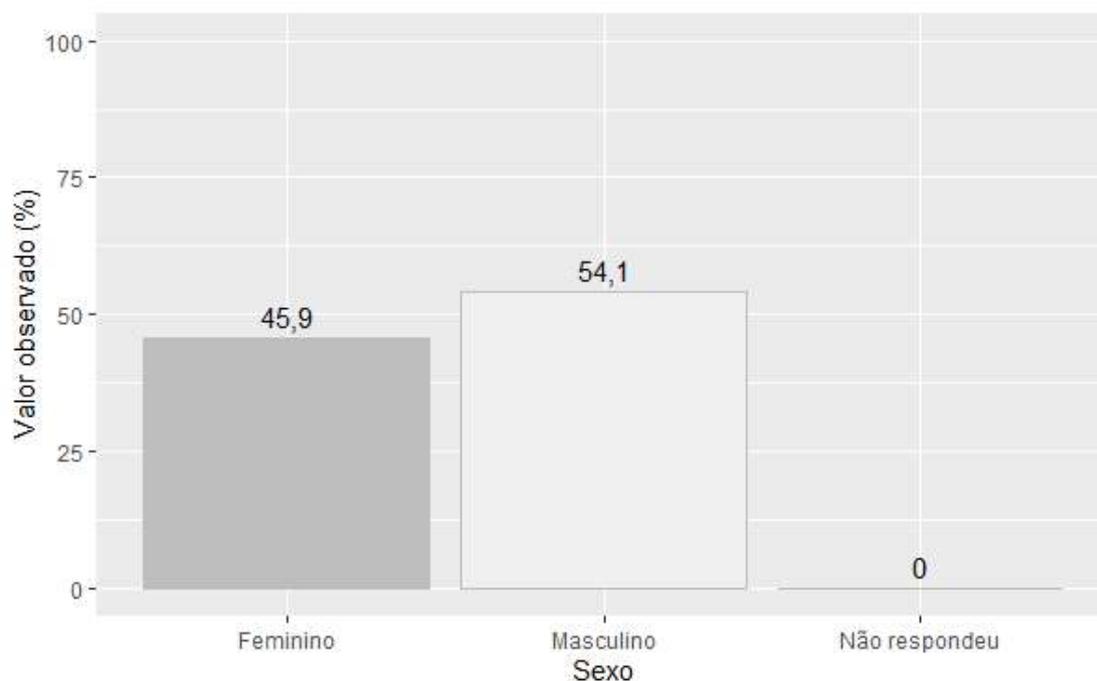
Em termos de município de origem, a maior parte dos moradores que declarou ser oriunda de outra localidade relatou ter vindo de outras localidades do próprio município, categoria que agrupou 88,0% dos moradores da comunidade. Uma parcela menor dos atuais moradores, 12,0%, declarou ser oriunda de outras localidades de outro município (Gráfico 4.5). Dentre os municípios de proveniência, à exceção de Goianésia, foram identificados com maior frequência os municípios de Goiânia, com 66,7%, e Anápolis, com 33,3%. No que se refere aos diferentes sexos, observou-se na comunidade uma proporção diferente entre homens e mulheres, e a maioria da comunidade composta por indivíduos do sexo masculino totalizou 54,1%, em complemento aos 45,9% de indivíduos do sexo feminino (Gráfico 4.6). O cálculo da razão de sexo, utilizado para sintetizar a relação entre indivíduos de diferentes sexos em uma mesma localidade, resultou em um valor de aproximadamente 117,6.

Gráfico 4.5 – Porcentagem de moradores, em função do município de origem (imediatamente antes de se mudarem para a comunidade), registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Gráfico 4.6 – Porcentagem dos diferentes sexos, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

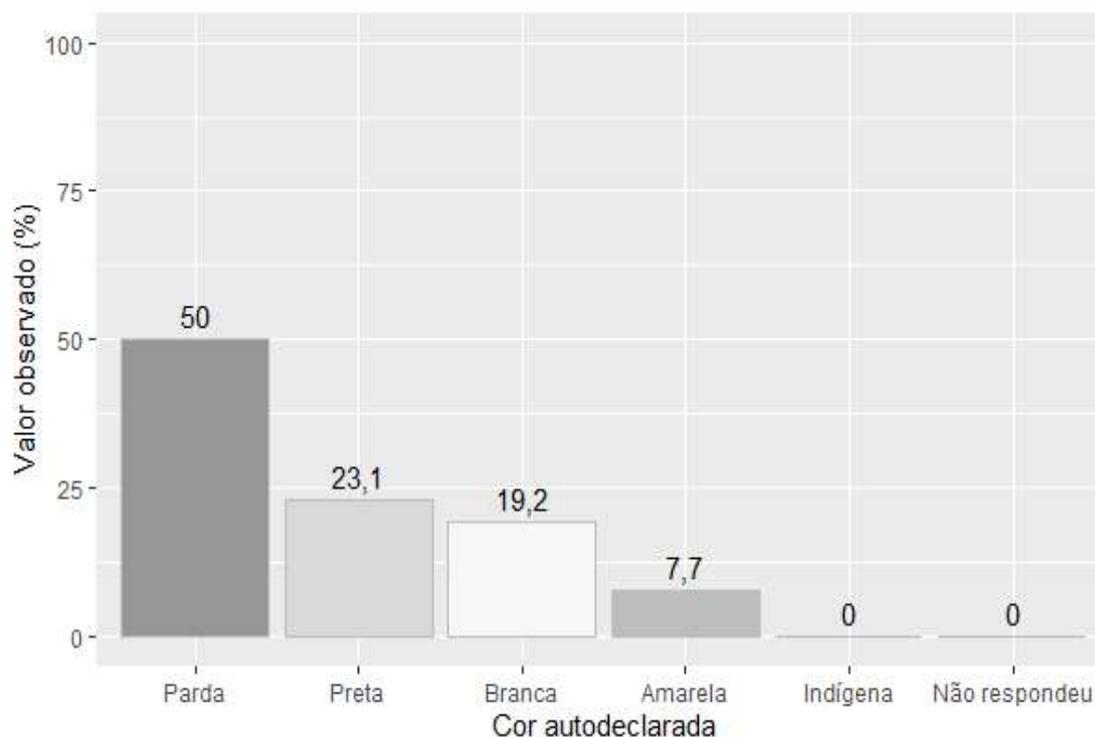


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Com relação às diferentes etnias, aqui compreendidas com um aspecto correlato à cor da pele autodeclarada pelos moradores da comunidade, a maior proporção identificada foi de

indivíduos da cor parda, responsáveis por uma representação de aproximadamente 50,0%. A segunda maior proporção foi de indivíduos da cor preta, responsáveis por 23,1% da comunidade, e a menor proporção de indivíduos que se autodeclararam amarelos (7,7%). Não foram identificados na comunidade representantes da cor indígena (Gráfico 4.7).

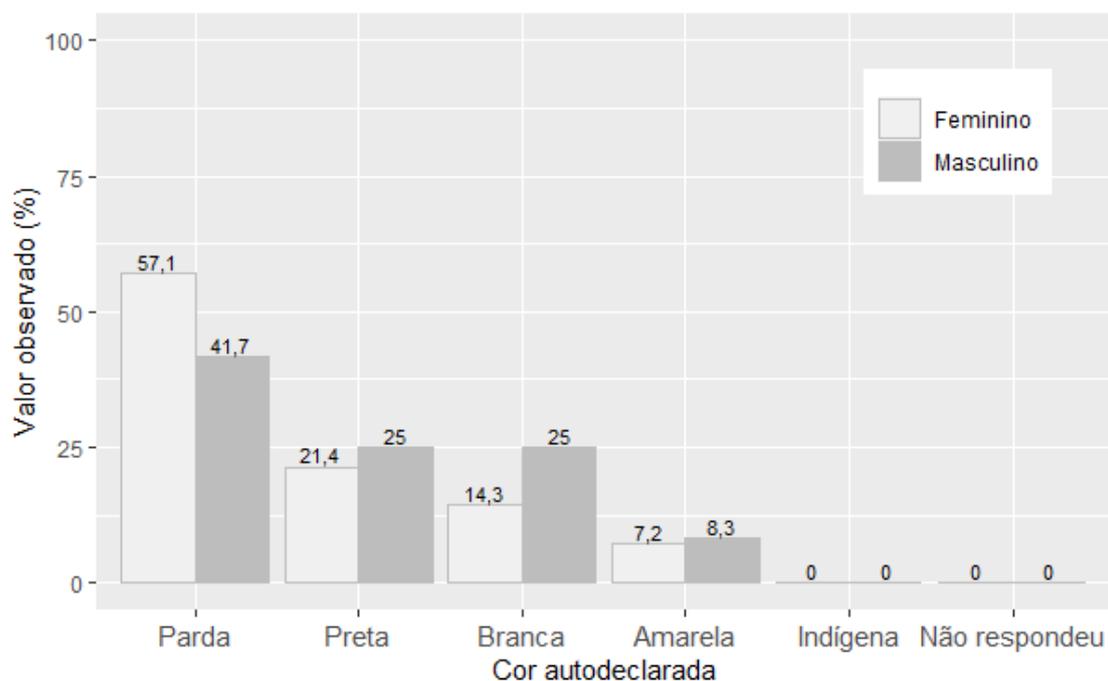
Gráfico 4.7 – Porcentagem de moradores de diferentes cores, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

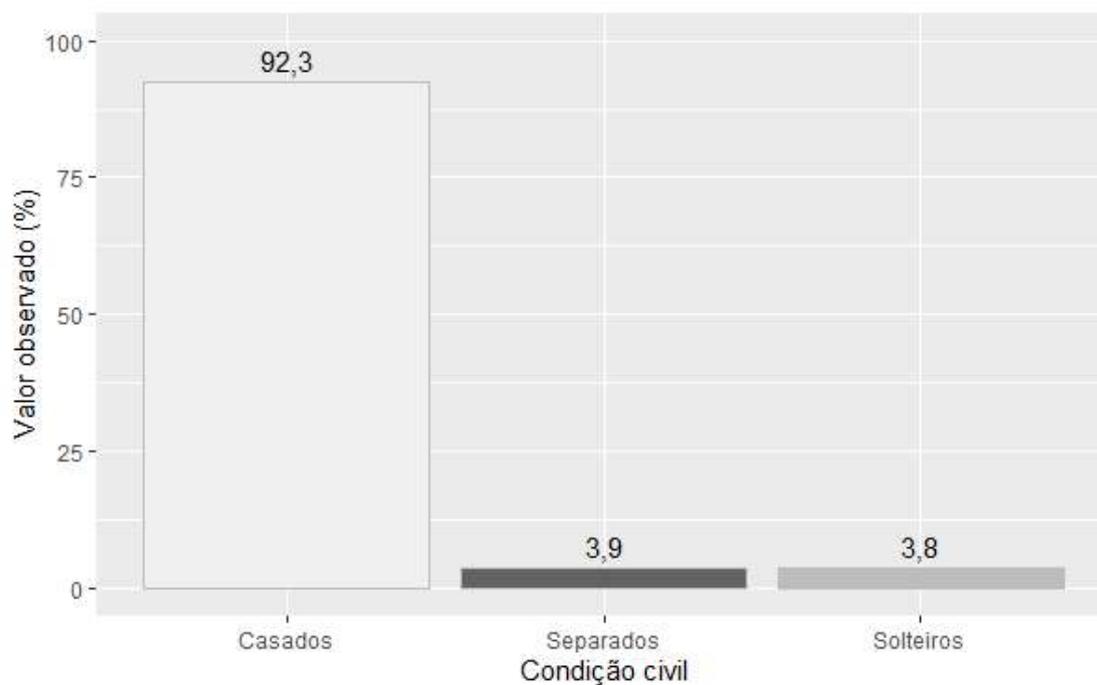
Quando os mesmos dados de cor autodeclarada são avaliados em função do sexo dos moradores da comunidade, nota-se, no caso dos homens, uma maior porcentagem de indivíduos que se autodeclararam pardos (41,7%), em oposição aos homens que se autodeclararam amarelos, que representaram, em conjunto, 8,3%. De modo semelhante, a maioria das mulheres da Comunidade Vitória se declarou da cor parda, representando 57,1% da comunidade. A menor representatividade de cor autodeclarada relativa às mulheres ficou a cargo dos indivíduos que se autodeclararam amarelos, com um percentual de aproximadamente 7,2% das moradoras ali residentes (Gráfico 4.8). Sobre a condição civil, 92,3% da comunidade declarou ser casada. A segunda categoria mencionada de modo mais recorrente foram os separados que, em termos de proporção, é representada por 3,9% (Gráfico 4.9).

Gráfico 4.8 – Porcentagem de moradores de diferentes cores autodeclaradas, em função dos sexos, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

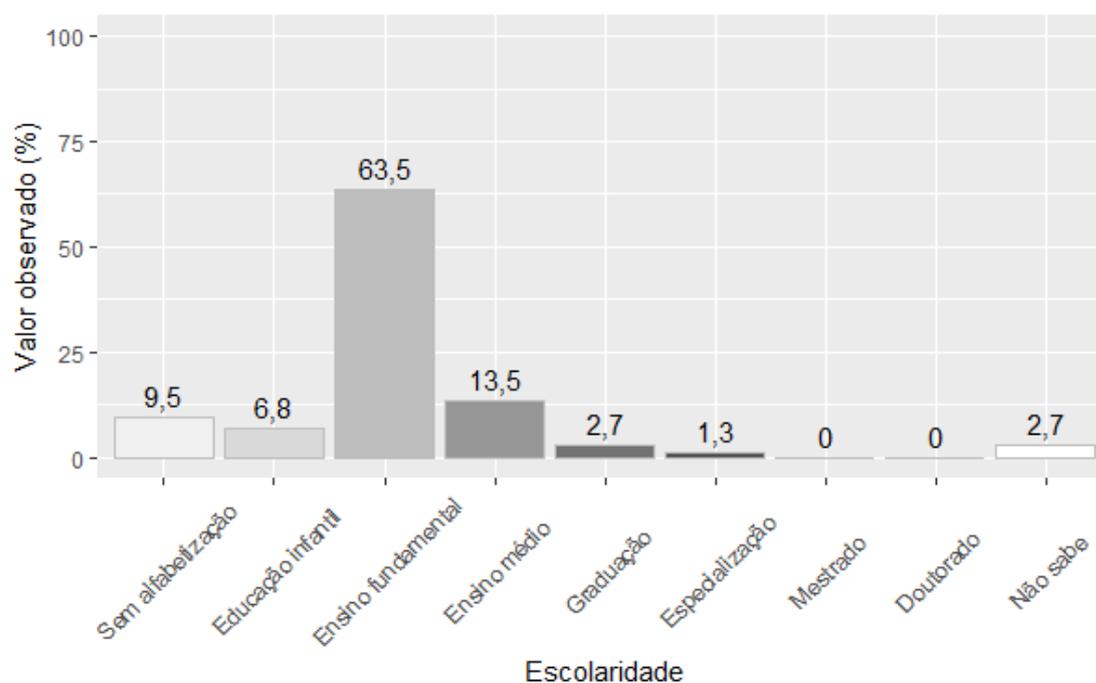
Gráfico 4.9 – Porcentagem das diferentes condições civis, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

A avaliação da escolaridade da Comunidade Vitória revelou que 9,5% dos moradores maiores de 15 anos da comunidade não frequentaram espaços formais de ensino. Notou-se também que, à exceção dessa categoria, a maior porcentagem do nível de escolaridade foi relatada como o “ensino fundamental,” com 63,5% dos moradores. Ainda levando-se em consideração apenas os moradores que frequentaram espaços formais de ensino, em segundo lugar figurou a categoria “ensino médio”, com uma porcentagem de 13,5%. A categoria de escolaridade com menor representatividade observada na Comunidade Vitória foi a “especialização”, com 1,3% (Gráfico 4.10).

Gráfico 4.10 – Porcentagem das diferentes categorias de escolaridade registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

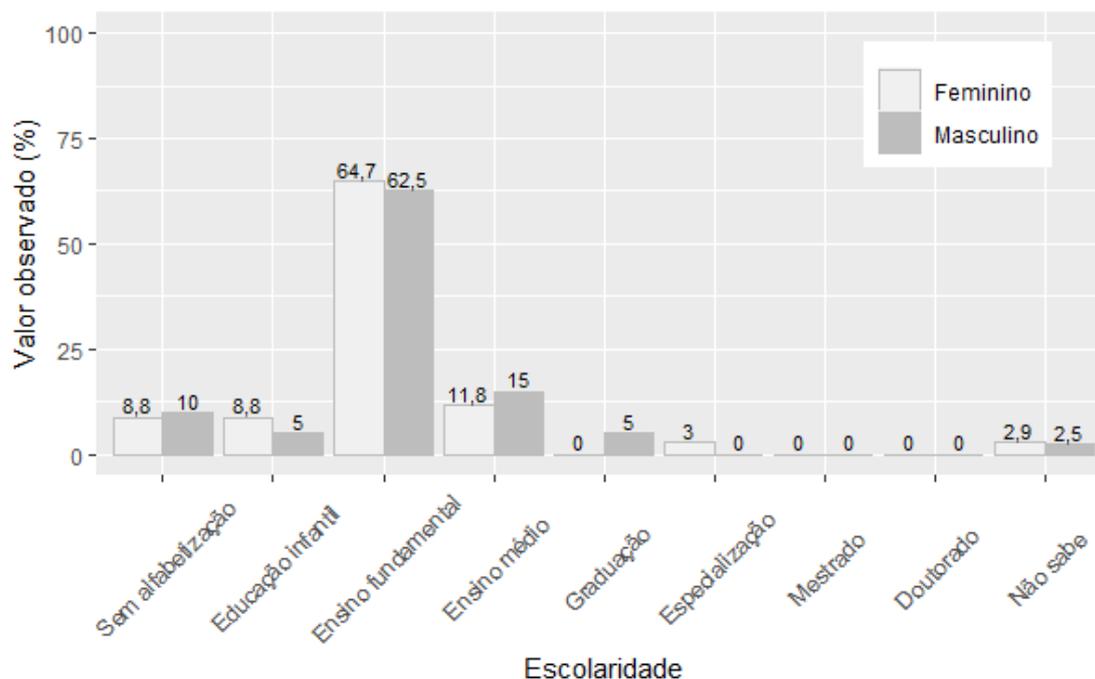


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Avaliando-se a escolaridade em função dos diferentes sexos, pôde-se notar que, na Comunidade Vitória, 8,8% dos indivíduos do sexo feminino não frequentaram de nenhum modo o ensino formal. A porcentagem de indivíduos do sexo masculino que se declararam semialfabetizados ou sem alfabetização foi ainda maior, atingindo a marca de 10,0%. Quanto aos homens da comunidade, percebeu-se que 62,5% destes estudaram até o ensino fundamental. Por outro lado, 5,0% dos homens da comunidade declararam ter concluído a educação infantil. De modo semelhante, a escolaridade das mulheres da comunidade se concentrou, em maior parte, naquelas que declararam ter estudado até o ensino

fundamental, para a qual foi observada uma porcentagem de 64,7%, seguido pelo ensino médio (11,8%) e pela educação infantil (8,8%) (Gráfico 4.11).

Gráfico 4.11 – Porcentagem das diferentes categorias de escolaridade, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

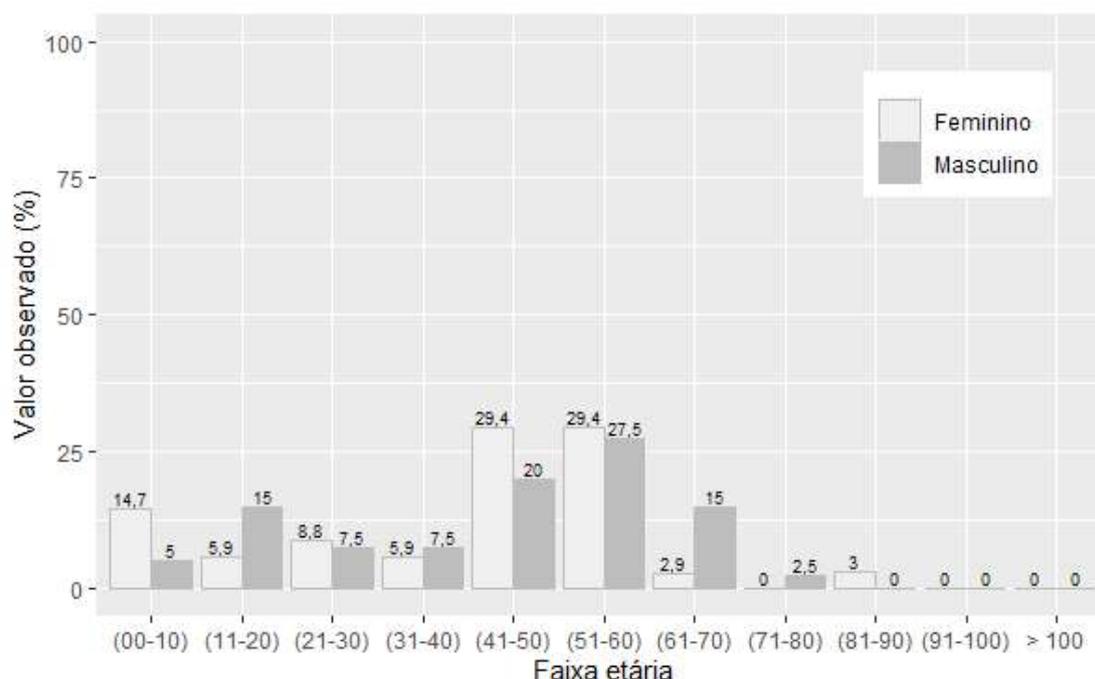


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Avaliando-se a idade dos moradores da Comunidade Vitória, a média geral de idade independente do sexo é de 41,4 anos, sendo o indivíduo mais idoso pertencente ao sexo feminino, com idade declarada de 89 anos, e o mais novo um indivíduo também do sexo feminino, com 2 anos de idade. Em média, os indivíduos do sexo masculino são mais velhos, apresentando média de idade igual a 42,4 anos. Indivíduos do sexo feminino apresentaram média de idade igual a 40,3 anos. A respeito da faixa etária referente aos indivíduos do sexo masculino, a maior proporção observada foi da faixa de 51 a 60 anos de idade, representada por 27,5% dos homens da comunidade. A segunda categoria mais representativa para esse sexo foi a faixa de 41 a 50 anos, com 20,0%. A faixa etária menos representativa foi a de 71 a 80 anos, responsável por 2,5% dos homens da comunidade. No que se refere às mulheres, a maior representatividade se deu por meio da faixa de 41 a 50 anos, responsável por 29,4% das mulheres da comunidade, seguido pelas mulheres na faixa de 51 a 60 anos (29,4%) e pelas mulheres na faixa de 0 a 10 anos (14,7%). A menor representatividade etária para o sexo

feminino foi observada para mulheres na faixa de 61 a 70 anos, responsáveis por aproximadamente 2,9% das moradoras da Comunidade Vitória (Gráfico 4.12).

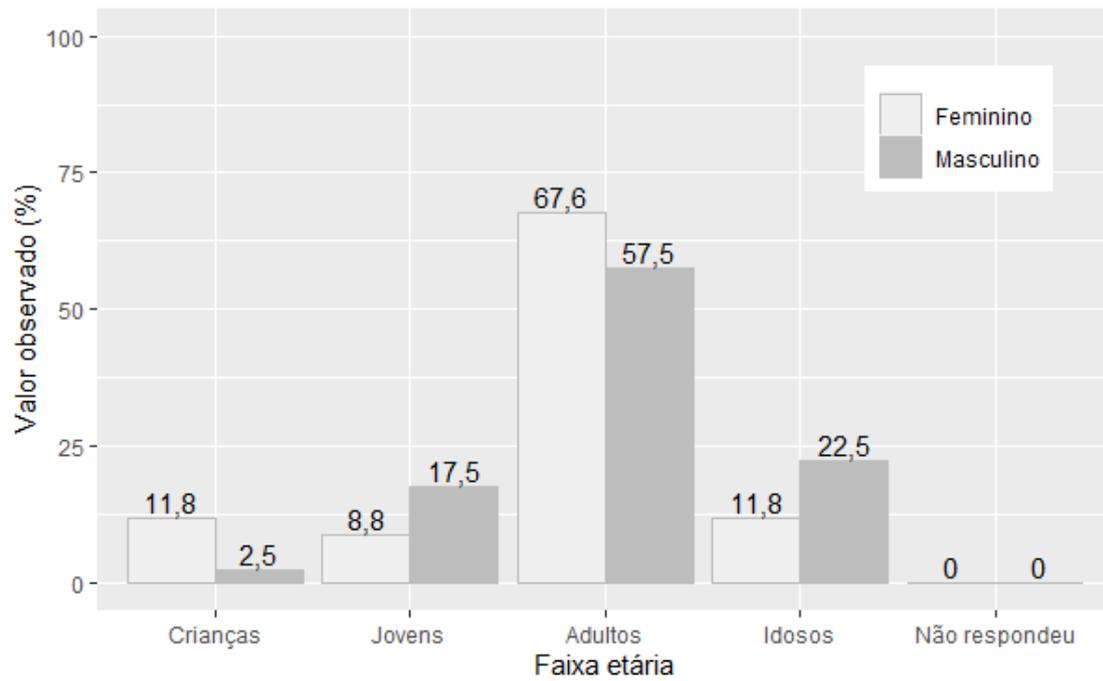
Gráfico 4.12 – Porcentagem das diferentes faixas etárias, em estratos de 10 anos, em função do sexo, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Alternando-se o modo de categorização das idades observadas na comunidade para apenas quatro faixas, crianças (0 a 5 anos), jovens (6 a 19 anos), adultos (20 a 59 anos) e idosos (maior que 60 anos), nota-se que a maioria da Comunidade Vitória é composta por indivíduos adultos, com média de idade de 45,4 anos, seguido por indivíduos idosos, com média de idade em torno de 64,8 anos, depois por indivíduos jovens, com 11,8 anos em média, e por último por crianças com média de idade igual a 3,2. Em termos de distribuição de valores por sexo e levando-se em consideração apenas as categorias que apresentaram alguma representatividade, a maior parte dos indivíduos do sexo masculino (57,5%) está enquadrada como adulta. Em seguida estão os idosos, com 22,5%, e por último as crianças, com 2,5%. Referente aos indivíduos do sexo feminino, a maior proporção de moradoras está na faixa etária categorizada como adulta, que compõe 67,6% da comunidade, seguido pelas crianças, com 11,8%, e por último pelas jovens, com 8,8% (Gráfico 4.13).

Gráfico 4.13 – Porcentagem das faixas etárias, estratificada em crianças, jovens, adultos e idosos, adaptada de IBGE (2015), em função dos sexos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

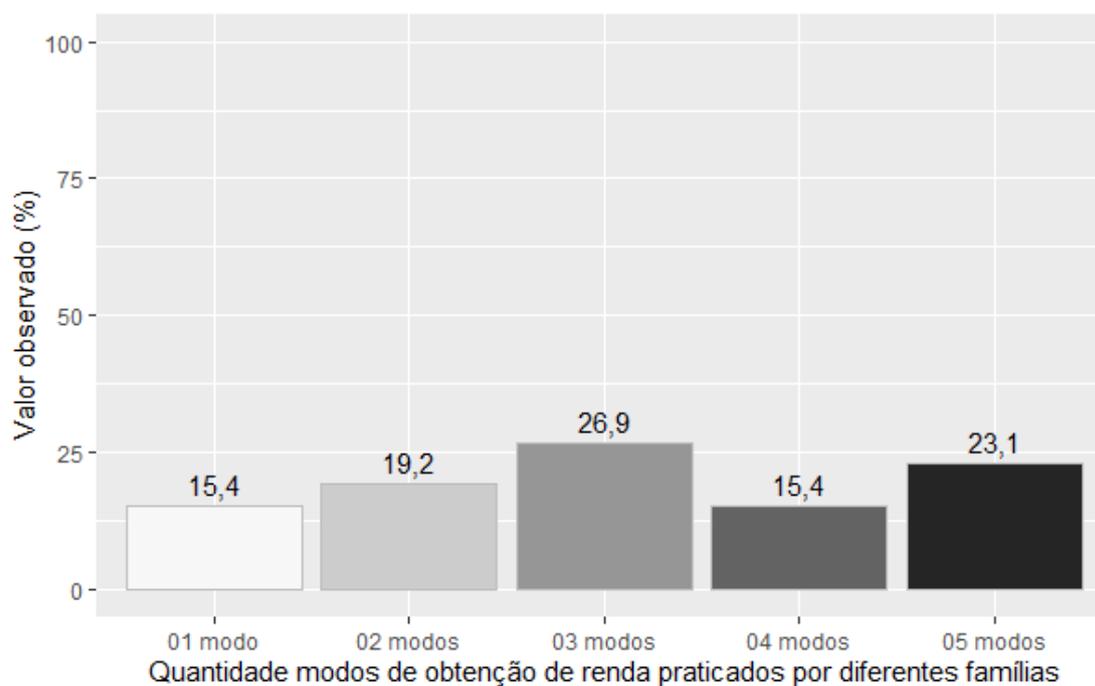


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

4.3 Economia

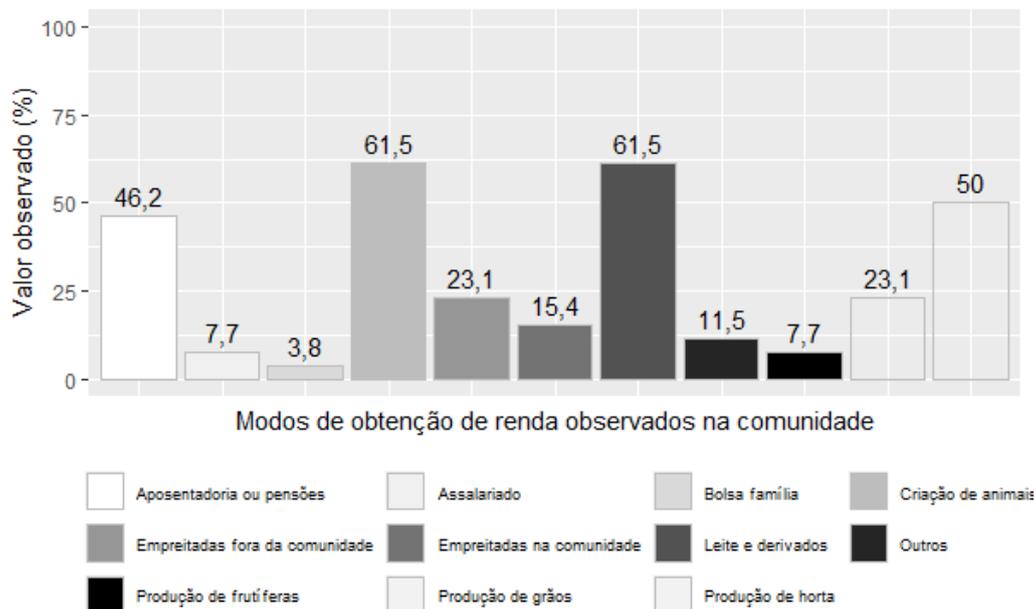
No que se refere aos aspectos econômicos observados na Comunidade Vitória, em especial à diversidade de diferentes modos pelos quais as famílias da comunidade obtêm sua renda, notou-se que a maior parte de seus moradores (26,9%) tem seus rendimentos provenientes de três modos de obtenção de renda. Em segundo lugar, com 23,1%, foram declarados cinco modos de obtenção de renda e, ocupando o terceiro lugar, 19,2% declararam seus rendimentos provenientes de dois modos diferentes (Gráfico 4.14). Dentre os modos de obtenção de renda mais frequentemente relatados pelas famílias da comunidade, estão: a criação de animais, com 61,5%; o leite e seus derivados, com 61,5%; a produção de horta, com 50,0%, e a aposentadoria ou as pensões, com 46,2%. Em um contexto geral foram declaradas 11 formas diferentes de obtenção de renda (Gráfico 4.15). Dentre os moradores que declararam obter seus rendimentos de outra forma, as respostas mais frequentes foram: aluguel de imóvel, guia turístico e produção de polvilho e farinha, com 3,8% cada.

Gráfico 4.14 – Porcentagem das famílias com diferente quantidade de modos de obtenção de renda, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

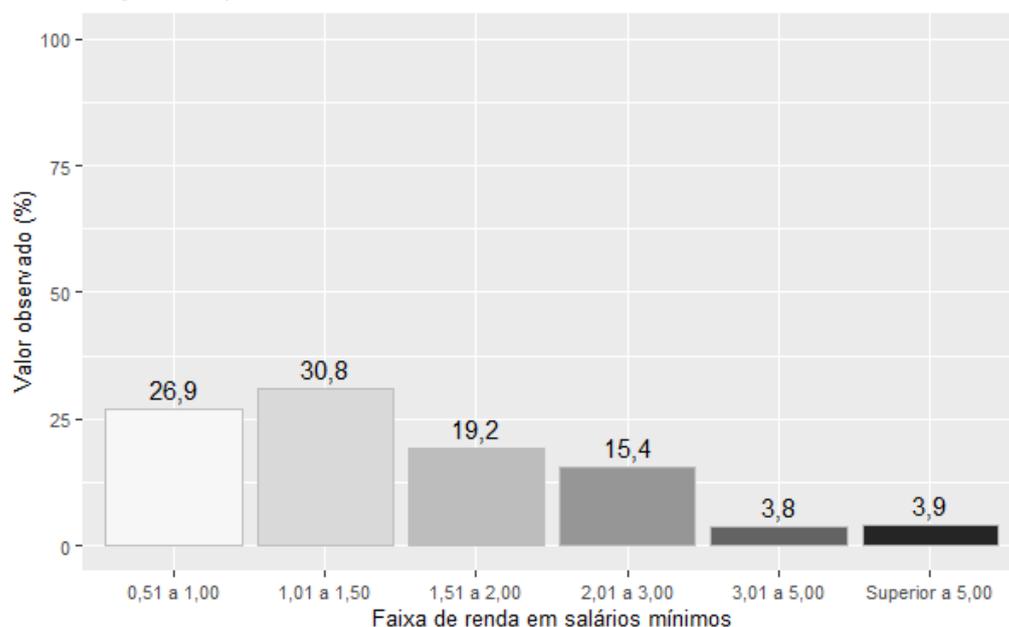
Gráfico 4.15 – Porcentagem dos diferentes modos de obtenção de renda, registrada para as famílias da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Os rendimentos mensais, em termos de faixa de renda em salários mínimos (SM), das famílias da comunidade, variaram de “de 0,51 a 1,00 SM” a “acima de 5,00 SM”, com 30,8% declarando receber de 1,01 a 1,50 SM, seguido pelas famílias que declararam receber de 0,51 a 1,00 SM (26,9%), e pelas famílias que declararam receber de 1,51 a 2,00 SM (19,2%) (Gráfico 4.16).

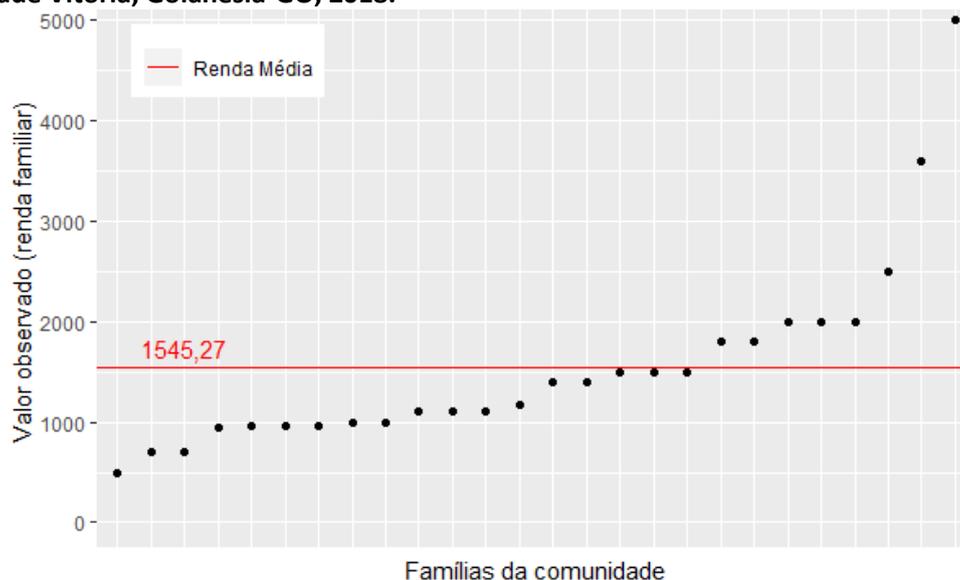
Gráfico 4.16 – Porcentagem de famílias, em função da faixa de renda mensal declarada, em salários mínimos (SM), registrada para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Em termos absolutos, isto é, do valor de renda bruta declarada pelos moradores da comunidade, a média de proventos mensais recebidos pelas famílias é de R\$ 1.545,27, variando de famílias que declararam receber em torno de R\$ 500,00 mensais, valor mais baixo observado, a famílias que declararam receber R\$ 5.000,00 mensais, valor mais elevado (Gráfico 4.17).

Gráfico 4.17 – Renda familiar mensal declarada em relação à renda familiar média observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



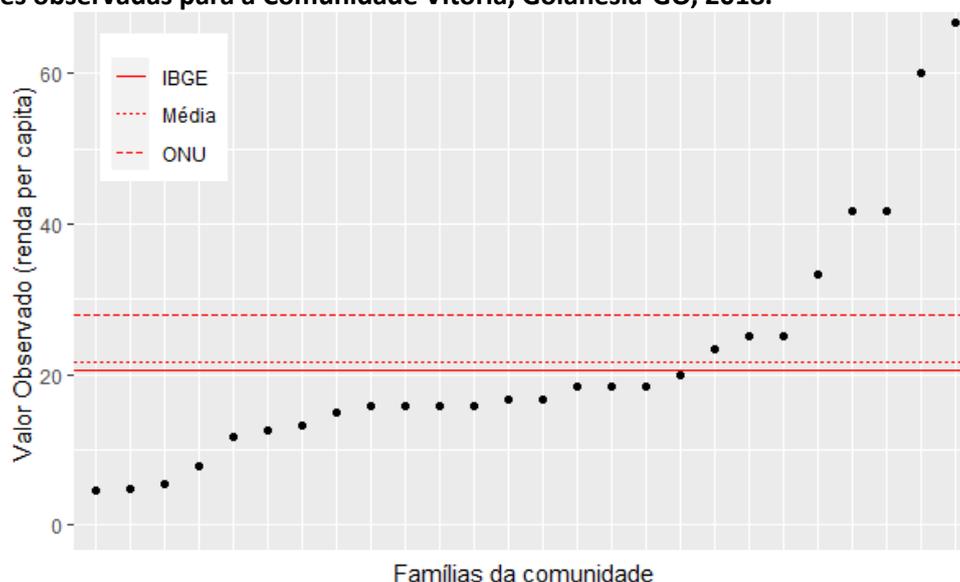
Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

A renda *per capita* dos moradores da Comunidade é de aproximadamente R\$ 650,57 mensais e, convertendo para valores diários, daria algo em torno de R\$ 21,69. Dentre os critérios utilizados para definir a linha de extrema pobreza, estão os valores adotados internacionalmente (ONU, 2013) e em território nacional (IBGE, 2017). Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), considerando o valor do dólar de R\$ 3,75 para fevereiro de 2019 e o mês com 30 dias, o valor para definir a classe de extrema pobreza seria algo próximo de R\$ 27,90 diários ou R\$ 837,00 mensais. Já pela perspectiva do instituto brasileiro, o valor que define essa mesma classe seria de R\$ 620,40 mensais ou R\$ 20,68 diários. Assim, quando se observa a renda *per capita* média diária da comunidade, nota-se que esta é R\$ 1,01 superior à renda diária mínima preconizada pelo IBGE. Quando esta é comparada com o valor diário preconizado pela ONU, percebe-se que é R\$ 6,21 inferior (Gráfico 4.18).

Ainda sobre os parâmetros de pobreza, em termos percentuais, nota-se que 69,2% das famílias da comunidade apresentam renda *per capita* inferior à preconizada pelo IBGE como o limite da extrema pobreza, enquanto 30,8% da comunidade apresenta renda *per capita*

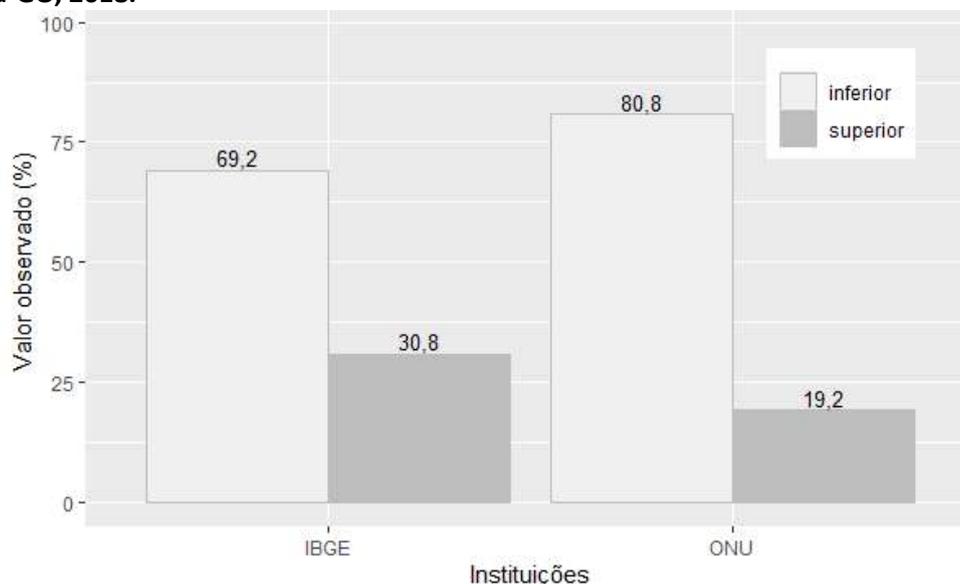
superior a esta. Quando esses mesmos dados são confrontados com o parâmetro estabelecido pela ONU, percebe-se um maior distanciamento entre este e a renda *per capita* das famílias da comunidade. De acordo com essa última visão, 80,8% das famílias da comunidade apresentam renda *per capita* diária inferior por essa instituição, ao passo que apenas 19,2% apresentam renda superior ao parâmetro internacionalmente estabelecido (Gráfico 4.19).

Gráfico 4.18 – Renda mensal calculada por indivíduos de cada família em relação à faixa de renda média geral e à faixa de renda considerada como de extrema pobreza, estipulada por diferentes instituições observadas para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Gráfico 4.19 – Porcentagem de moradores com renda diária superior (Sup.) e inferior (Inf.) à estipulada por diferentes instituições como o limite da linha de pobreza, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

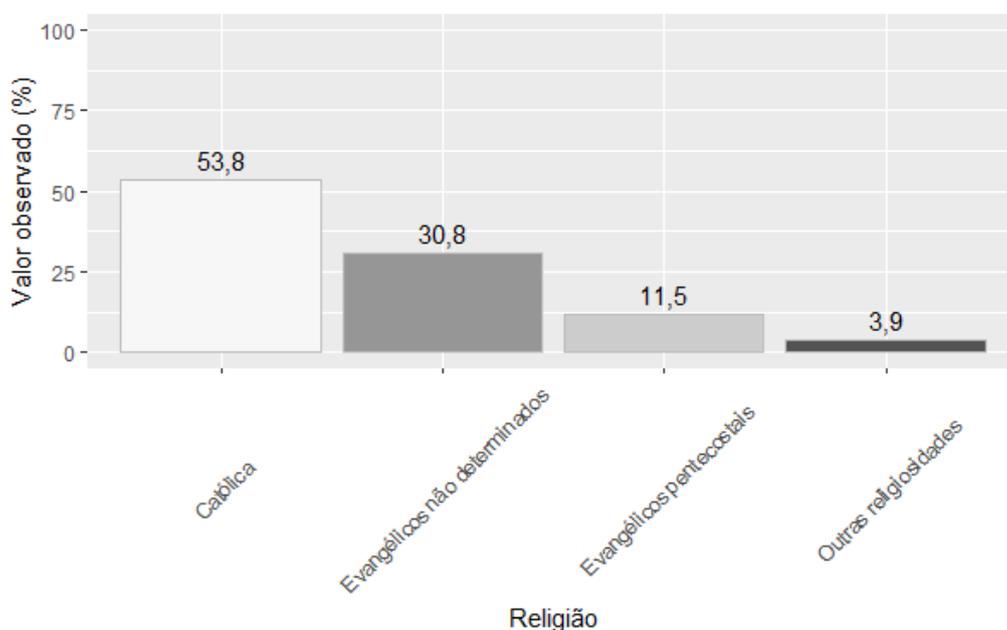


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

4.4 Cultura

Conforme foi observado, o perfil religioso da Comunidade Vitória pode ser descrito como majoritariamente católico, uma vez que esse sistema de crença faz parte de 53,8% de seus moradores. A religião menos frequentemente mencionada foram as “outras religiosidades”, por 3,9% dos moradores da comunidade (Gráfico 4.20). Nas Fotos 4.1 e 4.2 podem ser observadas as infraestruturas ligadas à religiosidade, identificadas na Comunidade Vitória.

Gráfico 4.20 – Porcentagem de diferentes religiões observadas na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Foto 4.1 – Igreja católica, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

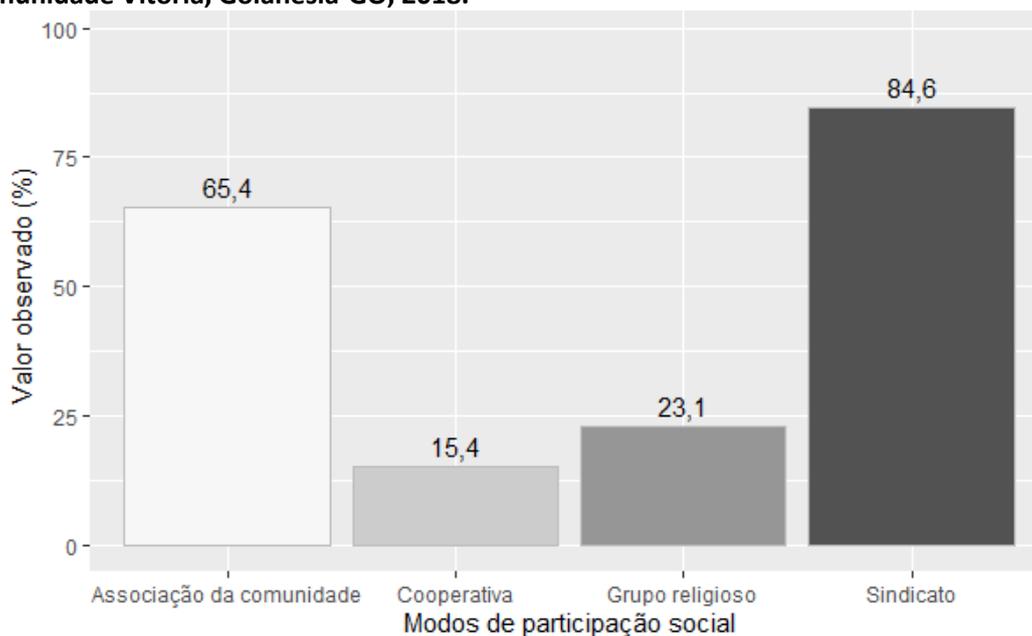
Foto 4.2 – Igreja evangélica, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

As famílias da Comunidade, por intermédio de seus respondentes, declararam sua participação social de várias maneiras diferentes. A forma mais recorrentemente registrada foi por meio do sindicato, citada por 84,6% dos moradores da comunidade. A segunda forma de participação social declarada de modo mais frequente foi por meio da associação da comunidade, por 65,4% da comunidade. A forma menos frequente declarada pelas famílias foi relacionada à cooperativa, por apenas 15,4% da comunidade (Gráfico 4.21).

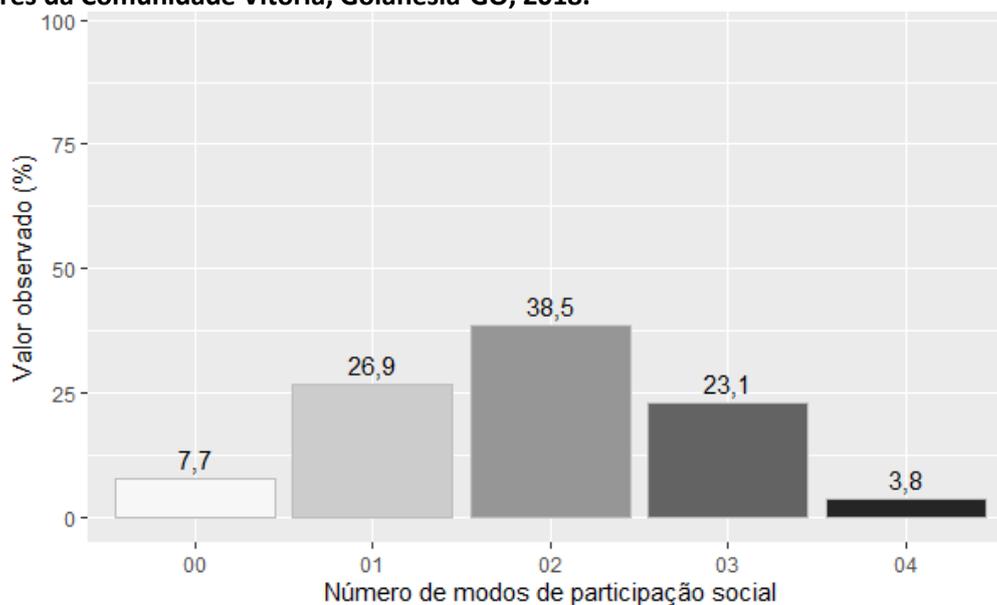
Gráfico 4.21 – Porcentagem de diferentes modos de participação social declarada pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Tão importante quanto os modos ou as formas de participação social é a quantidade de diferentes modos de interação. Essa quantidade pode ser interpretada, em certa medida, como uma faceta da saúde social da comunidade, uma vez que, quanto maior o número de espaços compartilhados, maior o nível de atividade e interação dos sujeitos. Em linhas gerais, 92,3% da comunidade declarou participar de algum modo dos espaços sociais, em oposição aos 7,7%, que declararam a não participação nesses espaços de nenhum modo. Com relação especificamente à quantidade de diferentes modos de participação, 38,5% das pessoas costumam expressar sua participação social de duas formas diferente, seguido por 26,9% que declararam participar de uma forma, e 23,1% que declararam participar de três formas diferentes (Gráfico 4.22). Na Foto 4.3 pode ser observada a sede do assentamento Vitória.

Gráfico 4.22 – Porcentagem do número de diferentes modos de participação social declarada pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

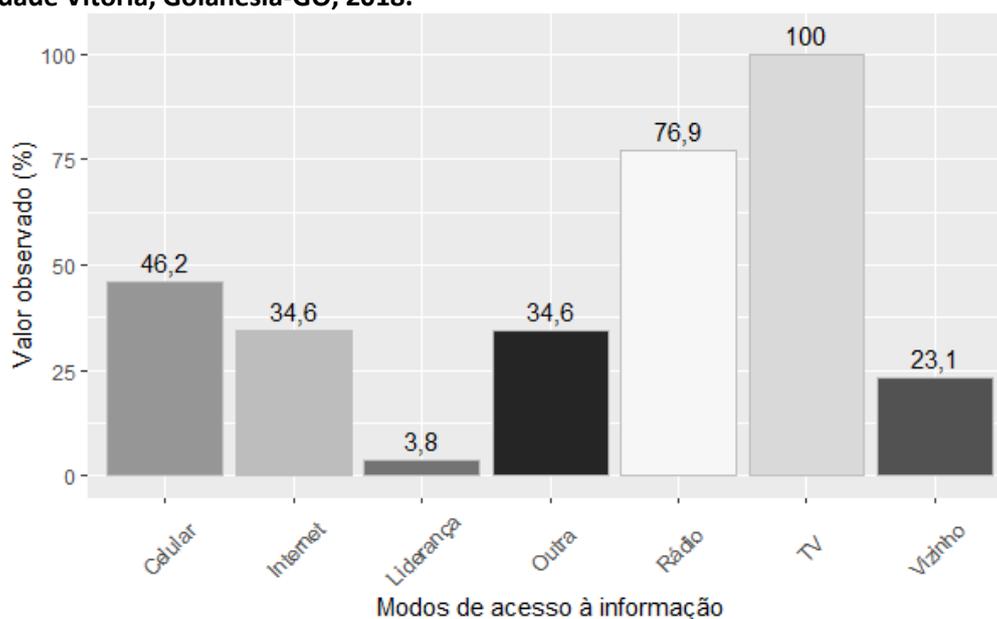
Foto 4.3 – Sede do assentamento, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

A participação social também pode ser estimulada pela forma como as informações chegam aos indivíduos de uma determinada localidade. O acesso à informação facilita a disseminação do conhecimento técnico, assim como estimula outras formas de inserção e engajamento dos sujeitos dentro do contexto comunitário. Segundo dados registrados na Comunidade Vitória, as informações são recebidas preferencialmente via TV (100%), seguido pelo rádio (76,9%) e pelo celular (46,2%) (Gráfico 4.23). É interessante observar que, mesmo com o avanço e a disseminação massiva dos meios de comunicação, em especial os relacionados à internet, a televisão ainda ocupa papel de destaque no que diz respeito aos meios pelos quais as famílias obtêm informações. Aqueles moradores que declararam outros modos de acesso à informação mencionaram, na maioria das vezes, o telefone (34,6%).

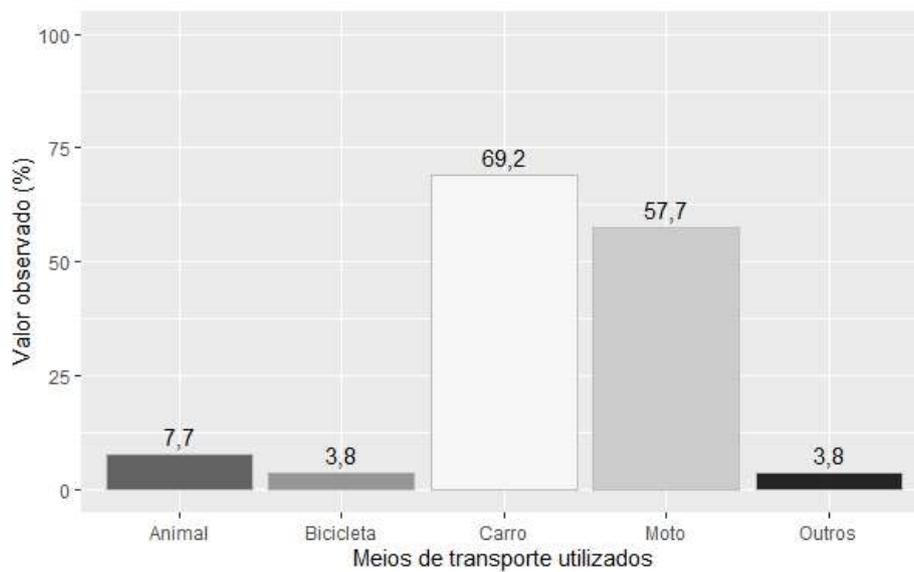
Gráfico 4.23 – Porcentagem dos modos de acesso à informação declarada pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Sobre os meios de transporte utilizados de maneira recorrente pelos moradores da Comunidade Vitória, notou-se que, de maneira geral, há uma grande adesão às diferentes formas de locomoção, condição típica de comunidades rurais. Dentre as mais utilizadas, estão: em primeiro lugar o carro, por 69,2% dos respondentes; em segundo lugar a moto, por 57,7% dos moradores, e posteriormente o animal, por 7,7% dos moradores entrevistados (Gráfico 4.24). Dentre aqueles que responderam utilizar outro meio de transporte foi observada a resposta frete, por 3,8% dos entrevistados.

Gráfico 4.24 – Porcentagem de meios de transporte recorrentemente utilizados pelos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

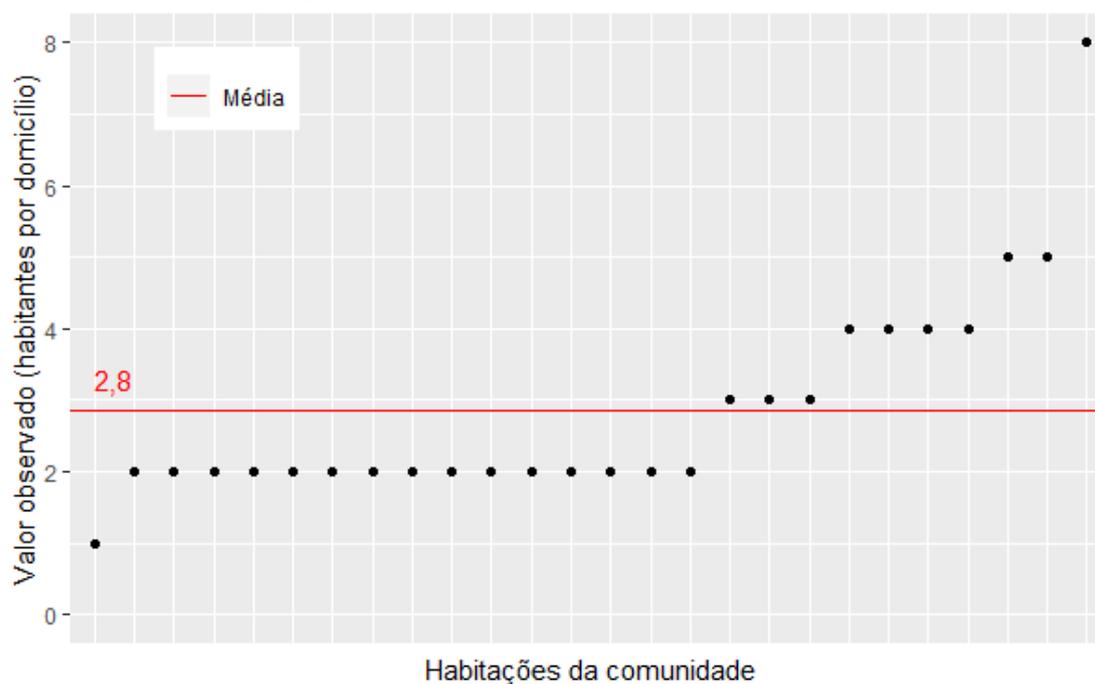


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

4.5 Habitação

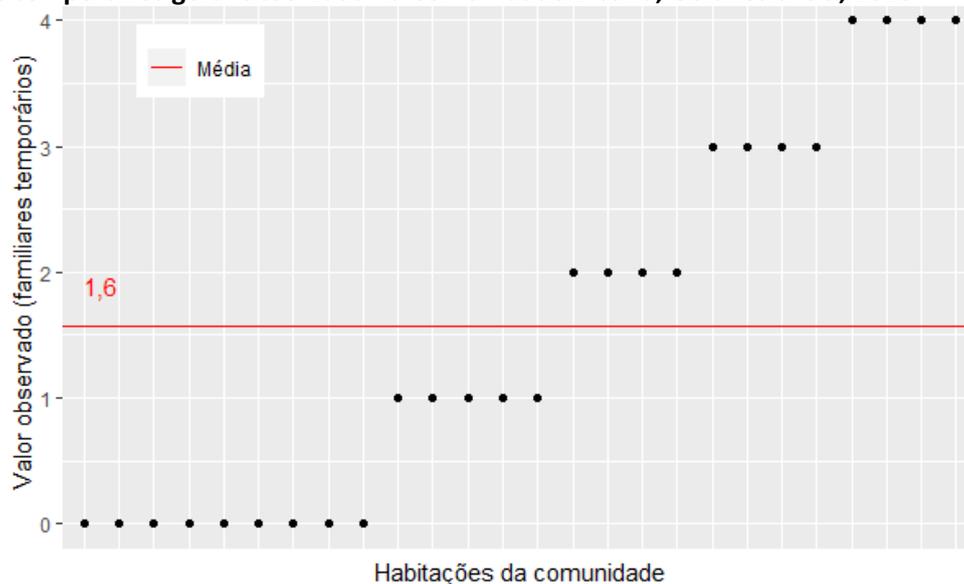
De maneira geral, a média de habitantes por domicílio na Comunidade Vitória é de aproximadamente 2,8, variando de um morador a oito moradores por domicílio (Gráfico 4.25). Levando-se em consideração que o número de residentes de uma dada habitação não é fixo ao longo do tempo, uma vez que é comum famílias receberem ocasionalmente parentes ou amigos que estudam ou trabalham fora, observou-se que a média geral de familiares temporários por residência é de 1,6 pessoa por família por mês. As famílias que costumam receber esse aporte de moradores temporários declararam receber de um, nos casos menos numerosos, a quatro moradores, nos casos mais numerosos (Gráfico 4.26).

Gráfico 4.25 – Distribuição do número de moradores permanentes por domicílio em relação à média de moradores permanentes geral, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

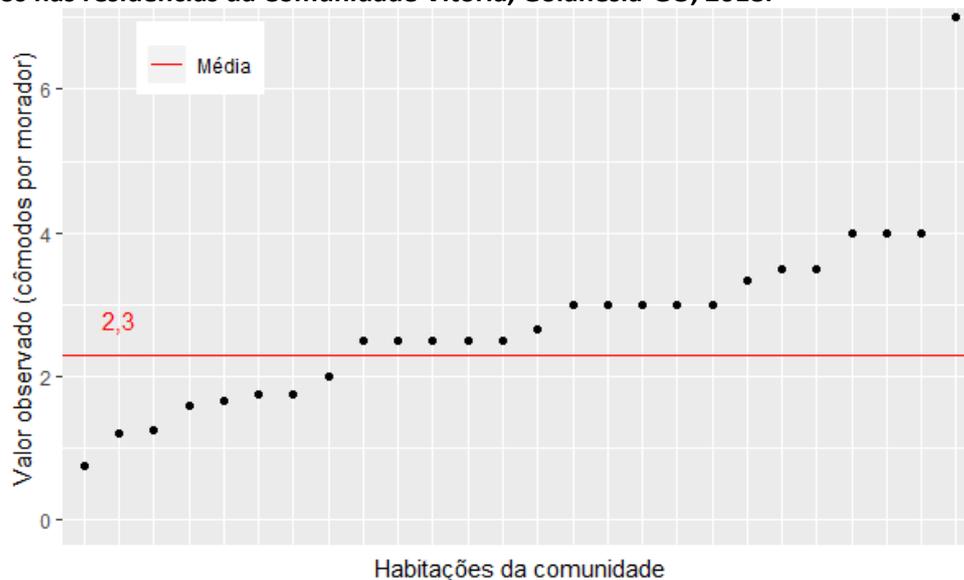
Gráfico 4.26 – Distribuição de valores do número de familiares temporários em relação à média de familiares temporários geral observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Quanto às características das habitações da comunidade, 100% dos moradores declararam ter conhecimento acerca dos cômodos de sua residência. Deste modo, foi possível calcular que as habitações da Comunidade Vitória possuem em média 6,5 cômodos, variando de habitações com 10 a habitações com apenas cinco cômodos. Logo, a média de cômodos por morador é de aproximadamente 2,3 (Gráfico 4.27).

Gráfico 4.27 – Número de cômodos por habitação em relação ao número médio geral de cômodos observados nas residências da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

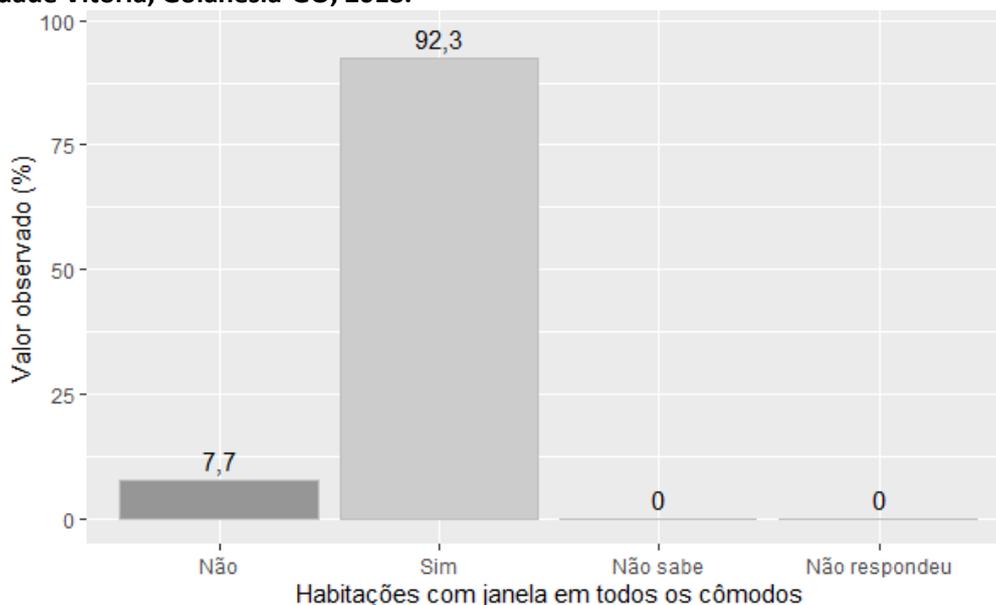
Sobre especificamente o número de quartos, informação importante para o cálculo do conforto habitacional, as habitações da Comunidade Vitória possuem, em média, 2,7 quartos por habitação, com valores que variam de dois a quatro quartos por habitação. Em um primeiro momento, a proximidade entre “habitantes por domicílio” e “quartos por habitação” – 2,8 e 2,7, respectivamente – poderia levar à conclusão de que existe uma relação próxima a uma pessoa por quarto, uma vez que a razão entre essas grandezas seria algo próximo a 0,9. No entanto, embora importante, esse tipo de abordagem exclui casos particulares de situações nas quais a relação entre o número de residentes por quarto é elevada, ou, em oposição, muito baixa. Atentando-se para essa situação e levando-se em consideração o número de residentes por quarto em diferentes famílias, notaram-se situações de elevado conforto, com quatro quartos para cada residente do domicílio, assim como casos de baixo conforto, em que cada residente da habitação dispunha de aproximadamente 0,4 quarto (Gráfico 4.28).

Gráfico 4.28 – Número médio de quartos por morador em cada domicílio em relação ao número médio geral de quartos por morador, observado nas residências da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



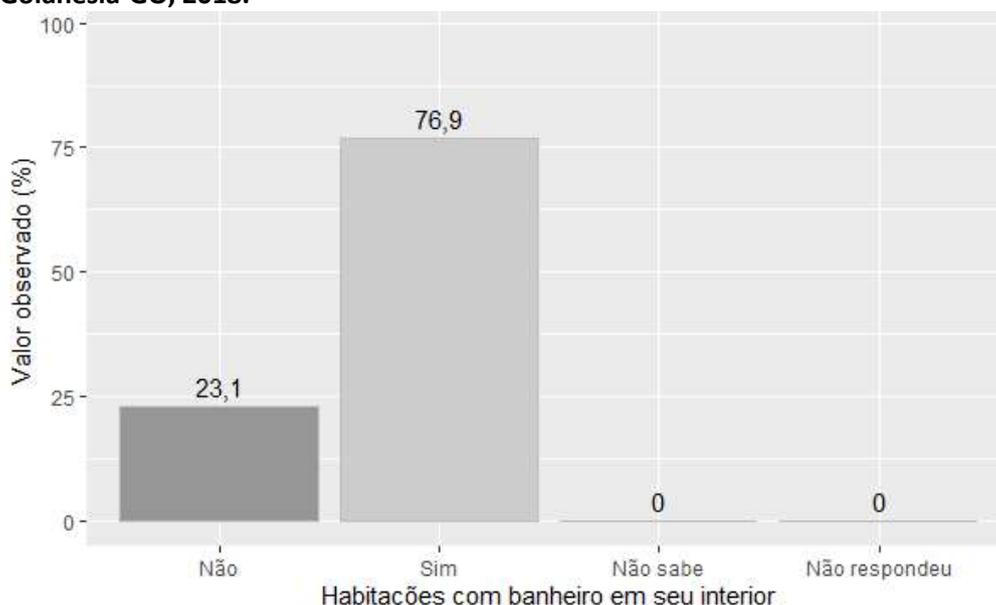
termos de saúde. O fato de essa estrutura estar próxima aos moradores acaba por facilitar e incentivar práticas sanitárias que podem refletir, em última instância, na saúde desses moradores. Avaliando-se a presença de banheiro no interior das habitações, 76,9% das habitações apresentam essa condição, enquanto 23,1% não apresentam essa mesma característica (Gráfico 4.30). Mais informações sobre banheiro podem ser observadas no capítulo 6.

Gráfico 4.29 – Porcentagem de habitações com janelas em todos os cômodos, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

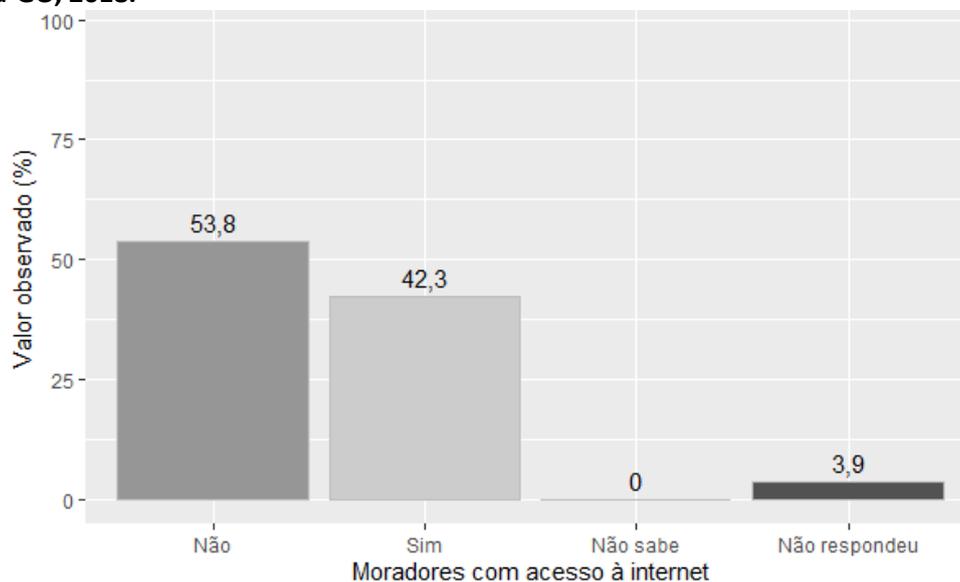
Gráfico 4.30 – Porcentagem de habitações com banheiros dentro de casa, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

É de consenso que, em dias atuais, a energia elétrica exerce um papel fundamental na sociedade e, por isso, é considerada por muitos como um direito social. Do ponto de vista social, a energia elétrica está ligada ao bem-estar, à segurança, ao lazer e conforto e, há muito, vem sendo foco de políticas de governo. Atentando-se para esse fato, foi investigada na Comunidade Vitória a presença de eletrificação nas diferentes habitações. Como resultado da investigação, a energia elétrica está presente em 96,2% das habitações, em oposição aos 3,9%, que não souberam responder essa questão. O acesso à internet foi relatado por 42,3% dos moradores da Comunidade Vitória, enquanto 53,8% disseram não fazer uso desse recurso (Gráfico 4.31). No entanto, cabe ressaltar que o avanço das telecomunicações nos últimos tempos promoveu a mudança na forma como a rede é acessada. Há pouquíssimo tempo, a internet era acessada quase que exclusivamente via rede telefônica por meio de computadores. Essa realidade é muito distinta dos dias atuais, em que os dispositivos móveis passaram a exercer importância central nesse processo.

Gráfico 4.31 – Porcentagem de moradores com acesso à internet, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

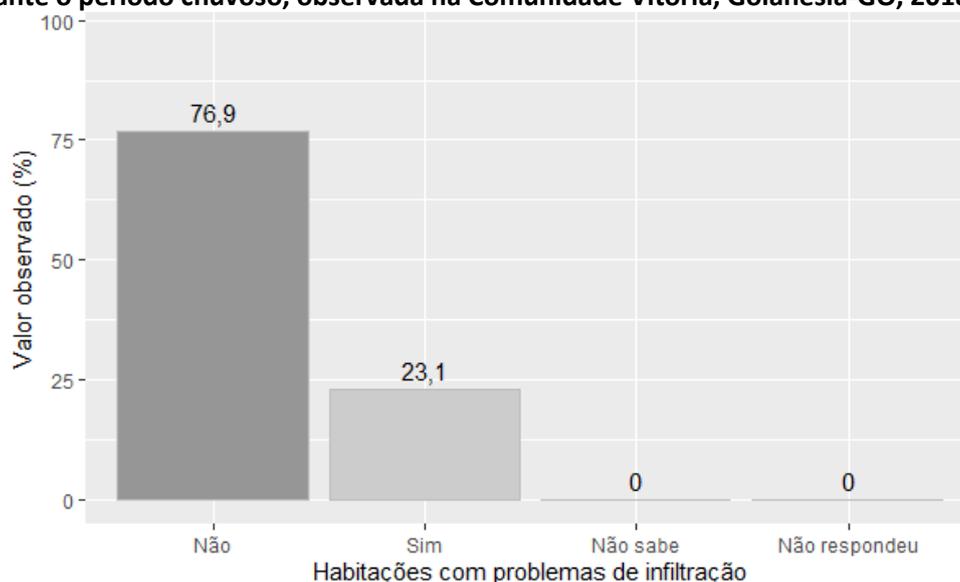


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Ainda a respeito da condição de conforto das habitações, foi relatada por 23,1% dos moradores da comunidade a existência de problemas com infiltração nas edificações. De modo contrário, 76,9% relataram não ter esse mesmo tipo de problema (Gráfico 4.32). Os atributos estruturais das habitações também são importantes para a caracterização do conforto ambiental. Desta forma, características das paredes, piso e cobertura das edificações também foram registradas.

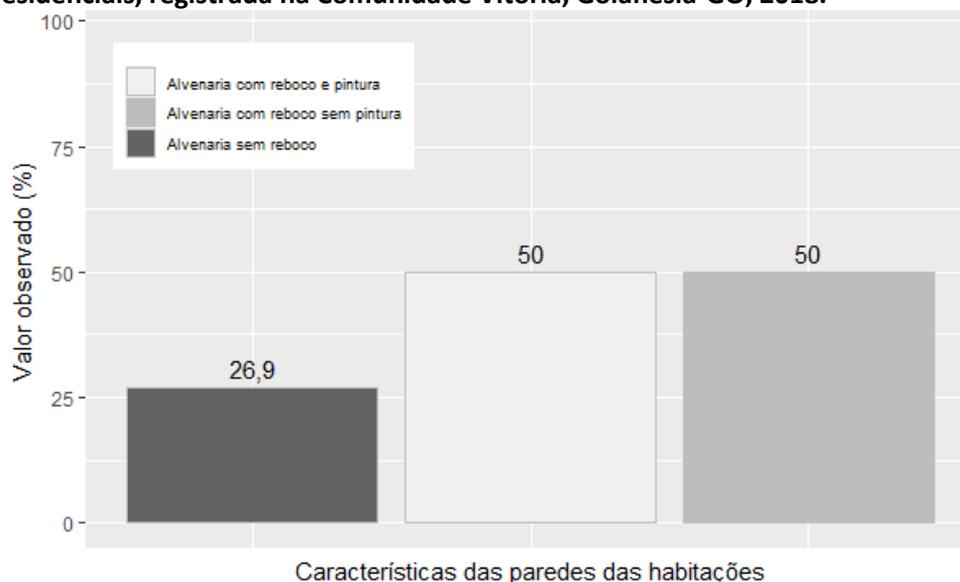
Com relação às paredes, diferentes habitações apresentaram diferentes propriedades, quase sempre com a junção de várias técnicas em uma mesma habitação. Logo, 50,0% das habitações apresentaram paredes constituídas de alvenaria com reboco sem pintura, ao passo que as paredes de alvenaria sem reboco foram observadas com menor frequência, sendo registradas em 26,9% das habitações (Gráfico 4.33). Alguns exemplos das paredes das edificações, identificadas na Comunidade, podem ser observados nas Fotos 4.4 e 4.5.

Gráfico 4.32 – Porcentagem de habitações nas quais foram relatados problemas com infiltração de água durante o período chuvoso, observada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Gráfico 4.33 – Porcentagem de habitações com diferentes características estruturais observadas nas paredes residenciais, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Foto 4.4 – Habitação construída de alvenaria com reboco, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

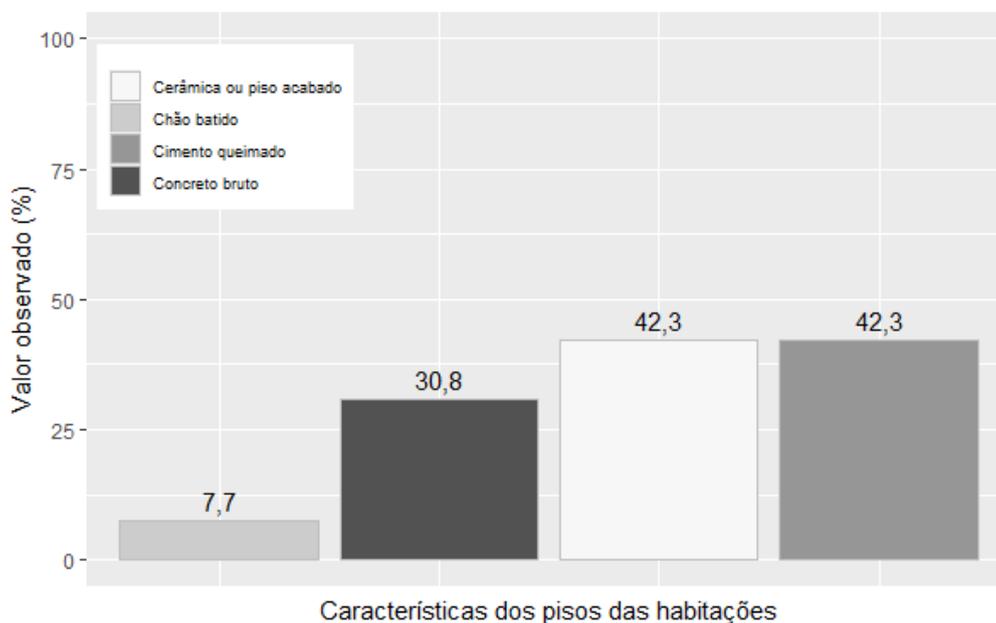
Foto 4.5 – Habitação construída de alvenaria com reboco e pintura, identificada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Assim como as paredes, os pisos das habitações da comunidade também apresentaram características variadas. A característica mais frequentemente observada para essa parte da edificação foi o cimento queimado, presente em 42,3% das habitações. Também foram observados pisos constituídos de cerâmica ou piso acabado, registrados em 42,3% e, de modo menos frequente, pisos de concreto bruto, em 30,8% dos casos (Gráfico 4.34). Na Foto 4.6 pode ser observado exemplo de pisos identificados na Comunidade Vitória.

Gráfico 4.34 – Porcentagem de habitações com diferentes características estruturais observadas nos pisos residenciais, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

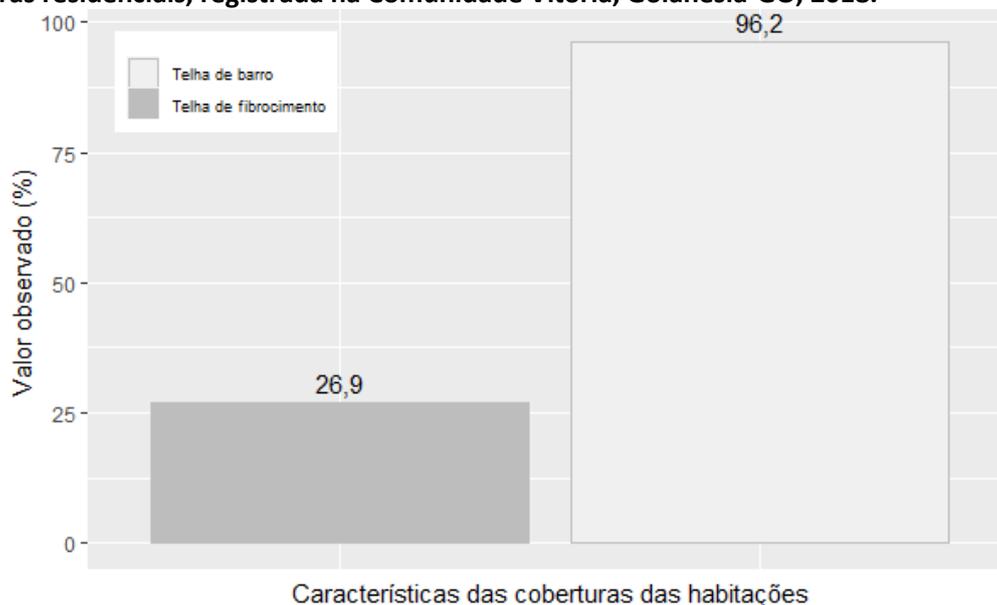
Foto 4.6 – Piso de cerâmica, identificado nas habitações da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Um dos fatores mais importantes no que diz respeito ao conforto térmico é a técnica utilizada para a cobertura das habitações. Neste sentido, foi observado na comunidade que 96,2% das habitações apresentam cobertura de telha de barro em associação aos 26,9% que apresentaram cobertura de telha de fibrocimento (Gráfico 4.35). Nas Fotos 4.7 e 4.8 podem ser observados exemplos de coberturas identificadas nas habitações da Comunidade Vitória.

Gráfico 4.35 – Porcentagem de habitações com diferentes características estruturais observadas nas coberturas residenciais, registrada na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Foto 4.7 – Cobertura de telha de barro, identificada nas habitações da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Foto 4.8 – Cobertura de telha fibrocimento, identificada nas habitações da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

4.6 Valores observados, intervalos de confiança e indicadores

O intervalo de confiança adotado neste estudo foi de 95,0% e teve como finalidade subsidiar a probabilidade do limite de confiança, que pode variar tanto para mais ou menos as respostas obtidas por meio do formulário realizado junto aos moradores. Como exemplo, se pode observar o primeiro valor na Tabela 4.1, na qual existe uma probabilidade de 95,0% de que o intervalo de 67,2% (Limite Inferior - LI) a 89,3% (Limite Superior - LS) contenha porcentagem de pessoas que nasceram no estado de Goiás, com estimativa pontual de 80,8%. As Tabelas 4.1 à 4.4 demonstram os intervalos estimados dos dados apresentados ao longo do DTP, referentes aos aspectos demográficos (Tabela 4.1), aspectos econômicos (Tabela 4.2), aspectos culturais (Tabela 4.3) e aspectos habitacionais (Tabela 4.4). Além disso, a Tabela 4.5 mostra os indicadores socioeconômicos e ambientais calculados para a Comunidade Vitória. A descrição e as informações adicionais dos indicadores encontram-se no **Apêndice 1**.

Tabela 4.1 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos demográficos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Estado de nascimento			
Goiás	80,8	67,2	89,3
Alagoas	3,8	1,5	13,4
Minas Gerais	15,4	7,9	28,2
Local de nascimento			
Em outro município	69,2	54,8	80,4
No mesmo município	30,8	19,4	45,0
Moradores advindos de outra localidade			
Sim	96,2	86,5	98,3
Não	3,8	1,5	13,4
Zona de origem			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Urbana	46,2	32,6	60,2
Rural	53,8	39,7	67,2
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Estado de Origem			
Goiás	100	93,1	98,8
Município de proveniência			
De outro município	12,0	5,6	24,7
Do próprio município	88,0	75,2	94,2
Sexo			
Masculino	54,1	48,6	59,4
Feminino	45,9	40,6	51,4
Não respondeu	0,0	0,0	2,9
Cor autodeclarada			
Branca	19,2	10,6	32,6
Preta	23,1	13,4	36,9
Amarela	7,7	3,2	18,7
Parda	50,0	36,1	63,7
Indígena	0,0	1,1	6,7
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Cor autodeclarada masculino			
Branca	25,0	11,0	49,1
Preta	25,0	11,0	49,1
Amarela	8,3	3,4	30,2
Parda	41,7	21,9	64,5
Indígena	0,0	2,8	17,6
Não respondeu	0,0	2,8	17,6

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

(continua)

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.1 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos demográficos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(continuação)		
	Valor (%)	LI	LS
	Observado		
Cor autodeclarada feminino			
Branca	14,3	5,7	35,2
Preta	21,4	9,5	43,2
Amarela	7,2	2,9	26,3
Parda	57,1	35,8	75,6
Indígena	0,0	2,4	15,0
Não respondeu	0,0	2,4	15,0
Condição civil			
Casados	92,3	81,1	96,6
União estável	0,0	1,1	6,7
Solteiros	3,8	1,5	13,4
Viúvos	0,0	1,1	6,7
Separados	3,9	1,5	13,4
Juntados	0,0	1,1	6,7
Outra	0,0	1,1	6,7
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Nível de escolaridade			
Não sabe	2,7	1,0	7,2
Sem alfabetização	9,5	4,9	17,4
Educação infantil	6,8	3,4	13,0
Ensino fundamental	63,5	53,6	72,4
Ensino médio	13,5	7,3	23,7
Graduação	2,7	0,7	10,5
Especialização	1,3	0,3	5,5
Mestrado	0,0	0,0	2,9
Doutorado	0,0	0,0	2,9
Nível de escolaridade para o sexo masculino			
Não sabe	2,5	0,6	9,4
Sem alfabetização	10,0	4,6	20,2
Educação infantil	5,0	2,0	12,2
Ensino fundamental	62,5	51,6	72,2
Ensino médio	15,0	7,9	26,5
Graduação	5,0	1,2	18,0
Especialização	0,0	0,0	6,9
Mestrado	0,0	0,0	6,9
Doutorado	0,0	0,0	6,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.1 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos demográficos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
(continuação)			
Nível de escolaridade para o sexo feminino			
Não sabe	2,9	0,7	11,6
Sem alfabetização	8,8	3,7	19,5
Educação infantil	8,8	4,2	17,7
Ensino fundamental	64,7	51,9	75,7
Ensino médio	11,8	5,7	22,8
Graduação	0,0	0,0	8,4
Especialização	3,0	0,7	11,6
Mestrado	0,0	0,0	8,4
Doutorado	0,0	0,0	8,4
Faixa etária para o sexo masculino			
(00-10)	5,0	2,0	12,2
(11-20)	15,0	7,1	29,1
(21-30)	7,5	3,4	15,6
(31-40)	7,5	3,4	15,9
(41-50)	20,0	12,0	31,3
(51-60)	27,5	18,1	39,4
(61-70)	15,0	8,3	25,6
(71-80)	2,5	0,6	9,9
(81-90)	0,0	0,0	6,9
(91-100)	0,0	0,0	6,9
> 100	0,0	0,0	6,9
Não respondeu	0,0	0,0	6,9
Faixa etária para o sexo feminino			
(00-10)	14,7	8,9	23,3
(11-20)	5,9	2,3	14,2
(21-30)	8,8	3,8	19,0
(31-40)	5,9	2,2	14,7
(41-50)	29,4	18,4	43,5
(51-60)	29,4	19,1	42,4
(61-70)	2,9	0,7	11,6
(71-80)	0,0	0,0	8,4
(81-90)	3,0	0,7	11,2
(91-100)	0,0	0,0	8,4
> 100	0,0	0,0	8,4
Não respondeu	0,0	0,0	8,4

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.1 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos demográficos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%) (conclusão)		
	Observado	LI	LS
Faixa etária (crianças, jovens, adultos e idosos) para o sexo masculino			
Crianças	2,5	0,6	9,6
Jovens	17,5	7,7	34,9
Adultos	57,5	45,6	68,6
Idosos	22,5	13,9	34,3
Não respondeu	0,0	0,0	6,9
Faixa etária (crianças, jovens, adultos e idosos) para o sexo feminino			
Crianças	11,8	6,3	20,8
Jovens	8,8	3,2	22,0
Adultos	67,6	56,2	77,3
Idosos	11,8	5,5	23,2
Não respondeu	0,0	0,0	8,4

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.2 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos econômicos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Quantidade de modos de obtenção de renda			
01 modo	15,4	7,9	28,2
02 modos	19,2	10,6	32,6
03 modos	26,9	16,4	41,0
04 modos	15,4	7,9	28,2
05 modos	23,1	13,4	36,9
Modos de obtenção de renda			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Bolsa família	3,8	1,5	13,4
Criação de animais	61,5	47,1	74,0
Produção de horta	50,0	36,1	63,7
Produção de grãos	23,1	13,4	36,9
Produção de frutíferas	7,7	3,2	18,7
Leite e derivados	61,5	47,1	74,0
Artesanato	0,0	1,1	6,7
Empreitadas na comunidade	15,4	7,9	28,2
Empreitadas fora da comunidade	23,1	13,4	36,9
Aposentadoria ou pensões	46,2	32,6	60,2
Assalariado	7,7	3,2	18,7
Outros	11,5	5,4	23,6
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Faixa de renda (SM)			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Até 0,50 SM	0,0	1,1	6,7
De 0,51 a 1,00 SM	26,9	16,4	41,0
De 1,01 a 1,50 SM	30,8	19,4	45,0
De 1,51 a 2,00 SM	19,2	10,6	32,6
De 2,01 a 3,00 SM	15,4	7,9	28,2
De 3,01 a 5,00 SM	3,8	1,5	13,4
Acima de 5,00 SM	3,9	1,5	13,4
Não respondeu	0,0	1,1	6,7

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos culturais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Religião			
Católica	53,8	39,7	67,2
Evangélicos pentecostais	11,5	5,4	23,6
Evangélicos de missão	0,0	1,1	6,7
Evangélicos não determinados	30,8	19,4	45,0
Espírita	0,0	1,1	6,7
Umbandistas e candomblecistas	0,0	1,1	6,7
Outras religiosidades	3,9	1,5	13,4
Sem religião	0,0	1,1	6,7
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Modos de participação social			
Associação da comunidade	65,4	50,9	77,3
Cooperativa	15,4	7,9	28,2
Grupo religioso	23,1	13,4	36,9
Sindicato	84,6	71,6	92,0
Conselhos	0,0	1,1	6,7
Movimentos sociais	0,0	1,1	6,7
Outros	0,0	1,1	6,7
Número de modos de participação social			
0 forma	7,7	3,2	18,7
01 forma	26,9	16,4	41,0
02 formas	38,5	25,9	52,8
03 formas	23,1	13,4	36,9
04 formas	3,8	1,5	13,4
Modos de acesso à informação			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Rádio	76,9	63,0	86,5
TV	100,0	93,1	98,8
Jornal da cidade	0,0	1,1	6,7
Jornal comunitário	0,0	1,1	6,7
Internet	34,6	22,6	48,9
Celular	46,2	32,6	60,2
Liderança	3,8	1,5	13,4
Parentes	0,0	1,1	6,7
Líder religioso	0,0	1,1	6,7
Cônjuge	0,0	1,1	6,7
Outra	34,6	22,6	48,9
Vizinho	23,1	13,4	36,9
Não respondeu	0,0	1,1	6,7

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

(continua)

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos culturais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(conclusão)		
	Valor (%)	LI	LS
Observado			
Meios de transporte utilizados			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Ônibus	0,0	1,1	6,7
Barco	0,0	1,1	6,7
Carro	69,2	54,8	80,4
Moto	57,7	43,4	70,7
Bicicleta	3,8	1,5	13,4
Animal	7,7	3,2	18,7
Carroça	0,0	1,1	6,7
Outros	3,8	1,5	13,4
Nenhum	0,0	1,1	6,7
Não respondeu	0,0	1,1	6,7

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.4 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos habitacionais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Moradores que declararam conhecer as características de suas habitações			
Sabe e respondeu	100	90,5	100
Não sabe ou não respondeu	0,0	0,0	9,4
Habitações com janela em todos os cômodos			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Sim	92,3	81,1	96,6
Não	7,7	3,2	18,7
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Habitações com banheiro em seu interior			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Sim	76,9	63,0	86,5
Não	23,1	13,4	36,9
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Domicílio com ligação elétrica			
Não sabe	3,8	1,5	13,4
Sim	96,2	86,5	98,3
Não	0,0	1,1	6,7
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Acesso à internet			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Sim	42,3	29,2	56,5
Não	53,8	39,7	67,2
Não respondeu	3,9	1,5	13,4
Habitações com problemas de infiltração			
Não sabe	0,0	1,1	6,7
Sim	23,1	13,4	36,9
Não	76,9	63,0	86,5
Não respondeu	0,0	1,1	6,7
Características estruturais das paredes das habitações			
Barro	0,0	1,1	6,7
Alvenaria sem reboco	26,9	16,4	41,0
Alvenaria com reboco sem pintura	50,0	36,1	63,7
Alvenaria com reboco e pintura	50,0	36,1	63,7
Pau-a-pique	0,0	1,1	6,7
Madeira ou madeirite	0,0	1,1	6,7
Barro com reboco	0,0	1,1	6,7
Adobe	0,0	1,1	6,7
Outros	0,0	1,1	6,7

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

(continua)

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.4 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis dos aspectos habitacionais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(conclusão)		
	Valor (%) Observado	LI	LS
Características estruturais dos pisos das habitações			
Chão batido	7,7	3,2	18,7
Concreto bruto	30,8	19,4	45,0
Cimento queimado	42,3	29,2	56,5
Cerâmica ou piso acabado	42,3	29,2	56,5
Madeira	0,0	1,1	6,7
Outros	0,0	1,1	6,7
Características estruturais das coberturas das habitações			
Palha	0,0	1,1	6,7
Telha de fibrocimento	26,9	16,4	41,0
Telha de barro	96,2	86,5	98,3
Outros	0,0	1,1	6,7

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 4.5 – Valores observados para os indicadores das componentes dos aspectos de renda, habitabilidade e escolaridade da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Indicador	Valor Calculado
INDSE01 - Renda em salários mínimos	0,416667
INDSE02 - Diversidade de renda	0,3115385
INDSE03 - Participação social	0,3769231
INDSE04 - Indivíduos por habitação	0,2051282
INDSE05 - Cômodo por indivíduo	0,7615385
INDSE06 - Escolaridade	0,1734234
INDSE07 - Analfabetismo	0,9054054

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

REFERÊNCIAS

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Incra nos Estados -Informações gerais sobre os assentamentos da Reforma Agrária. Disponível em: <http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>. Acesso em: 10 set. 2019.

INCRA. **Plano de Desenvolvimento do Assentamento Vitória.** Goianésia- GO. 2005.
ONU. *Statistics and Indicators for the post - 2015 development agenda.* ONU. New York. 2013. 55p.

SCALIZE, P. S. *et al.* Aspectos metodológicos. *In:* SCALIZE, P. S. *et al.* **Diagnóstico técnico participativo da Comunidade Vitória: Goianésia-Goiás: 2018.** Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 22-41.

5

ASPECTOS DA SAÚDE



Autores (as):

Valéria Pagotto

Rafael Alves Guimarães

Bárbara Souza Rocha

Juliana de Oliveira Roque e Lima

Cristina Camargo Pereira

Milara Barp



Saneamento e Saúde
Ambiental Rural

5.1 Acesso e uso dos serviços de saúde

A Comunidade Vitória está adstrita ao território de atuação de uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) denominada Sebastiana de Lourdes Camargo, localizada no Residencial Granville, perímetro urbano do município de Goianésia (Foto 5.1).

Foto 5.1 – Vista externa da UBSF Sebastiana de Lourdes Camargo, referência para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2020.



Fonte: Google Imagens.

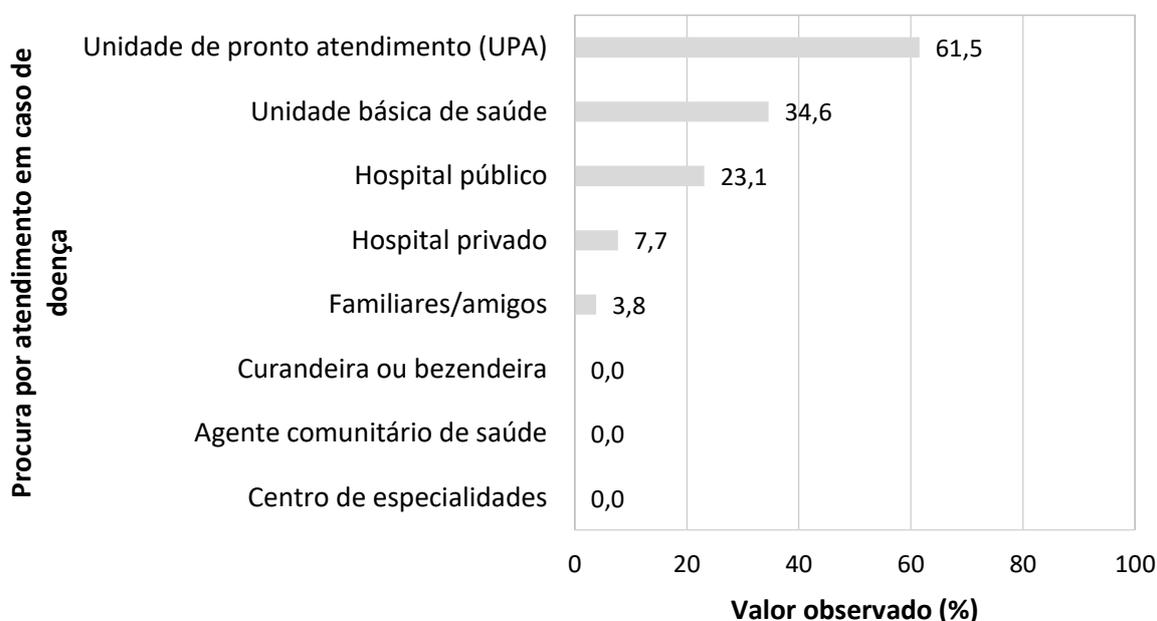
Segundo a coordenação de atenção básica do município de Goianésia, a equipe de saúde que atua na unidade é composta por médico, enfermeiro, técnico de enfermagem, agentes comunitários de saúde (ACS), cirurgião-dentista e auxiliar de saúde bucal.

A oferta desse tipo de serviço está em consonância com uma das diretrizes da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta e das Águas (PNSIPCF), que é a inclusão social, com garantia do acesso às ações e aos serviços do SUS pelas comunidades tradicionais (BRASIL, 2013). Também está de acordo com a Política Nacional de Atenção Básica (BRASIL, 2017) que, no âmbito do SUS, prevê que o primeiro acesso dos usuários aos serviços de saúde, preferencialmente, ocorre na Atenção Básica de Saúde (ABS) por meio da Estratégia Saúde da Família (ESF).

Os resultados da Oficina 2, realizada com os moradores da comunidade, mostraram que 15,4% da comunidade tem conhecimento da existência dessa UBSF e, destes, 100% afirmaram ter prontuário no mesmo local. Quando foram questionados sobre os locais ou as pessoas que procuram atendimento em caso de doença, 61,5% dos moradores se referiram à Unidade de pronto atendimento (UPA), 34,6% à unidade básica de saúde, 23,1% ao hospital público, 7,7% ao hospital privado, e 3,8% aos familiares e/ou amigos (Gráfico 5.1). Conforme informações da Secretaria Municipal de Saúde, o município de Goianésia possui um hospital público municipal.

A respeito da cobertura de saúde suplementar, 11,5% da comunidade disse possuir plano de saúde médico e/ou odontológico. A saúde suplementar constitui a assistência à saúde oferecida por planos e seguros de saúde (BRASIL, 1998).

Gráfico 5.1 – Procura por atendimento em caso de doenças, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

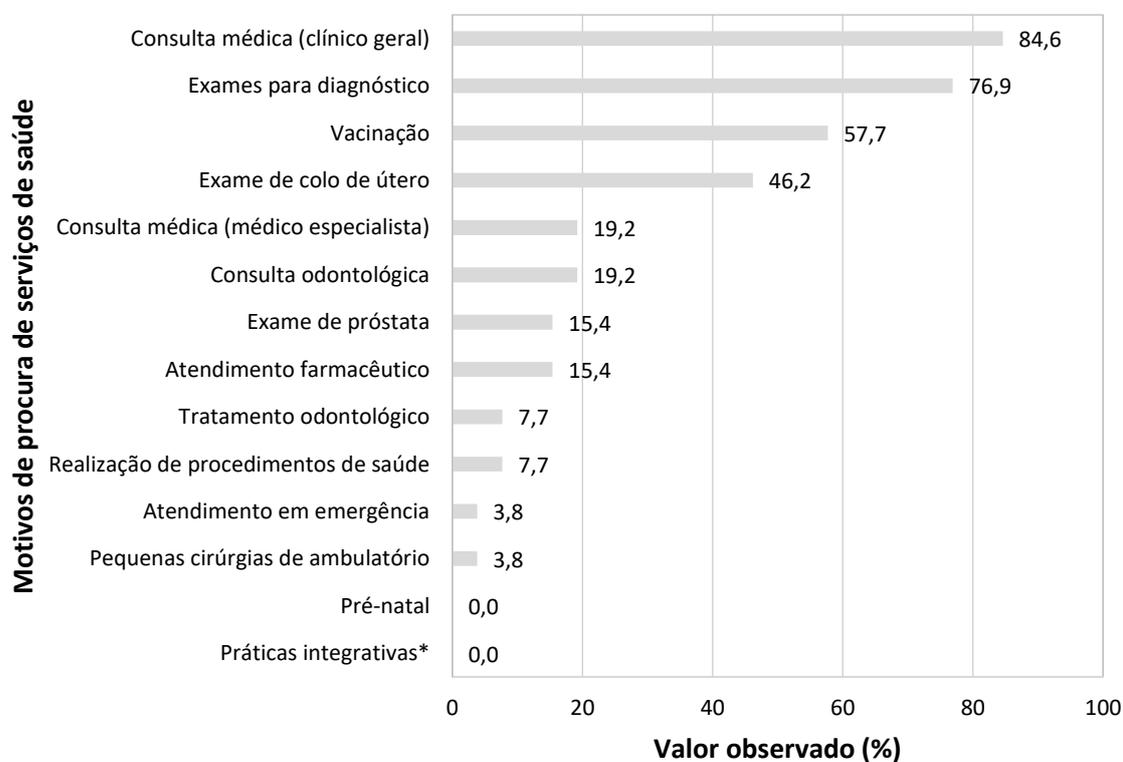
Na Tabela 5.1 estão apresentados os indicadores de acesso e uso da ABS. No último ano, 3,8% da comunidade comunicaram ter recebido visitas de algum membro da equipe de saúde da UBSF. Nos últimos 12 meses, os domicílios não receberam visita de ACS. Os ACS são responsáveis, entre outras atividades, pelo desenvolvimento de ações de prevenção de agravos e pela promoção e vigilância à saúde por meio de visitas regulares nos domicílios. O Ministério da Saúde recomenda uma visita mensal ou conforme demanda dos usuários (BRASIL, 2017). No que se refere aos demais profissionais que compõem a equipe da ESF, foram referidas visitas de enfermeiros (3,8%). Não foram relatadas visitas dos profissionais médicos, técnicos de enfermagem e cirurgiões-dentistas, nos domicílios da comunidade. No tocante à frequência de visita de Agentes de Combate a Endemias (ACE), não houve relatos de visitas nos domicílios da comunidade nos últimos 12 meses. Embora esses trabalhadores não integrem a equipe da ESF, eles desempenham ações nos domicílios conjuntamente com a equipe de atenção básica, desempenhando ações de controle de arboviroses e de outras doenças relacionadas ao saneamento básico inadequado.

Tabela 5.1 – Indicadores de acesso e uso da ABS na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Indicador	Valor observado (%)
Percentual de domicílios com visita de um membro da equipe da saúde da família nos últimos 12 meses	3,8
Percentual de domicílios com visita de agente comunitário de saúde nos últimos 12 meses	0,0
Percentual de domicílios com visita mensal ou menos de agente comunitário de saúde	0,0
Percentual de domicílios com visita de agente de combate a endemias nos últimos 12 meses	0,0
Percentual de domicílios com visita de enfermeiros da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	3,8
Percentual de domicílios com visita de técnicos ou auxiliares de enfermagem da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	0,0
Percentual de domicílios com visita de médicos da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	3,8
Percentual de domicílios com visita de cirurgiões-dentistas da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	3,8

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

No Gráfico 5.2, estão descritos os motivos que levaram as famílias da comunidade a procurarem por serviços de saúde no último ano. A consulta médica com clínico geral (84,6%), os exames para diagnóstico (76,9%), a vacinação (57,7%) e o exame de colo de útero (46,2%) foram os serviços mais procurados pela comunidade. A proporção de tratamento e consulta odontológica foi de 7,7%, em ambos.

Gráfico 5.2 – Procura por serviços de saúde pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: práticas integrativas: acupuntura, homeopatia e fitoterapia.

Conforme a Coordenação de Atenção Básica do município de Goianésia, as unidades de saúde responsáveis pela cobertura de saúde na zona rural oferecem os seguintes tipos de serviços: administração de injetáveis; aferição de pressão arterial; avaliação e tratamento de hanseníase; avaliação e tratamento de tuberculose; consulta médica; consulta odontológica; consulta de Enfermagem; curativo; dispensação de medicamentos; exame preventivo do câncer do colo do útero; exame clínico das mamas; HiperDia (acompanhamento diabéticos e hipertensos); imunização; lavagem auricular - retirada de cerume; medidas antropométricas; educação continuada; planejamento familiar; pré-natal; Programa Saúde na Escola; puericultura; retirada de pontos e teste da mamãe.

Os profissionais recebem qualificação conforme as necessidades da comunidade, incluindo temas, como organização do processo de trabalho e procedimentos em geral.

5.2 Morbidade e mortalidade

5.2.1 Prevalência de doenças autorreferidas

A relação entre saneamento básico inadequado e saúde é fundamental para a compreensão de alguns indicadores de morbidade e mortalidade, uma vez que ela é determinante na ocorrência de doenças, como as diarreias e arboviroses (SOUZA *et al.*, 2015).

No tocante à diarreia autorreferida pelos moradores, a prevalência foi de 7,7%, considerando-se a ocorrência em duas ou mais pessoas, simultaneamente, no domicílio. Quando considerada a ocorrência simultânea em dois ou mais moradores da comunidade de forma geral, não foi relatada ocorrência. Neste cenário, nos domicílios, em 50,0% das famílias, a diarreia ocorreu nos últimos seis meses, e 50,0% na última semana (Gráfico 5.3).

Gráfico 5.3 – Prevalência de diarreia com ocorrência simultânea em duas ou mais pessoas nos domicílios e de forma geral, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

As arboviroses também possuem estreita relação com a geração de resíduos no ambiente em que as pessoas vivem. Foram relatados 4,2% de casos de dengue, entretanto, não foram relatados casos de febre de Chikungunya, febre amarela, febre pelo vírus Zika e febre do Mayaro pelos entrevistados das comunidades (Tabela 5.2).

Tabela 5.2 – Prevalência de doenças transmissíveis autorreferidas na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Doença transmissível	Valor observado (%)
Dengue	4,2
Febre pelo vírus Zika	0,0
Febre de Chikungunya	0,0
Febre amarela	0,0
Febre do Mayaro	0,0
Malária	0,0
Hepatite A	0,0
Hepatite B	0,0
Hepatite C	0,0
Leptospirose	0,0
Esquistossomose	0,0
Hantavirose	0,0
Equinococose	0,0
Hanseníase	0,0
Tuberculose	0,0
Teníase	0,0
Ascaridíase	0,0
Leishmaniose	0,0
Doença de Chagas	0,0
Poliomielite	0,0
Infecção urinária	8,1
Toxoplasmose	0,0

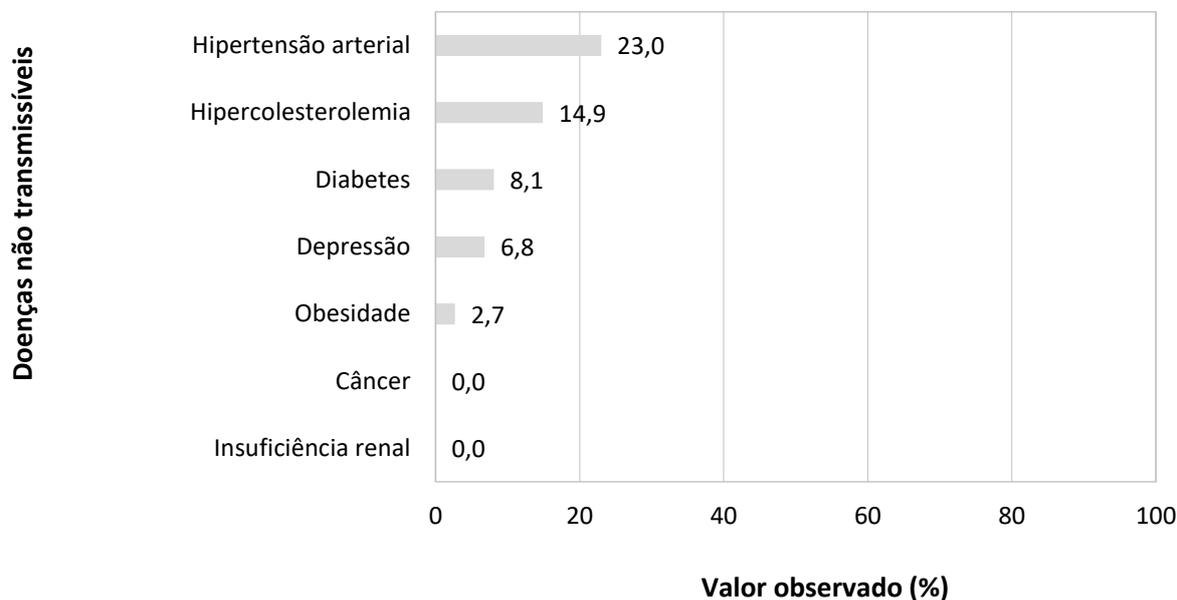
Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Doenças como hepatite A, hepatite B, hepatite C, leptospirose, esquistossomose, hantavirose, equinococose, tuberculose, teníase, malária, hanseníase, ascaridíase, leishmaniose doença de Chagas e poliomielite não foram autorreferidas pela comunidade. Entretanto, foram relatados casos de infecção urinária (8,1%) e gastrite (9,5%).

Já sobre as doenças crônicas não transmissíveis na comunidade, 23,0% apresentaram hipertensão arterial sistêmica, 14,9% hipercolesterolemia, 8,1% diabetes *mellitus*, 6,8% depressão, e 2,7% obesidade (Gráfico 5.4).

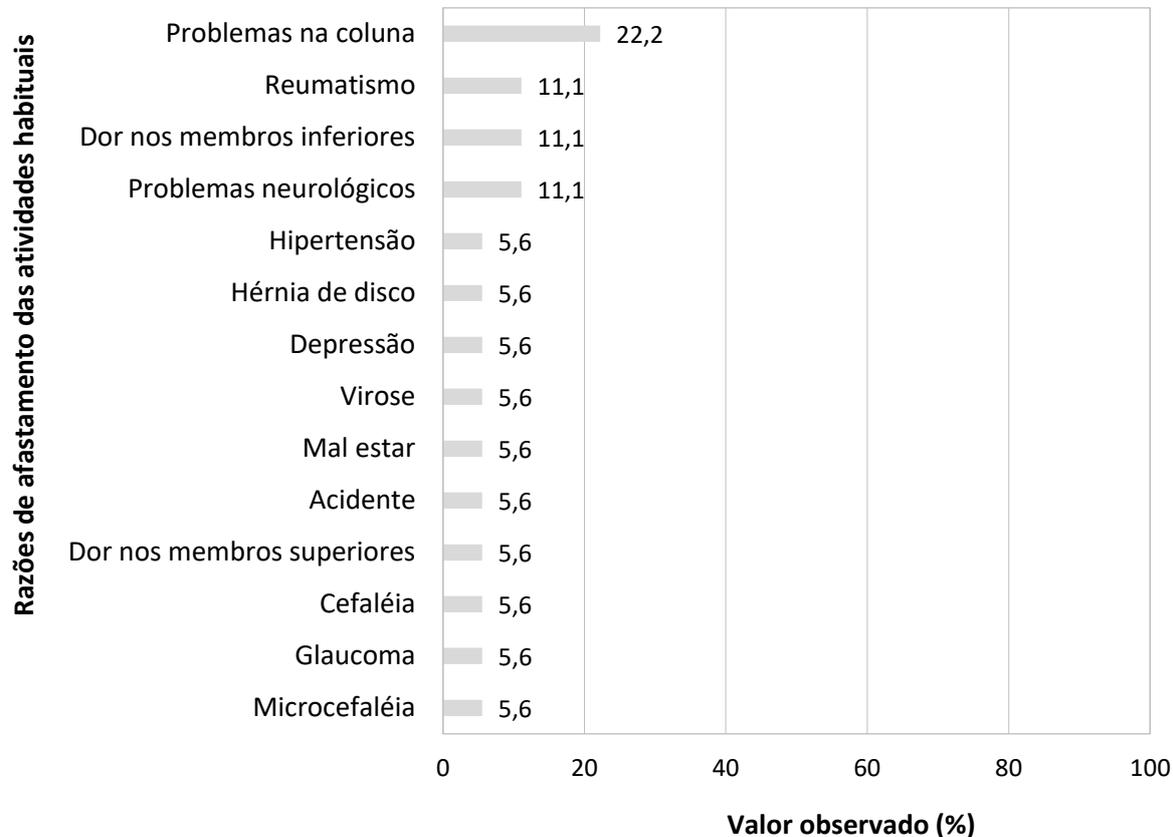
Na comunidade, 24,7% dos moradores afirmaram ter deixado de realizar suas atividades habituais por motivo de saúde no último mês. Os principais motivos relatados foram: problemas na coluna (22,2%), reumatismo (11,1%), dor nos membros inferiores (11,1%) e problemas neurológicos (11,1%) (Gráfico 5.5).

Gráfico 5.4 – Prevalência de doenças e agravos não transmissíveis na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Gráfico 5.5 – Razões de afastamento das atividades habituais por motivo de saúde, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

5.2.2 Internação hospitalar

A prevalência de internações hospitalares na comunidade nos últimos 12 meses foi de 20,3% e destas, 60,0% foram para realização de tratamento clínico, 33,3% para tratamento cirúrgico, 26,6% para realização de exames, e 20,0% por outros motivos não especificados (Gráfico 5.6).

Gráfico 5.6 – Prevalência de internações hospitalares na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

5.2.3 Mortalidade infantil

Não foram relatados óbitos de crianças com idade inferior a 1 ano no período analisado.

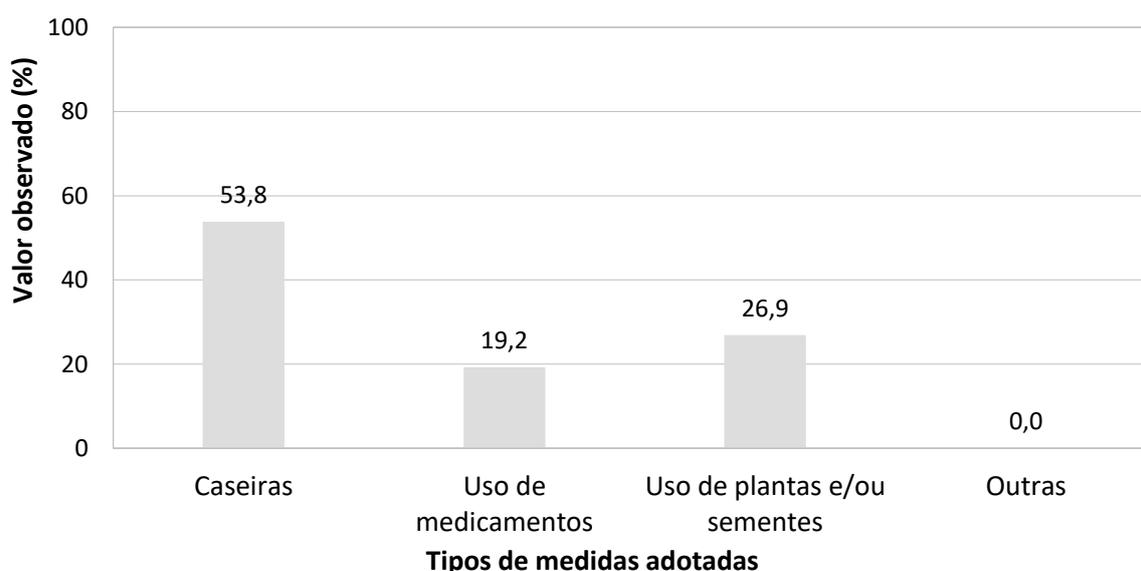
5.3 Cuidados terapêuticos e estilo de vida

No projeto SanRural foram pesquisados alguns cuidados terapêuticos com a saúde, como uso de medicamentos, plantas e estilo de vida, incluindo prática de atividade física, tabagismo e uso de bebida alcoólica.

5.3.1 Cuidados terapêuticos com a saúde

Quanto à primeira medida adotada em caso de doença, 53,8% da comunidade relatou recorrer a medidas caseiras, 19,2% ao uso de medicamentos, e 26,9% ao uso de plantas e/ou sementes (Gráfico 5.7).

Gráfico 5.7 – Primeira medida adotada em caso de doença pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

O uso de plantas e/ou similares para tratamento de sintomas ou doenças foi relatado por 42,3% da comunidade. Na Tabela 5.3 estão apresentadas as proporções de acordo com a forma e o motivo de uso de plantas e/ou sementes pela comunidade. Mencionou-se o uso de 23 diferentes tipos de plantas: erva cidreira, folha de hortelã, mentrasto, boldo, folha de maracujá, folha de limão, carrapicho, açafraão, alho, mastruz, folha de laranja, assa-peixe, folha de acerola, losna, folha de manga, fedegoso, guaco, folha de café, casca de laranja, casca de

abacaxi, batata doce, folha de amora, espinheira santa, além do uso de outras plantas não especificadas. A erva cidreira foi a planta mais utilizada pela comunidade (36,4%). A Foto 5.2 mostra o cultivo de plantas, hortaliças e/ou similares em alguns domicílios visitados.

Tabela 5.3 – Uso de plantas e/ou similares pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Planta	%	Forma de uso	Motivo(s)
Erva cidreira	36,4	Chá	Gripe, calmante e dores
Folha de hortelã	27,3	Chá	Calmante, tosse e vômitos
Uso de outras plantas	27,3	Chá e infusão	Calmante, diarreia, gota e gastrite
Mentrasito	18,2	Chá	Problemas intestinais e outros
Boldo	18,2	Chá	Diabetes e problemas de estômago
Folha de maracujá	18,2	Chá	Calmante e insônia
Folha de limão	9,1	Chá	Gripe
Carrapicho	9,1	Emplastro	Prevenção de tétano
Açafrão	9,1	Chá	Inflamações
Alho	9,1	Chá	Gripe
Mastruz	9,1	Emplastro	Cicatrização
Folha de laranja	9,1	Chá	Febre
Assa-peixe	9,1	Chá	Bronquite e anemia
Folha de acerola	9,1	Chá	Dores
Losna	9,1	Chá	Problemas de estômago
Folha de manga	9,1	Chá	Infecções
Fedegoso	9,1	Chá	Gripe
Guaco	9,1	Chá	Bronquite
Folha de café	9,1	Chá	Bronquite
Casca de laranja	9,1	Chá	Gripe
Casca de abacaxi	9,1	Chá	Hipercolesterolemia
Batata doce	9,1	Chá	Gastrite
Folha de amora	9,1	Chá	Menopausa
Espinheira santa	9,1	Chá	Infecção urinária

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Foto 5.2 – Cultivo de plantas, hortaliças e/ou similares em hortas localizadas em dois domicílios (a, b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Foto: acervo do Projeto SanRural.

A respeito da forma de obtenção de medicamentos de uso contínuo, a comunidade afirmou que o acesso é por meio do serviço público de forma gratuita (15,4%), farmácia popular (30,8%) e compra em outras farmácias (30,8%). Nenhum morador disse ter obtido

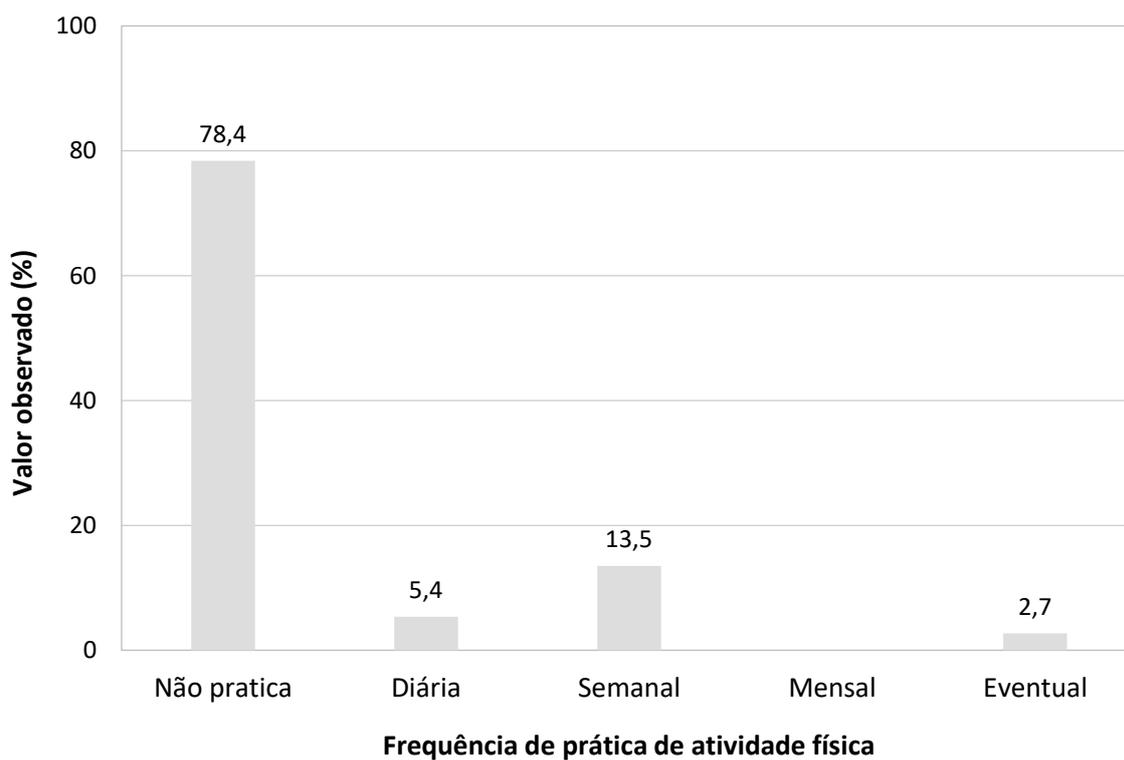
medicamentos por meio de amostras grátis do médico, doação de amigos/familiares, filantropia, igrejas etc.

5.3.2 Estilo de vida

No que se refere ao estilo de vida, foram analisados a frequência de atividade física e o uso de tabaco e de álcool.

Uma elevada proporção da comunidade (78,4%) informou não praticar atividade física, enquanto 13,5% a praticam semanalmente, 5,4% diariamente, e 2,7% eventualmente (Gráfico 5.8).

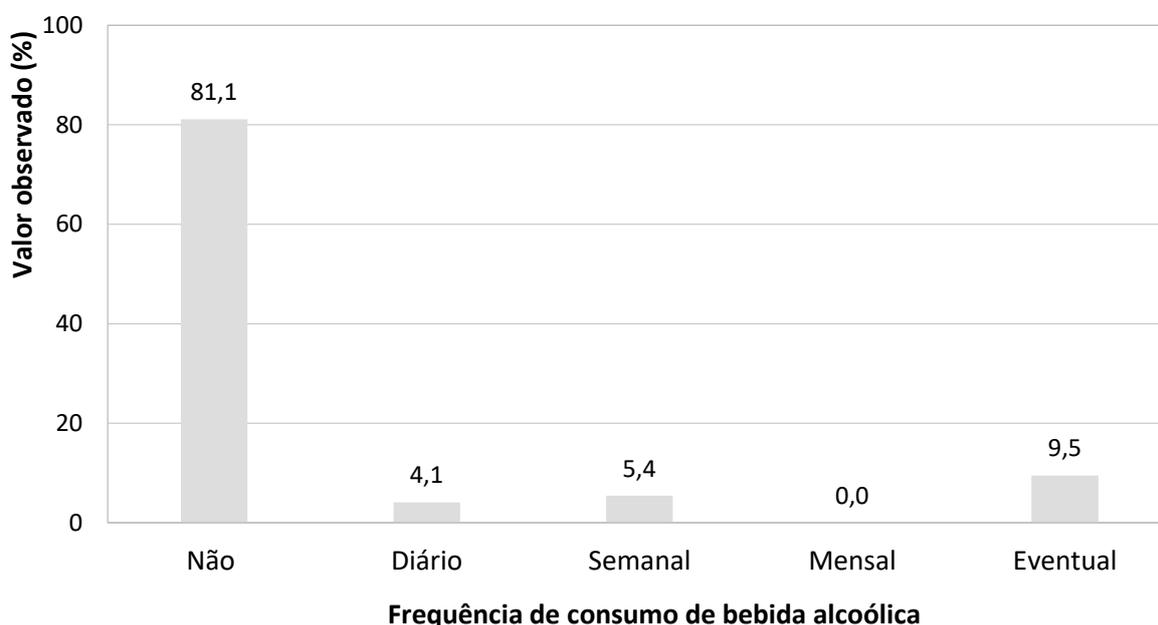
Gráfico 5.8 – Frequência prática de atividade física na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Já em relação ao consumo de bebida alcoólica, 9,5% da comunidade a consome eventualmente, 5,4% semanalmente, e 4,1%, diariamente. Uma alta proporção não consumia bebida alcoólica (81,1%) (Gráfico 5.9).

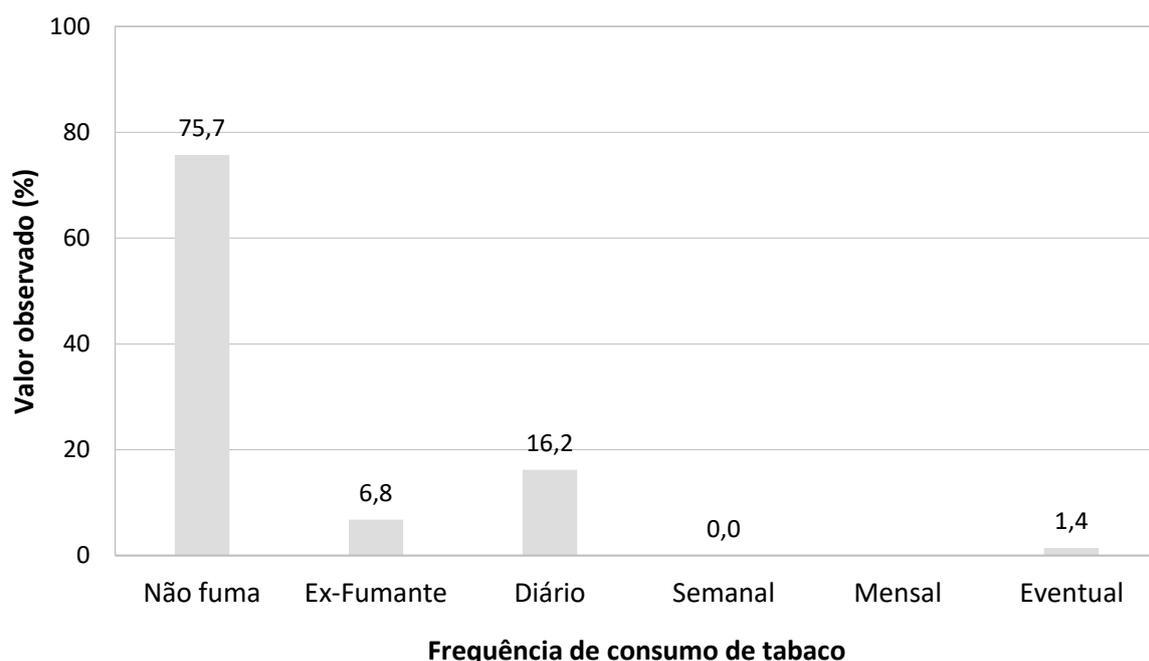
Gráfico 5.9 – Frequência do consumo de bebida alcoólica na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Quanto ao consumo de tabaco, 16,2% relataram consumi-lo diariamente, e 1,4% eventualmente. Um total de 6,8% era ex-fumante, e 75,7% da comunidade era não fumante (Gráfico 5.10). O percentual de fumantes atual é de 17,6%.

Gráfico 5.10 – Frequência do consumo de tabaco na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

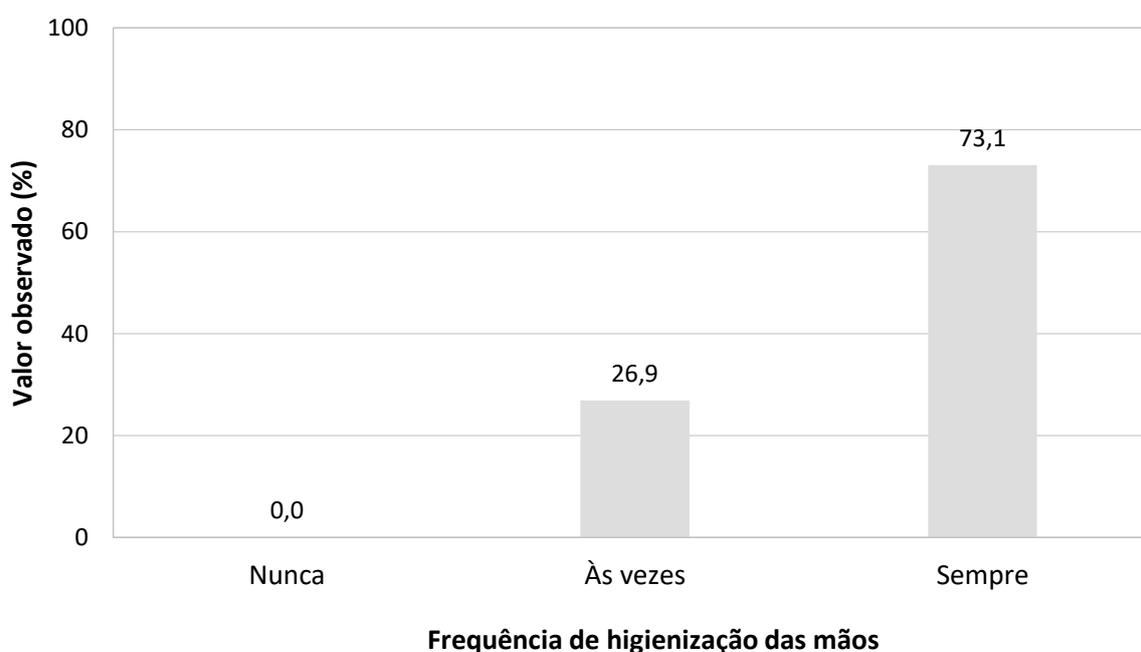


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

5.4 Cuidados com a saúde relacionados ao saneamento básico

Algumas práticas de autocuidado podem prevenir doenças relacionadas ao saneamento inadequado, como uso de medidas de proteção contra picadas de mosquitos, higienização das mãos e ingestão de alimentos adequadamente preparados. Outras medidas são utilizadas para tratamento e/ou controle, como uso de medicamentos para diarreia e/ou verminoses. A higienização das mãos é um dos cuidados mais importantes para a prevenção das doenças de veiculação hídrica. Na comunidade, 73,1% disseram sempre higienizar as mãos antes das refeições, e 26,9% às vezes (Gráfico 5.11).

Gráfico 5.11 – Frequência de higienização das mãos antes das refeições, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

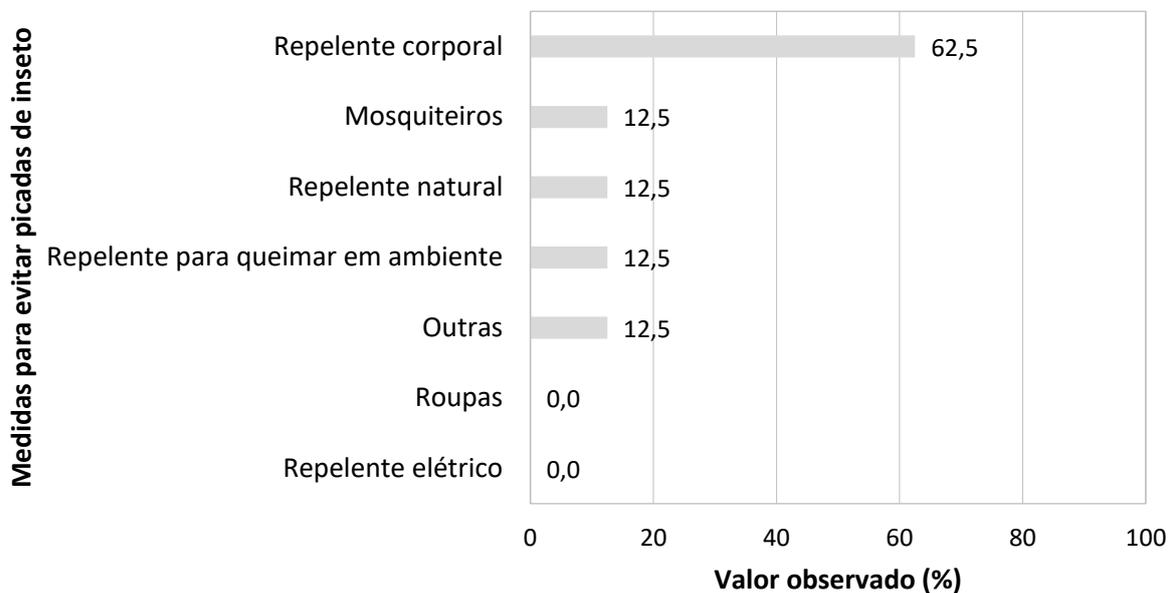


Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Na comunidade, 30,8% dos moradores disseram fazer uso de alguma medida para evitar picadas de mosquitos. Dentre as medidas adotadas, as principais foram o uso de repelente corporal (62,5%), os mosquiteiros (12,5%), o repelente natural (12,5%), o repelente para queimar em ar ambiente (12,5%), além de outras medidas não especificadas (12,5%) (Gráfico 5.12).

Na comunidade, 34,6% dos moradores afirmaram tomar banho em outro local que não seja o banheiro, como no rio ou no córrego. O consumo de carne crua e/ou mal cozida foi relatado por 19,2% dos moradores da comunidade.

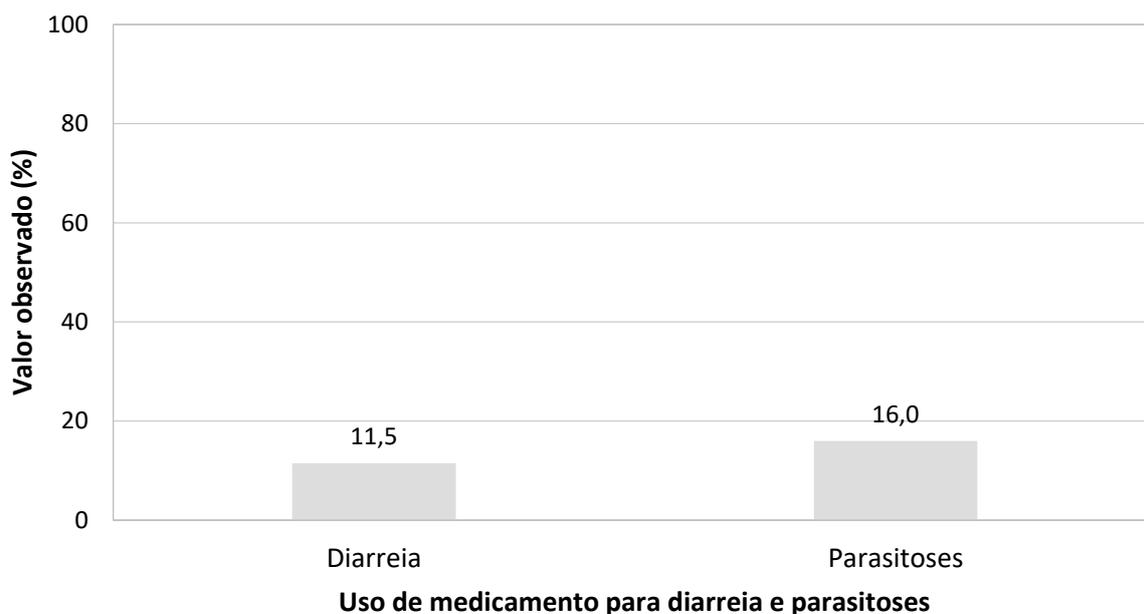
Gráfico 5.12 – Medidas adotadas para evitar picadas de mosquitos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

O uso de medicamentos para diarreia e parasitoses no último ano foi constatado por 11,5% e 16,0% da comunidade, respectivamente (Gráfico 5.13).

Gráfico 5.13 – Frequência do uso de medicamentos para diarreia e parasitoses pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

5.5 Situação vacinal

A situação vacinal foi avaliada mediante apresentação do cartão de vacina dos moradores do domicílio. Foram analisados 32 cartões de vacina de pessoas moradoras em 12 domicílios incluídos no projeto. Deste total, cinco eram de crianças com 5 anos ou menos de idade. O percentual de moradores com cartão de vacina na comunidade Vitória foi de 43,2%.

O cartão de vacina é um item essencial para registro e comprovação da situação vacinal de cada indivíduo, seja ele criança, adolescente, adulto, gestante ou idoso (BRASIL, 2014). A Foto 5.3 mostra o cartão de vacina de um dos moradores da comunidade Vitória.

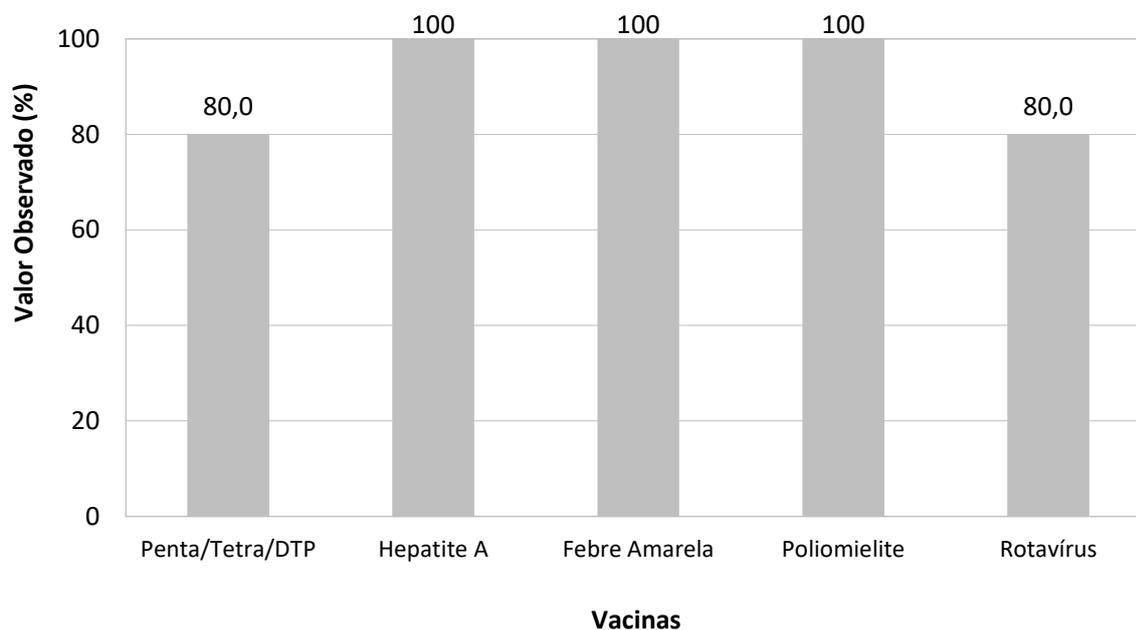
Foto 5.3 – Cartão de vacina de um dos moradores da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

The image shows two pages of a handwritten vaccination card. The left page is titled "VACINAS" and contains several sections for different vaccines, each with columns for Date, Lot, Assessor, and Lab. The right page is titled "Contra Influenza" and "OUTRAS VACINAS E SOROS", also with columns for Date, Lot, Assessor, and Lab. Handwritten entries in blue ink are visible throughout the card.

Fonte: acervo do projeto SanRural.

No cartão de uma criança, não havia registro da terceira dose da vacina pentavalente/tetralente/DTP. No cartão de outra criança, não havia registro da vacina tetraviral, varicela e da segunda dose da vacina rotavírus. Outra criança também não recebeu a vacina varicela. Para o desenvolvimento de imunidade, o Programa Nacional de Imunização (PNI) recomenda três doses e dois reforços para pentavalente/tetralente/DTP, duas doses para rotavírus, uma dose da vacina tetraviral e outra para varicela, em períodos preestabelecidos (BRASIL, 2014). No Gráfico 5.14, observa-se a situação vacinal de crianças com 5 anos ou menos de idade para vacinas que as protegem de doenças relacionadas à falta de saneamento básico.

Gráfico 5.14 – Situação vacinal de crianças de 5 anos ou menos de idade na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Houve atraso na vacinação da pentavalente/tetraivalente/DTP, poliomielite, pneumocócica 10V, rotavírus e meningocócica C. A Tabela 5.4 resume as incompletudes e os atrasos vacinais de crianças com 5 anos de idade ou menos.

Tabela 5.4 – Incompletudes e atrasos vacinais de crianças com 5 anos ou menos de idade, da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

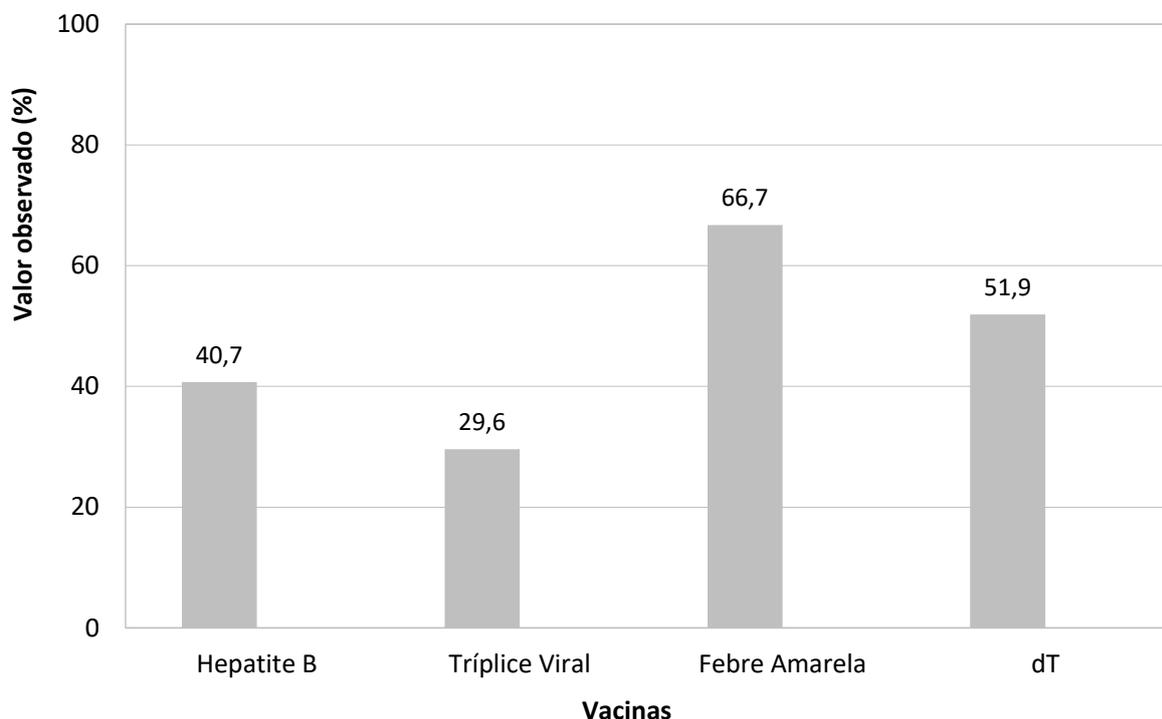
Vacina	Incompletude no esquema (%)*	Atraso vacinal(%)**	Tempo médio de atraso (meses)
Pentavalente/Tetraivalente/DTP	20	40	1,1
Poliomielite	-	40	1,1
Pneumocócica 10V	-	20	1,4
VORH	20	20	1,5
Meningocócica C	-	20	1,2
Tetraviral	20	-	-
Varicela	40	-	-

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: (*) crianças com pelo menos uma vacina faltante do esquema básico; (**) crianças que receberam alguma dose da vacina fora do prazo estabelecido pelo PNI; vacina pentavalente contra: difteria, tétano, coqueluche, *Haemophilus influenzae* B e hepatite B; vacina tetraivalente contra: difteria, tétano, coqueluche, *Haemophilus influenzae* B; vacina DTP contra: difteria, tétano, coqueluche.

No Gráfico 5.15, observa-se a situação vacinal das principais vacinas para pessoas com 6 anos ou mais de idade. Em 66,7% dos cartões analisados havia o registro da vacina contra febre amarela. Entretanto, o registro da vacina contra difteria/tétano, hepatite B e tríplice viral foi observado em 51,9%, 40,7% e 29,6% dos cartões, respectivamente.

Gráfico 5.15 – Situação vacinal de pessoas com 6 anos ou mais de idade, adolescentes, adultos e idosos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: vacina tríplice viral contra: sarampo, caxumba e rubéola; vacina dT contra: difteria e tétano.

Na Tabela 5.5, estão descritas as incompletudes e ausências de vacinas nos cartões de pessoas com 6 anos ou mais de idade. Observa-se que 59,3% da comunidade possui incompletude ou ausência da vacina contra hepatite B. Esses resultados podem estar atrelados à falta de informação sobre o calendário da imunização, dificuldade de acesso às vacinas, necessidade de maior busca ativa pelas unidades de saúde e ao maior número de doses de algumas vacinas como a hepatite B, que se torna um obstáculo para a completude do esquema vacinal.

Tabela 5.5 – Incompletudes e ausências de vacinas de pessoas com 6 anos ou mais de idade, adolescentes e adultos residentes na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Vacina	Valor observado (%)
Tríplice viral	70,4
dT	48,1
Febre amarela	33,3
Hepatite B	59,3

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: vacina tríplice viral contra: sarampo, caxumba e rubéola; vacina dT contra: difteria e tétano.

5.6 Valores observados, intervalos de confiança e indicadores

O intervalo de estimação adotado neste estudo foi de 95,0% de confiança, que pode variar tanto para mais ou menos, em função dos valores observados em campo. Os dados foram obtidos por meio de aplicação de formulários junto aos moradores.

Como exemplo, o primeiro valor pode ser observado na Tabela 5.6, na qual existe uma probabilidade de 95% de que o intervalo de 36,3% (Limite Inferior - LI) a 56,3% (Limite Superior - LS) contenha a porcentagem de pessoas que informaram a UBSF como local de referência de procura por serviços de saúde em caso de doença, com estimativa pontual de 46,2%.

A Tabela 5.6 demonstra os intervalos de estimação dos resultados de variáveis apresentadas ao longo do DTP.

Além disso, os indicadores de saúde estão apresentados nas Tabelas 5.7 à 5.11 e subdivididos em: acesso e uso dos serviços de saúde (Tabela 5.7), morbidade e mortalidade (Tabela 5.8), cuidados terapêuticos e estilo de vida (Tabela 5.9), cuidados relacionados ao saneamento básico (Tabela 5.10) e situação vacinal (Tabela 5.11).

Esses indicadores serão utilizados para subsidiar o DTP e auxiliar a elaboração do Protocolo de Atenção à Saúde de Comunidades Rurais Tradicionais. Possibilitarão, ainda, a análise comparativa da situação do saneamento ambiental das comunidades rurais. A descrição e as informações adicionais dos indicadores de saúde encontram-se no **Apêndice 2**.

Tabela 5.6 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis de acesso a serviços de saúde, morbidades, cuidados terapêuticos, estilo de vida, cuidados relacionados ao saneamento e à situação vacinal da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Locais e/ou pessoas de referência de procura em caso de doença			
UBSF	34,6	22,4	49,3
Hospitais públicos	23,1	13,2	37,3
Hospitais privados	7,7	2,8	19,3
UPA	61,5	46,9	74,4
Centro de Especialidades	0,0	0,0	7,9
Agentes Comunitários de Saúde	0,0	0,0	7,9
Familiares e/ou amigos	3,8	1,0	14,0
Curandeira e/ou benzedeira	0,0	0,0	7,9
Período que as famílias relataram ocorrência diarreia simultânea em duas ou mais pessoas moradoras do domicílio			
Há mais de um ano	0,0	0,0	59,0
No último ano	0,0	0,0	59,0
Nos últimos seis meses	50,0	11,6	88,4
No último mês	0,0	0,0	59,0
Na última semana	50,0	11,6	88,4
Período que as famílias relataram ocorrência diarreia simultânea em dois ou mais moradores da comunidade			
Há mais de um ano	NA	NA	NA
No último ano	NA	NA	NA
Nos últimos seis meses	NA	NA	NA
No último mês	NA	NA	NA
Na última semana	NA	NA	NA
Motivos de saúde que os moradores relataram para afastamento das atividades habituais nos últimos 30 dias			
Hipertensão	5,6	1,4	19,7
Problemas na coluna	22,2	11,0	39,7
Hérnia de disco	5,6	1,4	19,7
Depressão	5,6	1,4	19,7
Reumatismo	11,1	4,1	26,9
Virose	5,6	1,4	19,7
Mal estar	5,6	1,4	19,7
Acidente	5,6	1,4	19,7
Dor nos membros inferiores	11,1	4,1	26,9
Dor nos membros superiores	5,6	1,4	19,7
Cefaléia	5,6	1,4	19,7
Glaucoma	5,6	1,4	19,7
Microcefaléia	5,6	1,4	19,7
Problemas neurológicos	11,1	4,1	26,9
Motivos da internação hospitalar			
Realização de tratamento clínico	60,0	40,7	76,6
Realização de tratamento cirúrgico	33,3	18,2	52,9
Realização de exames	26,7	13,3	46,2
Tratamento psiquiátrico	0,0	0,0	13,3
Parto	0,0	0,0	13,3
Outros motivos	20,0	8,9	39,1

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

(continua)

Nota: Unidade Básica de Saúde da Família = UBSF; Unidade de Pronto Atendimento = UPA; limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS; não se aplica = NA.

Tabela 5.6 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis de acesso a serviços de saúde, morbidades, cuidados terapêuticos, estilo de vida, cuidados relacionados ao saneamento e à situação vacinal da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
(continuação)			
Primeira medida adotada em caso de doença pelos moradores da comunidade			
Medidas caseiras	53,8	39,5	67,6
Medicamentos	19,2	10,3	33,0
Plantas e/ou sementes	26,9	16,1	41,4
Outras medidas	0,0	0,0	7,9
Tipos de plantas e/ou sementes utilizadas pelas famílias para tratamento de doenças e/ou sintomas			
Mentrasto	18,2	6,7	40,7
Folha de limão	9,1	2,3	30,1
Carrapicho	9,1	2,3	30,1
Açafrão	9,1	2,3	30,1
Alho	9,1	2,3	30,1
Mastruz	9,1	2,3	30,1
Folha de laranja	9,1	2,3	30,1
Boldo	18,2	6,7	40,7
Assa peixe	9,1	2,3	30,1
Folha de acerola	9,1	2,3	30,1
Losna	9,1	2,3	30,1
Folha de manga	9,1	2,3	30,1
Fedegoso	9,1	2,3	30,1
Guaco	9,1	2,3	30,1
Folha de café	9,1	2,3	30,1
Folha de hortelã	27,3	12,3	50,2
Casca de laranja	9,1	2,3	30,1
Folha de maracujá	18,2	6,7	40,7
Casca de abacaxi	9,1	2,3	30,1
Erva cidreira	36,4	18,6	58,9
Batata doce	9,1	2,3	30,1
Folha de amora	9,1	2,3	30,1
Espinheira santa	9,1	2,3	30,1
Uso de outras plantas	27,3	12,3	50,2
Forma de obtenção de medicamentos de uso contínuo			
Gratuitamente pelo serviço público	42,3	29,0	56,8
Farmácia popular	42,3	29,0	56,8
Compra em outras farmácias	84,6	71,3	92,4
Amostras grátis	0,0	0,0	7,9
Doação (amigos/familiares/vizinhos)	0,0	0,0	7,9
Doação (filantropia/igrejas/ONG)	0,0	0,0	7,9
Frequência de higienização das mãos antes de refeições			
Nunca	0,0	0,0	7,9
Às vezes	26,9	16,1	41,4
Sempre	73,1	58,6	83,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: Organização não governamental = ONG; limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS.

Tabela 5.6 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis de acesso a serviços de saúde, morbidades, cuidados terapêuticos, estilo de vida, cuidados relacionados ao saneamento e à situação vacinal da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(conclusão)		
	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Tipos de medidas adotadas pelas famílias para evitar picadas de insetos			
Repelente corporal	62,5	36,4	82,9
Mosquiteiros	12,5	3,1	38,9
Repelente elétrico	0,0	0,0	22,7
Repelente natural	12,5	3,1	38,9
Roupas	0,0	0,0	22,7
Repelente para queimar no ambiente	12,5	3,1	38,9
Outras medidas	62,5	36,4	82,9
Proporção de crianças com idade 5 anos ou menos com pelo menos uma dose da vacina em atraso			
Pentavalente/Tetavalente/DTP	20,0	7,0	45,2
Vacina contra poliomielite	0,0	0,0	20,4
Vacina contra febre amarela	0,0	0,0	20,4
Vacina contra hepatite A	0,0	0,0	20,4
Vacina oral rotavírus humano (VORH)	20,0	7,0	45,2
Proporção de moradores com 6 anos ou mais com incompletude dos esquemas vacinais ou ausência de vacinas			
Vacina contra hepatite B	59,3	49,0	68,8
Vacina tríplice viral	70,4	60,3	78,8
Vacina contra febre amarela	33,3	24,5	43,5
Vacina dT	48,1	38,2	58,3

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: vacina contra difteria = dT, tétano e coqueluche = DTP; limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS.

Tabela 5.7 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de acesso e uso dos serviços de saúde da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Acesso e uso de serviços de saúde	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDS 01 - Percentual de famílias que possuem conhecimento sobre a existência da UABSF da comunidade	15,4	7,6	28,7
INDS 02 - Percentual de famílias com morador(a) que possui prontuário na UBSF da comunidade	100,0	61,0	100,0
INDS 03 - Cobertura de saúde suplementar	11,5	5,1	24,1
INDS 04 - Percentual de domicílios com visita de um membro da equipe da saúde da família nos últimos 12 meses	3,8	1,0	14,0
INDS 05 - Percentual de domicílios com visita de agente comunitário de saúde nos últimos 12 meses	0,0	0,0	7,9
INDS 06 - Percentual de domicílios com visita mensal ou menos de agente comunitário de saúde	0,0	0,0	7,9
INDS 07 - Percentual de domicílios com visita de agente de combate às endemias nos últimos 12 meses	0,0	0,0	7,9
INDS 08 - Percentual de domicílios com visita de enfermeiros da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	3,8	1,0	14,0
INDS 09 - Percentual de domicílios com visita de técnicos ou auxiliares de enfermagem da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	0,0	0,0	7,9
INDS 10 - Percentual de domicílios com visita de médicos da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	3,8	1,0	14,0
INDS 11 - Percentual de domicílios com visita de cirurgiões-dentistas da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses	3,8	1,0	14,0
INDS 12 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta médica com clínico geral nos últimos 12 meses	84,6	71,3	92,4
INDS 13 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta médica especializada nos últimos 12 meses	19,2	10,3	33,0
INDS 14 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para exames diagnósticos nos últimos 12 meses	76,9	62,7	86,8
INDS 15 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para vacinação nos últimos 12 meses	57,7	43,2	71,0
INDS 16 - Percentual de famílias com moradora que procurou serviços de saúde para realizar exame de colo de útero nos últimos 12 meses	46,2	32,4	60,5
INDS 17 - Percentual de famílias com moradora que procurou serviços de saúde para realizar pré-natal nos últimos 12 meses	0,0	0,0	7,9
INDS 18 - Percentual de famílias com morador que procurou serviços de saúde para realizar exame de próstata nos últimos 12 meses	15,4	7,6	28,7
INDS 19 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para atendimento farmacêutico nos últimos 12 meses	15,4	7,6	28,7
INDS 20 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta odontológica nos últimos 12 meses	19,2	10,3	33,0
INDS 21 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para tratamento odontológico nos últimos 12 meses	7,7	2,8	19,3
INDS 22 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para realização de procedimentos de saúde nos últimos 12 meses	7,7	2,8	19,3
INDS 23 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para realização de práticas integrativas e complementares nos últimos 12 meses	0,0	0,0	7,9
INDS 24 - Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para atendimento de urgência e emergência nos últimos 12 meses	3,8	1,0	14,0
INDS 25 - Percentual de famílias que procuraram serviço de saúde para pequenas cirurgias de ambulatório nos últimos 12 meses	3,8	1,0	14,0

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: Unidade Básica de Saúde da Família = UBSF; limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS; indicador de saúde = INDS.

Tabela 5.8 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de morbidade e mortalidade da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Morbidade e Mortalidade	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDS 25 - Prevalência de diarreia autorreferida com ocorrência simultânea em dois ou mais moradores da comunidade	0,0	0,0	39,0
INDS 26 - Prevalência de diarreia autorreferida com ocorrência simultânea em duas ou mais pessoas dos domicílios	7,7	2,8	19,3
INDS 28.1 - Prevalência de dengue autorreferida	4,1	1,8	9,0
INDS 28.2 - Prevalência de febre pelo vírus Zika autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.3 - Prevalência de febre de chikungunya autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.4 - Prevalência de febre amarela autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.5 - Prevalência de febre do Mayaro autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.6 - Prevalência de malária autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.7 - Prevalência de hepatite A autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.8 - Prevalência de hepatite B autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.9 - Prevalência de hepatite C autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.10 - Prevalência de leptospirose autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.11 - Prevalência de esquistossomose autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.12 - Prevalência de hantavirose autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.13 - Prevalência de equinococose autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.14 - Prevalência de hanseníase autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.15 - Prevalência de tuberculose autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.16 - Prevalência de teníase autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.17 - Prevalência de ascaridíase autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.18 - Prevalência de leishmaniose autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.19 - Prevalência de doença de Chagas autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.20 - Prevalência de poliomielite autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.21 - Prevalência de infecção urinária autorreferida	8,1	4,5	14,1
INDS 28.22 - Prevalência de toxoplasmose autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.23 - Prevalência de hipertensão arterial autorreferida	23,0	16,5	31,0
INDS 28.24 - Prevalência de hipercolesterolemia autorreferida	14,9	9,7	22,0
INDS 28.25 - Prevalência de diabetes <i>mellitus</i> autorreferida	8,1	4,5	14,1
INDS 28.26 - Prevalência de depressão autorreferida	6,8	3,6	12,5
INDS 28.27 - Prevalência de obesidade autorreferida	2,7	1,0	7,2
INDS 28.28 - Prevalência de insuficiência renal autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.29 - Prevalência de câncer autorreferido	0,0	0,0	2,9
INDS 28.30 - Prevalência de anemia autorreferida	0,0	0,0	2,9
INDS 28.31 - Prevalência de gastrite autorreferida	9,5	5,5	15,8
INDS 29 - Percentual de moradores que deixaram de realizar atividades habituais por motivo de saúde nos últimos 30 dias	24,7	18,0	32,9
INDS 30 - Prevalência de internação hospitalar nos últimos 12 meses	20,3	14,2	28,1
INDS 31 - Percentual de domicílios com óbitos infantis nos últimos 12 meses	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS; indicador de saúde = INDS.

Tabela 5.9 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de cuidados terapêuticos e estilo de vida da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Cuidados terapêuticos e estilo de vida	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDS 32 - Percentual de famílias que utilizam plantas e/ou sementes para tratamento de doenças e/ou sintomas	42,3	29,0	56,8
INDS 33 - Prevalência de prática diária de atividade física	5,4	2,6	10,8
INDS 34 - Prevalência de prática semanal de atividade física	13,5	8,6	20,5
INDS 35 - Prevalência de prática mensal de atividade física	0,0	0,0	2,9
INDS 36 - Prevalência de prática eventual de atividade física	2,7	1,0	7,2
INDS 37 - Percentual de moradores que não praticam atividade física	78,4	70,5	84,6
INDS 38 - Prevalência de uso diário de bebida alcoólica	4,1	1,8	9,0
INDS 39 - Prevalência de uso semanal de bebida alcoólica	5,4	2,6	10,8
INDS 40 - Prevalência de uso mensal de bebida alcoólica	0,0	0,0	2,9
INDS 41 - Prevalência de uso eventual de bebida alcoólica	9,5	5,5	15,8
INDS 42 - Percentual de moradores que não consomem bebida alcoólica	81,1	73,4	86,9
INDS 43 - Prevalência de uso diário de tabaco	16,2	10,8	23,6
INDS 44 - Prevalência de uso semanal de tabaco	0,0	0,0	2,9
INDS 45 - Prevalência de uso mensal de tabaco	0,0	0,0	2,9
INDS 46 - Prevalência de uso eventual de tabaco	1,4	0,3	5,2
INDS 47 - Prevalência de ex-fumantes	6,8	3,6	12,5
INDS 48 - Percentual de moradores que não fazem uso de tabaco	75,7	67,6	82,3
INDS 49 - Prevalência de fumantes atuais	17,6	11,9	25,1

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS; indicador de saúde = INDS.

Tabela 5.10 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de cuidados relacionados ao saneamento básico da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Cuidados relacionados ao saneamento básico	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDS 50 - Proporção de famílias com moradores que realizam higienização das mãos adequadamente antes das refeições	73,1	58,6	83,9
INDS 51 - Percentual de famílias que utilizam medidas para evitar picadas de insetos	30,8	19,2	45,4
INDS 52 - Percentual de famílias que tomam banho em outro local que não seja o banheiro	34,6	22,4	49,3
INDS 53 - Percentual de famílias que referem consumo de carne crua e/ou mal cozida	19,2	10,3	33,0
INDS 54 - Percentual de famílias com moradores que referiram uso de medicamentos para diarreia nos últimos 12 meses	11,5	5,1	24,1
INDS 55 - Percentual de famílias com moradores que referiram uso de medicamentos para parasitoses nos últimos 12 meses	16,0	7,9	29,7

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS; indicador de saúde = INDS.

Tabela 5.11 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de situação vacinal na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Situação vacinal	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDS 56 - Percentual de moradores com cartão de vacina	43,2	37,4	49,3
INDS 57 - Percentual de crianças com 5 anos ou menos com esquema completo para vacina pentavalente/tetraivalente/DTP	80,0	54,8	93,0
INDS 58 - Percentual de crianças com 5 anos ou menos com esquema completo para vacina oral rotavírus humano (VORH)	80,0	54,8	93,0
INDS 59 - Percentual de crianças com 5 anos ou menos com vacina contra febre amarela	100,0	79,6	100,0
INDS 60 - Percentual de crianças com 5 anos ou menos com esquema completo para vacina contra poliomielite	100,0	79,6	100,0
INDS 61 - Percentual de crianças com 5 anos ou menos com vacina contra Hepatite A	100,0	79,6	100,0
INDS 62 - Percentual de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para tríplice viral	29,6	21,2	39,7
INDS 63 - Percentual de moradores com 6 anos ou mais com vacina contra febre amarela	66,7	56,5	75,5
INDS 64 - Percentual de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para dT	51,9	41,7	61,8
INDS 65 - Percentual de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para hepatite B	40,7	31,2	51,0

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: vacina contra: difteria, tétano e coqueluche = DTP; limite inferior do intervalo de confiança = LI; limite superior do intervalo de confiança = LS; indicador de saúde= INDS.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9656**, de 3 junho de 1998. Dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde. Brasília: Diário Oficial da União, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013, 48 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Normas e Procedimentos para Vacinação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014, 146 p.

BRASIL. **Portaria Nº 2.436**, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário, Brasília/DF; 2017.

SCALIZE, P. S. *et al.* Aspectos metodológicos. *In*: SCALIZE, P. S. *et al.* **Diagnóstico técnico participativo da Comunidade Vitória: Goianésia-Goiás: 2018**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 22-41.

SOUZA, C. M. N. *et al.* **Saneamento**: promoção da saúde, qualidade de vida e sustentabilidade ambiental. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015. 139p.

6

ASPECTOS DO SANEAMENTO



Autores (as):

Paulo Sérgio Scalize
Nolan Ribeiro Bezerra
Ricardo Prado Abreu Reis
Raviel Eurico Basso
Roberta Vieira Nunes Pinheiro
Humberto Carlos Ruggeri Junior

Hítalo Tobias Lôbo Lopes
Liziana de Sousa Leite
Mário Henrique Lobo Bergamini
Thaynara Lorryne de Oliveira
Tales Dias Aguiar

6.1 Abastecimento de água

A Comunidade Vitória, pertencente ao município de Goianésia-GO, não possui um Sistema de Abastecimento de água (SAA) ou uma Solução Alternativa Coletiva (SAC). As fontes utilizadas para obtenção de água nos domicílios eram particulares, não havendo compartilhamento com outros moradores, enquadrando-se, portanto, como Soluções Alternativas Individuais (SAI). Dentre as SAI utilizadas, destacam-se as usadas para a ingestão, como o poço tubular raso, também chamado de minipoço (11,5%) (Foto 6.1a), o poço tubular profundo (7,7%), o poço raso escavado (38,5%) (Foto 6.1b), a nascente, mina ou bica (23,1%), a água de chuva armazenada em cisterna (3,8%) e o manancial superficial (15,4%), descritos na Tabela 6.1. No Mapa 6.1, podem ser observadas a espacialização dos domicílios e as fontes de abastecimento de água utilizadas para ingestão.

Tabela 6.1 – Fontes de abastecimento de água utilizadas para ingestão pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Fontes de abastecimento	Quantidade (%)
Poço tubular raso	11,5
Poço tubular profundo	7,7
Poço raso escavado	38,5
Nascente, mina ou bica	23,1
Água de chuva (cisterna)	3,8
Manancial superficial	15,4

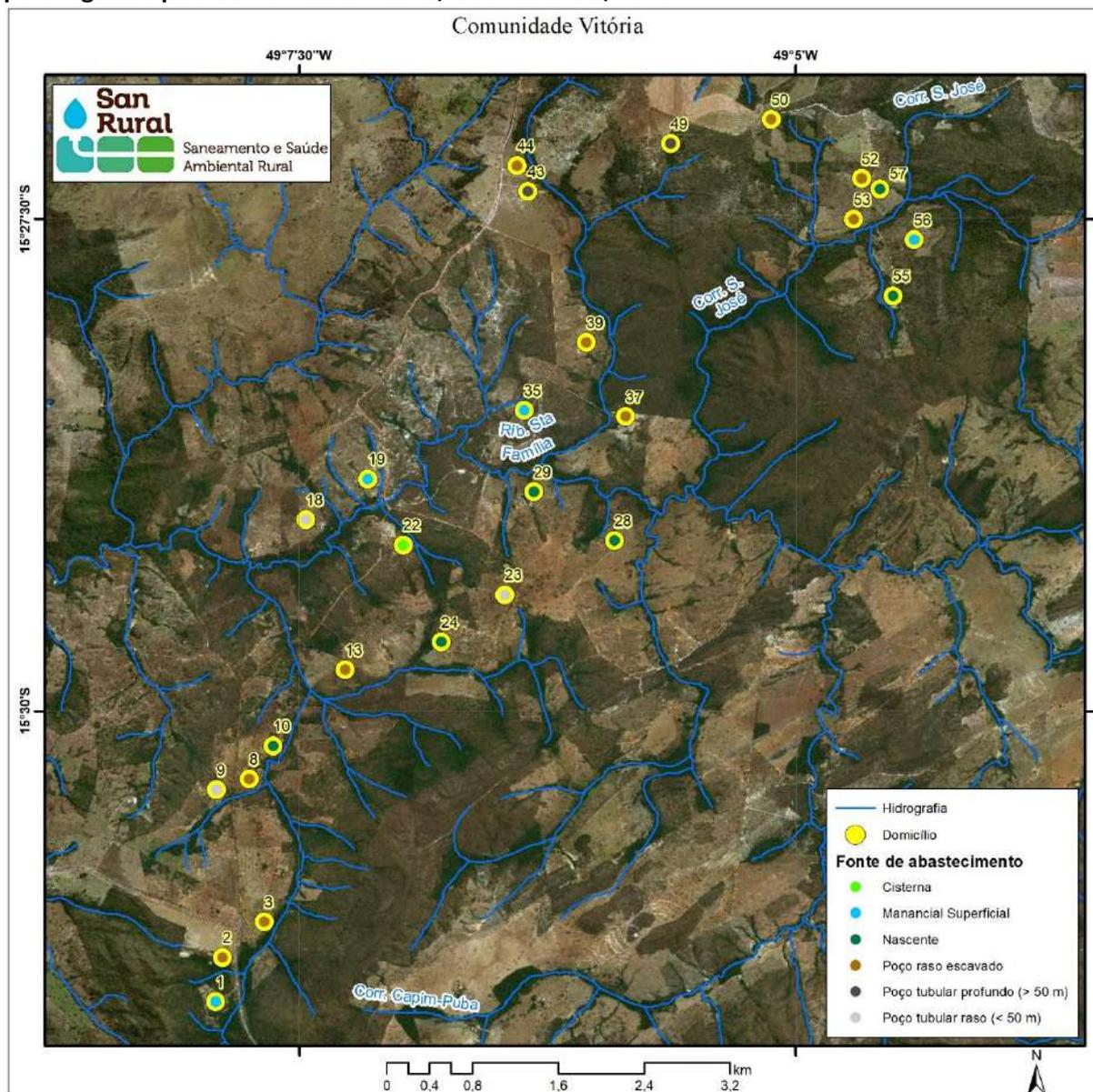
Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Foto 6.1 – Poço tubular raso (a) e poço raso escavado (b) utilizados em domicílios da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Mapa 6.1 – Distribuição espacial dos domicílios e das fontes de abastecimento de água utilizadas para ingestão pela Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Considerando-se todos os usos da água (beber, banho, lavar verduras, frutas e legumes, cozinhar e outros usos), na Tabela 6.2 são apresentadas as diferentes combinações de fontes de abastecimento de água identificadas na Comunidade Vitória, onde 53,8% das famílias utilizavam apenas uma fonte de abastecimento de água (15,4% manancial superficial, 15,4% nascente, mina ou bica, 3,8% poço tubular raso, 3,8% poço tubular profundo e 15,4% poço raso escavado), e 46,2% usavam duas.

Dentre as captações realizadas em mananciais superficiais, nascentes, minas ou bicas, ressaltam-se uma realizada por meio de conjunto motobomba submerso (Foto 6.3a) e outra

de eixo horizontal (Foto 6.3b), instalada em uma estrutura de madeira e coberta por um material metálico.

Tabela 6.2 – Combinação de fontes de abastecimento de água identificadas e empregadas para os diversos usos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Quantidade de fontes de abastecimento	Fonte de abastecimento	Quantidade (%)	
		Individual	Total
1	Manancial superficial	15,4	53,8
	Nascente, mina ou bica	15,4	
	Poço tubular raso	3,8	
	Poço tubular profundo	3,8	
	Poço raso escavado	15,4	
2	Nascente e manancial superficial	7,7	46,2
	Poço raso escavado e manancial superficial	23,1	
	Poço raso escavado e poço tubular raso	7,7	
	Poço raso escavado e poço tubular profundo	3,9	
	Água de chuva e nascente, mina ou bica	3,8	
Total		100,0	100,0

Fonte: banco de dados do projeto SanRural.

Foto 6.2 – Conjunto motobomba subsersível (a) e outro de eixo horizontal (b), utilizados para captação de água por moradores, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

A respeito dos poços tubulares rasos e profundos, muitos estavam protegidos por diferentes estruturas e materiais, tal como abrigos em alvenaria de tijolos e telhas (Foto 6.3a) ou madeira e telhas (Foto 6.3b). Estes mecanismos são importantes para proteger as

tubulações do poço e o conjunto motobomba, de eixo horizontal, que podem ser danificados pela chuva e/ou por animais.

Foto 6.3 – Abrigo contruído em alvenaria de tijos e telhas(a) e outro com madeira e telhas (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Quanto aos poços rasos escavados, 100,0% possuíam tampa, 91,7% apresentam mureta de proteção (Foto 6.4a), e 23,1% eram dotados de calçamento em sua região de contorno. No entanto, todos eram desprovidos de cercas. Apesar de todos os poços escavados possuírem tampa, algumas destas eram feitas com material improvisado (Foto 6.4b). O emprego correto dos componentes de proteção é essencial para a segurança dos moradores e animais que circulam pelo local onde o poço está instalado, além de serem cruciais para dificultar a contaminação desta fonte de abastecimento de água por agentes externos. Por isso, sua presença é recomendada (BRASIL, 2015).

A respeito das cisternas de armazenamento de água de chuva para aproveitamento, sua construção foi realizada pelo Projeto Verde Vida (Foto 6.5b), implantado por volta de 2013, que contou com o apoio da PETROBRAS. A captação desta fonte era realizada por meio de calhas instaladas nos telhados das residências (Foto 6.5a), sendo esta água, posteriormente, armazenada em cisternas. Conforme relato de um morador da comunidade, em alguns casos as famílias realizam o abastecimento da cisterna com uma fonte alternativa, funcionando, desta forma, como um reservatório domiciliar (caixa d'água). O mesmo morador relatou ainda que os dispositivos são pequenos, não sendo suficientes para abastecer os domicílios durante

todo o período de estiagem, suprindo apenas 30 dias de seca, sendo utilizada água de nascente, mina ou bica nos demais dias.

Foto 6.4 – Poço raso escavado com tampa e mureta de proteção (a) e outro tampado com material improvisado (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

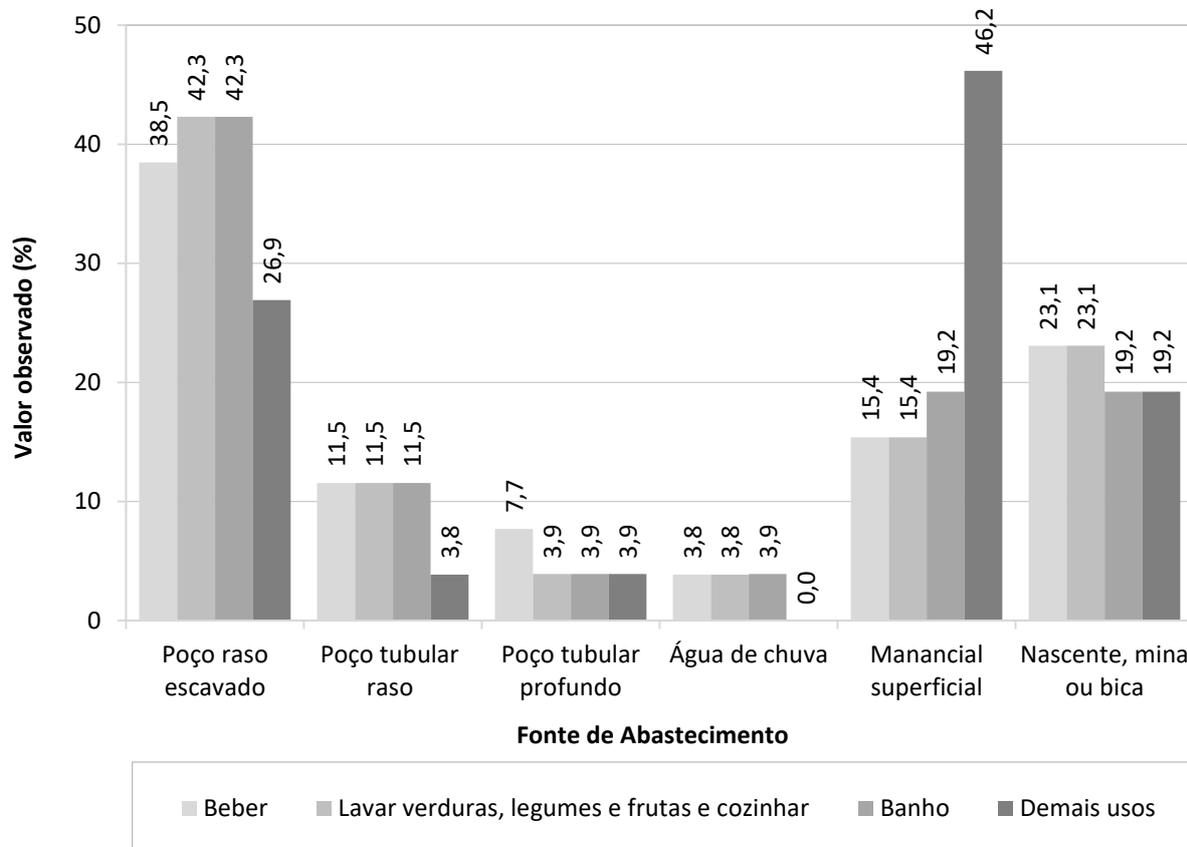
Foto 6.5 – Sistema de captação de água de chuva (a) e cisterna do projeto Verde Vida (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Sobre os diferentes usos da água nos domicílios, a fonte utilizada para ingestão é a mesma utilizada para lavar verduras, legumes e frutas, higiene pessoal, cozinhar e demais usos, tais como lavar a casa e o quintal, regar hortaliças, dessedentação animal, entre outros (Gráfico 6.1). No entanto, nos domicílios que possuem mais de uma fonte de suprimento de água (Tabela 6.2), foram identificadas uma rejeição à água armazenada na cisterna para os demais usos e uma preferência pelo manancial superficial. Há certa preocupação com a preservação do volume de água de chuva armazenado para fins mais nobres.

Gráfico 6.1 – Fontes de abastecimento de água em função dos diferentes usos nos domicílios da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

6.1.1 Condição intradomiciliar

Na Comunidade Vitória, 100,0% dos domicílios possuem canalização interna (rede de distribuição predial), com (88,5%) e sem reservatório domiciliar (11,5%).

Na comunidade, 91,3% dos domicílios possuem um único reservatório domiciliar, e 8,7% têm dois (Foto 6.6). Dentre os reservatórios analisados, 25,0% apresentam extravasor, porém, nenhum conta com tela de proteção em sua saída, estando acessível à entrada de contaminantes externos. Ressalta-se que 100,0% dos reservatórios apresentavam tampas, sendo que 65,0% destas encontravam-se fixadas e amarradas em 100,0% dos casos, evitando que fossem deslocadas com o vento, expusessem a água e a tornassem susceptível a contaminações e/ou à proliferação de vetores, tal como o *Aedes aegypti*.

Foto 6.6 – Domicílios com dois reservatórios domiciliares, um apoiado e outro elevado, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Dentre os reservatórios domiciliares, 4,0% possuem capacidade de 250 L, 56,0% de 500 L, 20,0% de 1.000 L, 4,0% de 3.000 L, 8,0% de 5.000 L e 8,0% não tiveram seus volumes identificados. Observou-se que 78,9% dos reservatórios apresentavam sinais de transbordamento, indicando, desta forma, o desperdício de água, além de oferecer risco de contaminação. No que se refere ao material construtivo, 68,0% deste era de polietileno, 12,0% de fibra de vidro, e 12,0% de fibrocimento (cimento amianto), sendo que o amianto não é recomendado pela Organização Mundial de Saúde – OMS (WHO, 2017). Existe ainda uma parcela dos reservatórios (8,0%) na qual os materiais não foram identificados. Contudo, nenhum apresentava trincas, e todos foram instalados no solo ou sobre estruturas de diferentes materiais, tais como material metálica, madeira (Foto 6.7a) ou alvenaria (Foto 6.7b). Foi informado ainda que 68,2% dos reservatórios domiciliares foram lavados pelo menos uma vez ao ano.

Em relação aos recipientes empregados para armazenar a água utilizada para ingestão, observou-se que em 88,5% dos domicílios era utilizada alguma forma de armazenamento, podendo ser jarra de vidro, de plástico, garrafa PET, pote de barro/argila ou filtro de barro. Das famílias entrevistadas, 86,4% disseram lavar com frequência estes recipientes, 9,1% às vezes, e 4,5% não os lavam.

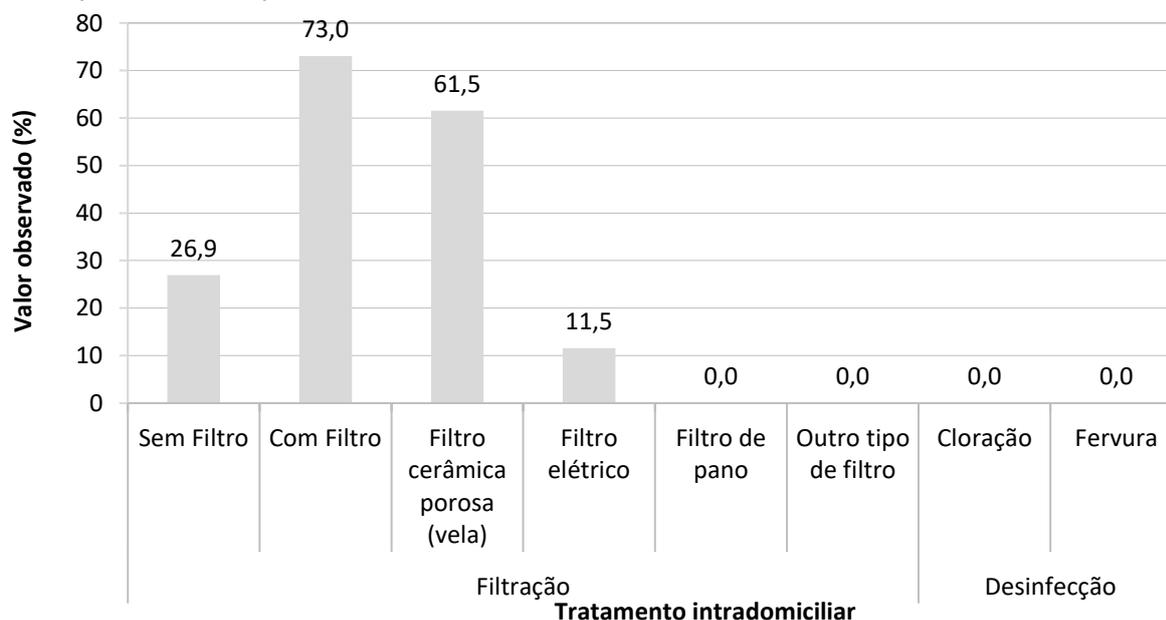
Foto 6.7 – Reservatório domiciliar instalado sobre estrutura em madeira (a) e outro sobre estrutura em alvenaria de tijolos (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Considerando-se como medida sanitária intradomiciliar qualquer tipo de filtração (filtro com vela cerâmica ou cerâmica porosa, filtro elétrico, coagem em pano ou outra forma), foi constatado, segundo as informações dos respondentes, que essa medida é realizada em 73,0% das unidades familiares (Gráfico 6.2), sendo 61,5% por filtro cerâmica porosa, e 11,5% por filtragem elétrica. A respeito da desinfecção da água utilizada para ingestão, não houve relatos da realização de fervura ou adição de cloro na água (Gráfico 6.2).

Gráfico 6.2 – Tratamento intradomiciliar realizado na água utilizada para ingestão, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

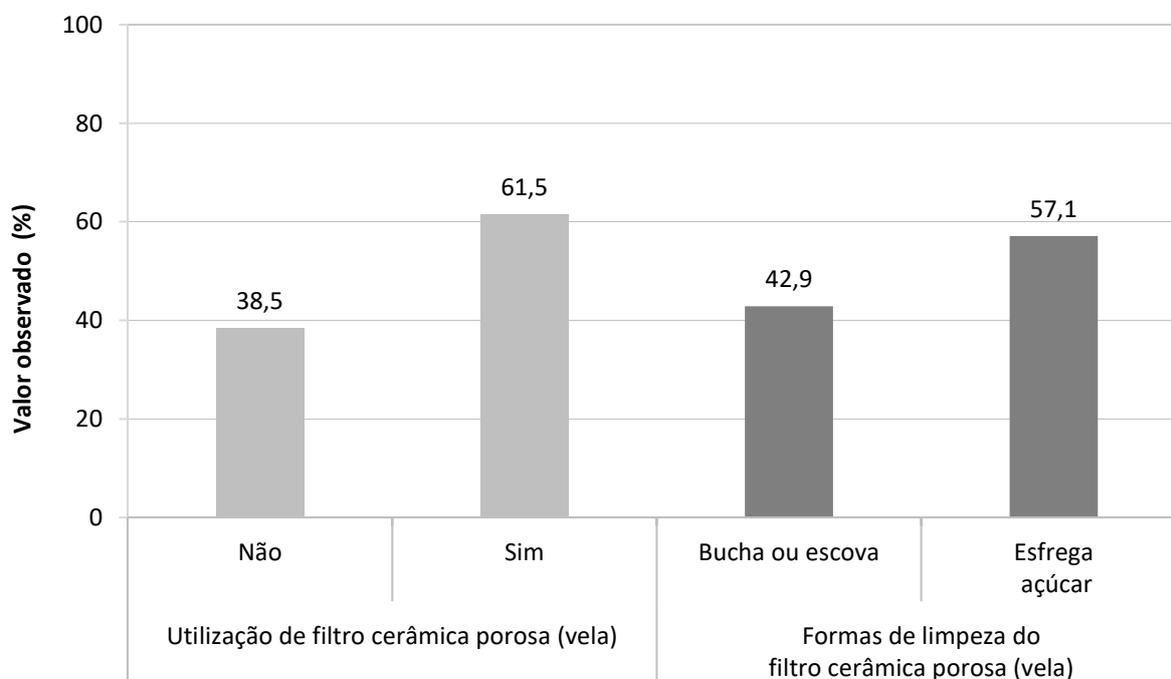
Quanto à limpeza da vela (Foto 6.8), 42,9% disseram esfregá-la com bucha ou escova, e 57,1% com açúcar (Gráfico 6.3), sendo consideradas inadequadas devido à abrasão exercida sobre o material, que pode danificar os poros da cerâmica, tornando a filtração deste mecanismo ineficiente.

Foto 6.8 – Vela utilizada em filtro cerâmica porosa, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Gráfico 6.3 – Utilização de filtro de cerâmica porosa tipo vela e as formas declaradas de sua limpeza, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

6.2 Esgotamento sanitário

Na Comunidade Vitória, não foi identificado sistema de esgotamento sanitário coletivo. Em função disso, a destinação do esgoto gerado é realizada pelos moradores, adotando soluções individuais. Dos domicílios analisados, 57,7% utilizaram a fossa séptica ou fossa ecológica como solução individual adequada, e 42,3% a fossa negra/rudimentar, que, mesmo sendo considerada como solução inadequada, é uma forma de destinação dos efluentes gerados. A Foto 6.9 mostra quatro sistemas de fossas, sendo duas consideradas adequadas (fossa séptica/fossa ecológica), as outras duas inadequadas (fossas negras/rudimentares) e os aspectos construtivos dessas fossas.

Foto 6.9 – Situações construtivas de fossa séptica com tampa de concreto e tubulação de respiro sem proteção (a), fossa ecológica com tubulação de respiro sem proteção (b), fossa negra/rudimentar com tampa de concreto e tubulação de respiro sem proteção (c), tampa sob terra/areia, pedras e entulhos (d), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

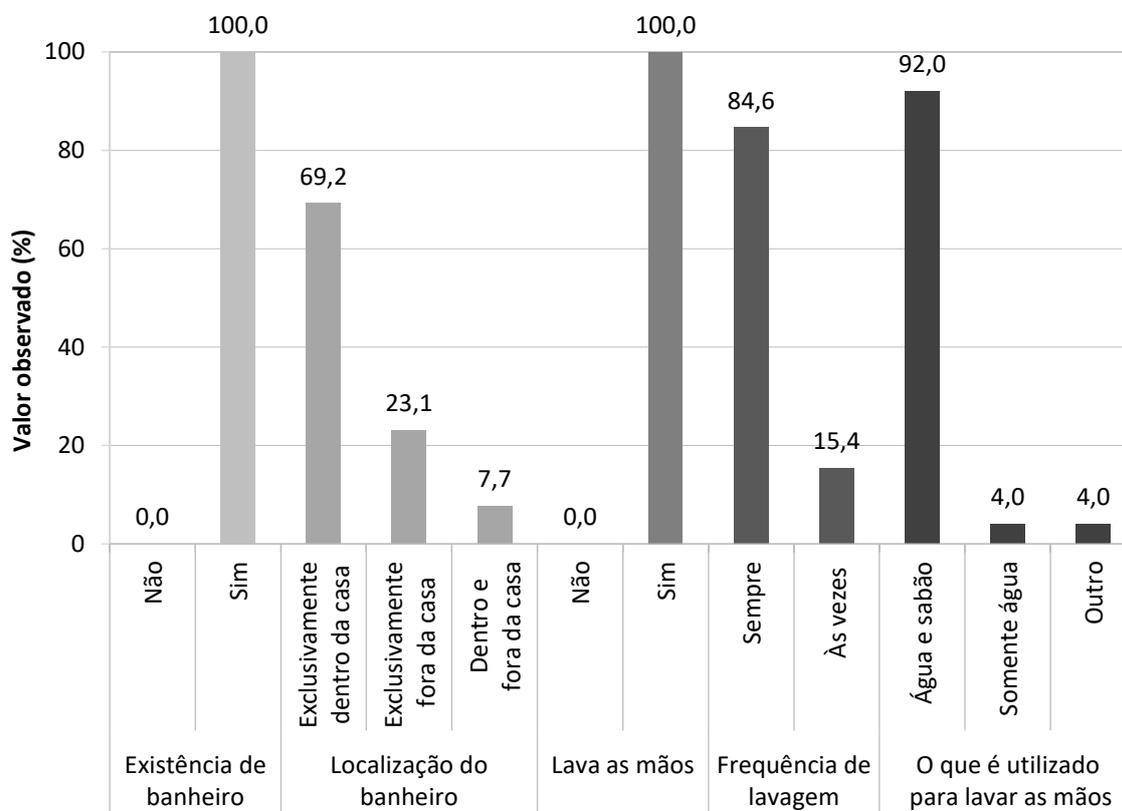
A Foto 6.9a apresenta uma fossa séptica com tampa de concreto e tubulação de respiro sem proteção ou extremidade curva, o que poderia facilitar a entrada de insetos e água pluvial no interior do sistema por essa tubulação. Na Foto 6.9b pode-se observar uma fossa ecológica com uma mureta de alvenaria no seu perímetro, evitando a colmatação do seu leito suporte devido à entrada de material sólido no seu interior, por meio do escoamento superficial de uma precipitação (chuva). Além disso, há uma tubulação de respiro sem proteção. A Foto 6.9c mostra uma fossa negra/rudimentar com tampa de concreto armada sobre mureta de tijolos, revestida com argamassa de cimento e areia, além de possuir uma tubulação de respiro sem proteção ou extremidade curva. Na Foto 6.9d, nota-se uma fossa negra/rudimentar com tampa sob solo, pedras e entulhos, o que dificulta a identificação do material utilizado na sua execução. As fossas das Fotos 6.9a, 6.9b e 6.9d encontravam-se praticamente no mesmo nível do solo, o que pode facilitar a entrada de água pluvial no interior das fossas e o extravasamento do efluente. Além disso, esta situação poderia aumentar o risco de erosão ao longo do perímetro das fossas devido à desestabilização do solo. Essas situações negativas comprometem as condições de infraestrutura dos sistemas de esgotamento sanitário, podendo criar uma situação crítica à segurança e à proteção dos moradores e animais do local.

6.2.1 Condição da habitação, higiene e destinação final dos efluentes

Observou-se que 100,0% dos domicílios da comunidade possuíam banheiro, sendo que 76,9% apresentam banheiro interno. Considerando-se a localidade dos banheiros nos domicílios, 69,2% estavam localizados exclusivamente dentro da casa, 23,1% exclusivamente fora da casa, e 7,7% dentro e fora de casa (Gráfico 6.4). Foi informado que 100,0% dos moradores lavavam as mãos após o uso banheiro. Em relação à frequência de lavagem das mãos, 84,6% dos moradores sempre as lavavam, e 15,4% às vezes. Sobre o modo de lavagem de mãos, foi informado que 92,0% dos moradores da Comunidade Vitória utilizavam a água e o sabão após o uso do banheiro, 4,0% somente água, e 4,0% álcool em gel.

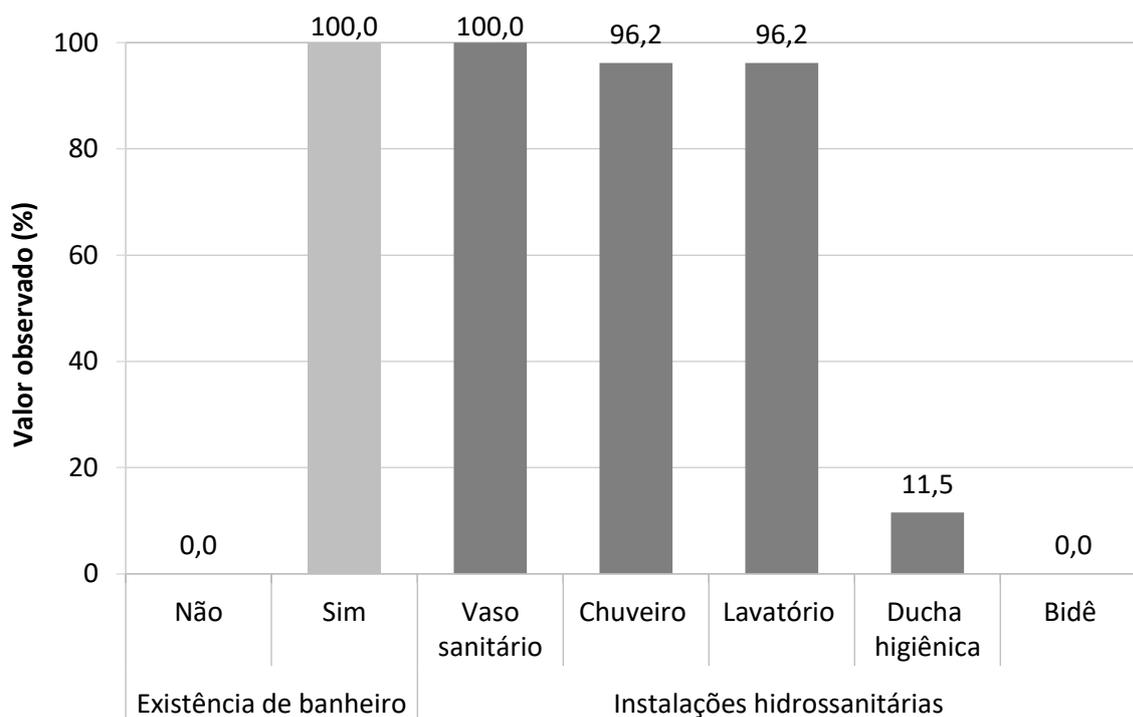
No tocante aos banheiros da comunidade, 100,0% possuíam vaso sanitário (Gráfico 6.5). Além disso, 96,2% dos domicílios possuíam lavatório e chuveiro, 11,5% ducha higiênica, e nenhum tinha bidê.

Gráfico 6.4 – Situação quanto à existência de banheiro, sua localização e informação quanto à forma e frequência da higienização das mãos, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Gráfico 6.5 – Tipos de aparelhos hidrossanitários existentes nos banheiros das unidades familiares da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



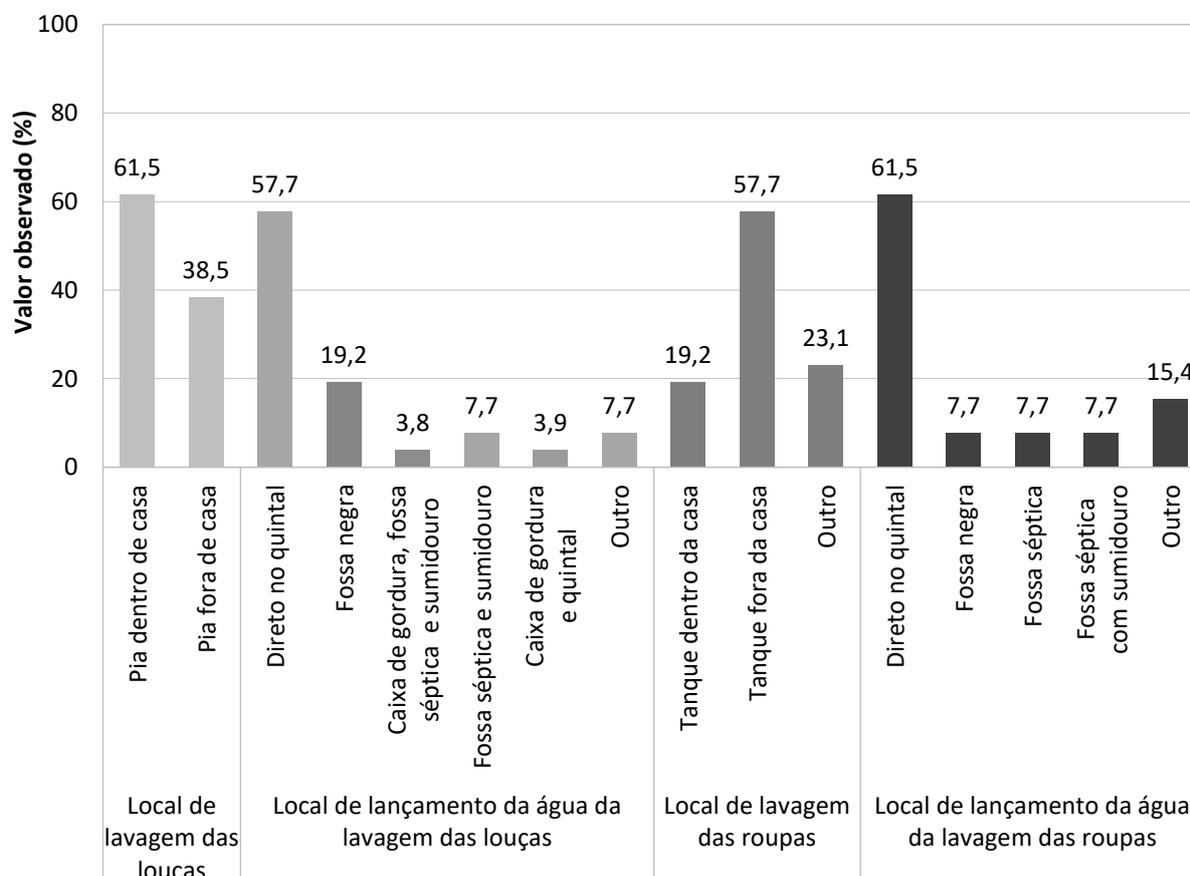
Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Quanto à destinação do efluente doméstico gerado nos domicílios, percebeu-se que 46,2% do esgoto proveniente do vaso sanitário (água fecal), esteja o banheiro fora ou dentro da casa, era lançado em fossa negra/rudimentar, 42,3% em fossa séptica, 7,7% na fossa séptica e sumidouro, e 3,8% em fossa ecológica.

No que diz respeito ao lançamento do efluente do chuveiro e da pia do banheiro (águas cinzas), 32,0% o lançavam diretamente no solo, 40,0% em fossa negra/rudimentar, 16,0% em fossa séptica, 8,0% em fossa séptica e sumidouro, e 4,0% em fossa ecológica.

No Gráfico 6.6, observa-se, dentre as informações que retratam a destinação da água cinza (efluente gerado principalmente nas cozinhas), que 61,5% lavavam as louças na pia dentro de casa, e 38,5% na pia fora de casa. Em 57,7% dos casos, a água cinza era lançada diretamente no quintal (Fotos 6.10a e 6.10b), 19,2% na fossa negra/rudimentar, 3,8% na sequência caixa de gordura e fossa séptica com sumidouro, 7,7% na fossa séptica com sumidouro, 3,9% na sequência caixa de gordura e quintal, e 7,7% na fossa ecológica.

Gráfico 6.6 – Localização dos aparelhos hidrossanitários e locais de geração e de lançamento da água cinza, proveniente da pia para lavagem das louças e do tanque para lavagem das roupas, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Considerando-se ainda as informações contidas no Gráfico 6.6 em relação à lavagem de roupas, identificou-se que 19,2% utilizavam o tanque dentro da casa, 57,7% fora de casa, e 23,1% faziam uso da máquina/tanquinho. Levando-se em consideração o efluente gerado a partir da lavagem de roupas, pôde-se verificar que 61,5% deste era lançados diretamente no quintal, 7,7% na fossa negra, 7,7% na fossa séptica, 7,7% na fossa séptica com sumidouro, e 15,4% na fossa ecológica ou nas plantas do quintal.

Ainda sobre o lançamento dos efluentes das águas cinzas, este quase sempre aconteceu próximo à residência. As Fotos 6.10a e 6.10b ilustram o cenário causado pelo lançamento da água proveniente da pia de lavar louças e/ou do tanque de lavar roupas por meio de tubulações, podendo resultar no acúmulo de efluente. Em determinadas situações, observou-se o desenvolvimento de vegetação devido ao lançamento de água cinza, o que favoreceu o crescimento de plantas nesse local. Estes cenários podem contribuir para o início do processo de erosão no solo.

Foto 6.10 – Lançamento e acúmulo de água cinza proveniente da pia da cozinha e/ou do tanque de lavar roupas, diretamente no solo do quintal próximo aos domicílios (a) e (b), na Comunidade Vitória, Niquelândia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

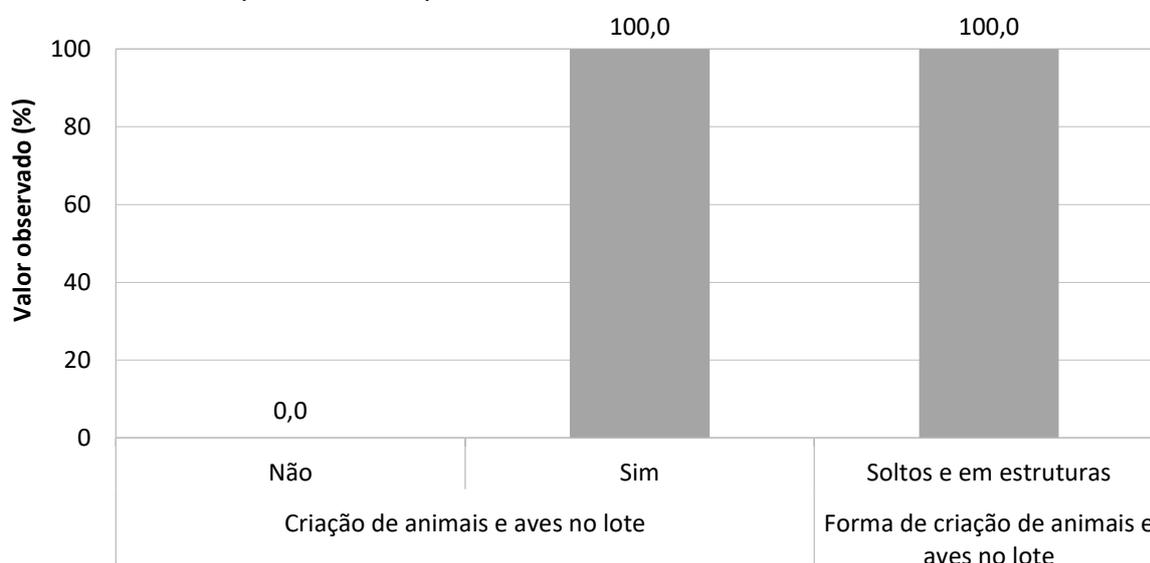
O lançamento de água cinza nas proximidades do domicílio propicia um ambiente insalubre, podendo trazer risco de contaminação da água, desenvolvimento de vetores e, conseqüentemente, possível comprometimento à saúde.

6.2.2 Condição geral do lote devido à presença de animais e suas estruturas

Na área rural, frequentemente ocorrem criações de animais para consumo próprio ou para serem comercializados. Esses animais podem ficar soltos no quintal ou confinados em galinheiros, currais e chiqueiros. Neste item serão discutidos os aspectos da presença dessas estruturas, associadas aos animais, frente ao esgotamento sanitário.

No Gráfico 6.7, 100,0% dos domicílios possuíam criação de animais e aves no lote, sendo que 100,0% se encontravam soltos e em estruturas de confinamento.

Gráfico 6.7 – Ocorrência de criação e situação de confinamento de animais e aves nos lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



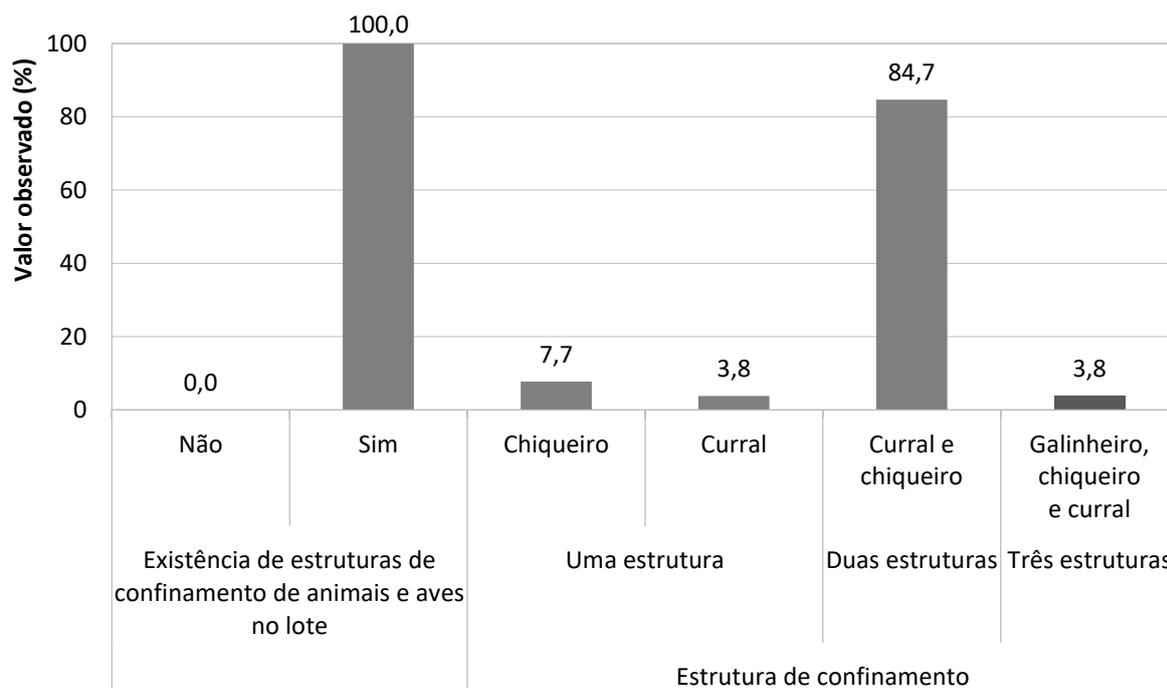
Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Conforme o Gráfico 6.8, na Comunidade Vitória, existem estruturas de confinamento em 100,0% dos domicílios, sendo que 7,7% apresentaram apenas chiqueiro, 3,8% apenas curral, 84,7% curral e chiqueiro, e 3,8% tinham três estruturas de confinamento (galinheiro, chiqueiro e curral).

A presença de domicílios sem estruturas de confinamento, com animais soltos no lote, pode constituir uma situação inadequada do ponto de vista sanitário, pois a água pluvial em contato com as excretas desses animais pode contaminar o solo e/ou os moradores por meio do contato com a pele, oferecendo riscos à saúde. A condição das excretas no lote pode ser observada no Gráfico 6.9, no qual, de modo geral, se observou que em 92,0% dos casos houve a presença de excretas no quintal próximo às casas, e 8,0% não as possuíam. Percebeu-se que

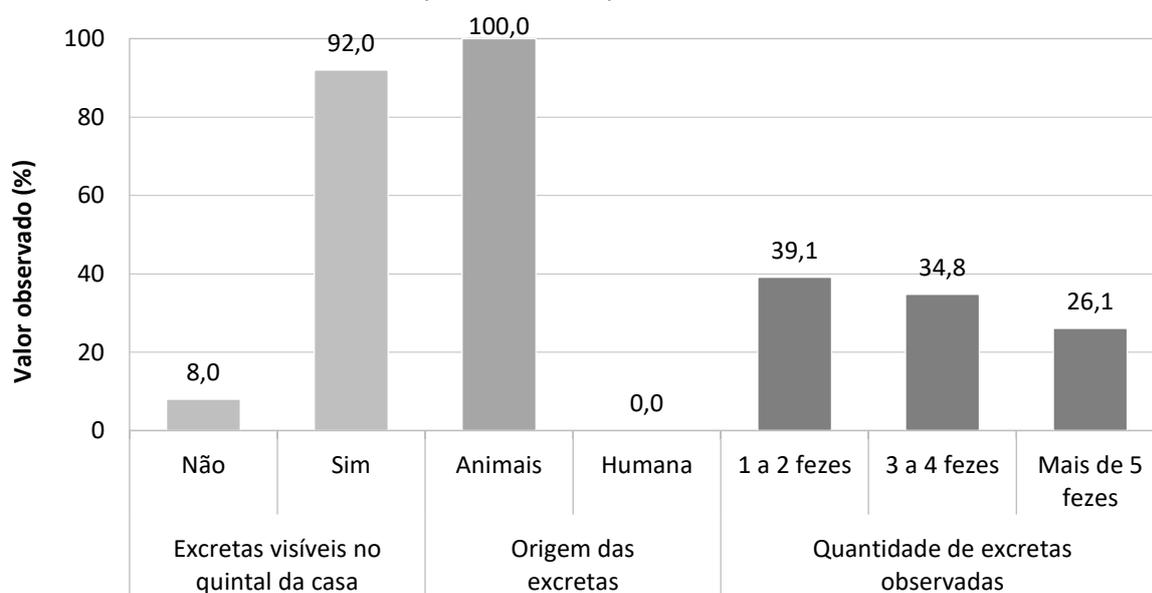
100,0% destas eram de origem animal, sendo que em 39,1% dos lotes visitados foram encontradas de uma a duas excretas, em 34,8% de três a quatro excretas, e em 26,1% mais de cinco excretas espalhadas no quintal.

Gráfico 6.8 – Ocorrência e tipo de estrutura de confinamento dos animais criados na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

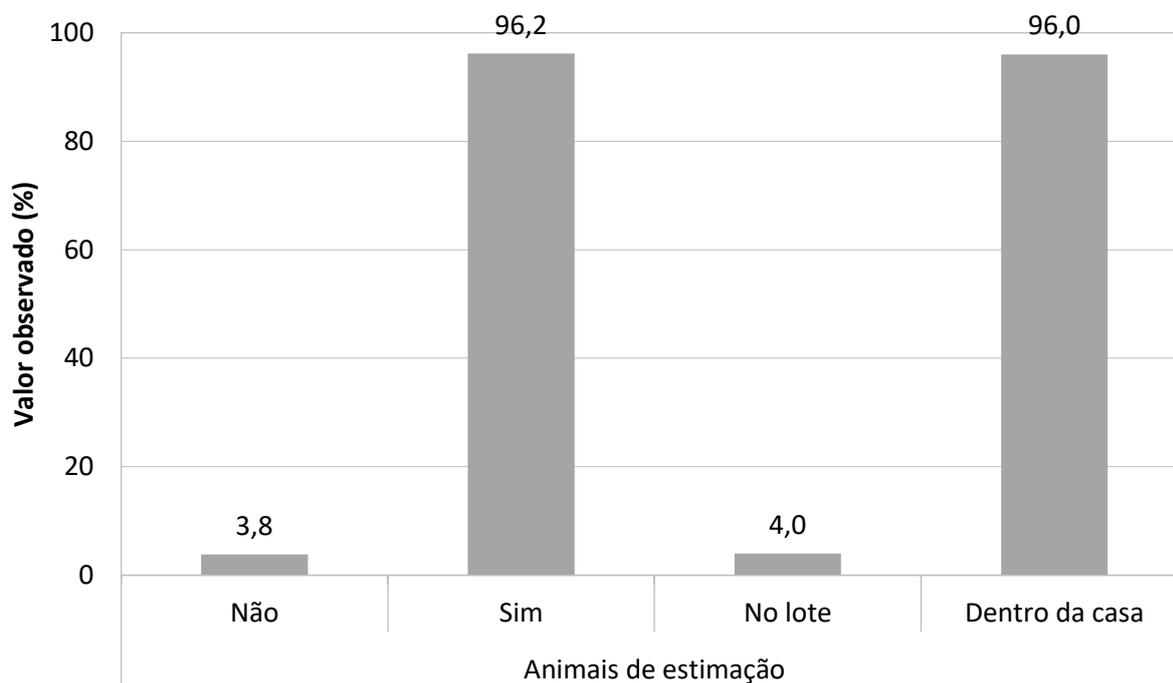
Gráfico 6.9 – Presença, origem e quantidade de excretas de animais próximas aos domicílios amostrados na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Além da criação de animais e galináceos no lote, os animais de estimação também podem contribuir com a ocorrência de excretas. O Gráfico 6.10 mostra a existência e a condição desses animais de estimação nos lotes e domicílios da comunidade, onde se notou que 96,2% dos domicílios possuíam animais de estimação, e 3,8% não os possuíam, sendo que 4,0% se encontravam no lote, e 96,0% dentro de casa.

Gráfico 6.10 – Ocorrência e situação de animais de estimação na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Outro aspecto importante, do ponto de vista sanitário, principalmente relacionado à geração de cargas difusas com potencial poluidor e de contaminação, refere-se à situação dos confinamentos nos lotes da Comunidade Vitória.

Na Foto 6.11, nota-se o confinamento de suínos (chiqueiro) e bovinos (curral) sem a impermeabilização do solo, onde a exposição deste com as excretas e a água pluvial pode provocar sua contaminação, além de atrair vetores.

A partir de observações locais, pôde-se verificar, nas unidades familiares visitadas, que a incidência de domicílios com confinamento de animais sem a presença de canaletas para coleta e destinação dos efluentes líquidos formados foi frequente. Isso pode acarretar o acúmulo de efluente líquido e a possível contaminação do solo, trazendo riscos à saúde dos moradores.

Foto 6.11 – Exemplo da presença de chiqueiro (a) e curral (b) sem impermeabilização do solo, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

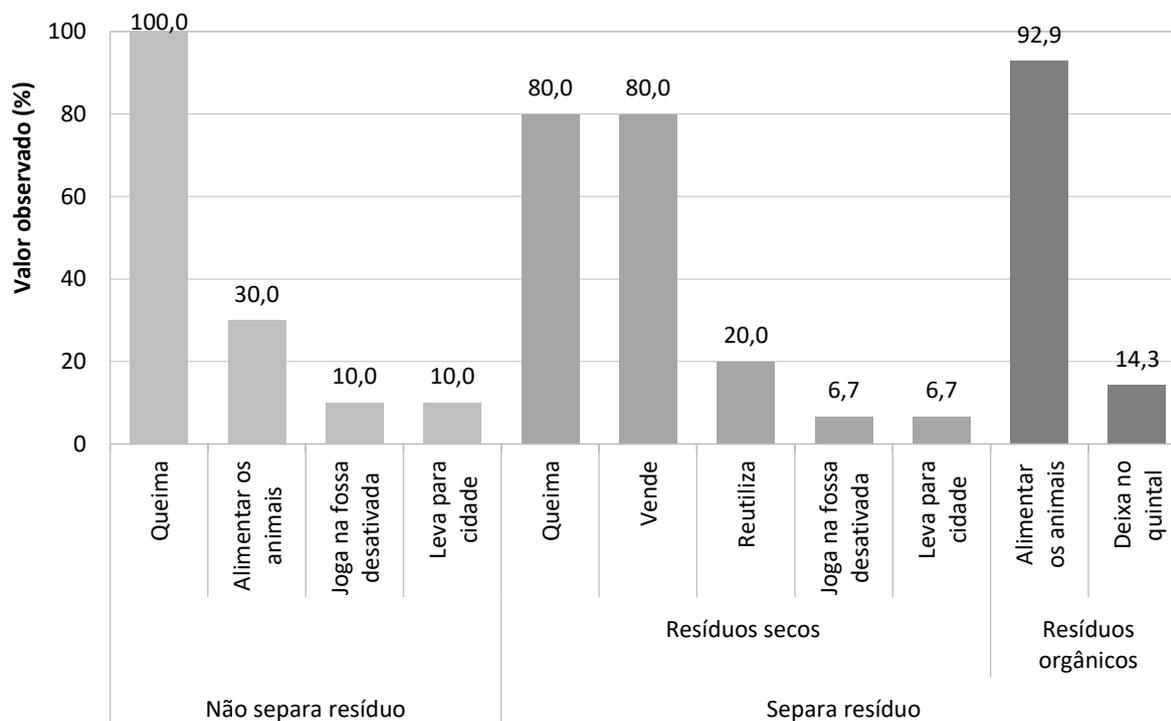
Embora 57,7% dos domicílios da comunidade não realizem o manejo das excretas animais e as deixem no local de origem, foi verificado que 57,7% destinavam a excreta animal para a horta, 19,2% para a lavoura, 3,8% para compostagem, 19,2% para o pomar, e 3,8% a doavam. Caso essas excretas não sejam estabilizadas antes do uso, existe a possibilidade de contaminação, principalmente das hortaliças e do solo, trazendo risco aos consumidores. Ressalta-se que, em algumas situações, em um mesmo lote, pode ser utilizada mais de uma forma de destinação para as excretas dos animais e, em virtude disso, a soma das porcentagens pode ultrapassar os 100,0%.

6.3 Manejo dos resíduos sólidos

Os moradores afirmaram que a prefeitura do município de Goianésia não realizava a coleta dos seus resíduos sólidos. A gestão dos resíduos era iniciada pelos próprios moradores, realizando-se a segregação intradomiciliar em 60,0% dos domicílios da Comunidade Vitória. Os 40,0% restantes que não segregavam seus resíduos adotavam como destinação: a queima, alimentação de animais, o depósito em fossa desativada ou o transporte para a área urbana da cidade, com o intuito de serem coletados pela prefeitura.

O manejo adequado dos resíduos sólidos no meio rural deve considerar a situação de isolamento e as dificuldades de acesso aos domicílios, buscando alternativas individuais e coletivas de realização dos serviços, sendo prioritárias a coleta de resíduos domiciliares rurais e sua destinação (BRASIL, 2019a). Os dados sobre a geração, segregação e destinação final dadas aos resíduos secos e orgânicos são apresentados no Gráfico 6.11. Vale ressaltar, ainda, que, muitas vezes, em um mesmo domicílio, é utilizada mais de uma forma de destinação para cada tipo de resíduo sólido gerado e, em virtude disso, a soma das porcentagens pode ultrapassar os 100,0%.

Gráfico 6.11 – Separação e destinação final dos resíduos secos e orgânicos da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: quando em um domicílio existir mais de uma forma de disposição final de cada tipo de resíduo, sua somatória ultrapassará os 100,0%.

Os resíduos secos são compostos pelos materiais inertes domiciliares passíveis de reciclagem, tais como papéis, plásticos, vidros e metais (BRASIL, 2019b). A Política Nacional de Resíduos Sólidos recomenda soluções integradas de reutilização, coleta seletiva e reciclagem destes resíduos e disposição final apenas para os rejeitos (BRASIL, 2010).

Na Comunidade Vitória, 80,0% dos domicílios que separavam os resíduos secos informaram que realizavam a queima destes como uma das principais formas de destinação final (Foto 6.12a), apesar de ser uma ação inadequada e geradora de poluição do ar. No entanto, também foi verificada outra forma de destinação, como a venda desses resíduos em 80,0% da comunidade, gerando renda, pois são passíveis de reuso e reciclagem. Parte da comunidade também jogava seus resíduos secos em fossa desativada, transportava-os para a área urbana da cidade no intuito de serem coletados pela prefeitura ou os reutilizava (Foto 6.12b), conforme o Gráfico 6.11.

Foto 6.12 – Presença, nos quintais, de queima de resíduos (a) e de reuso de recipiente plástico para retirada de água de reservatório (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



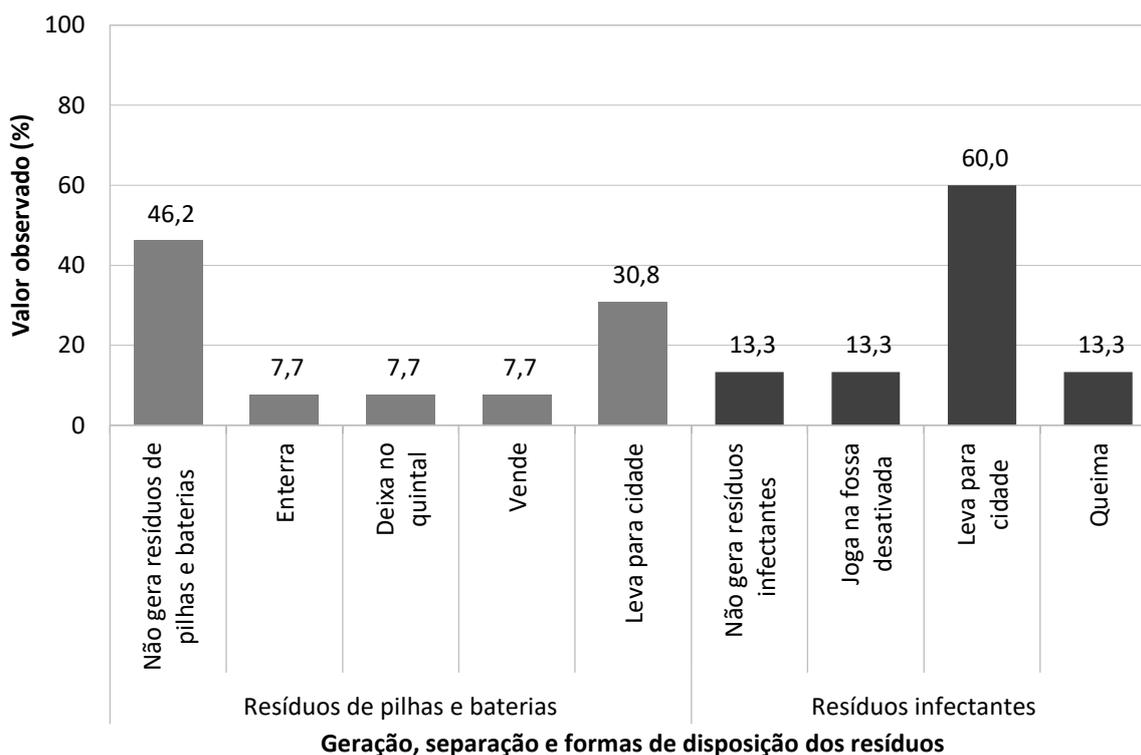
Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Os resíduos orgânicos nas áreas rurais são originários principalmente do preparo de alimentos, podendo ser também decorrentes de atividades como criação de animais, poda de árvores, entre outras. Em geral, esses resíduos são utilizados para alimentar animais e adubar plantações (BRASIL, 2019a). Foi informado, pela comunidade, que 92,9% dos domicílios destinavam seus resíduos orgânicos para alimentação animal, além de 14,3% que os deixavam no quintal (Gráfico 6.11). Considerando-se que em um mesmo domicílio pode ser realizada mais de uma forma de destinação final, o percentual pode ultrapassar os 100,0%.

Os resíduos sólidos perigosos, gerados nos domicílios das comunidades rurais, podem provocar contaminação ambiental se não tiverem um manejo e, principalmente, uma

disposição final adequada (BRASIL, 2019a). Dentre eles, estão os resíduos de pilhas e baterias e os infectantes. Os dados de geração, segregação e destinação final destes resíduos estão apresentados no Gráfico 6.12.

Gráfico 6.12 – Geração, separação e destinação final de resíduos de pilhas e baterias e resíduos infectantes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: quando em um domicílio existir mais de uma forma de destinação final de cada tipo de resíduo, sua somatória ultrapassará os 100,0%.

As pilhas e baterias possuem substâncias químicas, como chumbo e mercúrio, nocivas à saúde humana e à dos animais, além da possibilidade de contaminação do solo e da água (BRASIL, 2019b). Segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos, esses resíduos devem retornar para seus fabricantes, importadores, distribuidores ou comerciantes (BRASIL, 2010). Verificou-se, na comunidade, que 46,2% dos domicílios não geravam resíduos de pilhas e baterias (Gráfico 6.12). Os 53,8% geradores, que faziam a segregação dos resíduos de pilhas e baterias, realizavam, como destinação final, o enterramento, o depósito no quintal, a venda ou o transporte para a área urbana da cidade para serem coletados pela prefeitura.

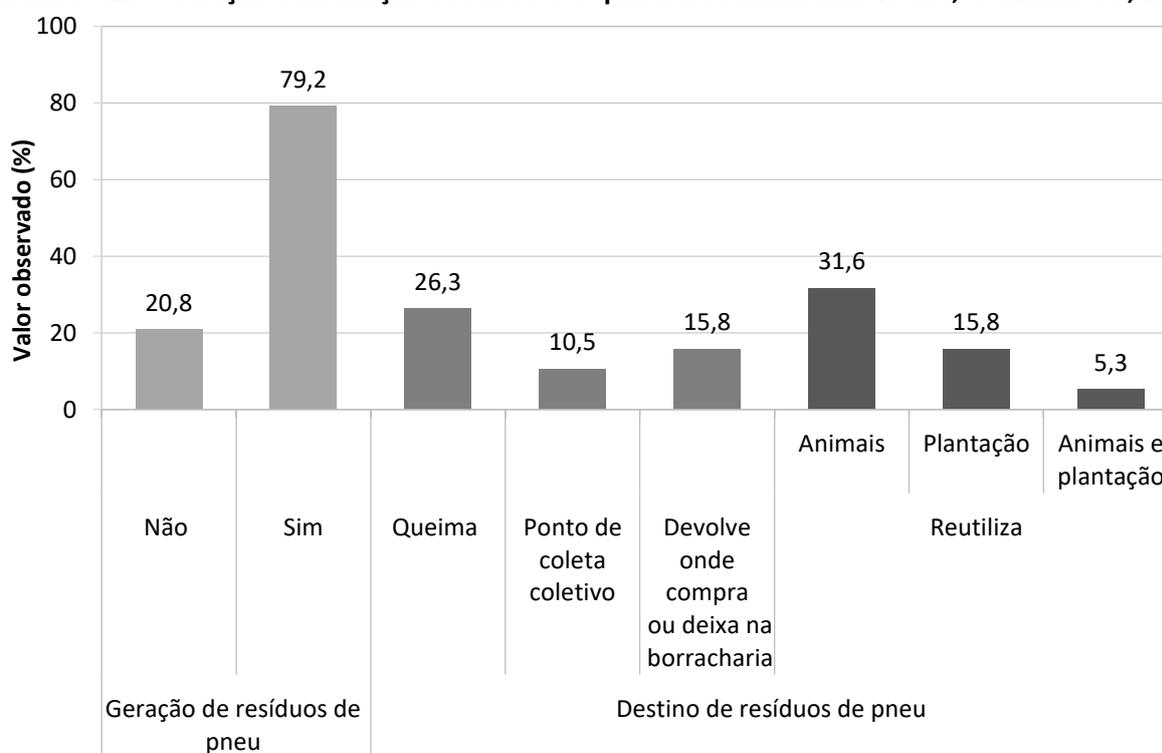
Os resíduos infectantes são provenientes dos cuidados com a saúde humana ou animal, como: esparadrapo, agulha, seringa, curativos e embalagens de remédio (BRASIL, 2019b). Na

Comunidade Vitória, 13,3% dos domicílios não geravam resíduos infectantes (Gráfico 6.12). Os 86,7% que geravam e separavam esse tipo de resíduo utilizavam como destinação final o depósito em fossa desativada, o transporte para a área urbana da cidade para serem coletados pela prefeitura ou a queima.

De acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, os pneus, assim como os resíduos secos, também devem ser reutilizados ou reciclados. No entanto, quando se tornam inservíveis, devem retornar para seus fabricantes, importadores, distribuidores ou comerciantes para o seu adequado tratamento e destino final (BRASIL, 2010).

Na Comunidade Vitória, 79,2% dos domicílios geravam resíduos de pneus e, como forma de destinação final adequada, 15,8% os devolviam aos locais de compra ou à borracharia (Gráfico 6.13). Além destes destinos, 26,3% queimavam os resíduos, 10,5% os entregavam em ponto de coleta coletivo, e os demais os reutilizavam como recipientes para dessedentação ou alimentação de animais (Foto 6.13a) e/ou em suas plantações (Foto 6.13b). Alguns domicílios podem realizar mais de uma destinação final destes resíduos e, por isso, ultrapassar os 100,0%. Foi observada também a presença de pneus deixados no quintal (Foto 6.13c) como forma de destinação.

Gráfico 6.13 – Geração e destinação de resíduos de pneus na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: em função de um mesmo domicílio possuir mais de uma forma de disposição final para pneus, a somatória pode ultrapassar os 100,0%.

Foto 6.13 – Pneus reutilizados para alimentação de suínos (a), na plantação de mudas (b) e deixados no quintal (c), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

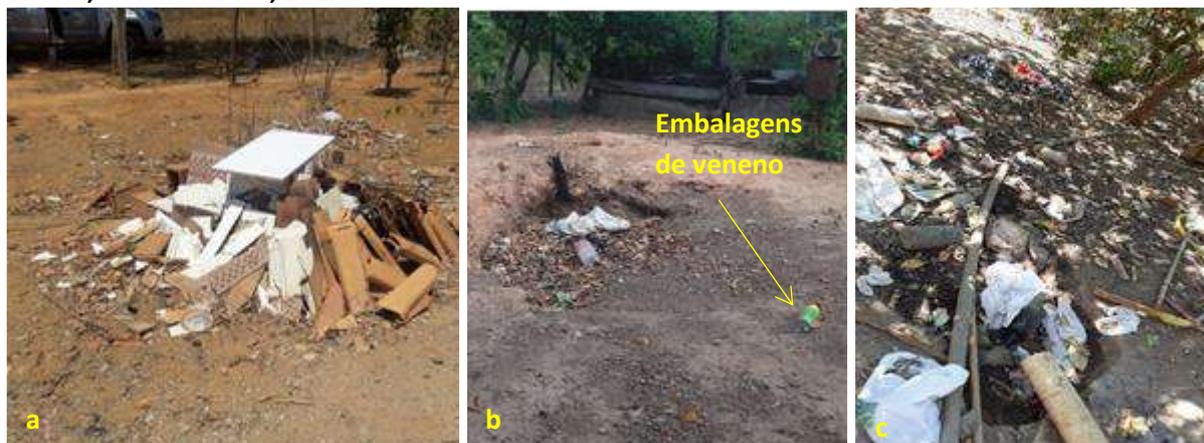


Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Durante o levantamento de dados da pesquisa, foram observadas as condições sanitárias dos quintais da comunidade, pois o acúmulo de resíduos nesses locais é atrativo para animais nocivos como aranhas, cobras e escorpiões. Além disso, existem resíduos capazes de acumular água, se tornando criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, gerador de doenças como a dengue, a zika e a *chikungunya* (BRASIL, 2019a).

A situação encontrada nos quintais dos domicílios da Comunidade Vitória foi de acúmulo de: materiais de construção (pedras, tijolos, madeiras, entre outros) em 69,2% dos quintais (Foto 6.14a); embalagens de veneno espalhadas em 3,8% (Foto 6.14b); resíduos diversos espalhados em 46,2% (Foto 6.14c); resíduos acumulados em buracos em 11,5% (Foto 6.15a) e resíduos acumulados que apresentam possibilidade de armazenar água em 15,4% (Foto 6.15b), segundo o Gráfico 6.14.

Foto 6.14 – Presença, nos quintais, de materiais de construção, tipo: telhas cerâmica e azulejos (a), embalagem de veneno junto a outros resíduos (b), resíduos variados espalhados (c) na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



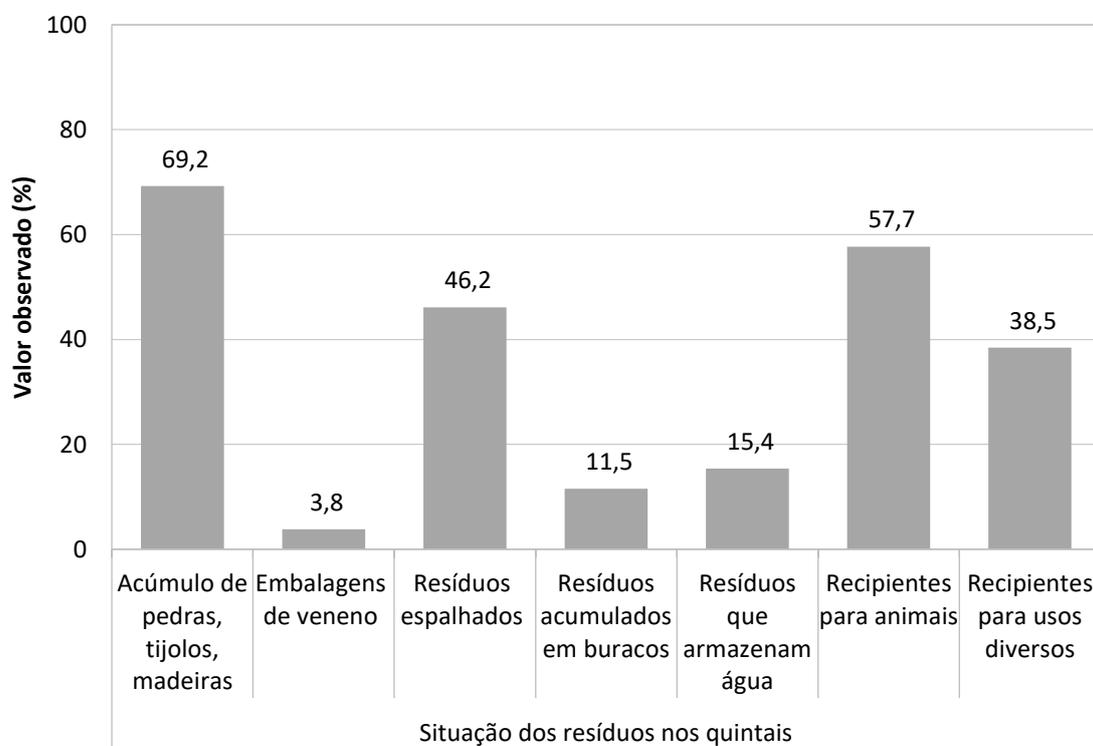
Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Foto 6.15 – Acúmulo de resíduos em buraco (a) e resíduos capazes de acumular água (b) na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Gráfico 6.14 – Situação dos resíduos observada nos quintais da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: quando existir mais de uma situação observada de resíduos, no quintal de um domicílio, a somatória na comunidade ultrapassará os 100,0%.

Notaram-se também várias formas de uso e reuso de recipientes como caixas d'água, tambores, bombonas, entre outros, encontrados nos quintais da comunidade. Em 57,7% dos domicílios foram encontrados recipientes reutilizados para dessedentação de animais e, em 38,5%, recipientes que acumulam água para usos diversos (Gráfico 6.14). A Foto 6.16 ilustra dois exemplos: um galão, cortado com água, para dessedentação de aves (Foto 6.16a), e uma caixa d'água, com água acumulada, para usos diversos (Foto 6.16b).

Foto 6.16 – Galão plástico cortado e reutilizado para dessedentação de aves (a) e caixa d'água, com água acumulada, para usos diversos (b), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

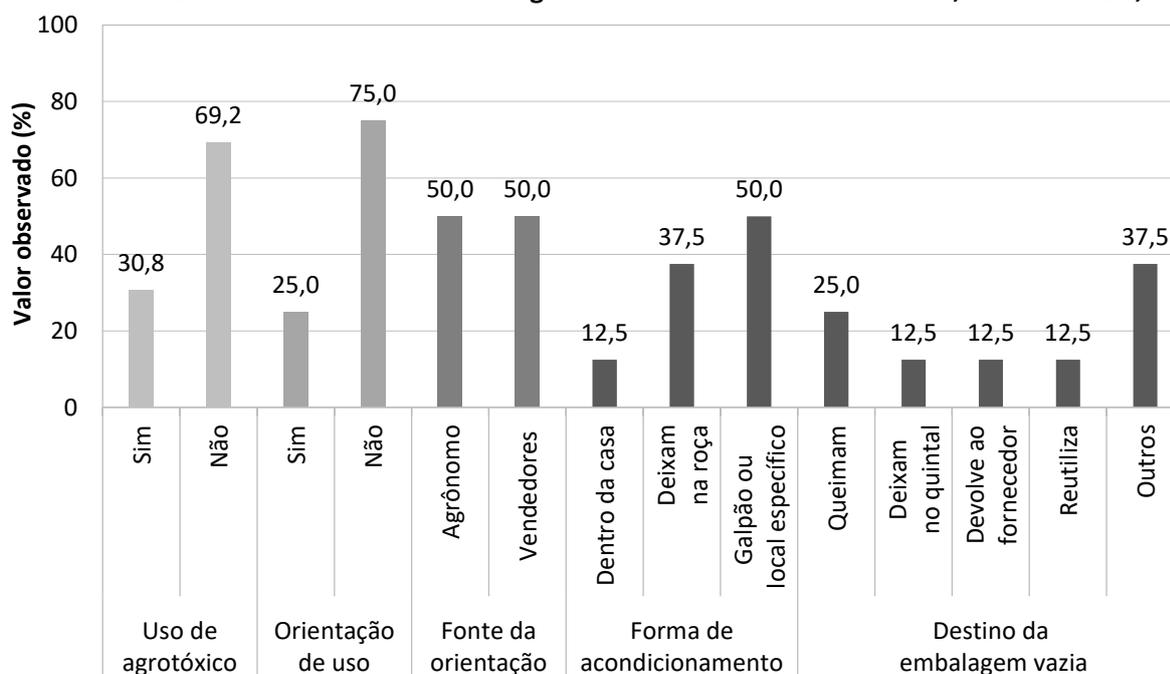


Fonte: acervo do Projeto SanRural.

6.3.1 Uso de agrotóxico e disposição dos resíduos

Os agrotóxicos são produtos químicos utilizados na agricultura para controlar pragas, plantas daninhas e doenças nas plantações (BRASIL, 2005). Por terem propriedades tóxicas, sua destinação inadequada pode causar poluição ao ar, solo e à água (BRASIL, 2019a). Na Comunidade Vitória, 30,8% da população fazia uso de agrotóxicos em suas plantações (Gráfico 6.15).

Gráfico 6.15 – Uso de agrotóxico, fonte e forma de orientação quanto ao uso, à forma de acondicionamento e ao destino das embalagens vazias na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: o destino das embalagens vazias ultrapassou os 100,0%, pois há domicílio que pratica mais de uma forma de disposição.

O período de utilização dos agrotóxicos ocorria de novembro a março, sendo que 60,0% dos usuários os utilizavam em novembro, dezembro e janeiro, 40,0% em fevereiro, e 20,0% em março. Considerando-se os meses chuvosos, o agrotóxico pode ser transportado pelo solo e chegar às águas superficiais e subterrâneas, gerando problemas ambientais e impactos à saúde das comunidades (BRASIL, 2019a).

De todos os que faziam uso dos agrotóxicos na Comunidade Vitória, 25,0% receberam orientações sobre como utilizar esses produtos químicos, tendo sido eles orientados por um agrônomo ou pelo próprio vendedor dos químicos (Gráfico 6.15).

O contato humano constante com os agrotóxicos, sem medida e proteção necessária, pode influenciar a saúde do trabalhador. Por isso a Norma do Ministério do Trabalho – NR 31 (BRASIL, 2005) – regulamenta a importância do uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI) por quem faz uso de agrotóxicos, para evitar contato direto com o produto químico ou a inalação deste. Neste contexto, na comunidade, foi verificado o uso de EPIs em 75,0% dos moradores que faziam uso de agrotóxicos.

Durante o uso dos agrotóxicos, 12,5% dos agricultores da comunidade armazenavam os recipientes ainda cheios dentro de casa, 37,5% os deixavam na roça, e 50,0% os guardavam em galpão ou em local específico (Gráfico 6.15).

Os recipientes vazios de agrotóxicos, segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010), obrigatoriamente devem retornar para seus fabricantes, importadores, distribuidores ou comerciantes. Na Comunidade Vitória, 12,5% dos agricultores que faziam uso de agrotóxicos devolviam as embalagens vazias ao comércio, sendo adotados pelos demais a queima, o depósito no quintal, a reutilização ou outros destinos não especificados como forma de destinação final desses recipientes (Gráfico 6.15). Considerando-se que em um mesmo domicílio, muitas vezes, é utilizada mais de uma forma de destinação final dos recipientes vazios, a soma do percentual ultrapassou os 100,0%.

6.4 Manejo das águas pluviais e drenagem

A via que liga a zona urbana do município de Goianésia à Comunidade Vitória (Foto 6.17) é a rodovia estadual GO-338. A via de acesso não é pavimentada, assim como as vias internas. Além disso, há também, ao longo da trajetória, fundos de vale onde passam cursos d'água responsáveis pelo transporte de uma grande parcela do escoamento superficial.

Foto 6.17 – Placa na via de acesso sinalizando a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Foram identificadas valas de infiltração (Foto 6.18a), valetas (Foto 6.18b) e curvas de nível (Foto 6.18c) para o encaminhamento da parcela de água precipitada na forma de escoamento superficial. Apesar da existência das estruturas de drenagem, observaram-se processos erosivos nas vias de acesso à comunidade, exemplificados na Foto 6.18d, os quais ocorrem pelo carreamento das partículas do solo através do escoamento superficial.

Notaram-se, ainda, pontos de descarte de resíduos sólidos nas margens da via de acesso (Foto 6.19).

Foto 6.18 – Vala de infiltração (a), valeta (b), curva de nível (c) e processo erosivo (d) na via de acesso à Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Foto 6.19 – Ponto de descarte de resíduos sólidos na margem da via de acesso à Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

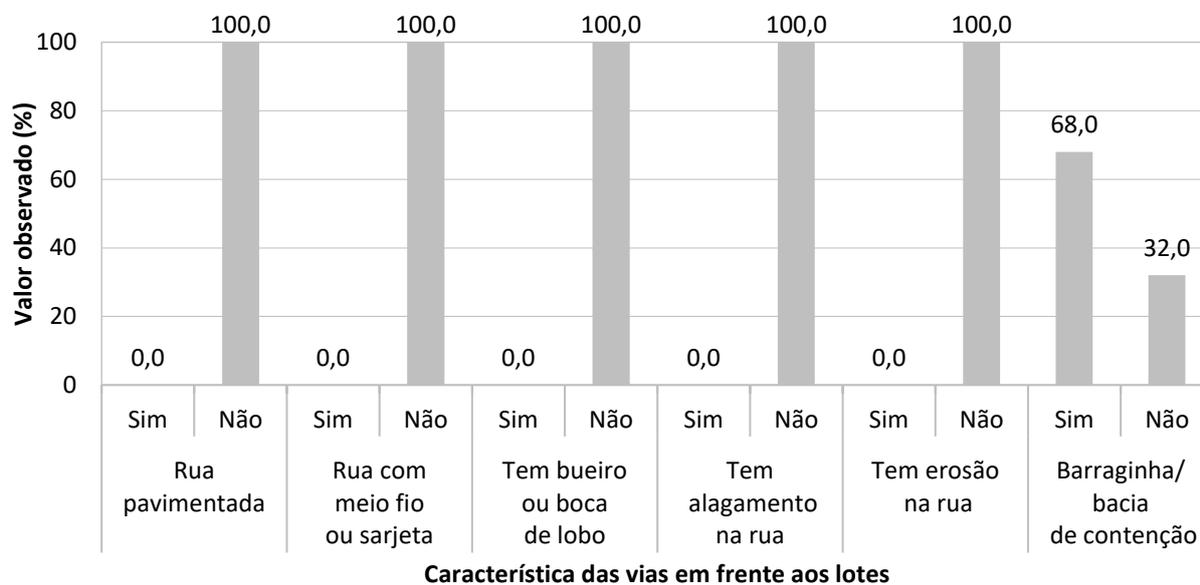


Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Não há dispositivos de drenagem (sarjeta, meio-fio, boca de lobo e bueiros) em frente aos lotes dos moradores (Gráfico 6.16). A falta desses dispositivos pode ser a causa dos alagamentos na rua, contudo, não houve relatos dos moradores da comunidade, assim como

sobre a inexistência de erosão na rua (Gráfico 6.16). Destaca-se, ainda, que 68,0% dos moradores relataram a existência de barraginha em frente ao lote (Gráfico 6.16).

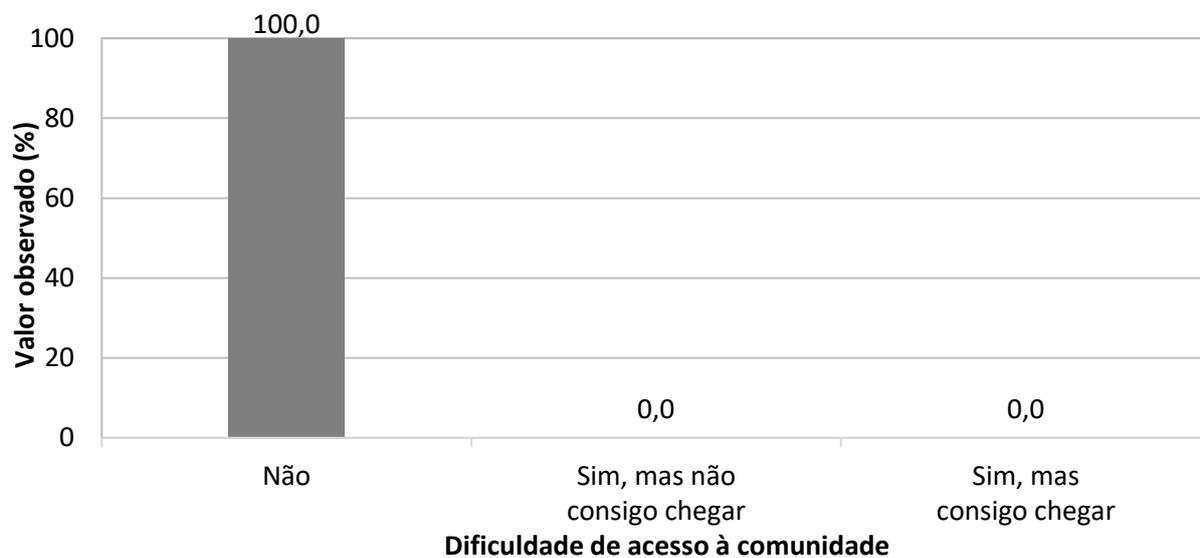
Gráfico 6.16 – Caracterização das vias em frente aos lotes dos moradores, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Tendo como referência os últimos cinco anos, 100,0% da população não teve dificuldade de acesso à comunidade (Gráfico 6.17). Estas dificuldades ocorrem em períodos de chuvas intensas, devido a inundações, alagamentos ou erosões do solo.

Gráfico 6.17 – Dificuldade de acesso dos moradores na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

No que diz respeito à macrodrenagem, conforme ilustrado nos Mapas 6.1 e 3.2, foram observados, na comunidade a bacia hidrográfica do ribeirão Santa Família (Foto 6.20a), o córrego São José (Foto 6.20b), em regime perene, e os córregos Capim-puba (Foto 6.20c) e Chumbada (Foto 6.20d), em regime intermitente.

Foto 6.20 – Ribeirão Santa Família (a), Córrego São José (b), córrego Xanxa (c) e córrego Chumbada (d), na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

6.4.1 Condição nos lotes dos domicílios

Em relação à(s) nascente(s)/mina(s) ou a(os)olho(s) d'água, em 46,2% havia alguma destas fontes de água em seus terrenos, sendo que, destas, 83,3% estavam protegidas. Segundo o Código Florestal (BRASIL, 2012), a nascente é um afloramento natural do lençol freático caracterizado pela perenidade, que origina um curso d'água, e o olho d'água é caracterizado apenas como afloramento do lençol freático, podendo, inclusive, ser intermitente.

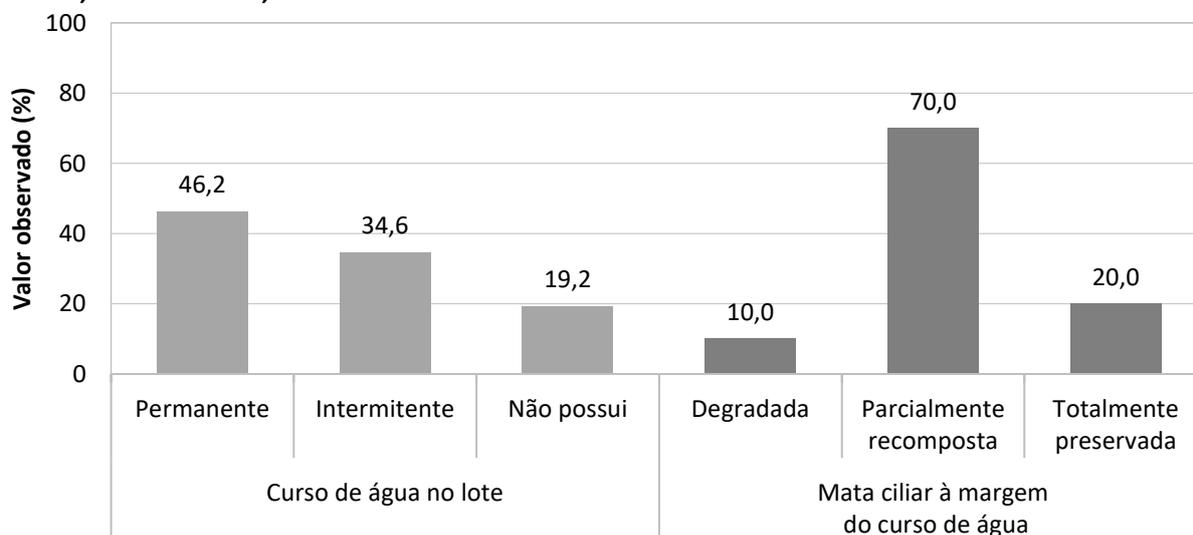
Notou-se, ainda, que: 80,8% dos lotes da comunidade estavam sendo margeados por algum curso d'água (Foto 6.21); 10,0% das matas ciliares destes cursos d'água estavam degradadas; 70,0% estavam parcialmente recompostas, e 20,0% totalmente preservadas (Gráfico 6.18).

Foto 6.21 – Córrego não identificado (a), córrego Chumbada (b) e (c) e córrego não identificado (d) em lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

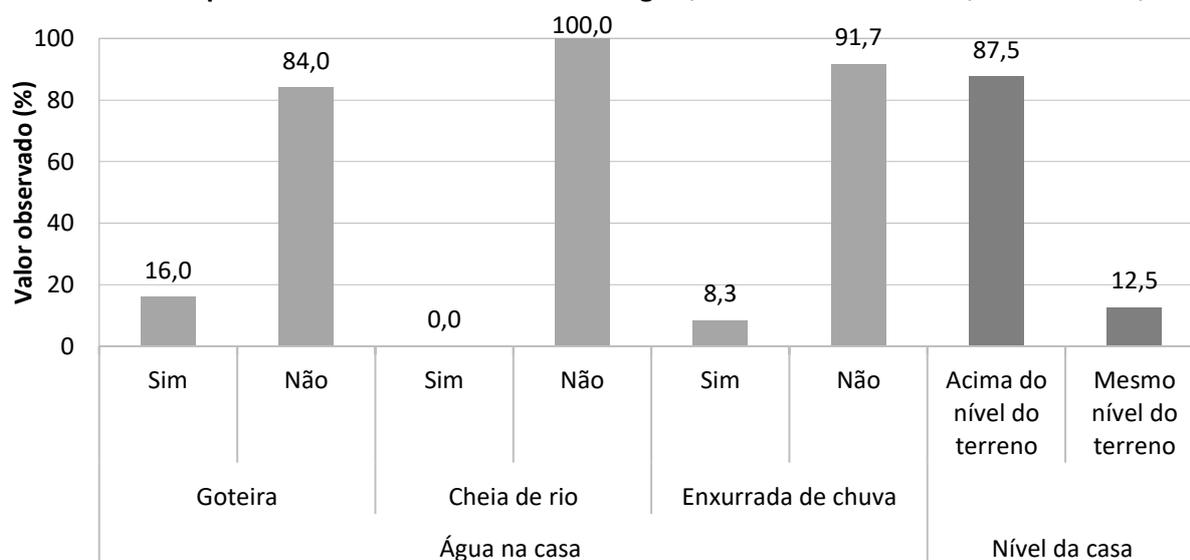
Gráfico 6.18 - Presença de curso d'água e sua preservação da mata ciliar nos lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

No que diz respeito às características das casas da comunidade, 16,0% apresentavam algum problema no telhado, uma vez que, durante as chuvas, havia a presença de goteiras (Gráfico 6.19). Todavia, 87,5% encontravam-se acima do nível do terreno (Foto 6.22a e Gráfico 6.19), o que dificulta a entrada de água da chuva, devido à enxurrada e/ou inundação. Vale destacar, ainda, que a enxurrada é gerada somente pelo escoamento superficial, enquanto a inundação é caracterizada pela elevação do nível do rio/curso d'água.

Gráfico 6.19 – Aspectos das casas relacionados à drenagem, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Foto 6.22 – Dispositivos de prevenção dos danos provocados pelas águas em residência (a) e lote (b) da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

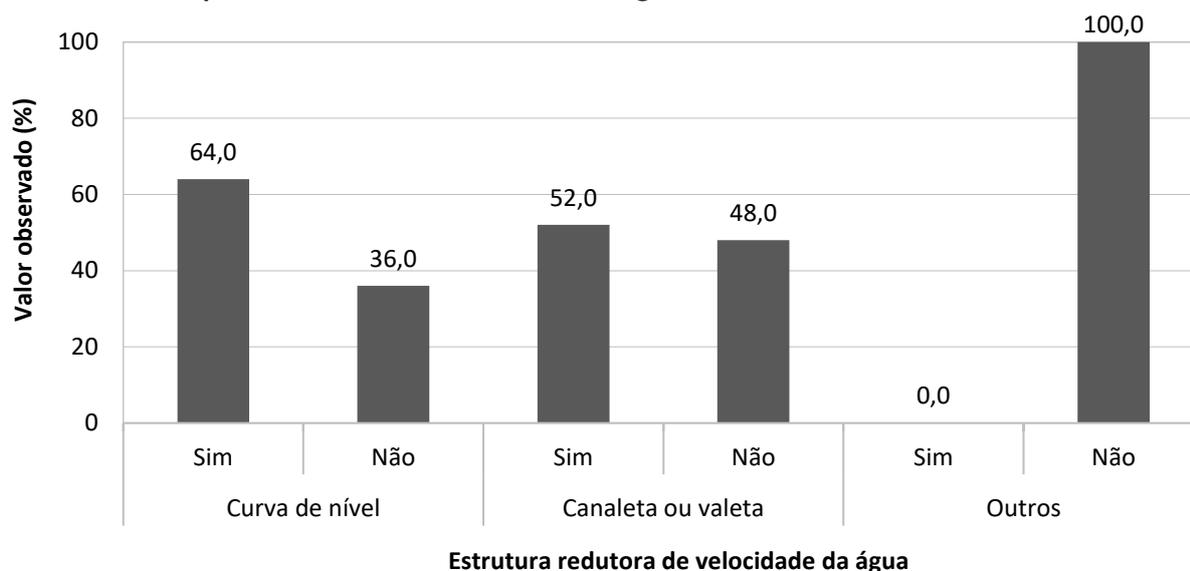


Fonte: acervo do Projeto SanRural.

Além disso, 64,0% dos terrenos apresentavam curvas de nível (Foto 6.22b) para o direcionamento da água precipitada, 52,0% possuíam canaletas/valetas, e nenhum tinha outras medidas

redutoras de enxurrada (Gráfico 6.20). Estas medidas são necessárias para o manejo das águas pluviais e a prevenção dos efeitos negativos, adotadas por uma parcela dos moradores. No entanto, 8,3% dos moradores já presenciaram águas de enxurrada em suas casas e, em relação à inundação, não foram relatadas ocorrências que afetassem alguma edificação (Gráfico 6.19).

Gráfico 6.20 – Aspectos dos lotes relacionados à drenagem, na Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

No que se refere aos danos causados ao solo pelo escoamento superficial, foi constatado que em 7,7% dos lotes da comunidade havia algum tipo de erosão (Foto 6.23), sendo que a extensão deste processo chegou a 500,0 metros. Dos que disseram ter erosão em seus terrenos, 50,0% sofreram avanço ao longo dos anos.

Foto 6.23 – Processos erosivos em lotes da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.



Fonte: acervo do Projeto SanRural.

6.5 Valores observados, intervalos de confiança e indicadores

O intervalo de estimação adotado neste estudo foi de 95,0% de confiança, que pode variar tanto para mais ou menos em função dos valores observados em campo, obtidos pela aplicação de formulários junto aos moradores.

Como exemplo, se pode notar o valor referente a poço tubular raso observado na Tabela 6.3, na qual existe uma probabilidade de 95% de que o intervalo de 5,1% (Limite Inferior - LI) a 24,1% (Limite Superior - LS) contenha porcentagem de pessoas que utilizam a água de poço tubular raso para beber, com estimativa pontual de 11,5%.

As Tabelas 6.3 à 6.7 demonstram os intervalos de estimação dos dados apresentados ao longo do DTP, sendo este dividido nos componentes de abastecimento de água (Tabela 6.3), esgotamento sanitário (Tabela 6.4), manejo de resíduos sólidos (Tabela 6.5) e manejo de águas pluviais e drenagem (Tabela 6.6), além do uso de agrotóxicos (Tabela 6.7).

Além disso, encontram-se na Tabela 6.8 à 6.11 os indicadores utilizados para subsidiar o DTP e auxiliar o estabelecimento das metas de saúde do PSSR. Possibilitarão, ainda, a análise comparativa da situação do saneamento ambiental das comunidades rurais. A descrição e as informações adicionais dos indicadores de saneamento encontram-se no Apêndice 3.

Tabela 6.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente abastecimento de água para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Fonte de água utilizada no domicílio para ingestão			
Rede de abastecimento	0,0	0,0	7,9
Poço tubular raso	11,5	5,1	24,1
Poço tubular profundo	7,7	2,8	19,3
Poço raso escavado	38,5	25,6	53,1
Nascente, mina ou bica	23,1	13,2	37,3
Cisterna (água de chuva)	3,8	1,0	14,0
Água mineral	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	15,4	7,6	28,7
Caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Outras fontes	0,0	0,0	7,9
Fonte de água utilizada no domicílio para lavar verduras, legumes e frutas e cozinhar			
Poço raso escavado	42,3	29,0	56,8
Poço tubular raso	11,5	5,1	24,1
Poço tubular profundo	3,9	0,9	14,1
Cisterna (água de chuva)	3,8	1,0	14,0
Água mineral	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	15,4	7,6	28,7
Nascente, mina ou bica	23,1	13,2	37,3
Caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento	0,0	0,0	7,9
Outras fontes	0,0	0,0	7,9
Fonte de água utilizada no domicílio para tomar banho			
Poço raso escavado	42,3	29,0	56,8
Poço tubular raso	11,5	5,1	24,1
Poço tubular profundo	3,9	0,9	14,1
Cisterna (água de chuva)	3,9	0,9	14,1
Água mineral	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	19,2	10,3	33,0
Nascente, mina ou bica	19,2	10,3	33,0
Caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Rede abastecimento de água	0,0	0,0	7,9
Outras fontes	0,0	0,0	7,9
Fonte de água utilizada no domicílio para demais usos (lavar a casa, quintal, regar hortaliças, água para os animais e outros)			
Poço raso escavado	26,9	16,1	41,4
Poço tubular raso	3,8	1,0	14,0
Poço tubular profundo	3,9	0,9	14,1
Cisterna (água de chuva)	0,0	0,0	7,9
Água mineral	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	46,2	32,4	60,5
Nascente, mina ou bica	19,2	10,3	33,0
Caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Rede abastecimento de água	0,0	0,0	7,9
Outras fontes	0,0	0,0	7,9
Quantidade de fontes de abastecimento utilizada no domicílio			
Uma única fonte de abastecimento	53,8	39,5	67,6
Duas fontes de abastecimento	46,2	32,4	60,5
Três fontes de abastecimento	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

(continua)

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente abastecimento de água para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(continuação)		
	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Quantidade de domicílios que utilizam uma única fonte de abastecimento separados por tipo de fonte			
Rede de abastecimento	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	15,4	7,6	28,7
Nascente, mina ou bica	15,4	7,6	28,7
Poço tubular raso	3,8	1,0	14,0
Poço tubular profundo	3,8	1,0	14,0
Poço raso escavado	15,4	7,6	28,7
Cisterna (água de chuva)	0,0	0,0	7,9
Caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Outras fontes	0,0	0,0	7,9
Quantidade de domicílios que utilizam duas fontes de abastecimento separados por tipo de fonte			
Rede de abastecimento e poço raso escavado	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento e nascente, mina ou bica	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento e poço tubular raso	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento e poço tubular profundo	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento e cisterna (água de chuva)	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento e água mineral	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento de água e caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Rede de abastecimento e manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Poço tubular raso e poço raso escavado	7,7	2,8	19,3
Poço tubular profundo e poço raso escavado	3,9	0,9	14,1
Poço tubular raso e manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Poço tubular profundo e manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Poço tubular raso e nascente, mina ou bica	0,0	0,0	7,9
Poço tubular profundo e nascente, mina ou bica	0,0	0,0	7,9
Poço tubular raso e água mineral	0,0	0,0	7,9
Poço tubular profundo e água mineral	0,0	0,0	7,9
Poço tubular raso e cisterna (água de chuva)	0,0	0,0	7,9
Poço tubular profundo e cisterna (água de chuva)	0,0	0,0	7,9
Poço tubular raso e caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Poço tubular profundo e caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Poço raso escavado e manancial superficial	23,1	13,2	37,3
Poço raso escavado e cisterna (água de chuva)	0,0	0,0	7,9
Poço raso escavado e nascente, mina ou bica	0,0	0,0	7,9
Poço raso escavado e água mineral	0,0	0,0	7,9
Poço raso escavado e caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Cisterna (água de chuva) e água mineral	0,0	0,0	7,9
Cisterna (água de chuva) e caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Nascente, mina ou bica e cisterna (água de chuva)	3,8	1,0	14,0
Nascente, mina ou bica e caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Nascente, mina ou bica e água mineral	0,0	0,0	7,9
Nascente, mina ou bica e manancial superficial	7,7	2,8	19,3
Manancial superficial e cisterna (água de chuva)	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial e caminhão pipa	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial e água mineral	0,0	0,0	7,9
Caminhão pipa e água mineral	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente abastecimento de água para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018

Variável	(continuação)		
	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Existência de reservatório domiciliar (caixa d'água)			
Domicílios sem reservatório domiciliar	11,5	5,1	24,1
Domicílios com reservatório domiciliar	88,5	75,9	94,9
Quantidade de reservatório domiciliar por domicílio			
Um único reservatório	91,3	78,5	96,8
Dois reservatórios	8,7	3,2	21,5
Três reservatórios	0,0	0,0	8,9
Existência e condição do extravasor no reservatório domiciliar			
Ausência de extravasor	75,0	58,5	86,5
Presença de extravasor	25,0	13,5	41,5
Presença de tela de proteção no extravasor	0,0	0,0	32,8
Ausência de tela de proteção no extravasor	100,0	67,2	100,0
Situação e condição do reservatório domiciliar estar tampado			
Reservatório domiciliar sem tampa	0,0	0,0	10,1
Reservatório domiciliar com tampa	100,0	89,9	100,0
Tampas não fixadas (solta)	35,0	21,3	51,8
Tampa fixada	65,0	48,2	78,7
Tampa amarrada (fixada)	100,0	84,9	100,0
Tampa parafusada (fixada)	0,0	0,0	15,1
Condição relacionada ao transbordamento de água no reservatório domiciliar			
Reservatório domiciliar com sinais de transbordamento	78,9	62,2	89,5
Reservatório domiciliar sem sinais de transbordamento	21,1	10,5	37,8
Condição estrutural do reservatório domiciliar			
Reservatório domiciliar com existência de trinca	0,0	0,0	10,7
Reservatório domiciliar sem existência de trinca	100,0	89,3	100,0
Volume do reservatório domiciliar (litros)			
250 L	4,0	1,0	14,6
500 L	56,0	41,2	69,8
1000 L	20,0	10,7	34,2
2000 L	0,0	0,0	8,3
3000 L	4,0	1,0	14,6
5000 L	8,0	2,9	20,0
Volume não identificado	8,0	2,9	20,0
Tipo de material do reservatório domiciliar			
Fibrocimento (cimento amianto)	12,0	5,3	25,0
Polietileno	68,0	53,0	80,0
Fibra de vidro	12,0	5,3	25,0
Aço	0,0	0,0	8,3
Outros materiais	8,0	2,9	20,0
Condição de higienização do reservatório domiciliar			
Reservatório domiciliar higienizado pelo menos uma vez ao ano	68,2	52,2	80,8
Domicílios com canalização interna			
Sim	100,0	92,1	100,0
Não	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.3 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente abastecimento de água para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(conclusão)		
	Valor (%)	LI	LS
	Observado		
Armazenamento de água para ingestão			
Não utilizam recipientes para armazenar água	11,5	5,1	24,1
Utilizam recipientes para armazenar água	88,5	75,9	94,9
Sempre lavam o recipiente onde armazenam a água	86,4	72,0	94,0
Às vezes lavam o recipiente onde armazenam a água	9,1	3,3	22,5
Não lavam o recipiente onde armazenam a água	4,5	1,1	16,4
Tratamento domiciliar da água para ingestão			
Sem filtração da água	26,9	16,1	41,4
Com filtração da água (qualquer tipo de filtração)	73,1	58,6	83,9
Filtração em cerâmica porosa (vela)	61,5	46,9	74,4
Filtro elétrico	11,5	5,1	24,1
Desinfecção por cloro	0,0	0,0	7,9
Fervura da água	0,0	0,0	7,9
Limpeza do filtro cerâmica porosa (vela)			
Somente água (adequado)	0,0	0,0	14,0
Materiais inadequados (açúcar, escova, areia)	100,0	86,0	100,0
Areia	0,0	0,0	14,0
Bucha ou escova	42,9	25,3	62,4
Açúcar	57,1	37,6	74,7
Não lavam	0,0	0,0	14,0

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.4 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente esgotamento sanitário da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Esgotamento sanitário			
Domicílios com atendimento adequado de esgotamento sanitário (solução coletiva e individual)	57,7	43,2	71,0
Domicílios com solução individual para esgotamento sanitário inadequado	42,3	29,0	56,8
Domicílios sem solução para esgotamento sanitário	0,0	0,0	7,9
Existência de banheiro			
Não	0,0	0,0	7,9
Sim	100,0	92,1	100,0
Localização do banheiro em relação ao domicílio			
Dentro de casa	69,2	54,6	80,8
Fora de casa	23,1	13,2	37,3
Dentro e fora de casa	7,7	2,8	19,3
Instalações hidrossanitárias do banheiro			
Vaso sanitário	100,0	92,1	100,0
Chuveiro	96,2	86,0	99,0
Lavatório	96,2	86,0	99,0
Vaso sanitário, chuveiro e lavatório	96,2	86,0	99,0
Ducha higiênica	11,5	5,1	24,1
Bidê	0,0	0,0	7,9
Local de lançamento do esgoto do vaso sanitário			
Direto no quintal	0,0	0,0	7,9
Fossa negra/rudimentar	46,2	32,4	60,5
Fossa séptica	42,3	29,0	56,8
Fossa séptica com sumidouro	7,7	2,8	19,3
Rede pública de coleta de esgoto	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Outros locais	3,8	1,0	14,0
Local de lançamento da água do chuveiro			
Direto no quintal	32,0	19,1	45,5
Fossa negra/rudimentar	40,0	25,6	53,2
Fossa séptica	16,0	7,5	28,8
Fossa séptica com sumidouro	8,0	2,7	19,4
Rede pública de coleta de esgoto	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Outros locais	4,0	0,9	14,1
Local de lavagem das louças			
Pia dentro de casa	61,5	46,9	74,4
Pia fora de casa	38,5	25,6	53,1
Jirau fora de casa	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Outros locais	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

(continua)

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.4 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente esgotamento sanitário da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(continuação)		
	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Local de lançamento da água da pia da cozinha			
Quintal	57,7	43,2	71,0
Fossa negra/rudimentar após caixa de gordura	0,0	0,0	7,9
Fossa negra/rudimentar	19,2	10,3	33,0
Fossa séptica com sumidouro após caixa de gordura	3,8	1,0	14,0
Fossa séptica e sumidouro	7,7	2,8	19,3
Fossa séptica	0,0	0,0	7,9
Rede pública de coleta de esgoto após caixa de gordura	0,0	0,0	7,9
Quintal após caixa de gordura	3,9	0,9	14,1
Manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Outros locais	7,7	2,8	19,3
Local de lavagem das roupas			
Tanque dentro de casa	19,2	10,3	33,0
Tanque fora de casa	57,7	43,2	71,0
Manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Outros locais	23,1	13,2	37,3
Local de lançamento da água de lavagem das roupas			
Quintal	61,5	46,9	74,4
Fossa negra/rudimentar	7,7	2,8	19,3
Fossa séptica	7,7	2,8	19,3
Fossa séptica e sumidouro	7,7	2,8	19,3
Rede pública de coleta de esgoto	0,0	0,0	7,9
Manancial superficial	0,0	0,0	7,9
Outros locais	15,4	7,6	28,7
Lavagem das mãos após uso do banheiro			
Não	0,0	0,0	7,9
Sim	100,0	92,1	100,0
Sempre lava	84,6	71,3	92,4
Às vezes	15,4	7,6	28,7
Utiliza água e sabão (adequado)	92,0	80,0	97,1
Somente água	4,0	1,0	14,6
Outros materiais	4,0	1,0	14,6
Animais de estimação			
Não	3,8	1,0	14,0
Sim	96,2	86,0	99,0
No lote	4,0	1,0	14,6
Dentro da casa	96,0	85,4	99,0
Criação de animais e aves no lote			
Não	0,0	0,0	7,9
Sim	100,0	92,1	100,0
Criação de animais soltos no lote			
Exclusivamente soltos	0,0	0,0	7,9
Soltos e em estruturas	100,0	92,1	100,0
Exclusivamente em estruturas	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.4 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente esgotamento sanitário da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(conclusão)		
	Valor (%)	LI	LS
	Observado		
Existência de estruturas de confinamento de animais e aves no lote			
Não	0,0	0,0	7,9
Sim	100,0	92,1	100,0
Chiqueiro	0,0	0,0	7,9
Galinheiro	7,7	2,8	19,3
Curral	3,8	1,0	14,0
Curral e chiqueiro	84,7	71,4	92,4
Galinheiro e curral	0,0	0,0	7,9
Galinheiro e chiqueiro	0,0	0,0	7,9
Galinheiro, chiqueiro e curral	3,8	1,0	14,0
Existência e tipo de excreta no quintal			
Sem excretas	8,0	2,9	20,0
Com excretas	92,0	80,0	97,1
Presença de fezes de animais	100,0	91,1	100,0
Presença de fezes humana	0,0	0,0	8,9
Quantidade de fezes observadas no quintal			
1 a 2 fezes	39,1	25,5	54,7
3 a 4 fezes	34,8	21,9	50,4
Mais de 5 fezes	26,1	14,9	41,5
Destinação das excretas			
Deixada no local onde foi feito	57,7	43,2	71,0
Horta	57,7	43,2	71,0
Lavoura	19,2	10,3	33,0
Compostagem	3,8	1,0	14,0
Biodigestor	0,0	0,0	7,9
Buraco	0,0	0,0	7,9
Pomar	19,2	10,3	33,0
Realizada doação	3,8	1,0	14,0
Comercializada/trocada	0,0	0,0	7,9
Outros locais	0,0	0,0	7,9
Enterrado	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.5 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente manejo de resíduos sólidos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Coleta direta de resíduos domiciliares pela prefeitura e frequência realizada			
Prefeitura não coleta	100,0	92,1	100,0
Prefeitura coleta	0,0	0,0	7,9
Prefeitura coleta semanalmente	0,0	0,0	7,9
Prefeitura coleta mais de uma vez por semana	0,0	0,0	7,9
Prefeitura coleta quinzenalmente	0,0	0,0	7,9
Prefeitura coleta mensalmente	0,0	0,0	7,9
Geração e separação de resíduos no domicílio			
Não separam os resíduos domiciliares	40,0	26,7	54,9
Separam os resíduos domiciliares	60,0	45,1	73,3
Não separam os resíduos secos	0,0	0,0	13,3
Separam os resíduos secos	100,0	86,7	100,0
Não separam os resíduos orgânicos	0,0	0,0	14,0
Separam os resíduos orgânicos	100,0	86,0	100,0
Não geram resíduos de pilhas e baterias	46,2	27,4	66,1
Não separam resíduos de pilhas e baterias	0,0	0,0	15,1
Geram e separam resíduos de pilhas e baterias	53,8	33,9	72,6
Não geram resíduos infectantes	13,3	4,9	31,5
Não separam resíduos infectantes	0,0	0,0	13,3
Geram e separam resíduos infectantes	86,7	68,5	95,1
Não geram resíduos de pneus	20,8	11,2	35,5
Geram resíduos de pneus	79,2	64,5	88,8
Destinação dos resíduos domiciliares não separados			
Prefeitura coleta	0,0	0,0	19,0
Deixados no quintal	0,0	0,0	19,0
Jogados no rio ou ribeirão	0,0	0,0	19,0
Jogados em lote vazio ou no mato	0,0	0,0	19,0
Enterrados	0,0	0,0	19,0
Queimados	100,0	81,0	100,0
Alimentação de animais	30,0	13,5	54,1
Jogados em fossa desativada	10,0	2,5	32,7
Transportados para a cidade	10,0	2,5	32,7
Outros destinos	0,0	0,0	19,0
Destinação dos resíduos secos separados no domicílio			
Prefeitura coleta	0,0	0,0	13,3
Queimados	80,0	60,9	91,1
Jogados no rio ou ribeirão	0,0	0,0	13,3
Jogados em lote vazio ou no mato	0,0	0,0	13,3
Enterrados	0,0	0,0	13,3
Deixados no quintal	0,0	0,0	13,3
Jogados em fossa desativada	6,7	1,7	23,2
Transportados para a cidade	6,7	1,7	23,2
Doados	0,0	0,0	13,3
Vendidos	80,0	60,9	91,1
Doados ou vendidos	80,0	65,2	96,3
Reutilizados	20,0	8,9	39,1
Outros destinos	0,0	0,0	13,3

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

(continua)

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.5 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente manejo de resíduos sólidos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Destinação dos resíduos orgânicos separados no domicílio			
Prefeitura coleta	0,0	0,0	14,0
Alimentação de animais	92,9	75,5	98,2
Jogados no rio ou ribeirão	0,0	0,0	14,0
Jogados em lote vazio ou no mato	0,0	0,0	14,0
Enterrados	0,0	0,0	14,0
Queimados	0,0	0,0	14,0
Realizada a compostagem	0,0	0,0	14,0
Deixados no quintal	14,3	5,3	33,3
Jogados em fossa desativada	0,0	0,0	14,0
Transportados para a cidade	0,0	0,0	14,0
Outros destinos	0,0	0,0	14,0
Destinação dos resíduos de pilhas e baterias separados no domicílio			
Prefeitura coleta	0,0	0,0	15,1
Jogados em lote vazio ou no mato	0,0	0,0	15,1
Enterrados	7,7	1,9	26,2
Deixados no quintal	7,7	1,9	26,2
Doados	0,0	0,0	15,1
Vendidos	7,7	1,9	26,2
Jogados em fossa desativada	0,0	0,0	15,1
Transportados para a cidade	30,8	15,5	51,8
Queimados	0,0	0,0	15,1
Jogados no rio ou ribeirão	0,0	0,0	15,1
Outros destinos	0,0	0,0	15,1
Destinação dos resíduos infectantes separados no domicílio			
Prefeitura coleta	0,0	0,0	13,3
Jogados em lote vazio ou no mato	0,0	0,0	13,3
Enterrados	0,0	0,0	13,3
Deixados no quintal	0,0	0,0	13,3
Doados	0,0	0,0	13,3
Recolhidos por empresa especializada	0,0	0,0	13,3
Jogados em fossa desativada	13,3	4,9	31,5
Transportados para a cidade	60,0	40,7	76,6
Queimados	13,3	4,9	31,5
Jogados no rio ou ribeirão	0,0	0,0	13,3
Outros destinos	0,0	0,0	13,3

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.5 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente manejo de resíduos sólidos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	(conclusão)		
	Valor (%) Observado	LI	LS
Destinação dos resíduos de pneus gerados no domicílio			
Queimados	26,3	14,2	43,4
Entregues em ponto de coleta	10,5	3,9	25,6
Jogados no rio ou ribeirão	0,0	0,0	10,7
Jogados em lote vazio ou no mato	0,0	0,0	10,7
Enterrados	0,0	0,0	10,7
Doados para catadores	0,0	0,0	10,7
Reutilizados na dessedentação ou alimentação de animais	31,6	18,2	48,9
Reutilizados em plantações	15,8	7,0	31,9
Reutilizados na dessedentação ou alimentação de animais e em plantações	5,3	1,3	18,8
Reutilizados como decoração	0,0	0,0	10,7
Reutilizados na dessedentação ou alimentação de animais e como decoração	0,0	0,0	10,7
Reutilizados em plantações ou como decoração	0,0	0,0	10,7
Reutilizados como contenção de erosão	0,0	0,0	10,7
Reutilizados na dessedentação ou alimentação de animais e como contenção de erosão	0,0	0,0	10,7
Reutilizados de outras formas	0,0	0,0	10,7
Deixados no quintal	0,0	0,0	10,7
Guardados	0,0	0,0	10,7
Jogados em buraco	0,0	0,0	10,7
Levados para um lixão	0,0	0,0	10,7
Doados	0,0	0,0	10,7
Outros destinos	0,0	0,0	10,7
Devolvidos nos locais de compra ou em uma borracharia	15,8	7,0	31,9
Destinação das embalagens vazias de agrotóxicos			
Queimados	25,0	9,3	52,1
Deixados na roça	0,0	0,0	22,7
Deixados dentro de casa	0,0	0,0	22,7
Jogados no rio ou ribeirão	0,0	0,0	22,7
Jogados em lote vazio ou no mato	0,0	0,0	22,7
Enterrados	0,0	0,0	22,7
Deixados em área específica da comunidade	0,0	0,0	22,7
Deixados no quintal	12,5	3,1	38,9
Devolvidos ao fornecedor	12,5	3,1	38,9
Doados para catadores	0,0	0,0	22,7
Reutilizados	12,5	3,1	38,9
Outros destinos	37,5	17,1	63,6
Condição do quintal do domicílio			
Presença de acúmulo de materiais de construção (pedras, tijolos, madeiras, etc.)	69,2	54,6	80,8
Presença de embalagens de veneno	3,8	1,0	14,0
Presença de resíduos espalhados	46,2	32,4	60,5
Presença de resíduos acumulados em buracos	11,5	5,1	24,1
Presença de resíduos que acumulam água	15,4	7,6	28,7
Presença de recipientes para dessedentação ou alimentação de animais	57,7	43,2	71,0
Presença de recipientes que acumulam água para usos diversos	38,5	25,6	53,1

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.6 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis do componente manejo das águas pluviais e drenagem da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Características das vias de acesso			
Dificuldade de utilização da via de acesso à comunidade	0,0	0,0	8,3
Impossibilidade de utilização da via de acesso à comunidade	0,0	0,0	8,3
Via de acesso à comunidade sem dificuldade de utilização	100,0	91,7	100,0
Rua pavimentada	0,0	0,0	8,3
Rua sem pavimentação	100,0	91,7	100,0
Características em frente aos lotes			
Com meio fio e/ou sarjeta	0,0	0,0	8,3
Sem meio fio e/ou sarjeta	100,0	91,7	100,0
Com bueiro e/ou boca de lobo próximo	0,0	0,0	8,3
Sem bueiro e/ou boca de lobo próximo	100,0	91,7	100,0
Com alagamento na rua	0,0	0,0	8,3
Sem alagamento na rua	100,0	91,7	100,0
Com erosão na rua	0,0	0,0	8,3
Sem erosão na rua	100,0	91,7	100,0
Com barraginha/bacia de contenção	68,0	53,0	80,0
Sem barraginha/bacia de contenção	32,0	20,0	47,0
Características dos lotes			
Não possuem nascente, mina ou olho d'água	53,8	39,5	67,6
Possuem nascente, mina ou olho d'água:	46,2	32,4	60,5
Que possuem nascente, mina ou olho d'água permanente	15,4	7,6	28,7
Que possuem nascente, mina ou olho d'água intermitente	30,8	19,2	45,4
Que possuem nascente, mina ou olho d'água protegida	83,3	61,9	93,9
Que possuem nascente, mina ou olho d'água desprotegida	16,7	6,1	38,1
Não possuem curso de água	19,2	10,3	33,0
Possuem curso de água	80,8	67,0	89,7
Curso de água permanente	46,2	32,4	60,5
Curso de água intermitente	34,6	22,4	49,3
Cursos d'água com mata ciliar degradada	10,0	3,7	24,4
Cursos d'água com mata ciliar parcialmente recomposta	70,0	53,2	82,7
Cursos d'água com mata ciliar totalmente preservada	20,0	9,9	36,1
Cursos d'água que não possuem mata ciliar	0,0	0,0	10,1
Com curva de nível para redução de enxurrada	64,0	49,0	76,7
Sem curva de nível para redução de enxurrada	36,0	23,3	51,0
Com canaleta ou valeta para redução de enxurrada	52,0	37,5	66,2
Sem canaleta ou valeta para redução de enxurrada	48,0	33,8	62,5
Com outros dispositivos para redução de enxurrada	0,0	0,0	8,3
Sem outros dispositivos para redução de enxurrada	100,0	91,7	100,0
Com a presença de processos erosivos	7,7	2,8	19,3
Com ampliação do processo erosivo	50,0	11,6	88,4
Características dos domicílios			
Construído abaixo do nível do terreno	0,0	0,0	8,6
Construído acima do nível do terreno	87,5	74,0	94,5
Construído no mesmo nível do terreno	12,5	5,5	26,0
Problemas nos domicílios devido às chuvas			
Com entrada de água decorrente de goteira	16,0	7,9	29,7
Sem entrada de água decorrente de goteira	84,0	70,3	92,1
Com entrada de água decorrente de enxurrada	8,3	3,1	20,8
Sem entrada de água decorrente de enxurrada	91,7	79,2	96,9
Com entrada de água decorrente de cheia de rio	0,0	0,0	8,3
Sem entrada de água decorrente de cheia de rio	100,0	91,7	100,0

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.7 – Valores observados (%) das proporções e dos intervalos de confiança das variáveis relacionadas ao uso de agrotóxicos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

Variável	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
Uso de agrotóxico nas plantações			
Sim	30,8	19,2	45,4
Não	69,2	54,6	80,8
Período de aplicação de agrotóxico nas plantações			
Janeiro	60,0	28,5	85,0
Fevereiro	40,0	15,0	71,5
Março	20,0	4,9	54,8
Abril	0,0	0,0	32,8
Maio	0,0	0,0	32,8
Junho	0,0	0,0	32,8
Julho	0,0	0,0	32,8
Agosto	0,0	0,0	32,8
Setembro	0,0	0,0	32,8
Outubro	0,0	0,0	32,8
Novembro	60,0	28,5	85,0
Dezembro	60,0	28,5	85,0
Utilização de EPI			
Sim	75,0	47,9	90,7
Não	25,0	9,3	52,1
Orientação sobre o uso de agrotóxicos			
Sem orientação	75,0	47,9	90,7
Com orientação	25,0	9,3	52,1
Orientado por agrônomo	50,0	11,6	88,4
Orientado por amigos	0,0	0,0	59,0
Orientado pela mídia	0,0	0,0	59,0
Orientado pelo vendedor do produto	50,0	11,6	88,4
Orientado pelos familiares	0,0	0,0	59,0
Orientado por outras fontes	0,0	0,0	59,0
Armazenamento das embalagens cheias			
Deixados dentro de casa	12,5	3,1	38,9
Deixados na roça	37,5	17,1	63,6
Deixados no quintal	0,0	0,0	22,7
Armazenados em galpão ou local específico	50,0	26,2	73,8
Levados para área especificada da comunidade	0,0	0,0	22,7
Outros locais	0,0	0,0	22,7

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI.

Tabela 6.8 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de abastecimento de água da Comunidade PA Vitória, Goianésia-GO, 2018.

INDICADOR	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDAA 01 - Cobertura de abastecimento de água tratada	0,0	0,0	7,9
INDAA 02 - Cobertura de abastecimento de água sem tratamento	0,0	0,0	7,9
INDAA 03 - Percentual de domicílios que utilizam manancial superficial como fonte principal de abastecimento de água para ingestão	15,4	7,6	28,7
INDAA 04 - Percentual de domicílios que utilizam mina, nascente ou bica como fonte principal de abastecimento de água para ingestão	23,1	13,2	37,3
INDAA 05 - Percentual de domicílios que utilizam poço raso escavado (poço raso, poço caipira, cisterna, cacimba) como fonte principal de abastecimento de água para ingestão	38,5	25,6	53,1
INDAA 06 - Percentual de domicílios que utilizam poço tubular raso como fonte principal de abastecimento de água para ingestão	11,5	5,1	24,1
INDAA 07 - Percentual de domicílios que utilizam poço tubular profundo como fonte principal de abastecimento de água para ingestão	7,7	2,8	19,3
INDAA 08 - Percentual de domicílios que utilizam Cisterna (Água de chuva) como fonte principal de abastecimento de água para ingestão	3,8	1,0	14,0
INDAA 09 - Percentual de domicílios que utilizam outras fontes como fonte principal de abastecimento de água para ingestão	0,0	0,0	7,9
INDAA 10 - Percentual de domicílios abastecidos por poço tubular raso para demais usos exceto para ingestão	11,5	5,1	24,1
INDAA 11 - Percentual de domicílios abastecidos por poço tubular profundo para demais usos exceto para ingestão	0,0	0,0	7,9
INDAA 12 - Percentual de domicílios abastecidos por água da chuva para usos diversos exceto para ingestão	3,8	1,0	14,0
INDAA 13 - Percentual de domicílios abastecidos por água mineral envasada para usos diversos exceto para ingestão	0,0	0,0	7,9
INDAA 14 - Percentual de domicílios que utilizam poço raso escavado (poço raso, poço caipira, cisterna, cacimba) para demais usos exceto para ingestão	50,0	35,9	64,1
INDAA 15 - Percentual de domicílios abastecidos por água de manancial superficial para usos diversos exceto para ingestão	46,2	32,4	60,5
INDAA 16 - Percentual de domicílios abastecidos por água de mina, nascente ou bica para usos diversos exceto para ingestão	26,9	16,1	41,4
INDAA 17 - Percentual de domicílios abastecidos por caminhão pipa para usos diversos exceto para ingestão	0,0	0,0	7,9
INDAA 18 - Percentual de domicílios abastecidos por outras fontes para usos diversos exceto para ingestão	0,0	0,0	7,9
INDAA 19 - Percentual de domicílios que não atendem a distância mínima entre o poço raso escavado e disposição de águas residuárias	0,0	0,0	13,3
INDAA 20 - Percentual de domicílios que não atendem a distância mínima entre o poço raso escavado e criadouros de animais	0,0	0,0	13,3
INDAA 21 - Percentual de domicílios abastecidos por rede de distribuição de água, com canalização interna no domicílio ou na propriedade, ou por poço ou nascente, com canalização interna	84,6	71,3	92,4
INDAA 22 - Percentual de domicílios que utiliza água da chuva armazenada em cisterna como fonte principal de água para ingestão, com canalização interna no domicílio	3,8	1,0	14,0
INDAA 23 - Percentual de domicílios abastecidos por outras fontes (água mineral, manancial superficial, caminhão pipa) como fonte principal de água para ingestão com canalização interna no domicílio	15,4	7,6	28,7
INDAA 24 - Percentual de domicílios sem canalização interna	0,0	0,0	7,9
INDAA 25 - Percentual de domicílios com reservatório de água adequado (higienizado)	68,2	52,2	80,8
INDAA 26 - Percentual de domicílios com medida sanitária intradomiciliar para promoção da qualidade da água para ingestão	73,1	58,6	83,9
INDAA 27 - Percentual de domicílios com medida sanitária intradomiciliar para promoção da qualidade da água para cozinhar e lavar alimentos	7,7	2,8	19,3
INDAA 28 - Percentual de domicílios com acondicionamento adequado da água no espaço intradomiciliar	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI; indicador de abastecimento de água = INDAA.

Tabela 6.9 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de esgotamento sanitário para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

INDICADOR	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDES 01 - Percentual de domicílios rurais com atendimento adequado de esgotamento sanitário (solução coletiva e individual)	57,7	43,2	71,0
INDES 02 - Índice de tratamento de esgoto coletado	NA	NA	NA
INDES 03 - Percentual de domicílios com solução individual para esgotamento sanitário adequada	57,7	43,2	71,0
INDES 04 - Percentual de domicílios com solução individual para esgotamento sanitário inadequada	42,3	29,0	56,8
INDES 05 - Percentual de domicílios sem solução para esgotamento sanitário	0,0	0,0	7,9
INDES 06 - Percentual de domicílios com instalações hidrossanitárias básicas (vaso sanitário, chuveiro e lavatório)	96,2	86,0	99,0
INDES 07 - Percentual de domicílios com banheiro interno	76,9	62,7	86,8
INDES 08 - Relação entre o atendimento adequado de esgotamento sanitário na comunidade rural e no município	0,0	0,0	7,9

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI; não se aplica = NA; indicador de esgotamento sanitário = INDES.

Tabela 6.10 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de manejo de resíduos sólidos para a Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

INDICADOR	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDRS 01 - Percentual de domicílios atendidos por coleta direta e/ou indireta de resíduos sólidos	0,0	0,0	7,9
INDRS 02 - Percentual de domicílios que separam os resíduos sólidos	60,0	45,1	73,3
INDRS 03 - Programa de coleta seletiva	Não	NA	NA
INDRS 04 - Percentual de domicílios que realizam compostagem de resíduos orgânicos	0,0	0,0	8,3
INDRS 05 - Percentual de domicílios que enterram todo ou parte dos resíduos sólidos	3,8	1,1	14,5
INDRS 06 - Percentual de domicílios que jogam em terreno baldio ou logradouro todo ou parte dos	0,0	0,0	8,3
INDRS 07 - Percentual de domicílios que queimam todo ou parte dos resíduos sólidos	84,6	74,1	95,6
INDRS 08 - Percentual de domicílios que jogam no corpo hídrico todo ou parte dos resíduos sólidos	0,0	0,0	8,3
INDRS 09 - Percentual de domicílios que jogam no quintal todo ou parte dos resíduos sólidos	11,5	5,4	24,9
INDRS 10 - Percentual de domicílios que jogam na fossa todo ou parte dos resíduos sólidos	15,4	8,1	29,6

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI; não se aplica = NA; indicador de manejo de resíduos sólidos = INDRS.

Tabela 6.11 – Valores observados e intervalos de confiança para os indicadores de manejo de águas pluviais e drenagem da Comunidade Vitória, Goianésia-GO, 2018.

INDICADOR	Valor (%)		
	Observado	LI	LS
INDAP 01 - Percentual de domicílios localizados em vias com pavimento, meio fio e bocas de lobo	0,0	0,0	7,9
INDAP 02 - Percentual de domicílios com atendimento por solução para o escoamento superficial excedente	68,0	53,0	80,0
INDAP 03 - Percentual de domicílios que apresentaram inundações	0,0	0,0	8,3
INDAP 04 - Percentual de domicílios que apresentaram alagamentos	8,0	2,9	20,0
INDAP 05 - Percentual de domicílios favoráveis a sofrerem inundações	12,5	5,5	26,0
INDAP 06 - Dificuldade de utilização da via de acesso a comunidade	0,0	0,0	8,3
INDAP 07 - Impossibilidade de utilização da via de acesso a comunidade	0,0	0,0	8,3
INDAP 08 - Via de acesso a comunidade sem dificuldade de utilização	100,0	91,7	100,0

Fonte: banco de dados do Projeto SanRural.

Nota: limite superior do intervalo de confiança = LS; limite inferior do intervalo de confiança = LI; indicador de manejo de águas pluviais e drenagem = INDAP.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura NR 31. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 142, n. 43, p. 105 -110, 04 mar. 2005. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=04/03/2005&jornal=1&pagina=105&totalArquivos=120>. Acesso em: 6 nov. 2019.

BRASIL. Lei Federal nº 12.305, de 02 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 147, p. 03 -08, 03 ago. 2010. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=04/03/2005&jornal=1&pagina=105&totalArquivos=120>. Acesso em: 5 nov. 2019.

BRASIL. Lei Federal nº 12.651, de 24 de maio de 2012. Institui o Código Florestal; dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis no 6.938, de 31 de agosto de 1981; 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano CXLIX, n. 102, p. 01 - 08, 28 jun. 2012. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=28/05/2012&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=168>. Acesso em: 14 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional da Saúde. **Manual de orientações técnicas para elaboração de propostas para o programa de melhorias sanitárias domiciliares**. Brasília: Funasa, 2015. Disponível em: http://www.funasa.gov.br/biblioteca-eletronica/publicacoes/engenharia-de-saude-publica/-/asset_publisher/ZM23z1KP6s6q/content/manual-de-saneamento?inheritRedirect=false. Acesso em: 27 mar. 2020.

BRASIL. Portaria de Consolidação nº. 5, de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as ações e os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**: seção 1, suplementação, Brasília, DF, ano 154, n. 190, p. 360, 03 nov. 2018. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=03/10/2017&jornal=1040&pagina=1&totalArquivos=716>. Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Programa Nacional de Saneamento Rural**. Brasília: Funasa, 2019a. 260 p. Disponível em: http://www.funasa.gov.br/documents/20182/38564/MNL_PNSR_2019.pdf/08d94216-fb09-468e-ac98-afb4ed0483eb. Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de saneamento**. 5. ed. Brasília: Funasa, 2019b. 545 p.

SCALIZE, P. S. *et al.* Aspectos metodológicos. *In:* SCALIZE, P. S. *et al.* **Diagnóstico técnico participativo da Comunidade Vitória: Goianésia-Goiás: 2018**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 22-41.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **World Health Organization**: Chrysolite asbestos. Genebra. 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/143649/9789248564819por.pdf;jsessionid=A9ACD7C5190F9DAE6767FD9ADE271603?sequence=17>. Acesso em: 25 mar. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes dos aspectos de renda, habitabilidade e escolaridade.

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDSE01	Renda em salários mínimos	00↔06	Criado	$\mathbf{INDSE01} = \frac{\sum_{i=1} E_{ij} \cdot P_{ij}}{\sum_{i=1} E_{max_i} \cdot P_{max_i}}$	Não se aplica	Indica o rendimento geral de uma dada comunidade em termos de salário mínimo.
INDSE02	Diversidade de renda	00↔10	Criado	$\mathbf{INDSE02} = \frac{\sum_{i=1} E_{ij} \cdot P_{ij}}{\sum_{i=1} E_{max_i} \cdot P_{max_i}}$	Não se aplica	Indica a diversidade de diferentes modos de obtenção de renda de uma dada comunidade.
INDSE03	Participação social	00↔05	Criado	$\mathbf{INDSE03} = \frac{\sum_{i=1} E_{ij} \cdot P_{ij}}{\sum_{i=1} E_{max_i} \cdot P_{max_i}}$	Não se aplica	Indica a diversidade de modos diferentes de participação social em uma comunidade.
INDSE04	Indivíduos por habitação	00↔09	Criado	$\mathbf{INDSE04} = \frac{\sum_{i=1} E_{ij} \cdot P_{ij}}{\sum_{i=1} E_{max_i} \cdot P_{max_i}}$	Não se aplica	Indica a densidade de pessoas por habitação e uma dada comunidade.
INDSE05	Cômodo por indivíduo	00↔10	Criado	$\mathbf{INDSE05} = \frac{\sum_{i=1} E_{ij} \cdot P_{ij}}{\sum_{i=1} E_{max_i} \cdot P_{max_i}}$	Não se aplica	Indica quantos cômodos em média cada indivíduo de uma dada comunidade tem à sua disposição.
INDSE06	Escolaridade	00↔06	Criado	$\mathbf{INDSE06} = \frac{\sum_{i=1} E_{ij} \cdot P_{ij}}{\sum_{i=1} E_{max_i} \cdot P_{max_i}}$	Não se aplica	Indica o nível de alfabetização de uma dada comunidade.
INDSE07	Analfabetismo	00↔01	Criado	$\mathbf{INDSE07} = \frac{\sum_{i=1} E_{ij} \cdot P_{ij}}{\sum_{i=1} E_{max_i} \cdot P_{max_i}}$	Não se aplica	Indica a proporção de pessoas de uma dada comunidade que não sabem ler e escrever.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 01	Percentual de famílias que possuem conhecimento sobre a existência da UABSF da comunidade.	%	Criado	$INDS\ 01 = \frac{INFSau02}{INFSau01} * 100$	INFSau01	Número de domicílios amostrados na comunidade rural.
					INFSau02	Número de famílias que relataram conhecer a existência da UABSF da comunidade.
INDS 02	Percentual de famílias com morador(a) que possui prontuário na UABSF da comunidade.	%	Criado	$INDS\ 02 = \frac{INFSau03}{INFSau01} * 100$	INFSau03	Número de famílias com morador(a) que possuía prontuário na UABSF da comunidade.
INDS 03	Cobertura de saúde suplementar.	%	Criado	$INDS\ 03 = \frac{INFSau04}{INFSau01} * 100$	INFSau04	Número de famílias com morador(a) com plano de saúde médico e/ou odontológico.
INDS 04	Percentual de domicílios com visita de um membro da equipe da saúde da família nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 04 = \frac{INFSau05}{INFSau01} * 100$	INFSau05	Número de domicílios que receberam a visita de algum membro da equipe da estratégia da saúde da família (médico, enfermeiro, técnico ou auxiliar em enfermagem, cirurgião-dentista ou agente comunitário da saúde) nos últimos 12 meses.

Fonte: elaborado pelos autores.

(continua)

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 05	Percentual de domicílios com visita de agente comunitário de saúde nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 05 = \frac{INFSau06}{INFSau01} * 100$	INFSau06	Número de domicílios que receberam a visita de agente comunitário da saúde nos últimos 12 meses.
INDS 06	Percentual de domicílios com visita mensal ou menos de agente comunitário de saúde.	%	Criado	$INDS\ 06 = \frac{INFSau07}{INFSau01} * 100$	INFSau07	Número de domicílios que receberam a visita mensal ou menos de agente comunitário da saúde.
INDS 07	Percentual de domicílios com visita de agente de combate às endemias nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 07 = \frac{INFSau08}{INFSau01} * 100$	INFSau08	Número de domicílios que receberam a visita de agente de combate às endemias nos últimos 12 meses.
INDS 08	Percentual de domicílios com visita de enfermeiros da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 08 = \frac{INFSau09}{INFSau01} * 100$	INFSau09	Número de domicílios que receberam a visita de enfermeiros da atenção básica nos últimos 12 meses.
INDS 09	Percentual de domicílios com visita de técnicos ou auxiliares de enfermagem da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 09 = \frac{INFSau10}{INFSau01} * 100$	INFSau10	Número de domicílios que receberam a visita de técnicos ou auxiliares de enfermagem da atenção básica nos últimos 12 meses.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 10	Percentual de domicílios com visita de médicos da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 10 = \frac{INFSau11}{INFSau01} * 100$	INFSau11	Número de domicílios que receberam a visita de médicos da atenção básica nos últimos 12 meses.
INDS 11	Percentual de domicílios com visita de cirurgiões-dentistas da atenção básica à saúde nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 11 = \frac{INFSau12}{INFSau01} * 100$	INFSau12	Número de domicílios que receberam a visita de cirurgiões-dentistas da atenção básica nos últimos 12 meses.
INDS 12	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta médica com clínico geral nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 12 = \frac{INFSau13}{INFSau01} * 100$	INFSau13	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta médica com clínico geral nos últimos 12 meses.
INDS 13	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta médica especializada nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 13 = \frac{INFSau14}{INFSau01} * 100$	INFSau14	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta médica especializada nos últimos 12 meses.
INDS 14	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para exames diagnósticos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 14 = \frac{INFSau15}{INFSau01} * 100$	INFSau15	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para exames diagnósticos nos últimos 12 meses.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 15	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para vacinação nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 15 = \frac{INFSau16}{INFSau01} * 100$	INFSau16	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para vacinação nos últimos 12 meses.
INDS 16	Percentual de famílias com moradora que procurou serviços de saúde para realizar exame de colo de útero nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 16 = \frac{INFSau17}{INFSau01} * 100$	INFSau17	Número de famílias com moradora que procurou serviços de saúde para realizar exame de colo de útero nos últimos 12 meses.
INDS 17	Percentual de famílias com moradora que procurou serviços de saúde para realizar pré-natal nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 17 = \frac{INFSau18}{INFSau01} * 100$	INFSau18	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para atendimento de urgência e emergência nos últimos 12 meses.
INDS 18	Percentual de famílias com morador que procurou serviços de saúde para realizar exame de próstata nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 18 = \frac{INFSau19}{INFSau01} * 100$	INFSau19	Número de famílias com morador que procurou serviços de saúde para realizar exame de próstata nos últimos 12 meses.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 19	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para atendimento farmacêutico nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 19 = \frac{INFSau20}{INFSau01} * 100$	INFSau20	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para atendimento farmacêutico nos últimos 12 meses.
INDS 20	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta odontológica nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 20 = \frac{INFSau21}{INFSau01} * 100$	INFSau21	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para consulta odontológica nos últimos 12 meses.
INDS 21	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para tratamento odontológico nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 21 = \frac{INFSau22}{INFSau01} * 100$	INFSau22	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para tratamento odontológico nos últimos 12 meses.
INDS 22	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para realização de procedimentos de saúde nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 22 = \frac{INFSau23}{INFSau01} * 100$	INFSau23	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para realização de procedimentos de saúde nos últimos 12 meses.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 23	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para realização de práticas integrativas e complementares nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 23 = \frac{INFSau24}{INFSau01} * 100$	INFSau24	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para realização de práticas integrativas e complementares nos últimos 12 meses.
INDS 24	Percentual de famílias que procuraram serviços de saúde para atendimento de urgência e emergência nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 24 = \frac{INFSau25}{INFSau01} * 100$	INFSau25	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para atendimento de urgência e emergência nos últimos 12 meses.
INDS 25	Percentual de famílias que procuraram serviço de saúde para pequenas cirurgias de ambulatório nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 25 = \frac{INFSau26}{INFSau01} * 100$	INFSau26	Número de famílias que procuraram serviços de saúde para pequenas cirurgias de ambulatório nos últimos 12 meses.
INDS 26	Prevalência de diarreia autorreferida na comunidade.	%	Criado	$INDS\ 26 = \frac{INFSau27}{INFSau01} * 100$	INFSau27	Número de famílias que referiram diarreia por algum morador do domicílio.
INDS 27	Prevalência de diarreia autorreferida no domicílio.	%	Criado	$INDS\ 27 = \frac{INFSau28}{INFSau01} * 100$	INFSau28	Número de famílias que referiram diarreia por algum morador da comunidade.

Fonte: elaborada pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 28.1 a INDS 28.31	Prevalência de doenças autorreferidas ⁽¹⁾ .	%	Criado	$INDS\ 28.1\ a\ 28.31 = \frac{INFSau30}{INFSau29} * 100$	INFSau29	Número de moradores dos domicílios amostrados na comunidade rural.
					INFSau30	Número de moradores que referiram determinada doença nos últimos 12 meses ⁽¹⁾ .
INDS 29	Percentual de moradores que deixaram de realizar atividades habituais por motivo de saúde nos últimos 30 dias.	%	Criado	$INDS\ 29 = \frac{INFSau31}{INFSau29} * 100$	INFSau31	Número de moradores que referiram ter deixado de realizar atividades habituais (por exemplo, trabalhar) por motivos de saúde nos últimos 30 dias.
INDS 30	Prevalência de internação hospitalar nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 30 = \frac{INFSau32}{INFSau29} * 100$	INFSau32	Número de moradores que referiram internação hospitalar nos últimos 12 meses.

Fonte: elaborado pelos autores.

Nota: para cada doença autorreferida foi elaborado um indicador de prevalência, totalizando 31 indicadores (um para cada doença). O entrevistador questionava ao morador entrevistado sobre a ocorrência das seguintes doenças: dengue (INDS 28.1), febre pelo vírus Zika (INDS 28.2), febre de chikungunya (INDS 28.3), febre do Mayaro (INDS 28.4), febre amarela (INDS 28.5), malária (INDS 28.6), hepatite A (INDS 28.7), hepatite B (INDS 28.8), hepatite C (INDS 28.9), leptospirose (INDS 28.10), esquistossomose (INDS 28.11), hantavirose (INDS 28.12), equinococose (INDS 28.13), hanseníase (INDS 28.14), tuberculose (INDS 28.15), teníase (INDS 28.16), ascaridíase (INDS 28.17), leishmaniose (INDS 28.18), doença de Chagas (INDS 28.19), poliomielite (INDS 28.20), toxoplasmose (INDS 28.21), hipertensão arterial (INDS 28.22), hipercolesterolemia (INDS 28.23), diabetes *mellitus* (INDS 28.24), depressão (INDS 28.25), obesidade (INDS 28.26), insuficiência renal (INDS 28.27), câncer (INDS 28.28), gastrite (INDS 28.29), infecção urinária (INDS 28.30) e anemia (INDS 28.31).

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 31	Percentual de domicílios com óbitos infantis nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 31 = \frac{INFSau33}{INFSau29} * 100$	INFSau33	Número de famílias que referiram óbitos infantis (em crianças menores de um ano) nos últimos 12 meses.
INDS 32	Percentual de famílias com que utilizam plantas e/ou sementes para tratamento de doenças e/ou sintomas.	%	Criado	$INDS\ 32 = \frac{INFSau34}{INFSau29} * 100$	INFSau34	Número de famílias que utilizam plantas e/ou sementes para tratamento de doenças e/ou sintomas.
INDS 33	Prevalência de prática diária de atividade física.	%	Criado	$INDS\ 33 = \frac{INFSau35}{INFSau29} * 100$	INFSau35	Número de moradores que referiram prática diária de atividade física.
INDS 34	Prevalência de prática semanal de atividade física.	%	Criado	$INDS\ 34 = \frac{INFSau36}{INFSau29} * 100$	INFSau36	Número de moradores que referiram prática semanal de atividade física.
INDS 35	Prevalência de prática mensal de atividade física.	%	Criado	$INDS\ 35 = \frac{INFSau37}{INFSau29} * 100$	INFSau37	Número de moradores que referiram prática mensal de atividade física.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 36	Prevalência de prática eventual de atividade física.	%	Criado	$INDS\ 36 = \frac{INFSau38}{INFSau29} * 100$	INFSau38	Número de moradores que referiram prática eventual de atividade física.
INDS 37	Percentual de moradores que não praticam atividade física.	%	Criado	$INDS\ 37 = \frac{INFSau39}{INFSau29} * 100$	INFSau39	Número de moradores que referiram não praticar de atividade física.
INDS 38	Prevalência de uso diário de bebida alcoólica.	%	Criado	$INDS\ 38 = \frac{INFSau40}{INFSau29} * 100$	INFSau40	Número de moradores que referiram uso diário de bebida alcoólica.
INDS 39	Prevalência de uso semanal de bebida alcoólica.	%	Criado	$INDS\ 39 = \frac{INFSau41}{INFSau29} * 100$	INFSau41	Número de moradores que referiram uso semanal de bebida alcoólica.
INDS 40	Prevalência de uso mensal de bebida alcoólica.	%	Criado	$INDS\ 40 = \frac{INFSau42}{INFSau29} * 100$	INFSau42	Número de moradores que referiram uso mensal de bebida alcoólica.
INDS 41	Prevalência de uso eventual de bebida alcoólica.	%	Criado	$INDS\ 41 = \frac{INFSau43}{INFSau29} * 100$	INFSau43	Número de moradores que referiram uso eventual de bebida alcoólica.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 42	Percentual de moradores que não consomem bebida alcoólica.	%	Criado	$INDS\ 42 = \frac{INFSau44}{INFSau29} * 100$	INFSau44	Número de moradores que referiram não consumir bebida alcoólica.
INDS 43	Prevalência de uso diário de tabaco.	%	Criado	$INDS\ 43 = \frac{INFSau45}{INFSau29} * 100$	INFSau45	Número de moradores que referiram uso diário de tabaco.
INDS 44	Prevalência de uso semanal de tabaco.	%	Criado	$INDS\ 44 = \frac{INFSau46}{INFSau29} * 100$	INFSau46	Número de moradores que referiram uso semanal de tabaco.
INDS 45	Prevalência de uso mensal de tabaco.	%	Criado	$INDS\ 45 = \frac{INFSau47}{INFSau29} * 100$	INFSau47	Número de moradores que referiram uso mensal de tabaco.
INDS 46	Prevalência de uso eventual de tabaco.	%	Criado	$INDS\ 46 = \frac{INFSau48}{INFSau29} * 100$	INFSau48	Número de moradores que referiram uso eventual de tabaco.
INDS 47	Percentual de moradores que não fazem uso de tabaco.	%	Criado	$INDS\ 47 = \frac{INFSau49}{INFSau29} * 100$	INFSau49	Número de moradores que referiram não fazer uso de tabaco.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 48	Prevalência de ex-fumantes.	%	Criado	$INDS\ 48 = \frac{INFSau50}{INFSau29} * 100$	INFSau50	Número de moradores que referiram ser ex-fumantes.
INDS 49	Prevalência de fumantes atuais.	%	Criado	$INDS\ 49 = \frac{INFSau51}{INFSau29} * 100$	INFSau51	Número de moradores que referiram uso diário, semanal mensal ou eventual de tabaco.
INDS 50	Percentual de famílias com moradores que realizam higienização das mãos adequadamente antes das refeições.	%	Criado	$INDS\ 50 = \frac{INFSau52}{INFSau1} * 100$	INFSau52	Número de famílias com moradores que referiram sempre higienizar as mãos antes das refeições.
INDS 51	Percentual de famílias que utilizam medidas para evitar picadas de insetos.	%	Criado	$INDS\ 51 = \frac{INFSau53}{INFSau1} * 100$	INFSau53	Número de famílias que referiram utilizar medidas para evitar picadas de insetos.
INDS 52	Percentual de famílias que tomam banho em outro local que não seja o banheiro.	%	Criado	$INDS\ 52 = \frac{INFSau54}{INFSau1} * 100$	INFSau54	Número de famílias com moradores que referiram tomar banho em outro local que não seja o banheiro.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 53	Percentual de famílias que referem consumo de carne crua e/ou mal cozida.	%	Criado	$INDS\ 53 = \frac{INFSau55}{INFSau1} * 100$	INFSau55	Número de famílias que referiram consumo de carne crua e/ou mal cozida.
INDS 54	Percentual de famílias com moradores que referiram uso de medicamentos para diarreia nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 54 = \frac{INFSau56}{INFSau1} * 100$	INFSau56	Número de famílias com moradores que referiram uso de medicamentos para diarreia nos últimos 12 meses.
INDS 55	Percentual de famílias com moradores que referiram uso de medicamentos para parasitoses nos últimos 12 meses.	%	Criado	$INDS\ 55 = \frac{INFSau57}{INFSau1} * 100$	INFSau57	Número de famílias com moradores que referiram uso de medicamentos para parasitoses nos últimos 12 meses.
INDS 56	Percentual de moradores com cartão de vacina.	%	Criado	$INDS\ 56 = \frac{INFSau58}{INFSau29} * 100$	INFSau58	Número de moradores que apresentaram cartão de vacina.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 57	Percentual de crianças com 5 anos ou menos com esquema completo para vacina pentavalente/tetravalente/DTP.	%	Criado	$INDS\ 57 = \frac{INFSau60}{INFSau59} * 100$	INFSau59	Número de crianças com 5 anos ou menos com cartão de vacina.
					INFSau60	Número de crianças com 5 anos ou menos com registro do esquema completo para vacina pentavalente/tetravalente/DTP.
INDS 58	Percentual de crianças com 5 anos ou menos com esquema completo para vacina oral rotavírus humano (VORH).	%	Criado	$INDS\ 58 = \frac{INFSau61}{INFSau59} * 100$	INFSau61	Número de crianças com 5 anos ou menos com registro de esquema completo para vacina oral rotavírus humano (VORH).
INDS 59	Percentual de crianças com 5 anos ou menos com vacina contra febre amarela.	%	Criado	$INDS\ 59 = \frac{INFSau62}{INFSau59} * 100$	INFSau62	Número de crianças com 5 anos ou menos com registro de vacina febre amarela no cartão de vacina.
INDS 60	Percentual de crianças com 5 anos ou menos com esquema completo para vacina contra poliomielite.	%	Criado	$INDS\ 60 = \frac{INFSau63}{INFSau59} * 100$	INFSau63	Número de crianças com 5 anos ou menos com esquema completo para vacina contra poliomielite.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 2 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores de saúde.

(conclusão)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDS 61	Percentual de crianças com 5 anos ou menos com vacina contra Hepatite A.	%	Criado	$INDS\ 61 = \frac{INFSau64}{INFSau59} * 100$	INFSau64	Número de crianças com 5 anos ou menos com vacina contra hepatite A.
INDS 62	Percentual de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para tríplice viral.	%	Criado	$INDS\ 62 = \frac{INFSau66}{INFSau65} * 100$	INFSau65	Número de moradores com 6 anos ou mais com cartão de vacina.
					INFSau66	Número de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para tríplice viral.
INDS 63	Percentual de moradores com 6 anos ou mais com vacina contra febre amarela.	%	Criado	$INDS\ 63 = \frac{INFSau67}{INFSau65} * 100$	INFSau67	Número de moradores com 6 anos ou mais com vacina contra febre amarela.
INDS 64	Percentual moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para dT.	%	Criado	$INDS\ 64 = \frac{INFSau68}{INFSau65} * 100$	INFSau68	Número de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para dT.
INDS 65	Percentual de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para vacina contra hepatite B.	%	Criado	$INDS\ 65 = \frac{INFSau69}{INFSau65} * 100$	INFSau69	Número de moradores com 6 anos ou mais com esquema completo para vacina contra hepatite B.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 01	Cobertura de abastecimento de água tratada.	%	Criado	$INDAA\ 01 = \frac{INF02}{INF01} * 100$	INF01	Número de domicílios amostrados na comunidade rural.
					INF02	Número de domicílios, na comunidade rural, abastecidos por rede de distribuição de água tratada.
INDAA 02	Cobertura de abastecimento de água sem tratamento.	%	Criado	$INDAA\ 02 = \frac{INF03}{INF01} * 100$	INF03	Número de domicílios, na comunidade rural, abastecidos por rede de distribuição de água sem tratamento.
INDAA 03	Percentual de domicílios que utilizam rio/ribeirão como fonte principal de abastecimento de água para beber.	%	Criado	$INDAA\ 03 = \frac{INF04}{INF01} * 100$	INF04	Número de domicílios que utilizam rio, ribeirão ou açude como fonte principal de abastecimento de água.
INDAA 04	Percentual de domicílios que utilizam mina, nascente ou bica como fonte principal de abastecimento de água para beber.	%	Criado	$INDAA\ 04 = \frac{INF05}{INF01} * 100$	INF05	Número de domicílios que utilizam mina, nascente ou bica como fonte principal de abastecimento de água.

Fonte: elaborado pelos autores.

(continua)

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 05	Percentual de domicílios que utilizam poço raso escavado (poço raso, poço caipira, cisterna, cacimba) como fonte principal de abastecimento de água para beber.	%	Criado	$INDAA\ 05 = \frac{INF06}{INF01} * 100$	INF06	Número de domicílios que utilizam poço raso/poço caipira (cisterna), cacimba como fonte principal de abastecimento de água.
INDAA 06	Percentual de domicílios que utilizam poço tubular (raso ou profundo) como fonte principal de abastecimento de água para beber.	%	Criado	$INDAA\ 06 = \frac{INF07}{INF01} * 100$	INF07	Número de domicílios que utilizam minipoço perfurado ou poço artesiano ou semiartesiano como fonte principal de abastecimento de água.
INDAA 07	Percentual de domicílios que utilizam açude/represa como fonte principal de abastecimento de água para beber.	%	Criado	$INDAA\ 07 = \frac{INF08}{INF01} * 100$	INF08	Número de domicílios que utilizam açude/represa como fonte principal de abastecimento de água.
INDAA 08	Percentual de domicílios que utilizam água de chuva como fonte principal de abastecimento de água para beber.	%	Criado	$INDAA\ 08 = \frac{INF09}{INF01} * 100$	INF09	Número de domicílios que utilizam água de chuva como fonte principal de abastecimento de água.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 09	Percentual de domicílios que utilizam outras fontes como fonte principal de abastecimento de água para beber.	%	Criado	$INDAA\ 09 = \frac{INF10}{INF01} * 100$	INF10	Número de domicílios que utilizam outras fontes como fonte principal de abastecimento de água.
INDAA 10	Percentual de domicílios abastecidos por poço tubular (raso ou profundo) para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 10 = \frac{INF11}{INF01} * 100$	INF11	Número de domicílios abastecidos por poço tubular (raso ou profundo) para usos diversos exceto para beber.
INDAA 11	Percentual de domicílios que utilizam poço raso escavado (poço raso, poço caipira, cisterna, cacimba) para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 11 = \frac{INF12}{INF01} * 100$	INF12	Número de domicílios rurais abastecidos por (poço raso/poço caipira - cisterna, cacimba) para usos diversos exceto para beber.
INDAA 12	Percentual de domicílios abastecidos por água da chuva para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 12 = \frac{INF13}{INF01} * 100$	INF13	Número de domicílios rurais abastecidos por água da chuva para usos diversos exceto para beber.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 13	Percentual de domicílios abastecidos por água mineral envasada para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 13 = \frac{INF14}{INF01} * 100$	INF14	Número de domicílios rurais abastecidos por água mineral envasada para usos diversos exceto para beber.
INDAA 14	Percentual de domicílios abastecidos por açude/represa para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 14 = \frac{INF15}{INF01} * 100$	INF15	Número de domicílios rurais abastecidos por água de açude/represa para usos diversos, exceto para beber.
INDAA 15	Percentual de domicílios abastecidos por água de rio/ribeirão para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 15 = \frac{INF16}{INF01} * 100$	INF16	Número de domicílios rurais abastecidos por água de rio/ribeirão para usos diversos exceto para beber.
INDAA 16	Percentual de domicílios abastecidos por água de mina, nascente ou bica para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 16 = \frac{INF17}{INF01} * 100$	INF17	Número de domicílios rurais abastecidos por mina, nascente ou bica para usos diversos exceto para beber.
INDAA 17	Percentual de domicílios abastecidos por caminhão pipa para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 17 = \frac{INF18}{INF01} * 100$	INF18	Número de domicílios rurais abastecidos por caminhão pipa para usos diversos exceto para beber.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 18	Percentual de domicílios abastecidos por outras fontes para usos diversos exceto para beber.	%	Criado	$INDAA\ 18 = \frac{INF19}{INF01} * 100$	INF19	Número de domicílios rurais abastecidos por outras fontes para usos diversos exceto para beber.
INDAA 19	Percentual de domicílios que não atendem a distância mínima entre o poço escavado e disposição de águas residuárias.	%	Criado	$INDAA\ 19 = \frac{INF20}{INF01} * 100$	INF20	Número de domicílios rurais que não atendem a distância mínima entre o poço raso escavado e disposição de águas residuárias ⁽¹⁾ .
INDAA 20	Percentual de domicílios que não atendem a distância mínima entre o poço raso escavado e criadouros de animais.	%	Criado	$INDAA\ 20 = \frac{INF21}{INF01} * 100$	INF21	Número de domicílios rurais que não atendem a distância mínima entre poço raso escavado e os criadouros de animais ⁽²⁾ .

Fonte: elaborado pelos autores.

Nota: (1) Distância mínima de 15 metros entre poço raso escavado e a disposição de águas residuárias (fossa séptica/fossa séptica com sumidouro); 45 metros entre poço raso escavado e fossa negra (BRASIL, 2014); (2) Distância mínima de 45 metros entre poço raso escavado e qualquer outra fonte de contaminação, pocilgas, lixões, galeria de infiltração, entre outros (BRASIL, 2014).

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 21	Percentual de domicílios abastecidos por rede de distribuição de água, com canalização interna no domicílio ou na propriedade, ou por poço ou nascente, com canalização interna.	%	(BRASIL, 2019a)	$INDAA\ 21 = \frac{INF22 + INF23 + INF24 + INF25}{INF01}$	INF22	Número de domicílios rurais abastecidos por rede de distribuição de água, com canalização interna.
					INF23	Número de domicílios rurais abastecidos por rede de distribuição de água, na propriedade.
					INF24	Número de domicílios rurais abastecidos por poço, com canalização interna.
					INF25	Número de domicílios rurais abastecidos por nascente, com canalização interna.
INDAA 22	Percentual de domicílios que utiliza água da chuva armazenada em cisterna como fonte principal de água para beber, com canalização interna no domicílio.	%	Criado	$INDAA\ 22 = \frac{INF26}{INF01} * 100$	INF26	Número de domicílios, na comunidade rural, abastecidos por água de chuva armazenada em cisterna, como fonte principal de água para beber, com canalização interna.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 23	Percentual de domicílios abastecidos por outras fontes (água mineral, rio/ribeirão, açude/represa, caminhão pipa) como fonte principal de água para beber com canalização interna no domicílio.	%	Criado	$INDAA\ 23 = \frac{INF27}{INF01} * 100$	INF27	Número de domicílios abastecidos por outras fontes (água mineral, rio/ribeirão, açude/represa, caminhão pipa), como fonte principal de água para beber, com canalização interna no domicílio.
INDAA 24	Percentual de domicílios sem canalização interna.	%	Criado	$INDAA\ 24 = \frac{INF28}{INF01} * 100$	INF28	Número de domicílios sem canalização interna
INDAA 25	Percentual de domicílios com reservatório de água adequado (higienizado).	%	Criado	$INDAA\ 25 = \frac{INF29}{INF30} * 100$	INF29	Número de domicílios rurais com reservatório de água, higienizado, no mínimo, uma vez ao ano
					INF30	Número de domicílios rurais com reservatório de água (caixa d'água).

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 26	Percentual de domicílios com medida sanitária intradomiciliar para promoção da qualidade da água para ingestão.	%	(MENEZES, 2018) adaptado	$INDAA\ 26 = \frac{INF31 + INF32 + INF33}{INF01} * 100$	INF31	Número de domicílios rurais onde realizam a filtração da água, em filtro, para consumo humano direto (ingestão).
					INF32	Número de domicílios rurais onde realizam a fervura da água, em filtro, para consumo humano direto (ingestão).
					INF33	Número de domicílios rurais onde realizam a desinfecção da água para consumo humano direto (ingestão).
INDAA 27	Percentual de domicílios com medida sanitária intradomiciliar para promoção da qualidade da água para cozinhar e lavar alimentos.	%	(MENEZES, 2018) adaptado	$INDAA\ 27 = \frac{INF34 + INF35 + INF36}{INF01} * 100$	INF34	Número de domicílios rurais onde realizam a filtração da água, em filtro, para fazer comida e lavar alimentos.
					INF35	Número de domicílios rurais onde realizam fervura da água para fazer comida e lavar alimentos.
					INF36	Número de domicílios rurais onde realizam a desinfecção da água para fazer comida e lavar alimentos.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAA 28	Percentual de domicílios com acondicionamento adequado ⁽³⁾ da água no espaço intradomiciliar.	%	Criado	$INDAA\ 28 = \frac{INF37}{INF01} * 100$	INF37	Número de domicílio com acondicionamento de água, para consumo humano, em recipientes tampados.
INDES 01	Percentual de domicílios rurais com atendimento adequado de esgotamento sanitário (solução coletiva e individual)	%	(BRASIL, 2019a)	$INDES\ 01 = \frac{INF38 + INF39}{INF01} * 100$	INF38	Número de domicílios rurais atendidos por rede coletora.
					INF39	Número de domicílios rurais atendidos por fossa séptica.
INDES 02	Índice de tratamento de esgoto coletado	%	(BRASIL, 2019a)	$INDES\ 02 = \frac{INF40}{INF41} * 100$	INF40	Volume de esgoto tratado
					INF41	Volume de esgoto coletado.
INDES 03	Percentual de domicílios com solução individual para esgotamento sanitário adequado ⁽⁴⁾ .	%	Criado	$INDES\ 03 = \frac{INF39}{INF01} * 100$	INF39	Número de domicílios rurais atendidos por fossa séptica

Fonte: elaborado pelos autores.

Nota: (3) Considera-se adequado qualquer recipiente tampado; (4) Considera-se adequado fossa séptica e fossa séptica com sumidouro.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDES 04	Percentual de domicílios com solução individual para esgotamento sanitário inadequado ⁽⁵⁾ .	%	Criado	$INDES\ 04 = \frac{INF42}{INF01} * 100$	INF42	Número de domicílios rurais com solução individual inadequada para esgotamento sanitário
INDES 05	Percentual de domicílios sem solução para esgotamento sanitário.	%	Criado	$INDES\ 05 = \frac{INF43}{INF01} * 100$	INF43	Número de domicílios rurais sem solução para esgotamento sanitário.
INDES 06	Percentual de domicílios com instalações hidrossanitárias básicas (vaso sanitário, chuveiro e lavatório).	%	(BRASIL, 2019a)	$INDES\ 06 = \frac{INF44}{INF01} * 100$	INF44	Número de domicílios rurais com instalações hidrossanitárias.
INDES 07	Percentual de domicílios com banheiro interno.	%	Criado	$INDES\ 07 = \frac{INF45}{INF01} * 100$	INF45	Número de domicílios rurais com banheiro interno.

Fonte: elaborado pelos autores.

Nota: (5) Considera-se inadequada a fossa negra rudimentar, fossa seca (casinha).

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDES 08	Relação entre o atendimento adequado de esgotamento sanitário na comunidade rural e no município ⁽⁵⁾ .	> 0	(MENEZES, 2018) adaptado	$INDES\ 08 = \frac{INDES\ 01}{INF46}$	INDES 01	% de atendimento adequado de esgotamento sanitário na comunidade rural
					INF46	% de atendimento adequado de esgotamento sanitário no município.
INDRS 01	Percentual de domicílios atendidos por coleta direta e/ou indireta de resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 01 = \frac{INF47}{INF01} * 100$	INF47	Número de domicílios rurais atendidos por coleta direta e/ou indireta.
INDRS 02	Percentual de domicílios que separam os resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 02 = \frac{INF48}{INF01} * 100$	INF48	Número de domicílios rurais que fazem a separação dos resíduos sólidos.
INDRS 03	Programa de coleta seletiva.	Sim/Não	Criado	INFORMAÇÃO	INF49	Realização da coleta seletiva, pela administração pública municipal.
INDRS 04	Percentual de domicílios que realizam compostagem.	%	Criado	$INDRS\ 04 = \frac{INF50}{INF01} * 100$	INF50	Realização de compostagem.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDRS 05	Percentual de domicílios que enterram todo ou parte dos resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 05 = \frac{INF51}{INF01} * 100$	INF51	Número de domicílios rurais com solução individual de resíduos sólidos (enterrar).
INDRS 06	Percentual de domicílios que jogam em terreno baldio ou logradouro todo ou parte dos resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 06 = \frac{INF52}{INF01} * 100$	INF52	Número de domicílios rurais com solução individual de resíduos sólidos (jogado em terreno baldio ou logradouro).
INDRS 07	Percentual de domicílios que queimam todo ou parte dos resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 07 = \frac{INF53}{INF01} * 100$	INF53	Número de domicílios rurais com solução individual de resíduos sólidos (queimar).
INDRS 08	Percentual de domicílios que jogam no corpo hídrico todo ou parte dos resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 08 = \frac{INF54}{INF01} * 100$	INF54	Número de domicílios rurais com solução individual de resíduos sólidos (jogar em rios e lagos).
INDRS 09	Percentual de domicílios que jogam no quintal todo ou parte dos resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 09 = \frac{INF55}{INF01} * 100$	INF55	Número de domicílios rurais com solução individual de resíduos sólidos (jogar no quintal).

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(continuação)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/ Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDRS 10	Percentual de domicílios que jogam na fossa todo ou parte dos resíduos sólidos.	%	Criado	$INDRS\ 10 = \frac{INF56}{INF01} * 100$	INF56	Número de domicílios rurais com solução individual de resíduos sólidos (jogar na fossa).
INDAP 01	Percentual de domicílios localizados em vias com pavimento, meio fio e bocas de lobo.	%	(BRASIL, 2019a)	$INDAP\ 01 = \frac{INF57}{INF01} * 100$	INF57	Número de domicílios rurais em vias com pavimento, meio fio e bocas de lobo.
INDAP 02	Percentual de domicílios com atendimento por solução para o escoamento superficial excedente.	%	(BRASIL, 2019a)	$INDAP\ 02 = \frac{INF58}{INF01} * 100$	INF58	Número de domicílios rurais com dispositivo de controle de escoamento superficial excedente.
INDAP 03	Densidade de inundação.	%	(BRASIL, 2017c) Adaptado	$INDAP\ 03 = \frac{INF59}{INF01} * 100$	INF59	Número de domicílios rurais que sofreram inundações.
INDAP 04	Densidade de alagamento.	%	Criado	$INDAP\ 04 = \frac{INF60}{INF01} * 100$	INF60	Número de alagamentos na comunidade rural.

Fonte: elaborado pelos autores.

APÊNDICE 3 – Descrição das informações e cálculos dos indicadores para os componentes do saneamento (abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais e drenagem).

(conclusão)

Código Indicador	Nome do indicador	Unidade/Resposta	Origem	Fórmula	Código da Informação	Descrição da Informação
INDAP 05	Percentual de domicílios favoráveis a sofrerem inundações.	%	Criado	$INDAP\ 05 = \frac{INF61}{INF01} * 100$	INF61	Número de casas que estão com desnível igual ou inferior ao solo.
INDAP 06	Dificuldade de utilização da via de acesso à comunidade.	%	Criado	$INDAP\ 06 = \frac{INF62}{INF01} * 100$	INF62	Domicílios que apresentam dificuldade, mas que conseguem utilizar as vias de acesso à comunidade.
INDAP 07	Impossibilidade de utilização da via de acesso à comunidade.	%	Criado	$INDAP\ 07 = \frac{INF63}{INF01} * 100$	INF63	Domicílios que não conseguem utilizar as vias de acesso à comunidade.
INDAP 08	Via de acesso à comunidade sem dificuldade de utilização.	%	Criado	$INDAP\ 08 = \frac{INF64}{INF01} * 100$	INF64	Domicílios que conseguem utilizar as vias de acesso à comunidade.

Fonte: elaborado pelos autores.

SOBRE O E-BOOK

Tipologia: Calibri, Museo
Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-Goiás.
Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>



Saneamento e Saúde Ambiental em Comunidades Rurais e Tradicionais de Goiás



Contato: <https://sanrural.ufg.br/>